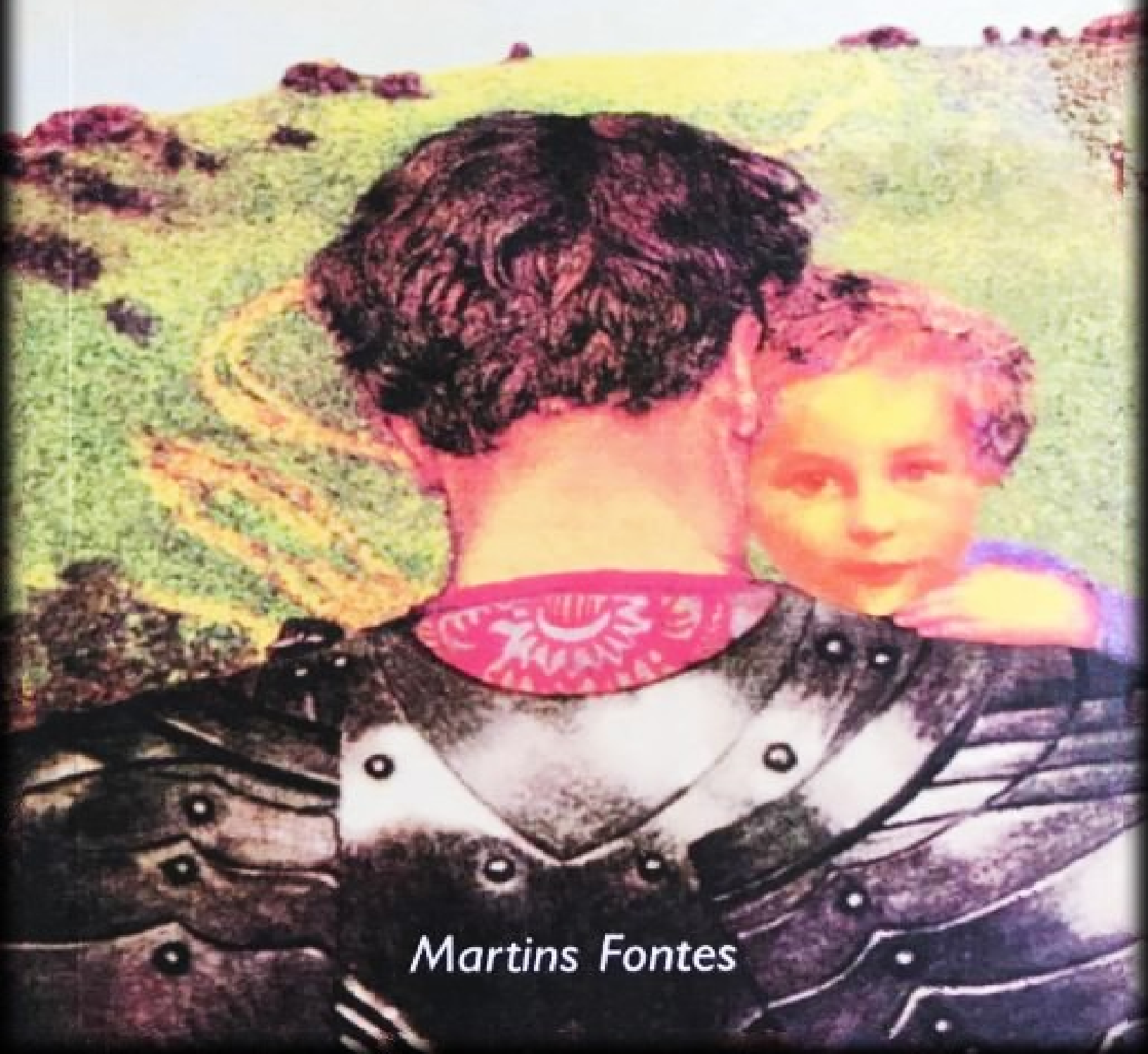


Negro Dorso do Tempo

— *Javier Marías* —



Martins Fontes



Javier Marías

NEGRO DORSO DO TEMPO

Tradução: Eduardo Brandão

Martins Fontes

2000



São Paulo, 2000

Esta obra foi publicada originalmente em espanhol com o título

Negra espalda del tiempo

Copyright © Javier Marías, 1998.

Copyright © Livraria Martins Fontes Editora Ltda., São Paulo, 2000, para a presente edição.

1ª edição abril de 2000

Tradução Eduardo Brandão

Revisão gráfica Maria Cecilia de Moura Madarás / Célia Regina Camargo

Produção gráfica Geraldo Alves

Paginação/Fotolitos Studio 3 Desenvolvimento Editorial (6957-7653)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (C IP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marias, Javier Negro dorso do tempo / Javier Marías : tradução Eduardo Brandão.

São Paulo : Martins Fontes, 2000.

Título original: *Negra espalda del tiempo*.

ISBN 85-336-1243-5

1. Romance espanhol I. Título.

00-1538

CDD-863.6

Índices para catálogo sistemático: 1. Romances : Século 20 : Literatura espanhola 863.6 2.
Século 20 : Romances : Literatura espanhola 863.6

Todos os direitos para o Brasil reservados à

Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

Rua Conselheiro Ramalho, 330

01325-000

São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 239-3677

Fax (11) 3105-6867

e-mail: info@martinsfontes.com

<http://www.martinsfontes.com>

Contracapa

“Não sou o primeiro nem serei o último escritor cuja vida é enriquecida e condenada por causa do que imaginou ou escreveu.” Mas talvez ninguém tenha visto sua realidade invadida pela ficção como Javier Marias; nem tantas pessoas se comportarem como personagens seus, ninguém tenha se diluído tanto em suas próprias páginas, nem sido herdeiro de um reino lendário que, entretanto, também figura nos mapas. O autor deste “falso romance” nem podia imaginar que, com *Todas as almas*, ia pôr em movimento um mundo que jazia adormecido ou que transitava apenas pelo *Negro dorso do tempo* que costuma estar oculto e não ser visto.

Um mundo em que tudo cabe, o impensável e o que o destino traz, a inverossimilhança e a graça, a aventura e o infortúnio, uma bala perdida no México e uma maldição em Havana, um piloto mercenário e caolho da guerra civil espanhola de quem a morte sempre passava longe, e as veladas lembranças de um narrador que se faz tanto mais misterioso quanto mais reflete e conta.

A voz de Javier Marias é, aqui, mais assustadora que nunca, como se fosse “uma voz caprichosa e imprevisível mas que todos conhecemos, a voz do tempo quando ainda não passou nem se perdeu e que talvez por isso nem sequer seja tempo”.

CAPA

Katia Haruni Tasaka,
a partir de uma ilustração inglesa não identificada.

Orelha

JAVIER MARÍAS (Madri, 1951) é autor dos romances *Los domínios del lobo*, *Travesía del horizonte*, *El monarca del tiempo*, *El siglo*, *El hombre sentimental* (Prêmio Herralde de Romance, 1986), *Todas las almas* [*Todas as almas*] (Prêmio Ciudad de Barcelona, 1989), *Corazón tan blanco* [Coração tão branco] (Prêmio da Crítica, 1993) e *Manana en la batalla piensa en má* [Amanhã, na batalha, pensa em mim] (Prêmio Fastenrath, 1995, e Prêmio Internacional de Romance Rómulo Gallegos, 1995). Também é autor” do livro de relatos *Mientras ellas duermen*, das coletâneas de artigos *Pasiones pasadas*, *Literatura y fantasma* e *Vida del fantasma*, das breves biografias *Vidas escritas* e da bela antologia *Cuentos únicos*. Entre suas traduções, cabe destacar *Tristram Shandy*, de Sterne (Prêmio Nacional de Tradução, 1979). Foi professor da Universidade de Oxford, nos Estados Unidos, e da Universidade Complutense de Madri. Suas obras foram publicadas no mundo inteiro.

EDUARDO BRANDÃO é o autor desta tradução. Carioca, nascido em 1946, foi jornalista do *Correio da Manhã* e iniciou sua carreira como tradutor em 1970, na França, onde viveu cerca de dez anos, fazendo traduções técnico-científicas (do português e espanhol para o francês e vice-versa). A partir de 84 vem se dedicando mais à tradução de textos literários, campo propício para a sua linguagem fluente e seu estilo refinado. Traduziu recentemente, para esta editora, *O quadro flamengo* e *O clube Dumas*, de Arturo Perez-Reverte.

Javier Marías

Tradução EDUARDO BRANDÃO

Martins Fontes

*Para minha mãe Lolita que bem me conheceu, in memoriam;
e para meu irmão Julianín que não chegou a me conhecer,
e portanto sem memória*

Creio ainda nunca ter confundido a ficção com a realidade, muito embora as tenha misturado em mais de uma ocasião, como todo o mundo, não apenas os romancistas, não apenas os escritores, mas todos os que relataram alguma coisa desde que começou nosso conhecido tempo, e nesse tempo conhecido ninguém fez outra coisa senão contar e contar, ou preparar e meditar seu conto, ou maquiná-lo. Assim, qualquer um conta uma anedota do que lhe aconteceu e pelo simples fato de contá-la já está deformando e tergiversando, a língua não pode reproduzir os fatos nem deveria tentá-lo portanto, daí que em alguns julgamentos, suponho — os dos filmes, que são os que melhor conheço —, se peça aos implicados uma reconstrução material ou física do ocorrido, pede-se que repitam os gestos, os movimentos, os passos envenenados que deram ou como apunhalaram para transformar-se em réus, que simulem empunhar de novo a arma e desferir o golpe em quem deixou de estar e já não está por sua causa, ou no ar, porque não basta que digam ou contem com a maior precisão e desapaixonamento, é preciso ver, e pede-se uma imitação, uma representação ou encenação, se bem que agora sem o punhal na mão ou sem corpo no qual cravá-lo — saco de farinha, saco de carne —, agora a frio e sem somar outro crime nem acrescentar nova vítima, agora só como fingimento e lembrança, porque o que nunca podem reproduzir é o tempo passado ou perdido, nem ressuscitar o morto que já passou e se perdeu nesse tempo.

Isso indica uma desconfiança última contra a palavra, entre outras coisas porque a palavra — inclusive a palavra falada, inclusive a mais tosca — é em si mesma metafórica e por isso imprecisa, e além do mais não se concebe sem ornamento, amiúde involuntário, ele está presente até na exposição mais árida e costuma estar na interjeição e no insulto. Basta alguém introduzir um “como se” em

seu relato; mais ainda, basta que faça uma analogia ou uma comparação ou fale figuradamente (“ficou uma fera” ou “comportou-se como um grosseirão”, esse tipo de expressão coloquial que pertence mais à língua do que ao falante que escolhe, não é preciso mais) para que a ficção derrape na narração do sucedido e o altere ou falseie. Na realidade, a velha aspiração de qualquer cronista ou sobrevivente, relatar o ocorrido, dar conta do acontecido, deixar registro dos fatos, delitos, façanhas, é mera ilusão ou quimera, melhor dizendo, a própria frase, esse próprio conceito, já são metafóricos e fazem parte da ficção. “Relatar o ocorrido” é inconcebível e vão, ou só é possível como invenção. Também a ideia de testemunho é vã e não houve testemunha que na verdade pudesse cumprir sua missão. Além do mais sempre esquecemos muitos instantes, também horas, dias, meses, anos, e a cicatriz numa coxa que vimos e beijamos diariamente por longo tempo de nosso tempo conhecido e perdido. Esquecemos anos inteiros, e não necessariamente os mais significativos.

No entanto vou me juntar aqui aos que pretenderam fazer isso alguma vez ou fingiram ter conseguido, vou relatar o ocorrido ou o averiguado ou o apenas sabido — o ocorrido em minha experiência, ou em minha fabulação, ou em meu conhecimento, ou tudo é só consciência que nunca cessa — por causa da escrita e divulgação de um romance, de uma obra de ficção. Não é certamente grande coisa nem mesmo grave, tampouco premente, talvez seja divertido para o leitor curioso disposto a me acompanhar em princípio, para mim tem a diversão do risco de contar sem motivo nem mesmo ordem e sem traçar projeto nem buscar coerência, como se o fizesse com uma voz ansiosa e imprevisível mas que todos conhecemos, a voz do tempo quando ainda não passou nem se perdeu e talvez por isso nem sequer seja tempo, talvez só seja o que transcorreu e se pode contar, ou assim parece, e que por isso é a única coisa ambígua. Creio que essa voz que ouvimos é sempre fictícia, talvez a minha vá sê-lo aqui.

Não sou o primeiro nem serei o último escritor cuja vida é enriquecida ou condenada ou somente varia por causa do que imaginou ou fabulou e escreveu e publicou. Ao contrário do que

sucede nos verdadeiros romances de ficção, os elementos deste relato que agora inicio são totalmente casuais e caprichosos, meramente episódicos e acumulativos — todos eles impertinentes segundo a párvula fórmula crítica, ou nenhum precisaria do outro —, porque no fundo nenhum autor os guia ainda que seja eu quem os conte, não respondem a nenhum plano nem se governam por nenhuma bússola, a maioria vem de fora e falta-lhes intencionalidade; assim, não têm por que fazer sentido, não constituem um argumento ou trama, não obedecem a uma oculta harmonia e não se deve extrair deles não digo uma lição — nem mesmo dos verdadeiros romances se deveria querer tal coisa, e eles principalmente é que não deveriam querê-la —, mas nem sequer uma história com seu princípio, sua espera, seu silêncio final. Não creio que isto seja uma história, embora pode ser que me equivoque, por não conhecer seu fim. O princípio deste relato, isso eu sei, está fora dele próprio, no romance que escrevi faz tempo, ou até antes dele, e então é mais difuso, nos dois anos que passei na cidade de Oxford ensinando como um impostor matérias divertidas um tanto ou quanto inúteis em sua Universidade e assistindo ao transcurso daquele tempo combinado. Seu final também ficará fora, e seguramente coincidirá com o meu, dentro de alguns anos, pelo menos assim espero.

Ou pode ser que esse fim sobreviva a mim como sobrevive a nós quase tudo o que emitimos ou nos acompanha ou causamos, duramos menos que nossas intenções. Deixamos coisas demais postas em movimento e sua inércia tão frágil sobrevive a nós: as palavras que nos substituem e às vezes alguém recorda ou transmite, nem sempre confessando sua procedência; as cartas alisadas, as fotografias abauladas, os recados deixados num papel amarelo para quem vai dormir sozinha após os abraços despertos, porque nós vamos de noite como miseráveis em trânsito; os objetos e os móveis que estiveram a nosso serviço e que acolhemos — uma poltrona vermelha, uma pluma, uma cena da Índia, um soldado de chumbo, um pente —, os livros que escrevemos mas também os que apenas compramos e lemos uma vez ou permaneceram fechados até o fim em sua estante e prosseguirão conformados em

outro lugar sua vida de espera à espera de outros olhos mais ávidos ou sossegados; as roupas que ficarão penduradas entre naftalina porque talvez alguém com sentimento se empenhe em guardá-las — embora eu já não saiba se existe naftalina, os tecidos clareando, enlanguescendo e sem ar, esquecendo-se cada dia mais das formas que lhes deram sentido, e do cheiro desses volumes; — as canções que continuarão sendo cantadas quando nós não as cantarmos nem trautearmos nem escutarmos, as ruas que nos abrigam como se fossem intermináveis corredores e aposentos que nem prestam atenção em seus inquilinos efêmeros e comutáveis; os passos que não podem ser reproduzidos e não deixam marca no asfalto, e na terra se apagam, ou não, esses passos não ficam mas se vão conosco ou até antes, com sua inocuidade ou seu veneno; e os remédios, nossa letra apressada, as fotos queridas que temos expostas e já não olham para nós, a almofada e nosso paletó pendurado num encosto; um capacete que veio de Túnis nos anos 30 a bordo do Ciudad de Cádiz e é de meu pai e ainda conserva o barbicacho, e esse soldado indiano de madeira pintada que acabo de trazer para casa com incerteza, também durará mais que eu essa figura, possivelmente. E as narrações que inventamos, das que os outros se apropriarão, ou falarão de nossa passada existência perdida e jamais conhecida transformando-nos assim em fictícios. Até nossos gestos continuarão sendo feitos por alguém que os herdou ou viu e sem querer foi mimético ou os repete de propósito para nos invocar e criar uma rara ilusão de momentânea vida vicária nossa; e talvez se conserve isolado em outra pessoa algum de nossos traços que teremos transmitido involuntariamente, com coquetismo ou como maldição inconsciente, pois os traços às vezes trazem ventura ou desditas, os olhos orientalizados e os lábios como pinceladas — “boca de bico, boca de bico”; ou o queixo quase partido, as mãos largas e na esquerda um cigarro, não deixarei nenhum traço para ninguém. Perdemos tudo porque tudo fica, menos nós. Por isso qualquer forma de posteridade talvez seja uma afronta, e talvez também o seja qualquer lembrança.

Vou cometer aqui várias afrontas porque falarei, entre outras coisas, de alguns mortos reais que não conheci, e assim serei uma forma inesperada e distante de posteridade para eles. Ou, dito de outra maneira, serei memória deles sem os ter visto e sem que eles pudessem me prever em seu tempo já perdido, serei seu fantasma. A maioria nem sequer jamais pisou em meu país nem soube minha língua, embora um deles sim, de cuja morte em compensação não tenho registro, Hugh Oloff de Wet, que esteve em Madri no ano em que nasci em Madri e muito antes esteve a ponto de morrer fuzilado aqui. Também aqui matou, como em outros lugares, depois e antes. E há outro que nasceu, em compensação, na minha própria casa, suponho que na mesma cama que eu, e eu muito mais tarde.

Sempre se diz que por trás de todo romance há uma sequência de vida ou realidade do autor, por mais pálida ou tênue e intermitente que seja, ou ainda que esteja transfigurada. Diz-se isso como se se desconfiasse da imaginação e da inventiva, também como se o leitor ou os críticos necessitassem de um gancho para não serem vítimas de uma estranha vertigem, a vertigem do absolutamente inventado ou sem experiência nem fundamento, e não quisessem sentir o horror ao que parece existir enquanto lemos — às vezes respira, sussurra e até persuade — mas que nunca foi, ou o extremo ridículo de levar a sério o que é apenas uma fantasia, luta-se contra a consciência dissimulada de que ler romances é coisa pueril, ou pelo menos imprópria à vida adulta que sempre vai aumentando.

De todos os meus romances há um que concedeu a seus leitores esse consolo ou álibi em maior medida que os outros, e não só isso, que convidou a suspeitar de que o que nele se contava tivesse correspondência em minha vida, se bem que eu não saiba se esta é por sua vez parte ou não da realidade, talvez não fosse se eu a

contasse, e alguma coisa já estou contando. Em todo caso, esse romance intitulado *Todas as almas* também se prestou à quase absoluta identificação entre seu narrador sem nome e seu autor com nome, Javier Marías, o mesmo deste relato, em que narrador e autor coincidimos e portanto já não sei se somos um ou se somos dois, pelo menos enquanto escrevo.

Todas as almas foi publicado por uma editora cujo nome é melhor não lembrar em março ou abril de 1989, já faz oito anos (traz data de março, mas Eduardo Mendoza apresentou-o generosamente em Madri, em Chicote, no dia 7 de abril, dia muito célebre por outros motivos), e bastava dar uma olhada na orelha da primeira edição, com uns sucintos dados biográficos sobre o autor, para saber que eu tinha ensinado na Universidade de Oxford durante dois anos letivos, entre 1983 e 1985, como o narrador espanhol do livro, se bem que neste não se mencionassem datas. E é certo que esse narrador exerce o mesmo cargo que eu exerci em minha própria vida ou história de que guardo lembrança, mas isso, como muitos outros elementos desse e de outros romances meus, era apenas o que costumo chamar de um empréstimo do autor ao personagem. Pouco do que se conta no livro coincide com o que vivi ou soube em Oxford, ou somente o mais acessório e que não afeta os fatos: o ambiente amortecido da cidade reservada ou esquiwa e seus, professores atemporais que se enganam tanto sobre seus afazeres e tão pouco sobre sua sina (seu espírito sempre usufrutuário); os obscuros e minuciosos sebos que eu visitava com as luvas postas e os olhos à espreita, esperança dos livreiros que se consumava; os mendigos absortos ou agressivos que povoam as ruas ao entardecer e as percorrem imersos em alguma ofensa remota ou imaginária, sem nunca ter em destino nem meta nem desagravo; os toques frenéticos dos sinos das igrejas vizinhas e sempre vazias de St. Giles e St. Aloysius que continuam chamando imperturbáveis os fiéis de outros séculos mais crédulos, almas que já não existem mas que talvez para elas não tenham morrido; e a abandonada estação de Didcot em sua noite amarelada de luzes lânguidas que pareciam a ponto de se despedir com cada piscar de sua insônia conformada e esgotada: ali uma jovem loura de capa e colar de pérolas fumando

e marcando com seus pés ingleses de fivelas e saltos baixos o ritmo de uma música memorizada que ninguém mais ouvia naquela plataforma para atrasados noturnos; e a luz do dia suspensa durante horas na primavera fazendo que o céu macilento se detivesse, ou perseverasse; ou uma florista de aspecto cigano que se postava diante da minha casa nos domingos de manhã com sua jaqueta de couro e suas botas altas e compridos cabelos como que de plástico preto e que chamei de Jane em meu livro e cujo nome na vida era Anne, Anne Joseph, e vivia na vizinha Reading de famosa prisão, casada com Mr. Hyde, Arme Joseph Hyde com seus dezenove anos, ainda que chovesse ou que nevasse ou que o vento fustigasse suas flores modestas presas em papel de prata e tivesse de subir o zíper até em cima baixando o queixo, e agora terá trinta e um anos, se continuar ali, ou na cidade de Reading com Hyde; ou o velhíssimo e miúdo porteiro de olhar diáfano que dava bom-dia de sua guarita da Tayloriana, onde eu trabalhava e dava minhas aulas, a quem chamei de Will no livro e com quem conversei ali muitas vezes mas nunca na vida, na qual se chamava Tom, nunca além do cumprimento alegre, e agora soube que Tom morreu, e assim morreram os dois, Tom e Will; e é estranho ter conhecido mais o porteiro Will que nunca existiu, ou não em carne e osso, e lamentar mais sua morte figurada tão-só com papel e tinta — mas nem sequer está escrita, pois no fim do romance eu disse precisamente: “Vivo está Will, o velho porteiro” —, que a do verdadeiro Tom, cujo verdadeiro nome também não era Tom mas Walter conforme vejo agora numa carta redigida por ele no dia 5 de junho de 1984, quando eu estava lá e deparava às vezes com seus olhos maravilhados e azuis e a mão jovial erguida, em seu posto honorífico da Tayloriana que já era apenas um empréstimo: deixavam-no ocupar a guarita de vez em quando para que se sentisse útil e não perdesse o fio da continuidade, para que ainda brincasse de porteiro, na velhice como na infância somos enganados e brincamos, e ocultam-nos coisas, ou isso sucede em qualquer idade. E nessa carta ele assina assim, “Walter Thomas”, e entre parênteses “(Tom)”, caso o professor a quem se dirigia não o reconhecesse por seu nome e sobrenome reais, os amos costumam

desconhecer o nome dos que os servem, ou dos que só estão e esperam como no verso de Milton. Tom escreve sem vírgulas e com letra bastante firme e legível para sua idade, e diz que faz sessenta e três anos que é empregado em Oxford e que por esse motivo participou recentemente de três programas radiofônicos matinais de uma emissora local e um ano antes de um programa de televisão chamado Volta a Oxford (“muitos professores gostaram muito disseram que eu me saí muito bem”). “Já estou ficando um pouco velho 93”, acrescenta, e explica como depois de servir por três anos na antiga força aérea, o Royal Flying Corps da Primeira Guerra Mundial, foi porteiro do Queen's College e depois do *All Souls* por mais tempo, justamente do *All Souls* ou Todas as Almas (e eu não sabia disso até agora) em sua tradução literal e inexata, onde se aposentou com setenta. Mencionava Sir Arthur Bryant, de quem foi empregado no Queen's e que sempre insistia com ele para que escrevesse um livro. “Agora morreu”, diz do historiador que seguramente nunca se incomodou com historiá-lo, “mas era um homem para quem era muito agradável trabalhar”, observa com a docilidade de quem sempre foi um servidor e talvez tenha se sentido comutável e secundário por isso, nem mesmo uma testemunha. “Boa sorte, professor”, assim se despede Tom, a quem o destinatário da carta tornada pública chama de “o homem mais prestativo da Europa”. “Boa sorte, professor”, assim se despede também de mim o porteiro Will afável e animado que inventei ou fabulei e que me atribuía diferentes nomes em sua contínua viagem pelo tempo — Dr. Magill, Dr. Myer, Mr. Brome, Dr. Ashmore-Jones, Mr. Renner, Dr. Nott, Mr. Trevor e também Mr. Branshaw —, pois não há nada do que sei agora de Tom que contradiga ou negue meu Will de ficção, que passava cada dia acreditando-se num ano diferente de sua demorada vida e portanto para ele todo o tempo era presente ou retorno e nada era tempo passado ou perdido que já não se pode reproduzir. Pois ele o reproduzia sem vontade e assim tinha a sorte de nenhum lhe ser ambíguo. Quem sabe em que ano vivo de seus trajetos a morte o pilhou, em que momento jovem ou maduro ou velho de sua longa existência acreditou despedir-se, em que dia infeliz ou alegre. Talvez nesse dia que deteve seu corpo

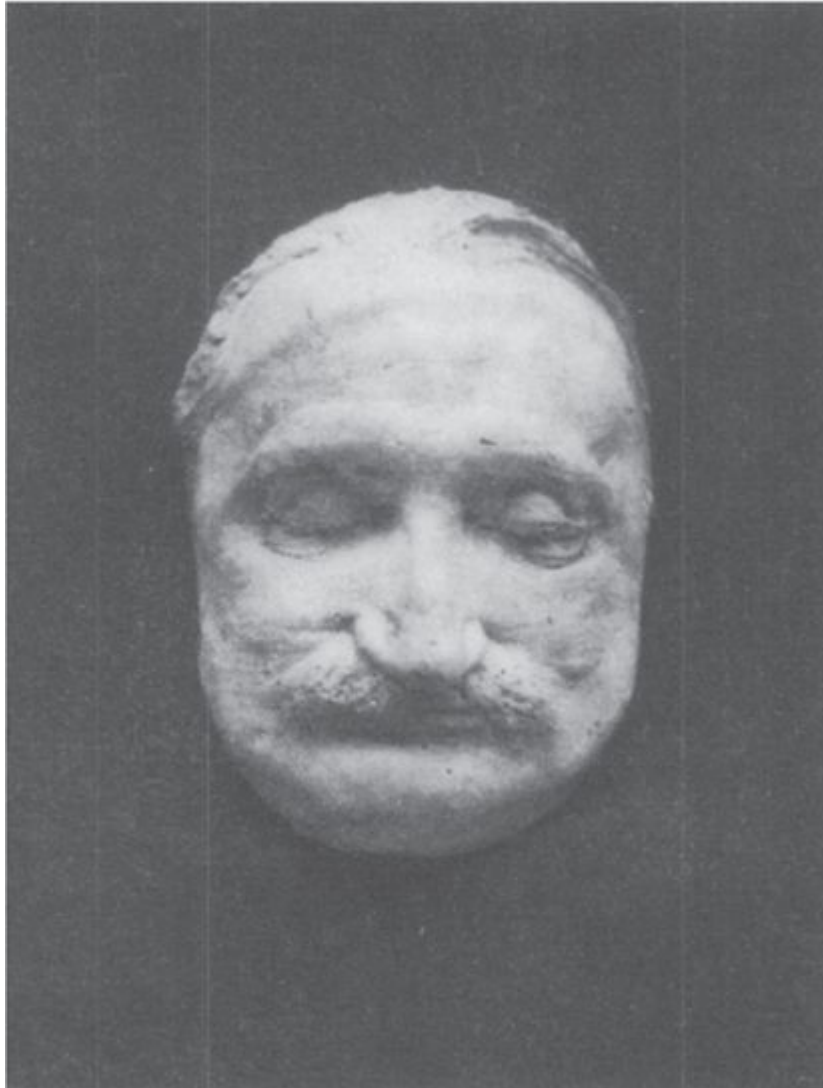
frágil ainda vivesse para Will sua mulher que o precedeu no tempo real, no nosso tempo que ele havia abandonado, é talvez tenha acreditado deixar viúva aquela de quem ele foi viúvo tantos anos. Da morte de Tom contou-me seu sobrinho John, também porteiro da Tayloriana, sem dúvida por herança, embora essa herança não tenha incluído o aspecto: um homem corpulento e alto de cabelos repartidos no meio e bigode aguerrido como um boxeador primitivo, ao que tudo indica tolerante com as fraquezas alheias mas com demasiado humor duvidoso, conforme comentarei mais tarde. Faz pouco despediram-no, seu tio Tom terá se poupado esse desgosto.



Assim, só o cenário era real e nem tanto, era uma Oxford sossegada, uma réplica com minha perspectiva imaginária ou falsa, o mesmo ponto de vista fabulador de quem passa uma só noite num hotel lendário que não vai registrar sua presença insignificante e fantasiosa ao lado dos personagens célebres que pernотaram ou se alojaram ali, ou quem sabe se mataram ou foram mortos para enobrecê-lo e fechar um quarto que agora só turistas pisarão. Eu só disse o acessório, quando é tão difícil saber o que vai ser acessório ou fundamental uma vez que estejam terminados nosso livro ou nossa história ou vida e que sejam tempo conhecido ou passado que não se pode mais reproduzir. Ou talvez o livro possa, sim, cada vez que é lido: mas não, cada leitura o altera e, em compensação, nenhuma o reescreve.

E também era real o que a muitos leitores pareceu romanesco e fictício, pura invenção à maneira de Kipling, pura fábula minha, a história então contada às cegas do desventurado, calamitoso e jovial escritor John Gawsworth, o incrível rei de Redonda que nunca viu seu reino mas o vendeu várias vezes e se fez chamar Juan I, e cujo verdadeiro nome também era outro, Terence Ian Fytton Armstrong, de quem incluí e descrevi no romance duas fotografias que agora torno a pôr aqui como lembrança para os que a leram e conhecimento imediato dos que não leram e haverão de se familiarizar com seu rosto e seus vários nomes se continuarem em contato com estas páginas, e virando-as. Pois desse homem terei de falar e bastante, já que agora, e por assim dizer, o tenho em casa. Ou ainda que morto — e a segunda foto não é dele exatamente, mas sim da máscara mortuária que dele fez Hugh Oloff de Wet logo em seguida, imprópria homenagem para quem deixava o mundo transformado em mendigo —, vive em mim um pouco, se é que se pode dizer isso de alguém que morreu já faz vinte e seis anos sem suspeitar da minha existência.





Tenho diante de meus olhos uma cópia de seu atestado de óbito em 1970 e outra da certidão de seu terceiro e último casamento quinze anos antes, com uma viúva cinco anos mais velha — ele quarenta e três e ela quarenta e oito nas núpcias —, e ambas as cópias foram postas em minhas mãos pela neta daquela mulher viúva, casada e viúva, uma inglesa loura cujo nome é Maria, sem acento mas o mesmo nome de minha avó andaluza, que não conheci, Marfa Aguilera, que deve ter rido quando se viu casada com um viúvo amalucado e risonho de sobrenome Marías, e passou a ser quase uma declinação, Maria de Marías. Na primeira certidão está dito que Armstrong — sem vida não era mais Gawsworth, ou não para os médicos, ou talvez não o fosse fazia tempo — morreu

no Brompton Hospital do bairro de Chelsea em Londres e se especificam as causas médicas do falecimento. No espaço correspondente à profissão, um funcionário chamado Vinten ou um informante chamado Lewis escreveram: “A poet”, e na seguinte, sob a epígrafe “Qualification”, acrescentaram que o corpo devia ser enterrado “em consequência”, e assim deve ter sido feito. No entanto é na minha casa em Madri agora que ainda respira o estranho e infeliz espírito do poeta rei de Redonda ou resiste a desaparecer e ao sossego ou a abandonar a farra, e onde está sua letra, que é como dizer sua voz que fala. Ou falará mais tarde, pois ainda não é o momento de a escutar, embora vá chegar a hora conforme eu for escrevendo linhas e virando estas páginas.

Mas não foi nenhum desses seres reais que mencionei que teve imediata notícia do meu romance, porque nenhum deles sabia espanhol nem meu nome nem que eu escrevia, e talvez não lessem muito, com exceção do bibliófilo e bibliômano Gawsworth ou Armstrong, mas ele tinha morrido no dia 23 de setembro de 1970, e eu então acabava de fazer dezenove anos, três dias antes, e ele nunca pôde prever-me. E embora De Wet, este sim, soubesse espanhol, quem sabe o que veio a ser dele, cujo tempo não nos é conhecido e cujo rasto se perdeu.

Como expliquei num artigo de 1989 que intitulei “Quem escreve”, o narrador sem nome de *Todas as almas*, que se bem me lembro só é chamado de “nosso querido espanhol” ou “o cavalheiro espanhol” pelos outros personagens, ao voltar a Madri após seus dois anos de falso exílio ou emigração privilegiada em Oxford aparecia casado com uma mulher chamada Luisa, e pai de um recém-nascido tido com ela, o que é demonstrável não ser minha situação nem meu caso nem ter acontecido comigo. Nem sequer houve alguma Luisa importante ou duradoura na minha vida. Somente esse detalhe impedia a identificação absoluta do narrador com o autor, e portanto de qualquer outro personagem com alguém real que eu tivesse conhecido ou com quem tivesse convivido durante minha estada. O resto do que o narrador relatava podia ter acontecido comigo, ou eu ter testemunhado. Eu podia declarar e assegurar, como fiz muitas vezes e torno a fazer agora, que quase tudo era inventado, menos o cenário e uma ou outra vivência secundária e transfigurada no livro: que nenhum personagem tinha seu paralelo em ninguém existente ou que tivesse existido, mais concretamente que nenhum era o retrato ou a caricatura de nenhum de meus colegas ingleses de então na Faculdade de Línguas Modernas e Medievais, de que fazia parte a Subfaculdade de Espanhol a que eu estava vinculado. Mas na realidade o que eu garanta ou declare não tem por que ser digno de crédito, ainda que haja uma segura injustificável tendência a crer no que os autores afirmam a respeito de seus livros. (E ao adverti-lo

me dou conta de que estou pondo involuntariamente em dúvida a veracidade do que aqui estou dizendo e continuarei contando, mas devo correr esse risco e apelar para essa credulidade apesar dos pesares: ou me dão atenção ou não me dão atenção, ou me ouvem ou não me ouvem, e não há por que fazê-lo; não há virada de folha, isso é tudo.) O que eu não poderia nem posso é demonstrar que os fatos do romance não aconteceram comigo na minha vida, como é sempre impossível demonstrar que alguém não fez alguma coisa ou não cometeu um delito se se parte da suposição contrária, e isso os ditadores souberam muito bem: na própria Espanha, para não ir mais longe, foi essa a política judiciária do franquismo assim que terminou a guerra e a longo prazo. Um vizinho, um inimigo, um rival, um invejoso, um amigo acusavam alguém de crimes variados, quanto mais atrozes melhor; isso bastava para a detenção e o processo, ou antes o simulacro de tal, no qual diziam ao acusado: “Vamos, demonstre que o senhor não matou, ou não delatou, ou não saqueou, ou não violentou”, por exemplo, sabendo-se que é quase impossível demonstrar negativamente. E isso aconteceu com o filho mais moço de María Aguilera de Marías, meu pai, a quem imputaram, entre outras coisas imaginárias, ter sido durante a guerra “colaborador do diário moscovita *Pravda*” e — isso para minha inconsolável inveja — “acompanhante voluntário do bandido Deão de Canterbury”. Devo reconhecer que teria subornado com boa soma ou teria me submetido a algum serviço ignóbil para me ver acusado uma vez na vida por algo tão estrambótico e arcaico. Ainda não consegui verificar muito sobre a participação no conflito desse “bandido”, que se conheceu como “*the Red Dean*”, “o Deão Vermelho”, e cujo nome verdadeiro era Dr. Hewlett Johnson — como se fosse oxfordiano, e de fato se doutorou em Teologia em Oxford, por volta de 1904, no Wadham College, que não me é de todo alheio; — do pouco que sei, o mais notável é que foi o primeiro a romper o bloqueio naval de Bilbao em 1937 e que ao começar a contenda tinha sessenta e dois anos e ao cabo desta sessenta e cinco, idades meritórias para andar por aí de bandoleiro em terra estranha e arriscar a pele zarpando de Bermeo num torpedeiro francês para aportar em San Juan de Luz sem contratempo depois

de driblar minas e vasos de guerra franquistas, além de outras possíveis proezas ou felonias com seu acompanhante voluntário, quem quer que fosse, que evidentemente não foi meu pai e tampouco, sem sombra de dúvida, o Arcebispo de Canterbury, o qual não teve outro remédio senão fazer uma declaração pública em 1947 para assinalar que mais além dos limites catedralícios seu Deão falava e obrava somente a título particular e que o Arcebispo não era responsável pelo que ele pudesse dizer ou fazer, “nem está em seu poder controlá-lo”. O Deão Vermelho de Canterbury, russófilo brávio e impermeável, apologista da República espanhola, sem dúvida deve ter se saído bem de suas correrias peninsulares, já que viveu até os noventa e dois anos, quase tanto quanto meu afável porteiro Will, que também combatera em outra guerra. Mas por sua involuntária companhia e causa estive a ponto de não nascer, se se levar em conta que o *paredón* costumava ser em 1939 o mais repetido e comum destino dos denunciados pelas amizades patrióticas e precavidas, e se meu pai não passou do cárcere foi por sorte e por tenacidade de minha mãe — ainda não sabiam que iriam se casar — e não por falta de ódio em seus dois delatores. E daí, se eu não tivesse nascido? Há tanta gente que nasce e é como se isso não tivesse acontecido e como se nunca tivesse existido; são tão poucos dos que se conserva memória e há tantos que morrem logo como se o mundo não tivesse paciência para assistir às suas vidas ou tivesse pressa de se livrar deles, o esforço baldado e os passos diminutos sem pegadas ou só para a lembrança afiada de quem ensinou a dá-los e cometeu o erro ou realizou o esforço, como um luxo custoso e supérfluo que se expulsa da terra logo em seguida como se fosse vapor e nem sequer se permite pôr a prova. E daí, se nunca ninguém tivesse nascido?

Assim, a única coisa demonstrável por via negativa com relação ao escasso grau de autobiografia em meu livro era que não tinha nem tenho uma mulher chamada Luisa nem na verdade uma mulher chamada de nenhuma forma, e menos ainda um filho recém-nascido então, que se existisse e não fosse quimérico contaria agora — horror — sete ou oito anos, um malandrinho ou talvez pior ainda — quem pode saber —, um sabichãozinho digno de ser deportado. (Eu

talvez não tivesse sido um bom pai.) Mas nem sequer isso deixou de me ser atribuído por quem sabia de mim o mínimo e de minha vida privada, nada.

Na época eu dava aulas de Teoria da Tradução na Universidade Complutense de Madri, algo accidental também e que durou quatro anos letivos — nunca pensei em me dedicar à sofrida docência cheia de rasteiras e intrigas —, depois de vários anos errabundos não apenas em Oxford mas também perto de Boston e em Veneza. Desagradavam-me tanto o ambiente universitário espanhol e suas mesquinharias que eu aproveitava o horário noturno para não levar nenhuma vida professoral e aparecer apenas o indispensável na mofina Faculdade semivazia e à meia-luz, já tomada pelas faxineiras que nessas horas sentem-se donas dos resíduos e assim dão ordens ou afugentam os professores e os alunos, como davam aos passageiros e aos ferroviários na estação de Didcot ou naquela outra de Mestre, vizinha de Veneza, onde passei parte de uma noite expulso e envolto na névoa. Dava minhas aulas, improvisadas no táxi de ida, e ia embora quando acabavam, às nove ou dez da noite conforme o dia, de modo que nem havia lugar para a confraternização com os alunos ou o convívio com os colegas, e quase ninguém sabia nada de mim que não fosse mais ou menos público. Assim, logo depois da publicação de *Todas as almas* tive um primeiro aviso — ou foi o segundo — de que o que meu narrador contava e dizia podia me ser atribuído do princípio ao fim. Um grupo de estudantes — principalmente alunas — me esperou uma noite à saída da aula para me fazer umas consultas, às quais suponho que também devo ter respondido improvisadamente, e enquanto avançava pelos corredores com minha pasta de plástico preto rígido com alça azul, rodeado por eles como se fosse um político idiota entre seu séquito e os jornalistas — notei que caminhar em meio a essa revoada agrada muito aos professores, e me divertia imitá-los por uma vez, os verdadeiros e diurnos professores —, uma jovem me perguntou solícita e sem nenhuma transição para fazê-lo:

— Como é o menino?

— Que menino? — respondi surpreso.

A aluna era atrevida.

— Que menino poderia ser, o filho do senhor. — Ou talvez tenha me tratado de você, eu chamava os estudantes de senhor mas eles me chamavam de você à menor oportunidade, fora da classe, é claro, a mudança de tratamento podia ser questão de segundos, como se me tirassem a máscara. Embora nem todos fossem jovens, alguns mais velhos que eu e todos formados, meus cursos lhes serviam para o doutorado que eu não tinha nem tenho. Mais de uma vez considerei a possibilidade de matricular-me neles e ser aluno de mim mesmo para aproveitar os créditos (teria tapeado e só teria me dado a avaliação Notável; e teria me chamado sempre de senhor).

— O meu? — disse agora alarmado. Ainda não caíra em mim. — Que filho meu? Tenho um filho? Estou sabendo disso agora, acredite.

Então as outras se animaram a intervir, talvez sentindo-se defraudadas, quero dizer vítimas de uma fraude.

— Mas você conta no seu romance, que acaba de sair — protestaram como se exibissem uma garantia.

— Ah. — E fiquei calado um momento, detive-me no corredor dominado pelas entediadas mulheres da limpeza (a mão na cintura durante uma parada meditativa) que se atarefavam com seus uniformes mal abotoados e seus esfregões parcimoniosos. Hesitei entre retificar e dar foros de realidade àquela criança ante aquelas jovens, e portanto também a Luisa, minha mulher romanesca. Claro que também já poderia ter me divorciado dela, por exemplo por ser ciumenta, ou colérica ou intrometida, ou por falar demais, ou por sua maternidade negligente e atormentada, um erro o casamento, talvez eu tivesse ficado com o menino. (Ou ela é que podia ter me abandonado, por ser reservado e misterioso.) Acabei dizendo a verdade enquanto retomava o passo: — Mas esse não sou eu, é o narrador do romance, eu não sou casado nem tenho nenhum filho, pelo menos que eu saiba. E creio saber.

— Mas você esteve em Oxford — objetou uma delas. Uma só coincidência segura (a orelha do livro influía no livro) bastava para me atribuir o resto, pensei, e aquilo me pareceu uma reação da leitora demasiado elementar em se tratando de gente formada, em sua maioria filólogos de diversas línguas.

— Estive, e o que isso tem a ver? — repliquei. — Então não é verdade? — insistiu uma estudante. — Pois estávamos todas convencidas de que você tinha um filho pequeno. — Lembro-me de que disse “todas convencidas”, no feminino, talvez não tanto pelo grande número de mulheres nos cursos, como sempre em Letras, mas antes porque a descoberta só teria sido comentada entre as do gênero dela. E numa daquelas alunas acreditei notar uma expressão de contentamento ao ouvir que eu não era casado. Nada do que se gabar nem se orgulhar, dado que todos os professores e professoras do mundo desfrutam do que pode se chamar de “efeito estrado” e graças a ele suscitam paixões espúrias e alucinadas, até os mais feios, os mais sujos, os mais odiosos, os mais despóticos e os piores, sei disso de sobra. Vi mulheres deslumbrantes quase adolescentes fraquejar e derreter-se por infra-homens malcheirosos com um giz na mão, e candorosos rapazes envilecerem-se (circunstancialmente) por um colo enrugado e seco inclinado sobre uma mesa professoral. Quem se aproveita desse efeito estrado costuma ser desprezível, e são muitos. O que não compreendi foi o contentamento daquela estudante que tinha as cores da minha pasta (olhos azuis e cabelos negros), pois ela é que era casada, de toda forma. Talvez fosse satisfação literária, e se alegrara só por comprovar que era romance o que ela tinha visto como romance.

“Quer dizer que falam de mim”, pensei; “e se deram ao incômodo de comprar e ler meu livro imediatamente.” À medida que avançávamos iam se apagando mais luzes, como se aguardassem com impaciência ver-nos pelas costas para se retirarem, e não levaram em conta as faxineiras. Ou quem sabe elas podiam fazer sua limpeza no escuro e de olhos fechados, como se a sonhassem de outros lugares. Talvez de Mestre ou Didcot, é difícil mudar os destinos uma vez que começaram, se não se sabe que são destinos.

Pouco antes ou pouco depois eu tivera ou tive notícia das primeiras reações na cidade de Oxford. Meus ex-colegas da Subfaculdade estavam mais ou menos a par de que eu preparava um livro cuja ação transcorria ali, mas sem muita ideia e sem saber se se tratava de uma crônica disfarçada, um romance ou vagas memórias. Só sabia com fundamento meu bom amigo Eric Southworth, do St. Peter's College, com quem eu me correspondia e me correspondo com frequência. O chefe do departamento, professor Ian Michael, do Exeter College, que visita Madri com frequência trazido por suas pesquisas de medievalista, sua fraqueza pela grei taurina, suas investigações histórico-rueiras para os romances policiais que escreve com um pseudônimo angelical e sua temerária curiosidade ou gosto pelo submundo e pelos aspirantes a valentão, também estava um pouco a par, e só o que os dois tivessem podido transmitir ao resto seria do conhecimento dos docentes.

Ou melhor, não. Numa das minhas visitas posteriores ao fim do meu contrato — deve ter sido no verão de 87, após passar nove soporíferos dias num seminário de literatura em Cambridge com Ishiguro, o agradável Vikram Seth, P. D. James, a falecida Angela Carter, David Lodge, o antediluviano Wesker e outros, só acordados nos dias de conferência pelo crítico George Steiner —, cumpri com o hábito de ir ver um velho professor aposentado a quem costumava visitar uma vez por mês durante meus anos de estada e que alguns quiseram ver retratado no personagem de *Todas as almas* chamado Toby Rylands e a quem portanto também chamarei aqui de Toby Rylands, empregando seu suposto nome fictício para me referir a quem ele não foi nem é mas talvez acabe sendo. Sempre senti grande admiração e respeito por esse professor, e além disso era divertido, um homem inteligente e perspicaz, malicioso, douto e tão sugestivo que se fazia quase enigmático. Ao dizer sugestivo quis dizer não apenas que estimulava a imaginação com sua figura chamativa, sua lentidão intensa, suas estudadas intermitências da fala, mas também que sem cessar sugeria deploráveis feitos de seu

passado, atividades semiclandestinas remotas, convívios inesperados ou em princípio impróprios para um catedrático, sem abordar totalmente nenhum relato. Segundo suas notas biográficas públicas, ao alcance de qualquer um (logo não revelo nada imprudente), antes de se chamar como se chama, com o sobrenome da mãe, teve o de Wheeler; nasceu em 1913 em Christchurch, Nova Zelândia, o que não o impedia de ser mais oxfordiano do que qualquer outro membro da congregação assim se chama o conjunto de professores ou dons — que eu já conheci; esses resumos informam com sobriedade que se alistou em 1940 e que no fim desse ano foi lotado no Intelligence Corps, ou Serviço de Informação, ou Serviço Secreto, e acrescentam que entre 1942 e 1946 levou a cabo “missões especiais no Caribe, na África Ocidental e no sudeste asiático”, mas tudo isso não me serviu para nada na hora de esboçar alguém diferente de quem ele era e é, o Toby Rylands fictício, já que quando mais tive contato com o verdadeiro eu desconhecia esses dados (não passa pela cabeça de ninguém consultar as notas biográficas de quem vê com frequência, se elas existem), e ele, como disse, nunca chegava a contar nada de completo de seus possíveis dias inclementes ou aventureiros, só permitia vislumbres.

— Uma vez tive de vigiar e entreter um príncipe herdeiro durante semanas — murmurava numa ocasião, por exemplo.

E você esperava em seguida um relato, sentia essa frase como o preâmbulo de alguma história divertida e estranha que valesse a pena ouvir do princípio ao fim. E ante o silêncio que a seguia — Rylands ficava calado, como se estivesse pensando se tinha feito bem ou não em avançar o que tinha avançado, se queria contar ou guardar para si o episódio —, eu tentava sondá-lo:

— Ah, é? Como foi? Não devem ser muito interessantes os príncipes.

Ele passava então a imensa mão afável nas faces lenhosas como se rememorasse de repente e lhe bastasse isso — sincronicamente, pode-se dizer — e talvez, ao recordá-lo, visse já desnecessário o relato que estivera tentado a me confiar.

— Hum — dizia, como tanta gente em Oxford, onde se murmura muito. — Hum. — E seus olhos cintilavam com a juventude reavida.

Eu ainda insistia: — Que príncipe era? Europeu, africano, russo? E então Rylands ria um pouco, um riso como petardos sem eco, e assim indicava que preferia deixar para lá e passar a outra coisa. Ou despachava o assunto apenas — Um príncipe, sim. Um príncipe muito engraçado. Bebia muito, e eu tive de acompanhá-lo em suas farras. Por isso aguento tanto. Este xerez não me convence, vou dizer à senhora Berry que não me traga mais. — E levava o cálice aos lábios tão finos que pareciam obra de um pincel de maquiagem. Com isso dava por encerrada sua precária incursão no passado, ao menos a incursão verbal e diante de testemunhas. A palavra inglesa que empregou para “farras” foi *binges*.

Fiz do personagem Rylands um ex-espião do MI5, o mais célebre dos serviços secretos britânicos, e mencionei supostas missões suas durante a guerra na Martinica, Haiti, Brasil e ilhas Tristão da Cunha, tudo isso segundo os incansáveis rumores de Oxford. Eram fabulações minhas, talvez sugeridas por seus anúncios não consumados em nossas conversas, isso era tudo, eu não sabia nada de seus dados biográficos de domínio público.

No entanto a identificação entre ambos os Rylands ficou até certo ponto compreensível, porque para descrever o personagem tomei, enfeitei e recompus alguns traços físicos da pessoa, o que sem dúvida induziu os superficiais à confusão. No romance se diz: “Era um homem muito grande, na verdade enorme, com o cabelo totalmente conservado, ondulado e branco — uma bavaoise — sobre a cabeça estatuária, sempre bem vestido, com mais presunção que elegância (gravatas-borboleta e pulôveres amarelos, um pouco à americana, ou como um estudante antigo)...” “O que mais impressionava nele eram os olhos rasgados de cores diferentes, o direito cor de azeite e o esquerdo cinza pálido, de tal maneira que, quando se olhava para ele pelo lado direito, via-se uma expressão aguda à qual não faltava crueldade — um olho de águia, ou talvez de gato —, ao passo que, quando se olhava pela esquerda, o que se via era uma expressão meditativa e grave, reta, como só podem ser retas as pessoas do norte — um olho de cão,

ou talvez de cavalo, que parecem os mais retos dos animais; e, quando se olhava para ele de frente, então encontravam-se dois olhares, ou melhor, não, as duas cores, mas um só olhar que era cruel e reto, meditativo e agudo.” “Quanto a seu riso, era o que Toby Rylands tinha de mais diabólico: a boca quase não se movia, mas fazia-o o suficiente — só horizontalmente — para que sob seu lábio superior, roxo e carnudo, aparecessem uns dentes pequenos e levemente pontiagudos, mas muito uniformes, talvez a boa imitação, devida a um dentista pago, dos que a idade lhe havia levado. Mas o mais demoníaco daquela risada breve e seca não era vê-la, e sim ouvi-la, pois não se assemelhava às onomatopeias escritas mais habituais, todas elas creditadas à aspiração da consoante¹ (ou seja, *ja, ja, ja* ou *je, je, je* ou *ji, ji, ji*, ou em outras línguas *ha, ha* ou até *ah, ah*), mas em seu caso esta era indubitavelmente oclusiva, um claríssimo *t* alveolar, como é o inglês. *Ta, ta, ta*, assim era a risada arrepiante do professor Toby Rylands. *Ta, ta, ta. Ta, ta, ta.*”

Assim era a inconfundível risada do verdadeiro Rylands e assim era ele mais ou menos, embora não tivesse lábios carnudos nem olhos de duas cores, mas ambos de um azul tão nórdico que pareciam amarelados às luzes do sol e elétrica, um olhar espreitante ou mais ainda, emboscado, olhos que parecem estar opinando até quando os vemos distraídos ou sonolentos ou ausentes, pensando por si sós sem intervenção da mente, julgando. Era um desses indivíduos que nunca pedem nem repreendem mas diante dos quais costumamos sentir-nos em falta, se não abandonamos totalmente os reflexos da juventude; tampouco censuram nem manifestam descontentamento, e no entanto temos a sensação de estar sempre à beira de sua desaprovação silenciosa. Esse efeito não se consegue facilmente, não depende da atitude nem dos modos nem do dinheiro nem da pretensão, nem sequer das represálias coléricas que ao longo da minha vida vi em alguns empresários arrivistas e contrariados: gente ruim, gente insegura que não inspira respeito e necessita convencer-se de que é eminente e esmaga quem pode ou o fraco para renovar sem trégua sua sempre escassa persuasão (tive um editor assim em meus jovens dias, abandonei-o enfasiado e sem contemplação, a cara dele se avermelhava, os olhos

navegavam obtusos e ficava sem poder articular palavra sensata nem inteira, tardo no pensamento e na fala, perplexo com que não se realizasse sua vontade exploradora — suas origens na contravenção, contava-se; — também conheci escritores do mesmo estilo, despóticos e complexados, que qualquer discrepância abala e destroça). Na realidade não há que fazer nada de extraordinário — não se pode — para produzir no outro esse efeito que é misto de intimidação e desejo de reconhecimento, ou pelo menos de ser tolerado. Toby Rylands conseguia isso sem se esforçar, embora o procurasse: com seu laconismo ocasional, com sua voz filosa que aproveitava a idade para soar aflita em alguns instantes e fazer-se dramática, com seus olhos interpretativos quando escutava e também quando falava, era como se nas conversas com ele não houvesse vez e você estivesse se expondo a cada momento, quando dizia e quando calava, quando contava e quando ouvia e era ele que perorava. Além do mais tinha fama de pouco escrupuloso — de impiedoso — para castigar seus inimigos — ou simplesmente ofensores, e para ele eram castigos, não vinganças, os homens esclarecidos não incorrem nelas. Corria que em certa ocasião, ao se inteirar de que uma Universidade americana ia oferecer uns suculentos cursos a um ingrato ou pouco servil discípulo dele, não lhe ocorreu nada mais definitivo para impedi-lo do que acusá-lo *sotto voce* de coprófago, o que foi o suficiente para que os endinheirados puritanos sulistas renunciassem à contratação nauseabunda sem sequer se perguntar, ao que parece, como Rylands podia possuir informação tão certa sobre práticas e atividades que, se de fato existissem (eu não creio, são invenções e maneirismos literários e cinematográficos), ninguém sairia contando por aí, ainda menos na cidade de Oxford, onde quase nada se ignora e o que se ignora se cria, se não se inventa. A astúcia de Toby Rylands teria sido considerável e até mefistofélica, já que escolheu uma chaga sobre a qual ninguém teria ousado perguntar ao infamado, privando-o assim de qualquer possibilidade de negação e defesa. Que perigosas as vozes com crédito, as vozes autorizadas, as vozes que nunca mentem, como se esperassem o dia em que valha de fato a pena ou lhes caiba fazê-lo, e então

persuadem sem o menor esforço do mais fantástico ou peçonhento. Pode ser que a minha esteja sendo uma destas, pela idade e por algum escrito, embora a maioria seja de caráter fictício. Mas ainda não minto.

Assim, só me preocupavam as possíveis reações de três pessoas ao livro que eu estava escrevendo e que ainda não tinha título, e a que em minhas cartas da época a Eric Southworth ou a Daniella Pittarello eu me referia como “o romance de Oxford”. O que um amigo oxfordiano pudesse opinar quando o lesse, eu me atrevia a adivinhar e pouca apreensão me causava, fora do juízo estritamente literário; tampouco via ameaça na provável reação de Ian Michael, por seu espírito humorístico e despreocupado e sua beatice nula, ele é o contrário de um melindroso. Quanto aos demais colegas, mais severos em sua aparência e mais zelosos do bom nome de sua profissão, da Universidade e da própria Oxford, supunha que ter dedicado boa parte de suas vidas ao ensino da literatura (ainda que espanhola e hispano-americana) lhes permitia distinguir sem dificuldade nem dúvidas uma obra de ficção de memórias ou de um ensaio, e não levar a mal qualquer divagação impertinente ou bufa exageração ou fabulação minhas sobre um lugar literário que só correspondia em parte ao nome de Oxford que eu lhe dava, ou sobre personagens que nem retratavam a eles nem os caricaturavam nem, é claro, levavam seus nomes, embora ocupassem seus cargos, como meu narrador o meu.

A reação de Toby Rylands sim me preocupava, pelo que acabo de contar e porque de modo algum eu teria desejado ganhar sua desaprovação, ainda menos por uma questão pessoal. De modo que quando fui ter com ele naquele verão de 87 após minha impaciente passagem por Cambridge — não o vi desta vez em sua casa a sós, mas na de Ian, que nos convidou para almoçar em seu jardim, ele, Eric e eu —, pareceu-me conveniente pô-lo de sobreaviso, e não foi má ideia fazê-lo diante de duas testemunhas que poderiam transformar-se em aliados ou cúmplices, se é que já não eram. Lembro-me de Toby sentado numa cadeira de lona que se ressentia materialmente sob sua corpulência, olhando com o rabo do olho para o rio e olhando com o rabo do olho para nós com

as íris amareladas pelo estacionário sol de julho, soltando suas anedotas dilacerantes e breves como estocadas de esgrima ou então rindo com suas lentas gargalhadas percucientes como pistões rebentados — ta, ta, ta — cada vez que Ian ou Eric lhe relatavam alguma engraçada ou maliciosa. Numa pausa da conversa, e depois de Ian Michael ter entrado em casa para ver como ia sua mãe cega com a qual convivia e mandar uma empregada tirar a sobremesa, fiz meu comentário (o rio se mostrava poeirento e entorpecido):

— Não sei se você sabe, Toby, que estou escrevendo um romance que se passa aqui em Oxford.

Toby Rylands fez cara de novidade, eu tinha certeza de que algo já teria ouvido.

— Ah, sim? E que tipo de romance é? Um *roman à clef* sobre nós todos? Hum. Devemos nos preocupar? Hum. Devemos guardar segredo? Não, não sabia absolutamente nada. Nem uma só palavra — disse com manifesto exagero, e acrescentou com falsa queixa: — Ninguém aqui me conta mais nada.

Pode ser que ele seja assim agora, quando até sua aposentadoria está distante e nem mesmo viaja como professor emérito às Universidades americanas que lhe pediam conselho e com reverência o contratavam, já deve ter oitenta e três anos. Mas naquela época, dez anos atrás, acontecia o contrário: todo o mundo corria para lhe contar o que quer que pudesse diverti-lo ou interessá-lo, há pessoas às quais se conta só para congregar-se com elas e obter seu apreço ou sua condescendência, seus telefones estão sempre ocupados.

— Bem, ainda não sei exatamente que tipo de romance será, não conheço direito meus livros enquanto não os dou por terminados, nem mesmo então. Mas está claro que não vai ser um *roman à clef* sobre vocês, não creio que ninguém deva se preocupar. A única coisa é que talvez, apesar disso, alguns colegas queiram entendê-lo assim, ou imaginem ver-se descritos. Sabe como é, o fato de eu ter vivido aqui será suficiente para a suspeita, concedem-nos menos imaginação ou arbitrariedade do que temos. E a verdade é que não gostaria que ninguém se incomodasse, penso sobretudo em Alec, Fred e Pring-Mill, não tanto em John nem em vocês três, são mais

frívolos, e digo isso como elogio. Philip também não teria me inquietado, com toda a certeza.

Alec Dewar, assim chamei em *Todas as almas* um personagem em quem quisera ver a pessoa real que agora chamo, como fiz com Rylands, por seu suposto nome fictício e seus supostos apelidos, o Estripador, o Inquisidor, o Magarefe, o Martelo: *the Ripper, the Inquisitor, the Butcher, the Hammer*. Alec Dewar, um homem sério que queria passar por severo e incomovível, na realidade não sabia o que fazer consigo mesmo quando abandonava seu papel de ogro obrigado pela cessação das atividades — olhava com saudade para os portões fechados da Tayloriana que o expulsavam até a manhã seguinte — e o desaparecimento dos estudantes, que o vivificavam ao irritá-lo; desconcertava-se por qualquer elemento alheio à sua tenaz rotina de muitíssimos anos, e, se alguém se interessasse por ele ou lhe fizesse perguntas semipessoais como se ele pudesse ter existência fora dos recintos universitários, sentia-se grato e incomodado e perdia no ato toda a sua prosopopeia: respondia com timidez, mas com a expressão audaz de quem cometeu uma prodigalidade, ou como se tivesse sido pilhado numa falta lisonjeira. Gostava de aparentar ferocidade e sarcasmo e conseguia ser convincente diante dos alunos e dos convidados para os seminários que suportavam seu escrutínio, mas não tanto diante dos colegas, que às vezes percebiam suas malsoantes e reticentes tentativas de ser agradável e até engenhoso — uma das formas da cordialidade em Oxford. Seu espanhol era inseguro, preferia o inglês comigo. A falta de costume de falar de si e de assuntos não relacionados ao trabalho levava-o a soltar frases meio feitas e meio enigmáticas, que não significavam nada, no segundo ou no terceiro diálogo: “Assim são as coisas hoje em dia”, dizia sem grande sentido depois de explicar, por exemplo, que não tinha casa própria na cidade e que dormia em seus aposentos no *college*, não me lembro se Trinity, Christ Church ou Corpus Christi. Essas frases podiam levar a conversa a um ponto morto e tornar sua aspereza uma espécie de desamparo que causava embaraço.

Fred Hodcroft, um homem encantador, altíssimo e magérrimo; com seu perfil de pica-pau e seu ar fingido de sábio nas nuvens costumava armar-me ciladas sintáticas e gramaticais para averiguar o grau de meus conhecimentos, fazendo como se ignorasse as respostas que me solicitava. Ajeitava continuamente os óculos, como se soubesse que uma queda lhes seria fatal por causa da sua grande estatura. Era tão simpático que com ele nunca se podia baixar a guarda, tinha um espanhol excelente. Não parecia devoto da instituição, mas provavelmente era, um desses homens que podem passar a vida ofendidos sem que ninguém saiba nem desconfie, são todo afabilidade até com quem é objeto de sua censura ou lhes causou algum dano.

Robert Pring-Mill, rechonchudo, padresco, sonso, amicíssimo de Ernesto Cardenal, o poeta presbítero revolucionário nicaraguense, carecia de senso de humor ou o dele não combinava com o meu e costumava levar tudo ao fastidioso pé da letra, era desconfiado e rigoroso. Não tive muito contato com ele, não lhe agradei, creio, demasiado indiferente para com o que ele venerava, sua amizade transoceânica seria mais presbiteriana do que revoltosa. Seu espanhol era defeituoso, tendia a evitá-lo. Parecia viver desgostoso — diziam que havia esperado a nomeação que coube a Ian Michael, sem ser este de Oxford, para sua maior, decepção — e talvez só por isso sua figura fosse fugidia e tibia.

John Rutherford traduzia então *La regenta* para o inglês, obra ainda inédita nessa língua, falava espanhol com forte sotaque galego por causa de sua mulher dessa nação e de seus verões em Ribadeo, que ele não dispensava, um tipo calado, paciente e de mérito, magnífica pessoa, talvez com uma ponta de ressentimento inconfesso ou que ele nem sequer percebia; sua vida vista de fora — toda a família tocando instrumentos, filhas com as quais cantava em casa — parecia idílica. Era improvável que se irritasse por algum motivo, mas podia haver nele certo perigo: nunca há ninguém totalmente conformado, nem mesmo com o que escolhe.

E Philip Lloyd-Bostock, falecido pouco depois que abandonei Oxford; durante meus dois anos de estada faltara muito por causa da sua doença, mas não o bastante para que não tivéssemos

contato e déssemos juntos algumas aulas, a dois, como em um ou outro trimestre vim a fazer com todos os outros colegas que se revezavam, aulas de tradução literária prática, direta e inversa, Gómez de la Serna e Valle-Inclán para o inglês e Woolf e Hopkins para o castelhano. Lloyd-Bostock dava a impressão de que seu mundo era outro, de estar em Oxford apenas de passagem, a contragosto e para ganhar seu salário, ao contrário dos demais, que se notava estarem integrados em maior ou menor medida à cidade e à sua vida de denodo em calma, se é que tal expressão é aceitável. Alguns talvez não tivessem outra vida, nem quando se retiravam para suas casas ou para seus aposentos ao cabo do dia de trabalho, nem mesmo durante as férias longas de verão, que sem dúvida lhes concediam tempo até para se transformarem em seus contrários ou Hydes, com certeza Philip as aproveitava. Alguns deviam aguardar com impaciência o começo de cada novo período letivo, para se sentirem centrados ou, mais ainda, amparados, harmoniosos, justificados. Para Philip Lloyd-Bostock, em compensação, esse mundo parecia um fardo, algo do passado de que ainda se devia fazer certo caso ou a que sem rubor se recorre quando se necessita de auxílio porque estará sempre a nosso favor — de reserva, como a família de que procedemos, quem sabe. Mas talvez seja porque tive contato com ele quando já estava muito doente, e pode ser que para os moribundos tudo comece a ser supérfluo e a parecer do passado, ou já perdido.

Tinha um bigode cuidado e seus olhos azuis eram aquosos, manifestava uma mansidão seguramente enganosa — a de quem está tão atormentado que não discute, ou talvez tudo lhe fosse indiferente. Alguns quiseram vê-lo no personagem de meu romance que chamei de Cromer-Blake, é de supor que por causa do sobrenome composto e porque esse personagem morria no fim do livro. Claro que também quiseram ver nele meu amigo-vivo e de sobrenome simples Eric Southworth, de maneira que aqui se chegou ao absurdo de identificar dois com um.

Eric Southworth, de maníaca nobreza; uma pessoa tão leal e reta que sem dúvida será enfadonho para a maioria, não resta muita gente assim em nosso tempo, talvez umas poucas mulheres. E ele

era ao mesmo tempo flexível e dotado de um extraordinário sentido da graça, um desses raros indivíduos capazes de — por assim dizer — seriedade e pilhéria no mesmo parágrafo, e ambas sinceras. Eu o vi rir às gargalhadas como uma criança travessa por alguma marotice — palavra antiga, palavra de avó, mas a adequada — e também pôr-se temível e grave como um herói das salas de aula. Seu espanhol era bom, embora um tanto renascentista por ser livresco, tinha preguiça de falá-lo ali em Oxford, em seus alojamentos ou em seus refeitórios ou salas. Uns anos mais velho que eu, já tinha os cabelos bem grisalhos, do que tirava partido para inspirar respeito nos estudantes, nem sempre com êxito, seu lado facilmente festivo o traía. Às vezes, em compensação, causava-lhes pânico, quando enfiava o barrete de doutor e os examinava oralmente bancando um malévolo personagem de Dickens ou imitando as admoestadoras formas dos antigos eclesiásticos espanhóis — o indicador erguido, os olhos apertados, a voz para dentro —, que o divertiam muito, o catolicismo visto como folclore. Numa ocasião pediu-me que lhe arranjasse um barrete de arcebispo ou de bispo nas ruas de Segovia, de modo que lhe mandei dois, um de seda com borla verde e outro de cetim com borla vermelha (ou vice-versa, não conheço os uniformes, talvez fossem só de pároco). Ficou entusiasmado com o presente, embora não lhe tenha perguntado nem saiba para que os queria, imagino que os use em particular. Com ele eu não havia conversado sobre romance, como na verdade também não conversara com Ian Michael, os dois cheios de argúcia mordacidade e bons conhecedores das ficções. Toby Rylands participava disso tudo, mas era mais venerável e mais imprevisível, de modo que na realidade, ao lhe falar do livro, estava lhe confiando meus temores sobre sua possível reação.

Ficou olhando para mim mais uma vez com o rabo do olho e o que me disse em tom de mofa serviu para me tranquilizar:

— Não acho que você deva se preocupar com isso, Javier. Talvez ao contrário. Provavelmente os únicos que poderão sentir-se incomodados ou ofendidos são os que não se reconhecerão em seu romance, os que acreditarão não aparecer nele, nem mesmo camuflados ou disfarçados. Ou vilipendiados, ou escarnecidos. No

fim das contas, é mais humilhante não ser motivo de inspiração do que ser, não ser digno da ficção do que ser, ainda que à custa de alguma indiscrição e de mau jeito, para dar vida a um personagem depravado ou ridículo. O pior é não figurar onde havia possibilidade de fazê-lo. — Calou-se uns segundos, olhou para o rio como se o vigiasse e acrescentou com amável pilhéria tamborilando com seus dedos rugosos no braço de sua cadeira de lona arriada: — Além do mais, quem sabe você não estará escrevendo um futuro clássico. Todo o nosso trabalho, o dos estudiosos, está condenado a ficar antiquado, imprestável, a ser esquecido. Isso no caso dos que escrevem; os que não, como Eric... bem, seu saber disperso o vento o leva quando ele sai da sala de aula, ou antes, você sabe, Eric, você sabe disso, não é? — Sim, Eric sabia perfeitamente, sabe e assim quer. — Talvez nossa única maneira de passar para a posteridade, que ironicamente é a única coisa que nos preocupa, seja através de um romance de agora do qual não nos cabe fazer o menor caso. Você pode imaginar que injusto, que grotesco, que sarcástico, sermos lembrados pelos que desdenhamos: É assim, é assim. É improvável que um romance atual perdure, publicam-se romances demais e os críticos de jornal quase nunca distinguem nada, mas pelo menos é possível. O que é certo que não sobreviverá são nossas pesquisas e interpretações que só interessariam a um eu futuro arqueológico, como posso dizer, a um nós repetido que não vai ocorrer; nem nossa erudição cada vez mais impessoal e supérflua, com esses computadores que roubam, engolem e armazenam tudo, e depois soltam para o primeiro iletrado que sabe apertar uma tecla. Hum. Não me agrada. — Rylands plantou a mão em seus brancos cabelos de merengue sem se despentear, como se quisesse proteger seu cérebro arcaizante do futuro entrevisto que lhe dava pena, no qual não haveria lugar para alguém como ele, e com isso estava certamente conformado; mas tampouco haveria para gente como Ian, mais jovem, ou Eric, mais ainda, e os dois com muitos anos pela frente na ativa, e isso devia lhe parecer violento demais, uma amputação ou um sacrifício. — Não me agrada. Hum. Hoje em dia nem sequer há muitos que leem nossos textos carregados de esforçadas notas e exegeses, e a

maioria desses leitores são colegas ressentidos que se aproximam deles com maus olhos, para objetar, rebatê-los ou plagiá-los se tivermos sorte. Para nos desprestigiar em vida, mortos não vale a pena. De modo que procure antes não deixar ninguém de nós fora do seu romance: poderia privar algum de nós da imortalidade, e isso sim seria imperdoável, não acha? Você só deve temer, creio eu, a fúria dos que vai deixar sem posteridade literária. Ta, ta, ta. Já pensou? Gente como nós, daqui a um século, pesquisando sobre nossas pessoas. Ta, ta, ta. — Rylands ria com frequência de seus próprios humorismos.

Eric e Ian riram também, com seus risos consonantes aspirados. Ian Michael escrevia seus romances policiais com um inspetor chamado Bernal, mas só pretendia divertir-se e ganhar dinheiro no Japão com eles (ao que parece o truque consiste em ter cinco ou seis que repitam o personagem, e logo o sucesso e o público fiel vêm por si mesmos, principalmente no Japão com seu fã-clubismo repetidor, segundo contam), não esperava passar para a história da literatura. Nem eu com os meus, não policiais. Ou talvez sim, não é fácil dizer. Não, é outra coisa o que pretendo.

— Por esse lado não me parece haver perigo — respondi a Toby.
— Se só depender de mim, temo que todos vocês continuarão sendo mortais.

¹ Em espanhol, o j tem som de h aspirado. (N. do T.)

Tenho de fazer um inciso — este é um livro de incisos, só que avança também com eles — para reconhecer que a ideia de Toby Rylands me serviu em algumas ocasiões para persuadir e mercadejar com ela. Durante a própria escrita de *Todas as almas* certo dia convenci Francisco Rico do que aquela eminência neozelandesa havia dito zombeteiramente no jardim de Ian Michael olhando para o rio. Paco Rico era então para mim “o professor Rico, homem de grande saber”, esforçadamente displicente, descaradamente pretensioso e simpático contra sua vontade. Um homem animado que gostava de cercar-se de acólitos (portanto assim fazia). Em certa ocasião, porém — talvez tenha sido em Vitoria —, consegui deixá-lo deprimido mostrando-lhe como todo o seu prestígio e afetação professorais, sua possível auréola de real acadêmico — preparava sua candidatura — e seus muitos e aclamados escritos críticos estavam destinados a durar apenas tanto quanto durasse ele. Viria depois gente por definição mais competente, com mais informação e métodos de trabalho aperfeiçoados, indivíduos que talvez conseguissem verificar tudo, por exemplo, sobre o Lazarillo de Tormes ou sobre o Quixote e que tornariam antiquadas suas interpretações e achados ou até ridículos por serem ingênuos — todo o passado parece ingênuo — ou ignorantes de novos dados fundamentais. Em compensação, disse-lhe, pode-se afirmar que todos os romancistas atuais — até o mais inepto, o de Manzaneda de Torío ou o de Quicena entre os espanhóis; não, sem dúvida, o de Las Palmas — somos em certo sentido superiores a Cervantes, quando mais não fosse por conhecermos Cervantes, desfrutarmos seus ensinamentos e contarmos com ele, e além disso sabemos quem veio depois, o que nos dá grande vantagem em teoria; e no entanto nenhum de nós é superior a ele, nem nossa existência nem nossas páginas apagam

ou anulam as dele, que continuam sendo estudadas e lidas sem caducarem; esse é um campo em que o tempo acrescentado não presta ajuda ou não serve para melhorar nem descartar o que veio antes, talvez o único terreno em que o tempo passado não é tempo perdido mas na realidade ganho: não por nós, indivíduos, que o perdemos sempre, mas por nossas intenções e pela obra que fizemos, se é que ela dura no tempo. Hoje ninguém dá importância ao que escrevemos, mas há uma possibilidade remota de que pessoas como o próprio Rico o façam daqui a muitos anos, ou como Rylands ou Michael ou Southworth; e isso não acontecerá nunca com o que o próprio professor Rico está dando hoje para imprimir, ainda que tenha grande valor e mérito.

— É possível — eu lhe disse — que você seja mais lembrado por ter aparecido como personagem num romance tão duradouro que seja rastreado até o infinito do que pelo que está em seu alcance conseguir com sua aplicação, seu talento exegético e seus saberes acumulados.

De início o professor mostrou-se displicente, como lhe cabia, e até um pouco ressentido.

— Bah — disse com uma careta altaneira —, eu já saí num romance, ainda por cima como protagonista absoluto, o personagem principal e dominador, o desencadeante da ação e sobretudo da paixão. Um romance inteiro escrito contra mim por uma mulher para dar vazão a seu rancor, coitada.

— Ah, sim, já li — respondi, o que pareceu surpreendê-lo e mais ainda lisonjeá-lo (“Ah, é, leu?”, escapou-lhe com irrefreável ilusão, o que me fez pensar que Rylands estava certo). — Mas não o deixou nada bem, o que aliás é natural, tratando-se de um ajuste de contas. Também não estava muito reconhecível, fisicamente embelezado para que fosse mais compreensível aquela absurda paixão. Creio até que era mais alto. Quanto ao móis, um personagem odioso e banal, se bem me lembro, professor. *Papier mâché*.

O professor ainda teve energia para defender seu cometimento, não é homem de se render com facilidade, só quando se aborrece de discutir.

— Não seja impertinente, jovem Marías. Ela me pintava feio, mas em todo caso dava para ver que tinha sofrido muito por mim, e isso me faz interessante. Ou não?

“Jovem Marías”, era como me chamaram por um bom tempo o sr. Juan Benet e algumas pessoas amigas, para me diferenciar do senhor meu pai, também escritor embora não de ficção. Imagino que dentro de quarenta anos ainda haverá alguém que ao me ver entrar num salão dirá “Aí vem o jovem Marías”, e quando os outros se virarem darão com um ancião de oitenta e cinco anos, estou afeito à ideia e até à cena, o que se há de fazer, tanto podem os nomes. Agora Rico me chama de “Javier” e eu o chamo de “Paco”, mas então nos conhecíamos menos e éramos outros, “o jovem Marías” e “o professor Rico, homem de grande saber”.

— Não muito — retuquei —, fazer sofrer é a coisa mais fácil do mundo, está ao alcance de qualquer um, do maior idiota, do maior casca-grossa, do homem mais prosaico e da mulher com menos mistério. Na verdade todo o mundo faz todo o mundo sofrer, pouco ou muito mas sempre um tanto, até os que nos ajudam e se preocupam conosco, para isso basta o convívio. E há que levar em conta a repugnância do outro, que às vezes aparece e sempre faz sofrer, não é mesmo? Mas não é esse o problema, nem se fazem você mais interessante ou não como personagem. O importante é sê-lo num livro imortal, se é que hoje tal coisa pode vir à luz; nem que saia pintado como um desalmado, um tacanho ou um grosseirão. É melhor não arriscar essa sorte, porque assim ficará retratado até o fim das letras, mas pior ainda é não sair. Pelo menos é o que acha um professor meu estrangeiro. Diga, você acha que esse seu romancezinho vai perdurar?

O professor ficou pensando uns poucos segundos, não porque duvidasse da resposta, mas sim da conveniência de dá-la. Ofegava com seus lábios como que de borracha, que faz se moverem sem pausa.

— Francamente — disse por fim —, tenho certeza de que nenhum leitor voltará a se lembrar dele quando o devolver à estante. Isso se for até o fim. Achei estranho que você se lembrasse dele.

— Já não me lembro muito, e só porque conheço você, professor. Aí está — falei. — Você precisa de um autor mais sólido, com maiores possibilidades de permanecer. Não é que eu veja muitas em mim, mas afinal não seria mau você ir pondo suas fichas em números mais promissores. — O professor é tão deliberadamente vaidoso que só se consegue estar bem com ele sendo manso como seus acólitos ou opondo-lhe outra vaidade, nem que forçada ou falsa: ele a recebe bem e sente-se à vontade, em terreno conhecido, e nela vê um convite para desatar a sua, em certas coisas tem um espírito infantil que fica sobremaneira reconhecido. — Vou lhe propor uma transação.

Rico ajustou os óculos com o dedo médio e olhou para mim de cima para baixo franzindo o nariz como um daqueles contadores de viseira.

— Vejamos que transação é essa, jovem Marías. Aviso-lhe que, a meu critério, você ainda não tem grande coisa a oferecer. O mesmo que disse de sua vaidade pode se dizer de sua impertinência, não levará a mal a do outro se este lhe consentir a dele sem ficar logo rígido.

— Estou escrevendo um romance no qual não me custaria nada fazer você sair, já que você reúne as qualidades necessárias.

— Ah, sim, e como é isso? — perguntou interessado, e em seguida corrigiu-se para se fazer de desinteressado. — O que pode fazer alguém como eu num romance seu, hein? Por acaso está escrevendo sobre sábios? Sobre sedutores? Sobre luminares? Não me parece plausível.

O professor me divertia, quase sempre me divertiu com seu grande saber, menos uma vez ao telefone.

— Mais sobre sábios do que sobre sedutores respondi. — Vejamos: o romance transcorre em Oxford, e nada me seria mais fácil do que fazer aparecer um elegante professor espanhol visitante, convidado a pronunciar uma conferência, por exemplo.

— Uma aula magistral e possivelmente inaugural, você quer dizer. Algo extremamente erudito e estimulante, por exemplo, sobre a Casa do Príncipe do Escorial ou sobre o *Libro del caballero Zifar* — contribuiu com convicção. — Um homem muito distinto e de verbo

deslumbrante, não é? Os colegas de Oxford bebem cada uma das suas palavras como se estivessem ouvindo uma revelação, não é? E bem-apegoado, *ça va sans dire*.

— Deixe que eu construo o personagem e a cena, professor, e não me venha com estereótipos você também. Talvez com esse romance de amor você tenha tido o adequado e o justo, e tudo isso seja perda de tempo. Os colegas de Oxford nunca beberam as palavras de ninguém, iria contra os princípios deles. Apenas as toleram. E, além disso, aula inaugural de quê?

— Do curso, naturalmente — respondeu o professor abrindo as mãos na altura dos ombros para sublinhar o óbvio. — A abertura do ano letivo para toda a Universidade. Nada de me limitar ao departamento de espanhol e português, cuidado, hein, migalhas não. Michaelmas é o nome do primeiro trimestre lá, não é? Para a inauguração desse Michaelmas de vocês, então.

Já que era para sermos pedantes, corrija-lhe a pronúncia, neste caso esse “Michael” se pronunciava como se fosse à basca, “Míkelmas”.

— Míkelmas — falei. — Professor, não seja ambicioso e absurdo. Para isso você teria de dar sua aula em inglês, e então não seria muito magistral, temo que seus saberes não vão tão longe, nem mesmo os do seu possível personagem de ficção. Além do mais, você ainda não o ganhou.

O professor Rico freou seco suas aspirações. Era indubitável que a ideia o havia atraído e o tentava, a brincadeira da ideia pelo menos. Compôs umas expressões chamativas com sua boca elástica e recuperou sua displicência natural:

— Ah, sua transação. — Mas depois abandonou a dissimulação e seu interesse voltou, um homem impaciente demais para a hipocrisia e para regatear. — Bem, que papel eu teria? — perguntou como se se tratasse de uma interpretação.

— Pouco, por enquanto pouco, professor. Poderíamos nos pôr a prova desta vez e, se ambos ficarmos satisfeitos, quem sabe o que poderiam trazer os livros futuros. Por ora, um papel pequeno, um personagem secundário, anedótico mas lúcido.

— Anedótico, eu? Anedótico, eu?

— Não, você não, o personagem do romance. Como você há de compreender, não vou mudar meu livro de cabo a rabo para transformá-lo no protagonista. Não estou desesperado, compreenda.

O professor Rico murmurou algo ininteligível, como se sua rápida figuração o tivesse iludido tanto que agora o contrariava muito renunciar a uma parte dela.

— Ertsz — resmungou algo assim.

— O quê? — perguntei eu.

— Nada, nada. — E continuou balbuciando, um pouco como se fizesse cálculos mentais. Ajustou os óculos, arregaçou um pouco as mangas do paletó e por fim voltou a falar com clareza, melhor ainda, com resolução, como quem aceita uma aposta de pôquer e diz “Vejo” ou “Vou”. — Muito bem, jovem Marías, deixemos de prolegômenos e vamos ao que interessa. O que vai me pedir em troca? Aos fatos.

Agradei-lhe a confiança e me senti como um traficante de falsa imortalidade.

Não vou contar o que lhe pedi, só vou dizer que ele julgou razoável para uma experiência, aceitou e não cumpriu. Chegada a hora, aduziu frivolamente não ter ficado muito contente, nem com o comportamento do personagem nem com a similitude nem com a extensão dedicada a ele, embora tenha reconhecido ter-se visto com agrado em algum detalhe indumentário e dois ou três adjetivos. (No entanto soube por outras fontes que ficou contente sim e até orgulhoso, sobretudo porque seus conhecidos comentavam com ele a breve aparição ou ponta, ao que parece com inveja: Toby Rylands continuava tendo razão.) Não levei essa sua atitude em conta, afinal ele tivera a gentileza de me conceder algum crédito numa posteridade hipotética, eu tinha me divertido e o personagem em questão — anedótico — só parcialmente se inspirava nele, embora tenham sido muitos os que quiseram ver naquele professor del Diestro um retrato acabado de dom Francisco Rico Manrique, o que também não era o caso (ele nunca visitou Oxford durante minha estada). Eu o fiz aparecer numa discoteca, conforme reza o texto, “o famoso professor del Diestro, o maior e mais jovem especialista

mundial em Cervantes, segundo ele mesmo, e inevitavelmente conhecido em Madri (segundo as antipatias) como o destro del Diestro ou o sinistro del Diestro¹, que, convidado por nosso departamento, nos daria uma conferência mestra e destra na manhã seguinte. Eu o conhecia por fotografias”. E se acrescenta em sua apresentação: “O professor, homem distinto, petulante, de quarenta e tantos anos, camisa Ferré e uma calva muito bem composta (“Um professor espanhol distinto”, pensei admirado ao vê-lo e entendi seu sucesso), já beijocava e se deixava beijocar por uma das moças mais gordas.” Como se pode verificar, eu o compus distinto, famoso, jovem, odiado, homem de sucesso, com camisa italiana de grife, erudito e sedutor. O professor não devia ter se queixado, apesar de eu finalmente não lhe ter permitido inaugurar o curso em mau inglês diante do pleno da Universidade de Oxford, lá por Michaelmas, ou antes, Míkeltas.

Anos depois, quando estava escrevendo meu romance seguinte, que acabou se chamando Coração tão branco, certa manhã conversei com ele por telefone e, ao mencionar esse novo livro, me perguntou sem rodeios:

— Saio nele? Achei seu descaramento tão engraçado que não vi inconveniente em lhe fazer uma oferta imediata, e ainda por cima sem nenhuma transação desta vez.

— Quer sair? — falei. — Ainda há tempo. Não me falta muito para terminar, mas comecei um capítulo em que há um personagem que poderia muito bem transformar-se em você, quero dizer no professor del Diestro. Pensando bem, trata-se de uma cena em que você seria perfeito para mim.

— Eu perfeito para você? Eu para você? Não seja tão pretensioso, eu não posso ser perfeito para ninguém. Por quê? Que cena maliciosa é essa? — É um homem levemente desconfiado.

— Bem, digamos que posso introduzi-lo sem que o livro se ressentia com isso, ao contrário, poderia até ganhar.

— Mas desta vez quero dar meu nada contra. — Já havia transformado seu pedido em exigência. — Vejamos, o que vai dizer de mim?

— Bem, talvez já lhe possa ler alguma coisa. — A cena estava parcialmente escrita, de modo que peguei uma página e li. — Vejamos, aqui se diz: “De repente, à sobremesa, caiu durante alguns minutos no mutismo, como se lhe tivesse sobrevindo o cansaço de tanto frenesi e enaltecimento ou tivesse mergulhado em pensamentos tenebrosos, talvez fosse infeliz e tivesse lembrado repentinamente” — Fiz uma pausa. — Então, interessa?

O professor Rico não respondeu de imediato, mas logo fez sua concessão.

— Não está mau, não me desagrada. Gostei do enaltecimento. É melancólico, o personagem? Parece que sim, porque ficou absorto em seus pensamentos, não é?

— Sim, ficou absorto, professor. — Em pensamentos tenebrosos, não é? — Sim, muito tenebrosos, professor. — Vamos ver, leia mais. O professor Rico não é lá muito melancólico, talvez por isso lhe interessasse tanto parecê-lo na ficção.

— Tudo bem. Mas só mais umas frases: “Em todo caso, aquele homem tinha de ter talento, para passar tão de repente de uma expressão suficiente a outra de abatimento sem parecer fingido nem insincero. Era como se dissesse: “Que importância tem tudo isso?” — Parei. — Então, ficou tentado?

— Isso do talento está muito bem observado — respondeu —, mas podia trocar por “gênio”. Já manifesto, não acha?

— O gênio é mais difícil de perceber, professor Rico, e o narrador mal conhece o sujeito.

— Não o chame de “sujeito” — repreendeu-me. — Leia mais um pouco, vamos.

— Professor, não vou ler tudo agora. Diga se quer sair ou não. Só há este papel disponível, e vou avisando que posso dá-lo a outro.

Paco Rico guardou silêncio por uns segundos. Depois quis uma confirmação.

— “Como se dissesse: “Que importância tem tudo isso?” Foi o que você disse, não é?

— Sim, professor. “Que importância tem tudo isso?” — Gostei disso, sabe. Às vezes é o que penso com desalento, sabe — falou em tom nada desalentado. E acrescentou, como se o interesse e a

ideia de pô-lo no romance tivessem sido meus: — Em frente, dou-lhe vênias por enquanto.

De modo que durante uns dias continuei minha cena com o professor del Diestro já incorporado com seu nome e suas características, traçado em consonância com o de *Todas as almas*. Tinha maior desenvolvimento e bastante diálogo — já não era anedótico, mas pelo menos episódico —, ao longo de uma cena dominada por ele, pensei que dessa vez Paco Rico ficaria satisfeito. No entanto, eu já me aproximava da conclusão do capítulo quando recebi um novo telefonema seu de Barcelona, onde ele mora.

— Escute uma coisa, jovem Marías — disse-me sem preâmbulos. Embora tivessem passado alguns anos, ainda não havíamos abandonado os tratamentos irônicos. Só o fizemos quando da morte do amigo comum através de cujos olhos tínhamos conseguido ver um ao outro com simpatia, senhor Juan. — Pensei que não quero sair nesse romancezinho seu como professor del Diestro nem nada. Se sair, quero ser eu mesmo.

A princípio não entendi. — Você mesmo? O que quer dizer? O professor se impacientou. — Eu mesmo, Francisco Rico, com meu próprio nome. Que saia Francisco Rico, não um ente de ficção que se pareça com ele e o parodie.

— Mas é que del Diestro também não se parece tanto assim, não é idêntico a você e eu teria de alterá-lo. Talvez Rico não dissesse coisas que ele faz ou diz, não todas, e o personagem e sua função já estão delineados. Não vou mudar a história para adequar a você esse indivíduo, acho que você compreende. Além do mais, como vai aparecer uma só pessoa real no meio de todos os outros entes de ficção, como você os chama? Não ficaria bem.

O professor estalou a língua uma ou duas vezes, chateado. Ouvi com clareza, quase me perfurou o tímpano.

— E por que não? Isso é uma bobagem. No seu romance aparecerão lugares ou instituições reais, não é? Alguma deve haver, não é?

— Sim, aparece a ONU, o Museu do Prado... — Pois então — ele disse. — Então o quê? — Quero ser como o Museu do Prado. Não pude evitar de rir e responder o que respondi: — Professor, ninguém

põe em dúvida seus grandes méritos, de fato você é insigne, mas não sei se isso não é querer demais, principalmente em vida. Talvez ao morrer você consiga um busto.

— Não seja idiota, jovem Marías — respondeu com simulada irritação —, você sabe perfeitamente o que quero dizer.

O Museu do Prado você vai chamar pelo nome em seu romance, não vai dizer que alguém foi ao Museu do Campo ou ao Museu do Salto, imagino.

“Por que do Salto?”, eu me perguntei. — Não. Por que do Salto? — eu lhe perguntei. — Tanto faz, do Salto ou do Brinco, tanto faz. Do mesmo modo que o Prado é o Prado e não o Salto ou o Brinco, eu quero ser o professor Francisco Rico com meus atributos, catedrático da Universidade de Bellaterra e acadêmico da Língua — já tinha entrado —, e não del Diestro nem del Fieltro, nem nenhuma outra invenção ou ilusão, entende? Quero aparecer como eu mesmo, senão nada, eu me retiro.

Em todo esse troca-troca havia algo de gozação recíproca, mas a verdade era que o professor, amparado em nossa amizade, estava me impondo condições absurdas que ninguém nunca poderia fazer prevalecer. Com efeito, não se pode impor nada a um escritor de ficção, nem ele tem de pedir permissão para introduzir aí, na sua ficção, qualquer pessoa ou episódio real que conheça, e se decidir fazê-lo nada nem ninguém o poderá impedir. Não somos gente de confiança e há desalmados entre nós, creio que eu não o sou. Com o professor tinha amizade e não ia contrariar seus desejos expressos. Tentei convencê-lo, mais que outra coisa para minha conveniência e comodidade. Não é fácil modificar um personagem de romance já imaginado e descrito, não se faz isso impunemente, a gente sente *regret* ou *rimpianto*, não há palavra espanhola exata para isso, talvez sejamos pouco dados nestas terras a lamentar o sucedido ou não sucedido, o que fizemos ou deixamos de fazer, sabemos mais do rancor. Não é fácil nem mesmo trocar o nome de um personagem. (A gente nunca se esquece do primeiro, que tirou e ninguém mais conheceu, como a mãe nunca se esquece do que destinava ao filho nascido morto e pelo qual nunca pôde chamá-lo em voz alta, o filho que ninguém mais conheceu.) O professor de

Coração tão branco já era como era, e além do mais eu teria de repetir à máquina o capítulo inteiro com seu novo nome, adoro as rasuras mas detesto-as na versão final e não tenho nem utilizo computador. Uma chatice.

— Então vai ter de ser nada, porque o que você me pede, professor, não dá, e sou o primeiro a sentir muito.

Paco Rico ficou calado, respirando silêncio. Talvez esperasse que eu cedesse. Sem dúvida estava contrariado, embora por sorte tudo nele dure pouco — não, não tudo, suas paixões duram, conforme fui vendo —, não é homem constante nem portanto ressentido. Não gaguejou.

— Pois neste caso tampouco poderá se chamar del Diestro — exigiu, e esta segunda exigência ainda mais absurda me deu o que pensar. Isso não se devia apenas a que agora tivesse resolvido implicar comigo. Del Diestro não era ele, já que ele era Rico com seus atributos e como tal queria aparecer, ele os diferenciava. E no entanto considerava que esse nome o assinalava, que poderiam entender que era ele sem ser ele de verdade, como se o precedente de *Todas as almas* o houvesse impregnado ou contaminado, e não seria mais possível evitar nem negar a identificação se personagem e nome fossem reiterados, prova disso era que se arrogava autoridade sobre este último para proibi-lo ou permiti-lo a mim, eu é que o havia inventado, não era dele, mas fazia-o dele, apropriava-se dele. Já não queria ser reconhecido em outro ou ter uma cópia, desejando figurar numa ficção mas não como ficção e sim como um inserto da realidade nela — um intruso. Talvez experimentasse agora o temor de ser totalmente fictício, revisitar e habitar para sempre um terreno no qual tudo é imutável até o fim dos tempos, ou antes, até o fim da imprensa. Pode-se compensar ou variar ou retificar na vida, enquanto o conto não se acaba com a morte que chega e encerra, sobretudo com o relato de ambas, vida e morte. O que se atribui numa ficção a alguém tem, em compensação, pouco ou nenhum conserto, não há virada de página nem emenda. Escrito está e se repete idêntico, sem compaixão nem esperança — a história é esta e estas são suas palavras —, contando ou dizendo a mesma coisa cada vez que se lê, se folheia ou se consulta, do

mesmo modo que a ação escolhida e congelada de um quadro jamais avança nem retrocede, e nele nunca veremos o rosto de quem foi pintado de costas nem a nuca de quem se retratou de frente nem o lado oculto de quem se ofereceu de perfil. Escrito está, a ameaça imemorial espantosa. Eu disse que o que de fato encerra não é o fim mas sim o relato desse fim e do transcurso prévio, o conto da vida e da morte, sejam estas fictícias ou também reais, e se a vida é fictícia nem sequer se necessita da morte, a escrita faz as vezes dela. Contar é o que mais mata e o que mais sepulta, o que fixa, delineia e gela nosso rosto ou o perfil ou a nuca, e ser contado pode equivaler a ver-se imortalizado para quem crê nisso e a ser morto em todo caso, eu mesmo estou me enterrando com este escrito e nestas páginas, ainda que ninguém as leia, não sei o que estou fazendo nem por que faço. (Pois para tanto é indiferente que alguém mais as conheça, basta que eu me conte um pouco, basta minha leitura.) Talvez o professor Rico tenha intuído então o que eu podia lhe fazer ao sepultá-lo em meu livro.

Tive de mudar de nome e redatilografar o capítulo, e o professor del Diestro de Coração tão branco passou a se chamar professor Villalobos, sobrenome de uma professora rabugenta do meu colégio, o Estudio da Calle de Miguel Ángel em seu número 8, em Madri nos anos sessenta, como del Diestro tinha sido escolhido por ser também o sobrenome de outra risonha, Carmen García del Diestro, a senhorita Cuqui, que se maquiava muito e fumava sem parar na sala de aula, ou antes, os cigarros manchados de batom se consumiam entre os dedos enquanto nos lia os clássicos com teatralidade entusiasta, fazia malabarismos com uma pesada pulseira que tirava e punha e às vezes jogava no chão marcando-os (pulseira e chão), assim como enfeitados equilíbrios para manter no alto a cinza que acabava caindo sobre seu casaco ou sua blusa quando a obra lida a obrigava a algum gesto violento, por exemplo apunhalava com veemência o ar ou o ombro de algum aluno preferido — saco de farinha, saco de carne. Que mulher engraçada, deve ter cem anos e me escreve com carinho e com o cigarro na mão de vez em quando, principalmente para me felicitar quando publico um artigo defendendo o fumo.

Mas o personagem já estava composto com elementos do caráter e traços de Rico, ou antes, com os do professor del Diestro do romance anterior. Não me senti capaz de modificá-lo ou renunciar muito a ele, de modo que talvez Rico esteja nele apesar dos pesares — ou Rico o ronda —, tanto que no final do capítulo eu disse, para afugentar a ideia de uma semelhança, que “quando ficava abatido e calado” o professor Villalobos se parecia um pouco com o ator George Sanders, um dos meus favoritos, a quem chamei em outra ocasião de “o homem que parecia não querer nada”. Rico não tem a menor semelhança com Sanders. Não sei se isso foi o suficiente para livrá-lo. Agora falei dele aqui com seu nome, e com seus atributos. Mas isto não é uma ficção, embora deva ser um conto.

¹ Em espanhol, jogo de palavras com o nome Diestro, que significa “destro”, com todas as acepções da palavra em português. (N. do T.)

Na primeira frase deste livro eu disse crer ainda nunca ter confundido — sim, ainda nunca, é deliberada a incorreção — a ficção com a realidade, o que não significa que às vezes não me custe, retrospectivamente, conseguir evitar tal confusão. Quero crer que a culpa é pouco minha, não sou responsável pelo fato de algumas pessoas reais terem começado a se comportar na vida como se fossem personagens de *Todas as almas* após sua publicação, nem de que alguns eminentes leitores com suposto conhecimento de causa dessem por certo na realidade o que se havia contado tão-somente num romance cheio de brincadeiras e exagero. Cumpre destacar o comentário feito poucos meses após a publicação pela vice-reitora, ou vice-presidenta, ou vice-chanceler, da Universidade de Oxford, que no meio de uma reunião docente solene ou cerimonioso conclave em que mais uma vez não intervieram os ambiciosos professores intrusos del Diestro nem del Fieltro nem Rico, afirmou estar lendo naquele momento “um romance muito interessante para melhor conhecer e aprofundar a psicologia da Subfaculdade de Espanhol”. Ao que parece houve murmúrios de certo alarme, ligeira zombaria e profunda e sincera estupefação — ninguém estava a par das secretas e agora presumíveis habilidades da dama com o castelhano, meu texto ainda não havia sido traduzido em nenhuma língua —, até que meu amigo Eric Southworth se permitiu tomar a palavra para sugerir à senhora vice-chanceler, ou vice-presidenta, ou vice-reitora, não sei, que se aspirava a estudar de perto a psicologia dos membros do departamento a que ele pertencia talvez fosse preferível que ela mesma os frequentasse ou então os fizesse serem visitados por um grupo de psicólogos diplomados e qualificados, e também homologados, e também contratados, em vez de fiar tão delicada pesquisa a uma leitura que sem dúvida seria “obrigatoriamente

oblíqua”, disse isso com a ambiguidade característica do lugar. (“O que quis dizer com isso?”, perguntei-lhe quando me contou. “Oh, não sei, o que quer que ela decidisse entender”, respondeu.) “Posso lembrar com o maior respeito à senhora vice-reitora”, prosseguiu naquele pleno, “que ela empregou uma palavra totalmente justa e que de modo algum deve perder de vista? Refiro-me à palavra ‘romance’. E talvez seja aconselhável não esquecer, ademais, que esse romance foi escrito por um estrangeiro”, acrescentou em tom de gracejo, já que Eric não é precisamente dos que fazem distinções nacionalistas. Conforme soube, a senhora vice-chanceler ficou desconcertada um instante e depois respondeu: “Oh, sim, o senhor tem razão, entendo a que se refere. Um estrangeiro poderia querer nos desprestigiar, não é?, ainda mais se é do Continente.” “Esse estrangeiro, senhora vice-presidenta, não é apenas isso”, tornou Eric, “é peninsular.” “Entendo”, concluiu com presteza e susto a vice-reitora, como se houvesse escutado uma palavra obscena sobre a qual devesse passar na pontinha dos pés e da qual fosse conveniente se safar sem demora. Ao que parece dois ou três professores da congregação, que se distraíam furtivamente com meu romance naquele momento, apressaram-se a esconder seus exemplares debaixo da toga.

Peninsular ou continental ou ambas as coisas ao mesmo tempo aos olhos ingleses, por sorte foram poucos os que em princípio levaram a mal minha visão enviesada e às vezes disparatada da cidade e da Universidade de Oxford. Embora eu tenha enviado imediatamente volumes dedicados a Ian Michael, Toby Rylands, à Biblioteca Tayloriana e, claro, a Eric Southworth, alguns estudantes que foram à Espanha nas férias da Páscoa de 1989 (o romance estava havia algumas semanas nas livrarias quando Eduardo Mendoza — bem subornado — lançou-o publicamente no dia 7 de abril) se adiantaram com pouco mérito ao desastroso serviço de Correios do meu país e, segundo a expressão de Ian Michael, se apresentaram em Oxford “com carroças carregadas” de livros meus, que distribuíram, emprestaram ou revenderam a preço abusivo com inesperada e inexplicável jocosidade, tanto que durante uns dias meus ex-colegas notaram de parte de seus alunos alguns olhares

de mofa ou escutaram alusões enigmáticas — e obrigatoriamente oblíquas — que não souberam a que atribuir. Não era essa, claro está, minha intenção.

O mais rápido em ler o livro — não por acaso é o mais curioso e o que mais se gaba de estar a par do que ocorre em várias cidades: Oxford, Swansea, Southampton, Madri, Vigo — foi justamente Ian Michael, o chefe do departamento, que me escreveu uma carta de Exeter College ante a qual suspirei aliviado quando comecei a lê-la e que devolvi a seu envelope com horror e rubor ao terminá-la. Nela, dizia-me amavelmente que *Todas as almas* lhe parecia meu “melhor romance até agora” e garantia não fazer a afirmação “por eu entrar ligeiramente nele, ou pelo morbo que todos aqui estão experimentando ao considerá-lo, erroneamente, um *roman à clef* (os estudantes, como John London e Huw Lewis, retornam ofegantes de Madri com tantos exemplares que possivelmente eles sozinhos contribuíram para seu esgotamento).” (Seu castelhano, como se vê, é excelente mas não perfeito.) Dizia tê-lo lido “de um tiro” até as cinco da madrugada e que agora voltava a lê-lo com mais detenção; falava do “entrelaçado dos temas contrapostos”, entre eles “o falso Gawsworth: o verdadeiro Machen” dando aquele por fictício; fazia outras observações de caráter literário e assinalava-me professoralmente “muito poucos solecismos, de escassa importância: são ‘avermelhadas’ as ruas?”, discutia minha visão, “ou cor de mel?”. Acrescentava um reparo de índole arquitetônica ou antes topográfica que me divertiu por sua erudição e minuciosidade: “Não me parece possível que o escritório de Clare Bayes” — a principal personagem feminina do livro — “dê para a Radcliffe Camera diretamente de *All Souls*, onde as únicas janelas de frente são da Codrington Library (serão as de Hertford, talvez?), já que Hawksmoor construiu uma parede falsa para completar *All Souls* do lado oeste, sabendo que Wren ou outro arquiteto ia construir algo interessante na praça para contrabalançar, ou complementar, suas torres neogóticas. Notei também a falta completa de referências à flora oxoniana que não atribuo à (para mim) aflição ou pobreza de quase todos os escritores espanhóis mas a seu desejo de apresentar uma cidade totalmente inóspita.” Aqui se enganava ou

era educado, já que, se não em outros aspectos (tantas vezes os inspetores do meu país me negaram a nacionalidade sintática: um país muito letrado, os inspetores escrevem muito e os fiscais da alfândega os aplaudem, e também vice-versa), no de “aflição ou pobreza” mencionadas eu me inscrevo com lauréis na tradição espanhola: exageradamente citadino e distraído como sou, não sei reconhecer nem um pinheiro. (Também não pinteí Oxford, acho eu, tão desagradável assim.) Serviçalmente me indicava um par de erros de impressão, depois dava algumas notícias, a mais destacada — ou a mais aflitiva — que padecia de um eczema alérgico desde que mudara de casa, abandonando o rio Cherwell, e tivera de instalar a mãe cega numa clínica particular do povoado de Freeland, “onde a mãe de Toby Rylands passou os últimos treze anos de sua vida”, dizia como se não pudesse evitar ver o paralelismo crescente entre a trajetória vital de seu predecessor e a dele, ou começasse a olhar o presente de Rylands como o vaticínio de seu futuro. (E na carta o chamava assim, “Toby Rylands”, pelo nome do romance, desta vez não sou eu quem o faz.) Não sabia ao certo se o eczema era um efeito psicossomático da renúncia à mãe ou ao rio, ou se se devia ao carpete do novo apartamento herdado de “uma radiologista ou cobalterapeuta”, talvez insinuasse que essa senhora havia irradiado malignamente arrastando-se pelos acarpetados assoalhos durante seu inquilinato.

O inquietante vinha no fim. Porque depois de ter assegurado que meu livro não era um *roman à clef*, o que lhe agradeci e me alegrou enormemente (pois não era, e poucos em melhor situação do que ele para distingui-lo), Ian Michael passava a me falar dos colegas do departamento chamando-os pelos nomes dos personagens do romance e obrigando portanto eu mesmo a fazer alguma cabala sobre a quem estava se referindo em cada caso. Assim, contava de Rylands que tinha ficado “muito contente com uma dessas falsas honrarias” — parafraseava aqui meu texto, que dizia “insinceras” — “que lhe chegou pelo correio”: um prêmio que trazia consigo quatro milhões de pesetas e a responsabilidade de dar uma conferência em Salamanca. Preocupou-me mais o que vinha em seguida: “Seu romance o irritou — dizem — e ele o jogou no chão antes de chegar

à metade.” E continuava distribuindo com alegria os nomes fictícios: “Eu mesmo vi Alec Dewar folhear às escondidas um exemplar que um aluno robusto que usava camiseta de jogador de rúgbi tinha trazido para ele; mais tarde, no refeitório do seu *college* gabava-se de aparecer num *roman à clef* continental,” “Cromer-Blake (o vivo, não o morto) acaba de voltar de uma viagem de leitura e talvez de prazer pela Itália.” “A reação de Leigh-Peele ainda não foi registrada.” O mais grave era a conclusão, e o que me deu maior desgosto. Se havia um personagem totalmente inventado em *Todas as almas* (isto é, que não podia ser identificado com ninguém real nem mesmo usando-se de má-fé ou mau-caratismo), era a principal personagem feminina, Clare Gayes, uma mulher casada, professora também, com a qual o narrador espanhol mantinha uma relação clandestina durante sua estada no que sempre foi para ele um território de passagem. Ian Michael, contudo, terminava dizendo para meu maior assombro: “Estou sempre em contato com Clare Bayes agora, já que também se mudou para uma rua vizinha à minha nova rua e cruza amiúde com ela, sempre anda muito carregada, como no romance. Continua sendo bastante agradável, mas perdeu atrativo. Não se sabe se tomou novo amante.”

Creio que enrubesci (eu sei que sim: vi-me refletido na tela da televisão, estava vendo um vídeo que não interrompi para ler a carta, *México dos meus amores* ou *Meu amor brasileiro* com Ricardo Montalbán, não sei, lembro que soavam inadequados os sambas enquanto decifrava a letra de meu ex-chefe oxfordiano, o único que tive na vida e que como tal não se portava, bendito seja), e é claro que me senti um tanto angustiado. Embora pensasse de qualquer modo responder-lhe por escrito e como convinha, liguei imediatamente para Ian a fim de que me confirmasse a tão inesperada e para mim deplorável fúria de Toby e dirimir logo seu erro com respeito à aventurada e perigosa ideia de uma Clare Bayes verdadeira. Mas quando o tive ao telefone — era de noite — preferi não indagar sobre a identidade da mulher que segundo ele havia perdido atrativo. “Santo céu!”, pensei enquanto via dançar já sem som não sei se o sedutor Montalbán ou o papagaio de chapéu Zé Carioca, “por culpa do meu romance agora há uma professora

em Oxford que dão por segura adúltera de adultério continental e até peninsular, pobre mulher que não o cometeu, ou não comigo, a ponto de esperarem que “tome’ novo amante após minha partida já bem distante, não o terá feito porque não terá tal costume; e, como sempre acontece nesses casos, ela será a única a não saber, ou talvez seu marido também, que será tido por como com intervenção estrangeira propensa ao desprestígio, que situação infortunada. Quem será ela?” Perguntei-me mas não sei se perguntei a Ian, embora não tenha podido evitar comentar de passagem que nunca houve nenhuma Clare Bayes, nem equivalente, durante minha estada oxfordiana, numa frágil tentativa para salvar a desconhecida da calúnia e das fofocas. “Não?”, limitou-se a responder, e era óbvio que não estava acreditando em mim. Lamentei muito que essa mulher, quem quer que fosse, se tornasse objeto de mexerico naquela cidade tão murmuradora por culpa indireta minha, e que portanto estivessem pondo em juízo não apenas sua reputação, mas também seu bom gosto. (E, quem sabe, também o meu. Reputação não tenho nesse campo.) Posso assegurar aqui que durante meus anos de Oxford vivi muito castamente, pelo menos no que se refere às mulheres nativas, que de modo algum me pareceram “muito pudicas”, como disse certa vez Miriam Gómez que algumas delas podiam ser (disse isso com sua nunca ofensiva fala cubana e diante de seu marido Cabrera Infante, que guardou silêncio, ambos vivendo fazia trinta anos em Londres). Também, caí com horror na realidade, estariam pondo em dúvida a altura de propósitos e a desenvoltura dessa professora, já que de acordo com uma tradição convencional britânica deixar-se seduzir por um espanhol — é um dito — constitui o terceiro enrabichamento mais baixo e ao mesmo tempo mais ingênuo em que pode incorrer uma casada insular: o segundo é deixar-se seduzir por um italiano e o primeiro por um argentino. E o ruim é que em Oxford há muita gente com ideias convencionais tradicionais britânicas. Quanto prejuízo para essa infeliz a quem não desejo nenhum mal, pensei, devíamos ter mais cuidado com o que escrevemos, não apenas por isso mas também porque às vezes acaba acontecendo mesmo. Mas, se devo ser sincero — e não tenho por que sê-lo, do que talvez venha a falar

um pouco mais adiante —, também lamentei não a ter conhecido pois, se tinha perdido atrativo, isso significava que o tivera quando eu fazia parte transitória da cidade e da congregação. Ou não a terei conhecido? Em todo caso, e pelo visto, éramos verossímeis como casal furtivo, o que me provocou uma curiosidade indigna a que soube resistir: Tentei ver-me de novo na televisão, coisa difícil quando a tela está cheia de cores vivas: totalmente impossível ver um rubor nela com Zé Carioca, Montalbán, Pato Donald e Lana Turner no meio, de modo que só devo tê-lo notado no calor do rosto e na momentânea palpitação de uma pálpebra.

Quanto a Toby Rylands, o ex-chefe Michael me confirmou para minha desolação os rumores iniciais que corriam na Subfaculdade. Sem que se soubesse com certeza o motivo, parece que tinha jogado com força e enfado o exemplar do meu livro na grama do seu jardim, onde provavelmente ainda jazia àquela altura, esbodegado, empapado e arqueado pelas chuvas intermitentes e pelo sol fleumático, e mordiscado por algum cachorro — quem sabe um cachorro de três patas, escapado do seu dono. Ian supunha, disse, que Toby tivesse ficado irritado com a menção a suas passadas atividades na espionagem e demais correrias antigas — assim disse Ian em espanhol, “correrias”, é a classe de palavra que os estrangeiros cultos logo aprendem e gostam de usar; eu, que devo tanto a eles, apliquei-a a um deles, o bandido Deão de Canterbury, que estive a ponto de me deixar no limbo —, coisa de que o irritava que se falasse publicamente, ainda mais em letra impressa. “Mas o personagem não é ele, embora tenha tomado emprestado alguns de seus traços físicos”, protestei; “não há no romance uma palavra dita por Toby Rylands que eu um dia tenha ouvido Toby dizer, e eu não sei nem sabia nada dessas suas atividades”. “Não?”, limitou-se a responder de novo Ian Michael, que não acreditava nem um pouco no que eu desmentia apesar de ter visto claramente que não se tratava de um *roman à clef*. “Não”, insisti, “é a primeira vez que ouço falar nisso; apenas imaginei e fabulei, só isso.” A carta de Ian estava datada do dia de São Jorge de 1989, e essa conversa tinha lugar quatro ou cinco dias mais tarde. Fiquei preocupado com Toby. Ele é que tinha pedido para

aparecer como personagem do livro ou quase, embora o tivesse feito meio de piada, e agora se irritava com uma semelhança complacente e umas coincidências involuntárias. Não apenas eu lamentava sua ira que me desconcertava, mas além disso já podia me dispor a temer qualquer castigo dele à distância se ele julgasse que meu atrevimento, ou falta de, assim merecessem, não quis nem especular com as aberrações ignotas de que poderia me acusar se fosse o caso, práticas apenas existentes nos manuais. (Ainda que eu não tenha o menor interesse em dar cursos na América nem em nenhum outro lugar, meus dias docentes já terminaram, e, se bem que na época tais dias ainda corressem, a verdade é que eu apenas buscava convicção e pretextos para detê-los.)

No entanto, uma semana depois meu desgosto desapareceu em medida suficiente, também graças ao incrédulo I. D. L. Michael, o qual por causa dessas iniciais às vezes era chamado “Ideal M”, que se deu ao trabalho de telefonar cheio de excitação de Exeter College com o único e amável fim de me informar da conversa sobre meu livro que acabava de ter por fim com Toby Rylands na Senior Common Room da Tayloriana ou sala de professores com cafeteira elétrica de quebra. O que o aliviara era, de fato, o que Ian Michael havia suposto, seguramente sem se lembrar de que nunca chegara a me contar nada de concreto sobre seu recrutamento pelos serviços secretos nem de suas missões especiais em lugares exóticos nem de suas outras correrias, nem sequer me falara devidamente de seu gracioso príncipe acompanhado por ele nas farras. O volume tinha sido lançado de sua cadeira colonial de palhinha e havia repousado na mal cortada grama por nove ou dez noites e dias, depois dos quais, ainda um tanto intrigado com o que lera antes da interrupção colérica — espiava com inquietude e tentação o exemplar da janela, um pouco protegido por uma trepadeira perto da qual havia caído —, o salvara do verde, o limpou de resíduos de plantas e alisou suas páginas, começara a lê-lo outra vez desde o início e o devorara em poucas horas. Contive a respiração. “Gostou”, disse-me Ian após uma extemporânea pausa só concebível para prolongar minha aflição; “achou seu melhor romance até a presente data. Continua não gostando de que você

tenha mencionado o caso da espionagem e sobretudo do Haiti, mas diz que no fim das contas ele não deve se queixar, já que, segundo o critério dele, inspirou o personagem mais atraente de todos, o mais profundo e memorável, o de maior força e o que diz as coisas mais inteligentes. De modo que agora apropriou-se do personagem, e não me admiraria se logo o imitasse um pouco. Até me repetiu, como coisa original dele, uma frase dos seus diálogos.” Soltei a respiração aliviado e contente, entre outros motivos maiores porque me vi livre das possíveis acusações de depravações variadas que fazia uma semana eu vinha antecipando, balanismo, estrangúria, satiríase, nequícia, miccionismo, piromania; ou enfiteuse, positivismo, erotese, felo-de-se, manteigiosidade talvez, embora eu não saiba se algumas dessas palavras que passaram por minhas traduções correspondem a vícios (creio que não) e não vou verificar agora no dicionário; mas por sua sonoridade obscena ou sinistra mereceriam ser todas, sem exceção, perversões formidáveis ou degenerações irreversíveis. Teria me magoado ser chamado de enfiteuta.

Não pude evitar a curiosidade que desta vez não julguei indigna: “Ah, é? Que frase?”, perguntei ao ex-chefe. “Falávamos de meu eczema cobáltico e de alguns achaques dele quando de repente murmurou pensativo: “A quem pertence a vontade de um doente? Ao doente ou à doença?” Ou algo assim, não sei se citou verbatim. Citou verbatim?” “Não sei, não me lembro, não sei meu livro verbatim”, respondi fazendo eco a seu latinório britânico e ainda inquiri: “E o que é “o caso do Haiti”?” “Ah, não sei, você é que deve saber, se está no seu romance.” Eu não sabia nada do Haiti, juro, na vida passada dispersa e oculta de Toby Rylands. Podia ter dito Honduras ou Belize, Antigua como Montserrat ou Barbuda, tinha escrito Haiti porém, onde agora sobressaía que ele havia sofrido suas peripécias ou deixado marca de suas correrias, talvez fosse da ilha dividida o tal príncipe farrista. Abstive-me de contar a Ian — para que não fosse comentar com Toby, em Oxford há certa incontinência verbal da qual não se deve culpar muito seus habitantes, está no ar e as pessoas tendem a soltar no mesmo instante toda e qualquer informação que obtenham, todos se

expõem mas todos saem lucrando — que algumas das reflexões do Toby Rylands fictício obedeciam mais ao espírito de um dos anciãos mais agudos e afetuosos que já conheci, o poeta Vicente Aleixandre, que falava com frequência de suas enfermidades risonha e chistosamente para aplacá-las, chamava-as de “minhas chagas”; e outras reflexões eram inventadas. Preferia que, com o tempo, Toby se apropriasse de todas, se assim desejasse e o alento da memória lhe fosse propício; mais ainda, já são suas se as quiser, não mais minhas nem mais do poeta, são muito mais dele ou assim vejo, ele também era agudo, e afetuooso a seu modo, embora menos caloroso e mais punitivo e pungente. “Gostou de como você descreve o riso dele”, acrescentou Ian, “de modo que acho que contra os primeiros indícios nós o ganhamos para a causa.” Fiquei calado e ouvi o ex-chefe cantarolar uma melodia sem se dar conta, pareceu-me que era uma balada conhecida que conta a história ou fala dos Molly Maguires, a sociedade secreta irlandesa cujos integrantes se disfarçavam de mulheres para dar seus golpes e ser o terror da polícia e dos juizes até 1843, mais tarde voltou a brotar entre os compatriotas emigrantes da Pensilvânia, de tudo isso eu sei, não se cria, mais do que nada porque houve um filme sobre eles com o escocês Sean Connery. Ian Michael é galês mas o personagem do romance que mais podia se assemelhar a ele era irlandês, Aidan Kavanagh. “A causa”, pensei, e logo em seguida veio-me à memória a célebre e misteriosa citação, esta sim verbatim: “É a causa, é a causa, alma minha, não deixai que a nomeie a vós, castas estrelas: é a causa, e no entanto não derramarei seu sangue, nem assinalarei essa pele sua mais branca que a neve...” É o que se diz Otelo logo antes de matar Desdêmona que dorme seu sono inocente mas será despertada para conhecer sua morte; e quatro séculos depois de dizê-lo pela primeira vez ainda não se sabe direito que causa é essa que não se deve nomear diante das estrelas nem o que quis dizer Otelo com as enigmáticas e repetidas palavras: “É a causa, é a causa”, nem mesmo disse “Esta é a causa”. Ainda pensava naquela mulher desconhecida de Oxford que agora acreditavam adúltera por minha causa. Eu era ao mesmo tempo seu Cássio e seu Iago, seu falso

amante e o que instigou as suspeitas, não com meu sussurro mas com meu escrito, muito embora sem querer nem poder prever. “Tomara que ela não tenha um Otelo a seu lado”, pensei; “não deve ter, já não existem nestes tempos, pelo menos não na Inglaterra. Em compensação, há lagos por toda parte.” Mas não sei se pensei a segunda das três coisas só para me tranquilizar: “... e suave, como monumental alabastro; também assim deve morrer, ou trairá mais homens. Apaga a luz, e depois apaga a luz...”, continua Otelo e eu continuei recordando. “E então, como vai o carpete atômico?”, perguntei a Ian quebrando seu trautear absorto e meus pensamentos e citações. “Continua emitindo radiatividade em você ou só lança raios X para desmascará-lo?”

Sim, foi Ian David Lewis Michael que falou da “causa” no sentido menos provável em que Otelo utilizara a palavra — mas não importa. E assim viveu meu antigo e humorístico chefe a vida de *Todas as almas*, como uma pequena causa dele, coisa comovente para mim e que sempre lhe agradecerei (preocupou-se mais com o livro do que o receoso e bitolado editor deste, que com ele ganhava dinheiro, que contraste). Não apenas se tornou um defensor extremado do romance, mas acompanhou divertido e entusiasmado cada um de seus inesperados passos e sua carreira ainda inconclusa, e solicitou opiniões e reações onde pôde, tal como Eric Southworth, nunca pensei que numa cidade como Oxford, sobre a qual há tanta literatura boa e ruim faz séculos, a minha pudesse originar o menor alvoroço, eu esperava antes indiferença, mesmo que indiferença fingida. Talvez eu não tenha levado suficientemente em conta o fato de que é um lugar muito fechado e que se alimenta apenas de si mesmo, ao mesmo tempo senhorial, douto e provinciano, como minha outra cidade daqueles anos, para a qual voava aterrado sempre que podia, Veneza, num estado de expectativa febril e permanente aflição, ali talvez tenham me sucedido as melhores e piores coisas da minha vida, deixando de lado entre as piores as mortes das pessoas de que gostei e que morreram, em outros lugares. Não é necessário precisar como acabo de fazer, mas às vezes é bom precaver-se contra os chistes, ali onde não os admitimos, e sempre sabemos onde. Às vezes é bom precaver-se para não ter depois de matar com palavras.

O certo é que indiferença alguns não deixaram de fingir, conforme fui sabendo, mas os fingidores, como Alec Dewar, deveriam ter extremado as precauções e tido mais presente que em Oxford se espia tudo e todo o mundo e além do mais se conta. Não apenas Ian viu Dewar folheando o exemplar que o aluno vestido com uma imprudente camiseta para a época do ano havia lhe trazido, mas outras pessoas o surpreenderam lendo-o com minúcia e um pouco às escondidas, quando acreditava achar-se a sós na Senior

Common Room ou invisível num recanto da biblioteca. Ele, contudo, insistia em se fazer de desentendido com os colegas do departamento (“É mesmo? Um romance de Javier, em Oxford? Creio lembrar-me vagamente de que alguém me comentou algo a respeito, sim. Não, não li, estou muito atarefado agora com o Inca Garcilaso de la Vega”), provavelmente para não ter de se pronunciar ou para dar a ver que uma coisa contemporânea, fosse como fosse, não o podia afetar. Um colega de seu *college* me informou — e ele era a primeiríssima mão — que de fato alardeava no refeitório, nas *high tables* ou em jantares formais, para quem estivesse a seu lado, ter passado a ser um personagem romanesco na Europa — não disse “de romance” mas “romanesco”, sublinhou meu olheiro. Insociável deliberado e tímido involuntário, o bom Alec Dewar por fim dispunha de um tema de conversa original e exclusivo seu, no qual ele fornecia a notícia, dava as respostas às perguntas obrigatórias de cortesia, ilustrava ao interlocutor e pautava a conversa, em vez de aguardar que os comensais vizinhos se interessassem por ele e lhe dirigissem a palavra, coisa que nem sempre faziam, temerosos de seu caráter aparentemente severote até ranheta. “O senhor deve saber, meu amigo”, disse com indissimulada pompa a meu informante de Trinity, ou Christ Church, ou Corpus Christi, “que fui objeto e motivo central de um *roman à clef*, sabe o que é, ‘romance cifrado’ em francês, um desses livros em que o leitor não deixa de se perguntar atônito se será verdade, ou até que inacreditável ponto, o que o autor relata sobre personagens que não são, o senhor há de saber, mais que uma transposição ou representação reconhecível ou semirreconhecível de seres reais: reconhecíveis para os que conhecem, é supérfluo dizer. Há uma boa palavra espanhola para isso, o senhor não a deve conhecer, claro, não é fácil traduzir nem explicar, como todos os melhores vocábulos. Uma palavra muito interessante: *trasuntos*”,¹ concluiu após tomar impulso e ar e mudar de cara para pronunciá-la, espaçando com solenidade as sílabas e num tom de voz tão alto — parece que estridente — que quase causou um cataclismo na mesa e, claro, meia dúzia de sobressaltos (colheres disparadas no ar) e outra meia dúzia de engasgos. Meu olheiro era

um químico, e em Oxford há uma tendência — não de todo infundada — a crer que cada professor ou *don* é uma eminência e um luminar em sua especialidade ou campo, mas em compensação sofre da mais absoluta ignorância sobre tudo o que lhes é alheio, carecendo das mais elementares noções ao alcance de qualquer criança. O químico sabia o que significava *roman à clef* — era bem informado — e ficou irritado com que lhe explicassem; o mesmo não se dava com trasunto, e tive eu de lhe improvisar uma glosa que Dewar tratou de poupar-se: provavelmente, com seu espanhol fugidio e sempre mal memorizado, acabava de redescobrir a tão interessante palavra no Inca Garcilaso ou no dicionário: “Ah, sim? E o que se conta do senhor nesse romance estrangeiro, doutor Dewar? Alguma coisa que não devamos saber? Algo comprometedor? Algo picante?”, perguntou-lhe meu químico. E Dewar respondeu com orgulho, ou melhor ainda, com deleitação triunfal — a pele do seu crânio mais esticada que de costume e os óculos deslizando: “As coisas mais fantásticas, garanto-lhe, as coisas mais fantásticas. E o engraçado é que algumas são verdadeiras, ninguém as imaginaria. Enfim, é assim que são as coisas hoje em dia.” Não esclareceu o que garantia, o que é uma lástima, pois eu teria gostado de saber, como no caso de Rylands, em que eu tinha acertado sem querer nem procurar. Mas é possível — ou pelo menos desejável, e isso já justificaria meu livro para mim — que a partir de então o real trasunto do Magarefe ou Martelo fictício tenha despertado maior interesse entre seus colegas e vizinhos de mesa ou, o que seria preferível, maior apreço, pelo menos até a publicação do romance em francês, primeira língua em que foi traduzido e que todos os dons curiosos conhecem, inclusive os químicos.

Fred Hodcroft e John Rutherford tampouco fizeram comentários sobre *Todas as almas*, e talvez no caso deles a indiferença tenha sido autêntica; de qualquer forma ninguém teve a tentação de reconhecê-los em nenhum personagem nem de vê-los trasuntos em nenhuma página, o que poderia reforçar a conjectura anterior. Creio, no entanto, que Toby Rylands não tinha demasiada razão numa de suas predições e que nem Hodcroft nem Rutherford, por quem

tenho grande respeito e maior simpatia, se tenham incomodado ou ficado ofendidos por nem mesmo lhes caber o equívoco que coube a Ian, Toby, Eric, Philip Lloyd-Bostock, Alec. Dewar, Leigh-Peele, o beerrão Lorde Rymer, o porteiro Tom e até a *belle inconnue* adúltera, ou talvez *connue*, ou talvez nem sequer *belle* nem certamente adúltera, quem pode saber. E não só respeito essas pessoas relacionadas com a Universidade, mas também alguns outros oxfordianos que haviam deixado de pisar as salas de aula já em sua extrema juventude, lustros atrás, e com certeza as haviam frequentado tão-somente como alunos impacientes. Mas deles falarei mais tarde. Não creio que Fred ou John considerem ter sofrido algum dano ou sido privados de uma imortalidade literária que parece um tanto efêmera ou talvez já cadavérica.

De modo que pelo menos não recebi o castigo da indiferença prevista (muita não houve), e o romance foi, creio eu, mais um motivo de diversão e piadas do que de aborrecimento ou conflito para os que puderam lê-lo em espanhol assim que saiu, e de curiosidade passiva para os que teriam de esperar fosse traduzido na sua língua ou em alguma outra conhecida, como *Sir Ralf Dahrendorf*, o prestigioso ensaísta e atual *warden* de origem alemã do St. Antony's College, a quem pude enviar posteriormente, a pedido de sua secretária (não o conheço, mas enviei com prazer, estive subordinado precisamente ao St. Antony's sob outra regra), um exemplar em sua língua materna, que precedeu o inglês também na hora de se dar ao trabalho de abrigar meu texto, mais para satisfação doméstica dele, creio, do que literária. E, não sei se para me lisonjear bondosamente, tanto Eric como Ian me fizeram chegar a notícia de que em outras faculdades e nos demais departamentos da nossa, a de Línguas Modernas e Medievais ou Institutio Tayloriana, se manifestavam certos movimentos de inveja e até de represália por seus membros não disporem de um romance estrangeiro semelhante, que supostamente os retratasse ou refletisse, mesmo que discutivelmente, e do qual pudessem vangloriar-se diante dos companheiros de mesa nas intermináveis e competitivas *high tables* ou jantares elevados sobre estrado (ao que parece os das línguas eslavas eram os mais mortificados, os de

francês os mais insuportáveis). Se isso é verdade, imagino que a inveja obedeceria mais aos risos camuflados porém bem saboreados que detectariam em meus ex-colegas cada vez que o livro lhes desse uma nova notícia ou boato jocoso, do que à existência do livro mesmo.

E também houve um ou outro professor megalomaníaco que reivindicou seu lugar naquelas páginas, indivíduos que eu não conhecia ou com quem não havia trocado palavra mas que deram de assegurar — e jurar — que tinham servido de modelo indubitável para este ou aquele personagem, por mais anedótico ou indiferenciado que fosse. E, da mesma maneira, uma vez aberta a temporada das identificações, levaram-se a cabo umas quantas sem o menor fundamento, como a da amante de ficção Clare Bayes e atual misteriosa vizinha de Ian Michael: suspeitou-se, por exemplo, que por trás do beerrão *warden* chamado no romance de *lord* Rymer escondia-se o pobre e já emérito professor insigne Raymond Carr, por ter sido *warden* ou diretor de St. Antony's em minha época, ter-se ocupado profusamente da Espanha em seus premiados escritos e pela indeliberada aproximação consonântica entre o sobrenome do personagem e o nome de batismo do historiador (“de batismo” é modo de dizer): Rymer, Raymond, um absurdo (há tanto fiscal da alfândega e inspetor beerrão e espertalhão), principalmente porque houve na verdade uma outra leve fonte de inspiração para ele, um lorde verdadeiro, avermelhado, libertino e corpulento e efetivamente com um fraco pelo vinho (não que Carr não seja também um apreciador, mas não o confundam: é magro, e o lorde eu sempre vi trôpego; agora me dizem que morreu). Também consideraram — bem, foi o próprio Ian que alertou os outros, divertindo-se uma temporada com suas pesquisas e reconstruções — que o casal de alfarrabistas que aparece em *Todas as almas* como senhor e senhora Alabaster tinha de corresponder aos donos da livraria Titles, da Turl Street, que se chamavam Stone e cujo nome eu havia enobrecido portanto, fazendo-os passar da vulgar Pedra da realidade para o monumental Alabastro da ficção (“... nem assinalarei essa pele sua mais branca que a neve, e suave...”).

A megalomania ou a sede de protagonismo literário se dá de todas as formas com estranha frequência, sem que o caso se preste em nada para a confusão ou o álibi, como talvez ocorresse com esse romance por causa das coincidências já explicadas entre o narrador e o autor. Lembro que certa tarde me telefonou do Levante uma senhora, que eu vira brevemente um par de vezes, após uma conferência ou simulacro disso que fui dar na sua terra e numa cafeteria madrilena aonde fui para autografar-lhe um livro ante um insistente e incompreensível pedido seu, instantes em que não deu tempo de falar de nada pessoal, ou na realidade quase nada, de modo que eu ignorava tudo sobre ela. Pois bem, ela me ligou para dizer que havia lido o primeiro volume de contos que publiquei em 1990, de que ela gostara muito, inclusive o último relato, que achava “delicioso” — estranho adjetivo para aquela história atroz mas sem dúvida seu predileto, ouvira-o dela mais vezes —, “apesar de eu já ter compreendido que se refere a mim e trata de mim e, na verdade, é muito duro comigo”. Eu estava dançando *hucklebuck* com uma amiga quando o telefone tocou e ela não consentiu em parar nem em abaixar a música (é uma amiga muito dançadeira, uma vez em movimento é difícil freá-la, era Anna ou era Julia), de modo que achei ter ouvido mal e só consegui pedir-lhe confirmação de suas estupefacientes palavras, com a língua de fora: “Que trata da senhora? Disse que aquele conto trata da senhora?” Até aquele momento tinha se comportado sensata e educadamente, embora sempre achasse tudo delicioso. “Ah, você nega?”, retrucou a leitora levantina prestes a se enfurecer, e acrescentou imperativa: “Você quer fazer o favor de abaixar esse escândalo, não estou ouvindo nada.” As pessoas me chamam de você e me dão ordens com frequência, creio que faço piadas demais e não me dou ao respeito. “Você não vai negar que esse conto tem a ver comigo, não é? Não vai negar, Javier Marías.” Temo que tenha negado apesar de tudo, e talvez com não muito bons modos, seria lógico que tivesse negado. É o que acredito. O certo é que não quis investigar muito a esse respeito. O relato em questão é um dos escritos que mais me custou escrever. Tratava de um mordomo vingativo com o qual eu ficava um bom momento trancado num elevador parado entre dois andares

num arranha-céu de Nova York. O mordomo trabalhava para o rei dos cosméticos dali e sua nova mulher espanhola, havia também uma recém-nascida doente. Foi a primeira vez que fiz coincidir narrador e autor numa peça aparentemente de ficção, o narrador era eu. Não havia mais personagens, de modo que preferi não averiguar com quem minha interlocutora do Levante se identificava, se com a senhora, o mordomo, a recém-nascida, comigo mesmo ou com o elevador. Pelo menos me salvou de um louco e cansativo *hucklebuck* caseiro. Pouco depois mandou-me um telegrama do qual não se entendia nada, pois o texto era longo e poetizante e ainda por cima carecia de pontuação, suponho que lhe tenha parecido prosaico interromper tanto surrealismo metafórico com um ou outro “pt”. A única coisa clara era a insólita despedida: não assinava “sua escrava”, nem “sua serva”, nem mesmo “sua fâmula” ou “sua mercenária”, coisas embaraçosas mas com alguma tradição retórica epistolar, mas sim — muito mais contemporaneamente — “sua empregada”. Isso me fez pensar que com toda certeza tinha se identificado com o mordomo.

De todas as atribuições um tanto arriscadas e impossíveis produzidas em Oxford, se não a mais grave, a mais abominável e de mais mau gosto foi a de que padeceu meu amigo Eric Southworth, além do mais em letra impressa, dois anos depois da publicação do romance. No dia 16 de abril de 1991 escreveu-me uma carta em resposta a outra minha à qual eu havia anexado, para sua informação hispanística, uma necrologia do conhecido crítico e estudioso espanhol Ricardo Gullón, que acabava de morrer. Como já mencionei, quis identificar Eric com o personagem do romance chamado Cromer-Blake; que tinha excelente amizade com o narrador, estava doente e no fim morria. Por uma casualidade, os diários de Cromer-Blake iam parar nas mãos do espanhol, que os citava muito livremente um par de vezes, me desagradava o abuso desse recurso nas ficções. Mas, como também já comentei, era essa parte adolescente e fúnebre do personagem que em compensação se atribuiu a Philip Lloyd-Bostock, com quem tive muito menos contato mas que de fato havia morrido pouco depois da minha partida, após longa, indecisa e dissimulada doença. Era

de esperar, portanto, que Eric se visse livre pelo menos de maus augúrios e especulações desagradáveis, mas nem isso pôde acontecer: anexava-me uma xerox do Boletim da Associação Internacional de Galdosistas, com sede em Kingston, Ontario, no Canadá — apaixonante publicação sem dúvida, parece mentira que possa existir uma coisa assim e, além do mais, nada menos do que em seu “Ano XI”, segundo constava —, com seu índice e suas seções correspondentes. A sétima seção trazia a menção “Necrológio”, e sob essa epígrafe podia-se ler o seguinte: “Eric Southworth, St. Peter's College, Oxford University”. E abaixo: “Ricardo Gullón, Madri”. Apesar do tachado já oficial, o nome de Eric se via tão claramente como se vê aqui, algo estremecedor com que eu nunca queria voltar a deparar sem esse tachado, e em todo caso de péssimo agouro. Por sorte Eric é londrino, e não sevilhano ou gaditano, nem madrileno com uma avó cubana como eu, de maneira que não adotou medidas drásticas nem urdiu vinganças nem preparou conjuros (talvez tenha posto seus dois barretes de arcebispo um instante sem me dizer, borla verde e borla vermelha, seda e cetim). Tampouco decidiu, na tradição anglo-saxã, processar o Canadá, nem Ontario, nem Kingston, nem o Boletim, nem ao menos os Galdosistas, que teriam merecido por mais de um motivo, mas tomou seu efêmero falecimento com indubitável humor, como se depreende do que me dizia em sua carta: “A necrologia de Ricardo Gullón que você me mandou serve de introdução à curiosa necrologia que eu lhe anexo por minha vez, na qual, como verá, compartilho precisamente com Gullón a coluna de ‘mortes’, pelo que se pode dizer que não só eu já estava ciente da dele, mas que, segundo alguma pena impaciente ou tonta, teria apertado sua mão a caminho do além e até teríamos percorrido um trecho juntos, conversando inevitavelmente sobre meu romance favorito El amigo Manso, talvez até ele ter tomado a via do Paraíso e eu — digamos — o do longo Purgatório, onde temo que ainda deve estar penando por seus muitos pecadinhos o próprio Pérez Galdós. O catedrático de espanhol de Strathclyde telefonou para meu amigo Maurice Hemingway para lhe dizer quão terrível era eu ter morrido, acabava de ler a notícia no Boletim Internacional de Galdosistas. Maurice

ficou atônito, teve a precaução de ligar para mim a fim de comprovar que de fato eu continuava vivo e em seguida pôs-se em contato com o responsável pelo boletim, Rye, para assinalar seu erro. Assim, ao voltar da Itália, aguardava-me um exemplar do dito boletim com minha morte adequadamente suprimida — pós-publicação, talvez somente adiada — e com uma carta de abjetas desculpas do diretor. O que não se tira a limpo, todavia” — essa frase Eric escrevia em espanhol — “é como diabos passou pela cabeça deles a ideia de que eu tinha morrido, para começar. Minha primeira suposição foi que Rye estivesse se vingando de uma crítica que fiz de seu mais recente livro sobre Galdós matando-me em seu Boletim, e além do mais intencionalmente, mas agora me pergunto se a natureza não deve ser mais uma vez acusada de imitara arte e se a morte de Cromer-Blake em seu romance não terá sido tomada como garantia da minha. Na atualidade, uma das formas que os professores universitários norte-americanos têm de avaliar a si mesmos consiste em contar o número de vezes que seus nomes aparecem nas publicações de outros professores universitários (a “contagem de menções”, você pode imaginar os escandalosos favores mútuos e a inflação de citações injustificadas, que tornam tudo ainda mais ilegível). Assim, encanta-me a ideia de utilizar uma necrologia como meio para aumentar minha avaliação e meu ordenado. No fim das contas, não deixa de ser uma menção a mais, do meu não muito citado nome...”

BOLETÍN

"ROMANTICISM, REALISM AND THE PRESENCE OF THE WORD," MEDIA, CONSCIOUSNESS AND CULTURE, ED. BRUCE GRONBECK ET AL., NEW YORK: SAGE. (VERSIÓN COMPLETA "FORTUNATA Y JACINTA, MADAME BOVARY AND ORAL TRACE," LETRAS PENINSULARES.

"ON MONSTROUS BIRTH: LEOPOLDO ALAS AND THE INCHOATE," NATURALISM IN THE EUROPEAN NOVEL, ED. BRIAN NELSON, OXFORD: BERG, 1991.

LINDA M. WILLEM

"A DICKENSIAN INTERLUDE IN GALDÓS'S ROSALÍA," BULLETIN OF HISPANIC STUDIES.

"THE NARRATIVE PREMISE OF GALDÓS'S LO PROHIBIDO," ROMANCE QUARTERLY, 36 (1991).

"THE NARRATIVE VOICE PRESENTATION OF ROSALÍA DE BRINGAS IN TWO GALDOSIAN NOVELS," CRÍTICA HISPÁNICA, 12 (1990).

[6] OTRAS NOTICIAS

STELLA MORENO (CENTRAL WASHINGTON UNIVERSITY) PREPARA ACTUALMENTE SU DISERTACIÓN DOCTORAL SOBRE EL TEMA "LOVE, MARRIAGE AND DESIRE IN THE NOVELAS CONTEMPORÁNEAS OF GALDÓS."

A DIANE UFEY (ILLINOIS STATE UNIVERSITY) LE HA SIDO OTORGADA UNA N.E.H. FELLOWSHIP PARA QUE PREPARE UN LIBRO SOBRE LOS PRIMEROS EPISODIOS NACIONALES.

[7] NECROLOGÍA

[REUNCLAR] SOUTHWORTH ST. PETER'S COLLEGE, OXFORD UNIVERSITY.

RICARDO GULLÓN, MADRID.

[8] PRÓXIMO NÚMERO DEL BOLETÍN DE LA AIG

SE INCLUIRÁN EN ÉL:

A) COMUNICACIONES SOBRE LAS ENTIDADES Y PUBLICACIONES SIGUIENTES:

LA ASOCIACIÓN CULTURAL BENITO PÉREZ GALDÓS. (JOHN W. KRONIK)

EL CENTRO DE INVESTIGACIÓN "PÉREZ GALDÓS" DE LA FACULTAD DE CIENCIAS DE LA INFORMACIÓN, UNIVERSIDAD COMPLUTENSE, MADRID. ([REUNCLAR] DEL PILAR PALOMO Y JULIÁN AVILA ARRELLANO)

EL OMNIBUS GALDOSIANO. (PEDRO ORTIZ ARMENGOL)

EL CRUPO DE AMIGOS DE GALDÓS. (PEDRO ORTIZ ARMENGOL)

"GALDÓS EN MADRID, MADRID EN GALDÓS." (JULIO RODRÍGUEZ PUÉRTOLAS)

B) RESÚMENES DEL CONTENIDO DE LAS ACTAS SIGUIENTES:

ACTAS DEL TERCER CONGRESO INTERNACIONAL DE ESTUDIOS GALDOSIANOS. LAS PALMAS: CABILDO INSULAR DE GRAN CANARIA, 1989. I, 316; II, 569.

GALDÓS. CENTENARIO DE "FORTUNATA Y JACINTA" (1857-1957). ACTAS (CONGRESO INTERNACIONAL, 23-28 DE NOVIEMBRE). MADRID: UNIVERSIDAD COMPLUTENSE, 1989. PP. 669.

GALDÓS EN EL CENTENARIO DE "FORTUNATA Y JACINTA". ED. JULIO RODRÍGUEZ PUÉRTOLAS. PALMA DE MALLOCA: PRENSA UNIVERSITARIA, 1989. PP. 110.

Suponho que Eric, apesar de sua despreocupação, deve ter cruzado os dedos como o vi fazer muitas vezes por mais londrino que seja, e está claro que eu, por via das dúvidas, cruzei os meus, bati em várias madeiras, enrolei em mim uma réstia de alhos porque nunca me lembro para que servem exatamente nem como se deve pendurá-los ou manejá-los ou por onde passá-los, e, ainda que não fosse preciso nem estivesse almoçando quando li a carta, joguei sal nos ombros da camiseta que casualmente usava e que depois da lavagem encolheu à beça sem motivo aparente. Talvez isso tudo não tenha sido excessivo, por mais ignorante e desastrado que eu fosse na execução de minhas medidas supersticiosas falsas. Eric Southworth continua vivo (mas não seu amigo Hemingway, que ligou para ele já faz seis anos para comprovar justamente isso) e goza de boa saúde dentro do que cabe a alguém que trabalha muito e não renuncia a seus mais prazenteiros vícios menores. Mas o caso é que nos anos seguintes, cada vez que viajou para o exterior, sofreu algum contratempo ou acidente. Desmaiou no aeroporto de Orly, ao que parece em consequência da brutal intoxicação que lhe causou um almoço oferecido pelo diretor do Instituto Cervantes parisiense, e teve de ficar de cama por demasiados e alarmantes dias, já em Oxford; no aeroporto de Barajas perdeu por culpa de Barajas um avião para Santiago de Compostela e, sem poder voltar para a casa emprestada cujas chaves tinha devolvido, teve de arrastar por Madri um dia inteiro malas carregadas de livros que não houve meio de deixar em nenhum guarda-volumes — nosso aeroporto tão serviçal e acolhedor como sempre —, com grandes dores lombares, que sentiu na Galícia a ponto de obrigá-lo a suspender parte do percurso previsto de automóvel; atravessando o Sul dos Estados Unidos também de carro, ele e seu companheiro de viagem, Nick Clapton, caíram por doze horas nas mãos de uma absurda seita refugiada num vale ou num monte perto de Tuscaloosa, Alabama, faziam-se chamar *God's Trappers*, “Caçadores de Deus”, e por isso mesmo todos traziam na cabeça sem distinção de sexo anacrônicos gorros de caçador com rabo de castor de imitação, como Davy Crockett ou Daniel Boone: nem é

preciso dizer que caçaram os ingleses com uma armadilha, por sorte não eram violentos nem muito tenazes e soltaram-nos ao ver que não conseguiam evangelizá-los, mas também poderiam tê-los sacrificado a sua divindade caçadora como se fossem um par de lontras; e na Toscana Eric caiu num terrapleno numa noite mal estrelada causando-se fraturas múltiplas que o confinaram semanas a fio na enfermaria de um hospital italiano, como o do outro Hemingway de Adeus às armas. Essa queda, segundo os médicos, podia tê-lo enviado sem dilação ao Purgatório e do lugar adequado, com um pouco menos de sorte (*subito, addirittura*, assustaram-no em italiano), e um de seus ouvidos ficou afetado para sempre pelo tremendo golpe.

Em suma, creio que tudo é pouco, supersticioso ou não, para contrabalançar a maldição dos Galdosistas, tão internacional quanto seu Boletim, conforme se pode ver. E, ainda que depois de ter passado por tantas provas e saído com vida eu já vejo Eric fora de perigo, para não dizer invulnerável e imortal até, sempre que tenho oportunidade rogo-lhe que se dedique a conhecer melhor seu país e que procure ausentar-se o menos possível da Grã-Bretanha. Mas é um viajante fanático e não me dá ouvidos. Quanto à “contagem de menções”, é uma lástima eu não ser professor de nada, nem mesmo professor farsante (nunca fui de verdade, não em espírito, não fazia exames quando dependia de mim e nunca andei pelos corredores com séquito em torno), pois nesse caso as muitas menções que de Eric estou fazendo e farei neste livro o colocariam com toda a certeza, para minha grande alegria e merecimento dele, no mais alto da nada escrupulosa e bastante idiotizada hierarquia universitária.

¹ Cópia, reprodução, retrato fiel; ou, palavra que é pouco usual, transunto. (N. do T.)

Livrarias de edições raras ou sebos abundam em Oxford, poucos lugares são mais indicados para sua proliferação e prosperidade, uma cidade imóvel em que a metade de seus mortos possuem magníficas bibliotecas e com tanta frequência carecem de herdeiros, tantos homens e mulheres solteiros — mas principalmente homens — que passam seus dias de empréstimo rodeados de livros sem a menor preocupação com o que possa vir ou ocorrer depois deles — na verdade não lhes concerne —, quando seus alunos já adultos ou velhos não olharem nunca para trás de suas lonjuras dispersas e assim ninguém os recordar e tudo voltar a ser como se não houvessem nascido. Comprei nessas livrarias exemplares que pertenceram a eminências de diferentes campos, em suas páginas às vezes há a marca entintada de uma admiração ou de um comentário, ou de uma discrepância com o texto que seus olhos percorreram faz muitos anos, quando parecia que, então sim, tinham nascido e caminhavam pelas mesmas ruas que hoje não oferecem o menor registro de sua apressada passagem diária, seguramente com barrete e toga e na pasta esses livros, sem dúvida com o respeito e o cumprimento amável dos transeuntes com que cruzaram no tempo que se perdia assim que acabava de transcorrer, ou já perdido quando ainda era presente e transcorria.

Alfred Leslie Rowse, que estudou Shakespeare sem grande prestígio, fez anotações nas margens de um volume desconhecido e muito grosso de Henry James, *William Wetmore Story and His Friends*, que poucos mais terão lido; o maravilhoso helenista Gilbert Murray corrigiu de próprio punho e letra os erros de impressão de um de seus melhores títulos, *Five Stages of Greek Religion*, “Regius Professor of Greek in the University of Oxford”, Murray, o catedrático régio; o romancista Angus Wilson presenteou com um de seus romances o cineasta George Cukor, talvez quando este rodava *My Fair Lady*, “in the copy of my friend George Cukor”, assim lhe disse com sua pena rápida; alguém que esteve na Espanha e talvez no *front* levou para Oxford os poemas com fotos de *Viento del pueblo*

de Miguel Hernández em sua primeira edição condenada e quase extinta (*“Este libro se acabó de imprimir en Valencia en la Litografía Durá en septiembre de 1937”, las Ediciones Socorro Rojo*): seus exemplares foram guilhotinados pela mão dura de pedra e pelo que sei só restam seis registrados em todo o mundo, o meu seria o sétimo, todos eles começam com o mesmo verso, “Atravessa a morte com ferruginosas lanças...”, e todos contêm os outros sete versos do poema do título que parafrasearei nestas páginas; e outro especialista em Shakespeare mais venerado, John Dover Wilson, deve ter posto no correio em Edimburgo suas *Fortunes of Falstaff* que estão nas minhas mãos e que destinou um dia a um tal de Arthur Melville Clark of Herriotshall and Oxton, segundo o *ex libris* deste que ninguém descolou ao longo de suas ignoradas viagens, e não vou ser eu a fazê-lo, seu lema é “Blaw for Blaw”, forma setentrional ou escocesa para dizer algo que todas as línguas conhecem e às vezes aplicam, “Golpe por golpe”, também conheço isso e melhor ainda conheceram meu pai e sobretudo Miguel Hernández (“... e chove sal, e espalham-se caveiras”), seus golpes recebidos não metafóricos, suas prisões, os que eles puderam dar somente verbais (“O sol apodrece o sangue, cobre-o de insídias e faz brotar a sombra mais sombria”); e o poeta John Gawsworth deu um exemplar de seus *Collected Poems* a outro poeta, o escocês George Sutherland Fraser e, em 29 de junho de 1949, esta data ainda tão desolada na que seria minha casa quando eu nascesse, escreveu-lhe isto numa folha de guarda: “Para George, quase o mais traiçoeiro e sem dúvida o mais querido de meus Duques, Neruda”, foi este o extravagante título que o rei de Redonda concedeu naquele ano a seu amigo e ex-companheiro de armas no Cairo, o inútil sargento-mor Fraser, transformando-o assim em membro da “aristocracia intelectual” de seu reino ao mesmo tempo real e fantástico, com e sem território, mais uma ilha literária, mas esta pode ser folheada e consta em alguns mapas, minúscula, ativa e desabitada, embora em outros não se encontre.

Se não fosse pelos livros é quase como se não houvessem existido nunca nenhum desses nomes; se não fosse pelos livreiros que vez por outra resgatam, põem em circulação e revendem as

silenciosas e pacientes vozes que no entanto se negam a calar para sempre e de todo, vozes incansáveis porque não se submetem ao esforço de emitir som e ouvir-se, vozes escritas, vozes mudas e resistentes, como a que agora vai enchendo estas páginas um dia depois do outro, ao longo das muitas horas em que ninguém sabe de mim, não me vê nem me espia, e assim parece que não nasci.

Entre esses livreiros de Oxford contavam-se o senhor e a senhora Stone da insondável e agradável livraria Titles, em Turl Street, e graças às deduções de Ian Michael e à sua habitual incontinência verbal mais festiva que maldizente, assim que apareceu em inglês *Todas as almas* e portanto puderam dar-se ao trabalho de lê-lo como *All Souls*, souberam que eles também haviam saído retratados num romance, pelo menos segundo meu ex-chefe, cuja autoridade devia ser para seus concidadãos muito maior do que a que nunca consegui enxergar nele: o senhor e a senhora Alabaster, ela com um xale de lã rosa nos ombros e sentada à sua mesa diante de um gigantesco livro de contabilidade, ele bem vestido de roupa esporte e sentado num degrau de escada de mão que o narrador lhe tomava sempre para inspecionar as alturas: personagens que na realidade mais deviam a Dickens e a Conan Doyle que a qualquer ser contemporâneo e vivo.

Os Stone lembravam-se bem de mim, ou assim me disse Ian, que lhes foi com a história e um exemplar da edição inglesa na mão para tentá-los (talvez tenha lido para eles uns parágrafos), e embora isso acontecesse em 1992 não era de todo estranho que não me tivessem esquecido, já que durante meus anos em Oxford eu visitava o estabelecimento deles com frequência e o revistava de cima a baixo — havia um porão — com meus dedos magnéticos e as luvas postas para não me manchar em excesso com o pó impregnado, esse pó especial, pastoso, que as encadernações às vezes adquirem. Quando soube que os Stone haviam sido frivolamente informados da existência de seus supostos transuntos, preocupei-me um pouco, já que a senhora Alabaster, entre outras coisas, era assim dita no romance: “... era sorridente e autoritária, com um daqueles sorrisos ingleses que vimos os famosos

estranguladores dessa nacionalidade, no cinema, esbanjar no momento de escolher uma nova vítima.”

E do senhor Alabaster era dito, também entre outras coisas: “... era igualmente sorridente, mas seu sorriso correspondia antes ao da vítima anônima do estrangulador um pouco antes de saber que o será.” E ocorreu-me que essas observações podiam não lhes agradar se decidissem de fato ver-se representados pelo monumental alabastro, embora ambos os personagens, quanto ao mais, fossem tratados com humor e simpatia, pelo menos assim creio, se bem que nada do que eu creio sobre meus próprios textos tenha alguma importância, ou só tenha para mim e por instantes.





De modo que na vez seguinte que passei por Oxford — no verão de 93 certamente, ali me encontrei com minha amiga Mercedes López-Ballesteros — hesitei um bom momento antes de me atrever a entrar na loja dos Stone, temeroso de que, se me reconhecessem, pudessem lançar-me no rosto aquela descrição de outros seres se a tivessem feito sua, ou então impedir pura e simplesmente minha entrada com expressões doídas e acusatórias. Era certo que me reconheceriam. Eu levava um exemplar de *All Souls* para lhes dar

de presente, seria um gesto amistoso embora eles já o tivessem comprado e lido, como era bem possível após as alegres instigações de Ian. Lembro-me de que permaneci um instante dando voltas e matando tempo no mercado vizinho, o que me levou a adquirir um cacho de uvas, fiquei com desejo de uvas de repente. Encostado no balcão de um asqueroso açougue, folhee mais uma vez o livro em busca de elementos positivos. O senhor Alabaster era apresentado com “um certo ar de velho conquistador teórico (daqueles que a extração social ou um casamento precoce e férreo não deixaram provar seus encantos) que não fora abandonado nem pelo coquetismo nem pelo cheiro de água-de-colônia de seus anos menos hipotéticos”, e dizia-se que era “agradável”. Da senhora Alabaster se destacava “o olhar veemente”, mas também — ai — “os dentes encapsulados”, o que também podia acontecer que a senhora Stone — ai — tivesse, eu nunca os havia observado e me prometi fazê-lo agora. Que fossem livreiros não me garantia sua familiaridade e compreensão para com as mesclas, fabulações e justaposições da literatura, há livreiros curiosos e perspicazes como o senhor Bernard Kaye de York ou Antonio Méndez e seus Albertos da Calle Mayor de Madri, mas também conheço alguns que passam a vida inteira afastando de si o que vendem, , e não falemos de certos distribuidores que nem sequer sabem como se abrem essas mercadorias que vendem chamadas livros, ignoram que contenham folhas, e entre os editores há cultíssimos e até eruditos, como Gilles Barbedette, Laurens van Krevelen, MacLehose ou o velho Einaudi, mas também tive contato com um ou dois se não iletrados em todo caso elementares em cinco línguas, que só empregam para suas conversas cafajeste arrivistas internacionais (para mais que isso não têm vocabulário). Pouca gente mais capacitada do que os próprios professores de Oxford para entender o que é um romance e não requerer deste responsabilidades, e no entanto dois ou três deles haviam reagido como primitivos diante do meu, nada nunca é garantido. Pensei em me encostar num balcão de aves e ovos para escrever aos Stone uma dedicatória afetuosa e de passagem quebrar por acidente uns ovos com os quais lambuzar-me todo de clara e gema e assim lhes inspirar dó quando entrasse na livraria

feito uma pena gotejando líquido mole, mas logo descartei a ideia, receariam que sujasse o chão da loja ou os livros e me receberiam com cara pior ainda; Mercedes L.-B., com quem marcara um encontro para um pouco mais tarde na Titles, se ria de mim gostosamente, e além do mais eu levava minhas uvas num cone de papel, a possível mistura dos sucos seria sujeira demais.

Escrevi a dedicatória sincera mas um tanto bajuladora num balcão menos arriscado (o de uma repugnante peixaria) e me dirigi com passo lento para minha provação e para a livraria.

Entrei escondendo um pouco o rosto atrás do meu cone de uvas, lá estava a senhora Stone, como sempre, com seus óculos na metade do nariz e escutando a tela do circuito fechado de televisão (preto-e-branco) graças ao qual vigiavam os suspeitos que desciam para fuçar no porão, nos meus tempos eu tinha sido um dos mais persistentes. Neste dispositivo moderno, sim, os Stone coincidiam com os Alabaster, e foi sem dúvida o dado principal a orientar Ian Michael em suas intromissões, pesquisas e conjecturas aventuradas. Não vi o senhor Stone, o que lamentei, já que eram sobre seu falso gêmeo Alabaster os comentários mais lisonjeiros que encontrei em minha última e apavorada inspeção do livro. A senhora Stone ergueu os olhos ao ouvir a sineta, suponho que me reconheceu na hora mas não disse nada, seguramente considerava que cabia a mim cumprimentar primeiro. De modo que o fiz imediatamente, chamando-a por seu nome. “Como vai, Mrs. Stone? Não sei se se lembra de mim.” Ela fez como se hesitasse um instante ou tentasse trazer meu nome à sua memória, e com o artificioso gaguejo característico de muitos habitantes da cidade respondeu:

— Oh, sim, oh, sim, o cavalheiro espanhol. — E apontou para mim com a palma da mão virada. — *Mr. Márias, Márias*, não é? — E sorriu sem malícia, do que aproveitei para observar seus dentes, que me pareceram autênticos e bem-feitos, e isso me proporcionou certo alívio.

Trocamos mais umas frases antes de eu perguntar por seu marido. “O senhor Stone não está? Trouxe uma coisa para os dois.”

— O senhor é muito gentil, diga-me o que é — pediu ou quase mandou sem poder se conter. Mas emendou em seguida e acrescentou: — Sim, Ralph está lá embaixo, vou chamá-lo. Ralph, querido, quer fazer o favor de subir um momento! — gritou firme sua voz escada abaixo. — Está aqui o cavalheiro espanhol, o senhor Márias! Trouxe-nos um presente da Espanha!

Se Ralph Stone se encontrava no porão — nunca ouvira seu nome de batismo —, então sua mulher o estava vigiando pela tela, ou talvez contemplando ou admirando apenas, pareciam ter muito afeto um pelo outro, o mais difícil e desejado nos casamentos é conseguir ver o outro às vezes como se fosse uma novidade e não o conhecesse, talvez a televisão ajudasse para tanto. Pelo menos não se comunicavam de um andar ao outro por meio de um interfone ou de um walkie-talkie, terminando, câmbio, ou ao contrário, câmbio, terminando.

O senhor Stone apareceu no mesmo instante subindo os degraus desportivamente, talvez rápido demais, como se tivesse permanecido postado ao pé da escada, atento ao que se conversava em cima. Estendeu-me a mão direita com um sorriso também desportivo e aberto que tornava os rancores bastante improváveis. Após uma troca mínima de informação supérflua (tudo continuava igual, de parte deles), ofereci-lhes meu romance em sua edição inglesa da The Harvill Press com um estudado gesto de hesitação. “Bem, meu presente não vem exatamente da Espanha”, senti-me obrigado a me desculpar. “Enfim, não sei se ouviram falar dele. Trouxe-lhes um exemplar e me permiti fazer-lhes uma dedicatória.”

— Oh, sim, estamos vendendo, e nada mal, aliás — respondeu o senhor Stone adiantando-se à senhora Stone, que ficou um segundo com a boca entreaberta e eu tornei a relancear os olhos a seus formosos dentes. — Mas não temos nosso exemplar, de modo que é um presente muito oportuno, o senhor foi muito gentil por ter pensado em nós. Obrigado, obrigado. Olhe, Gillian, querida, disse à mulher passando o livro depois de ler a dedicatória ou lisonja.

Também nunca soubera que ela se chamava Gillian. Não pude reprimir minha surpresa, os Stone não vendiam livros novos, ali

nunca se encontrava nada que se pudesse comprar sem dificuldade nas livrarias normais.

— Vendendo-o? — exclamei. — Como assim? Foi publicado faz apenas uns meses e, que eu saiba, os senhores só aceitam o gênero poeirento, quero dizer, enobrecido pela lenta e majestosa poeira dos tempos.

A senhora Stone riu, e isso bastou para que o senhor Stone se adiantasse de novo:

— Claro, claro, é isso mesmo, é isso mesmo. Mas este é um caso muito especial, verdade, tem fundamento, tem seu atrativo nós o vendermos aqui, não acha? De modo que adquiri uns tantos exemplares na Blackweel's (as editoras não têm o costume de nos servir, claro, não lidamos com elas) e ali o temos, não viu na vitrine? Vendemos pelos menos quatro ou cinco.

Não tinha prestado atenção na vitrine antes de entrar. Quatro ou cinco devia parecer bastante para quem estava acostumado a traficar com livros esgotados ou raros que aparecem de um em um com muita sorte e a quase não oferecer títulos repetidos, em todo caso não na mesma edição. O senhor Stone estaria necessariamente aludindo aos Alabaster, “Santo céu”, pensei, “os Stone assumem que os Alabaster são eles e por isso acham interessante vender em sua loja um romance que segundo eles fala deles e desta livraria na qual eles agora vendem esse romance que fala deles. Mas os Alabaster nunca poderiam ter vendido meu livro que os cria e contém.” Mas se os Stone não dispunham do seu exemplar talvez ainda não o tivessem lido e as referências fossem somente ao que lan ou outros lhes houvessem contado.

— Por favor, eu poderia deixar estas uvas num lugar seguro? Temo que estejam começando a escorrer e não gostaria de lhes manchar nada — falei. Talvez as tivessem vendido meio passadas na suja frutaria.

O senhor e a senhora Stone levaram as mãos ao rosto, os dois ao mesmo tempo (um gesto por contágio talvez), não sei se com consternação, susto ou então desconcertados pela falta de lugar adequado na loja para deixar um cacho pingoso. Olharam em torno com as mãos na cara.

— Oh, ali — disse por fim a senhora, apontando para o porta-guarda-chuvas. Fazia bom tempo e o móvel estava vazio, ali depusitei meu saco de uvas com muito cuidado para que ficasse de pé.

— Fico muito contente — disse, apontando a cabeça para a vitrine, referindo-me às espetaculares vendas —, é agradável sabê-lo. — E, como não me atrevia a mencionar os Alabaster mas em compensação só pensava neles, passei a outra coisa: — Bem, vou dar uma olhada em suas últimas aquisições e em seus divinos tesouros, se não veem inconveniente. Estou esperando uma amiga.

— Muito pelo contrário — respondeu o senhor Stone abrindo teatralmente os braços como num gesto de se render ao inimigo. — A livraria é toda sua, como nos velhos tempos.

— Isso mesmo, como nos velhos tempos. Já eram velhos os tempos, pensei enquanto subia sem convicção os degraus da escada de mão até o alto, os melhores achados costumam esperar nos lugares inalcançáveis, nunca premiam os preguiçosos. Já eram velhos aqueles tempos, 1983, 84, 85, cheguei a Oxford no primeiro desses três anos e fui embora no último, e se para mim não eram tão velhos era precisamente porque tinha escrito esse livro depois e através dele e de sua vida ainda inconclusa havia mantido o vínculo com a cidade e com aqueles tempos que me eram e ainda são muito presentes ou não encerrados; já os Stone, como quase todo o mundo em Oxford, não o haviam mantido comigo, o cavalheiro espanhol para eles, cada vez mais difuso e dissolvido meu rosto que, por outro lado, não permaneceu imóvel, tornou-se maior e talvez mais desconsolado, como se as marcas que alguém não deixa em nenhum lugar, em nenhuma vida, em nenhuma pessoa, se incorporassem e se acumulassem todas em suas feições, talvez a única coisa que se vá registrando visivelmente. Eu sim havia mantido meu vínculo com a cidade e seus habitantes através do meu livro, como se resistisse com ele a me transformar na esfumação e na sombra que ninguém mais vê nítida e nem mesmo recorda ou só com grande esforço (“Ah, sim, costumava nos frequentar e procurava raridades, eu me pergunto o que será dele, já faz tanto tempo”), dois anos da minha vida haviam transcorrido ali

e o normal teria sido que passados oito ou dez não sobrasse deles o menor registro, de minha figura muito reta com toga ou sem ela, de minha voz em inglês que, parece, é diferente de quando falo minha língua, de meu passo diário apressado com uma pasta na mão cheia de livros pelas distraídas ruas que nos toleram um tempo sem se impacientar porque sabem que não haverá ninguém que transite para sempre por elas, ninguém. Dois anos é muito, e demoram, e no entanto às vezes se apagam como se nunca os tivéssemos atravessado, ninguém os conhece nem se lembra de nós neles, não nos busca ninguém daquela época ou daquele lugar nem dá por nossa falta, e até nós mesmos podemos chegar a nos esquecer de nós mesmos então, e não nos buscar nem dar por nossa falta. Esqueci a cicatriz enorme e injusta que vi e beijei cotidianamente não durante dois, mas durante três anos, em tempos ainda mais velhos e numa cidade diferente que tampouco era a minha, a cicatriz de uma coxa.

E, quando um amigo que sabia da existência dela lembrou-a a mim não faz muito ao falar da mulher que a tinha em sua coxa, custou-me tanto para recompor a lembrança e a imagem que até cheguei a ver uma cicatriz que nunca existiu em seu peito antes de ser capaz de focalizar e ver por fim outra vez, ao cabo de vinte anos, aquela cratera queimada e suave que era parte indissolúvel e destacada da pessoa de quem eu gostava. Como posso ter perdido essa memória, pensei quando esse amigo me obrigou involuntariamente a recuperá-la, como é possível que durante anos tenha desaparecido de minhas entesouradas visões aquela cicatriz que me foi familiar e que fiz minha, e da qual sua dona me avisou antes que a visse pela primeira vez no quarto de um hotel barato de Viena, com tanta consideração e tanto tato, como que me dizendo: “Escute, venha, olhe, em mim há isso e talvez você prefira não ver. Ainda está em tempo de não ver, e se você não vir não terá visto nunca.” Mas há coisas que não se pode deixar de ver uma vez que nos anunciam que existem, menos ainda se o que se quer é ver tudo, tudo de quem as anuncia e guarda. Vi, e depois vi diariamente até que sem dúvida deixei de ver quando passava a vista por ela porque meus olhos passavam por cima ainda que ali continuasse

suave e queimada, e se a beijava já era sem me dar conta e sem mérito — se é que isso pode tê-lo —, e talvez tenha chegado a esquecer de modo tão incrível não apenas porque houve um tempo de luto em que me doía muito a lembrança, mas porque se quebrou por seu lado o vínculo desde o princípio do adeus ou desde minha perda, e quando por fim se quebrou também por meu lado após longos anos de estéril e ensimesmado esforço e de solilóquios de despedidas supérfluas a que ninguém respondia — como se eu tivesse ficado preso em sua teia de aranha que ela já não tecia —, então o que tinha acontecido e havido se fez de repente remoto e alheio como ocorre com o passado quando não esmorece nem resiste nem lhe permitem assomar uma só vez ao presente, nem sequer em suas formas mais aplacadas e inofensivas, ou reconfortantes. “Ah, sim”, talvez ela pense de quando em quando, “viveu aqui comigo uma vez um jovem, era paulista, eu me pergunto o que será dele, já faz tanto tempo.”

Subi ao topo da escada e fiquei parado um instante, olhando de cima, como se fossem súditos, o senhor e a senhora Stone que não haviam voltado a seus afazeres mas que me observavam expectantes como se achassem que não estar atentos a meus movimentos e passos fosse não me atender, fazer-me uma desfeita durante minha visita dos novos tempos, e tivessem decidido presenciar ou acompanhar-me com o olhar em minhas buscas. Corri os olhos e meus dedos velozes pela estante superior e logo encontrei um volume que fazia tempo procurava para dar de presente a meu amigo Manolo Rodríguez Rivero, que não o merecia de modo algum por suas muitas correrias mas que o invejara mais de uma vez ao vê-lo em minha casa, estou sempre com ele à mão porque vou lendo muito pouco a pouco e por episódios: *A General History of the Pyrates*, de Daniel Defoe, em sua pouco frequente versão completa, um tomo imenso de mais de setecentas páginas. Eu segurava então casualmente a *História geral dos piratas* quando a senhora Stone me falou do filme que na época o imponente empresário Elías Querejeta projetava fazer com base em meu romance para que sua filha o dirigisse — Querejeta ela também, como é natural, mas não Elias.

— O senhor Roger Dobson nos contou que vão fazer um filme baseado em *All Souls* — disse para minha grande surpresa e adiantando-se desta vez ao marido. — É verdade? Vai ser rodado aqui em Oxford, em cenários naturais? Já escolheram as locações? Já têm o elenco?

Eu estava pouco a par desse projeto, ainda muito incipiente naqueles dias, embora não pudesse imaginar que a grosseria e a desconsideração de Querejeta e Querejeta fossem chegar ao ponto de não me informar de quase nada quando a coisa já estivesse avançada, ao contrário do que estabelecia o contrato, e de não querer mostrar a fita uma vez terminada, isto é, ocultá-la de mim enquanto pudessem e enquanto, em compensação, todos os seus críticos, amigos e acólitos, segundo me contaram, iam assistindo a ela em projeções privadas. Eu tivera minhas dúvidas acerca de dar a permissão e ceder os direitos cinematográficos, entre outras razões porque não via como era possível tirar com facilidade e acerto um filme do meu romance, nem desse nem de nenhum outro, com exceção do primeiro, de meus dezenove anos, talvez ainda o melhor de todos. Também ficara ressabiado com que num almoço anterior ao acordo Querejeta e Querejeta tivessem se mostrado alegres e pateticamente convencidos de que os personagens de Toby Rylands e Cromer-Blake haviam sido amantes, simplesmente porque do segundo o livro dizia que era homossexual e do primeiro que não se sabia bem o que era, sexualmente. “E daí?”, eu replicara. “Não há o menor sinal, a menor insinuação disso. Trata-se de uma relação de mestre e discípulo, de mais velho e mais moço, paterno-filial no máximo, de modo algum são amantes ou ex-amantes, que disparate.” Pensar semelhante trivialidade supunha, de fato, não ter entendido uma palavra: uma leitura obtusa ou talvez de uma cabeça puramente mercantilista que ainda por cima não acredita sê-lo. O impositivo empresário ainda insistiu em seu empenho, com uma pergunta na verdade genialoide e que dava uma ideia de seu incomensurável respeito pelos escritores e sua não menor agudeza. “Tem certeza?”, indagou-me com seu olhar intenso, como para me convencer com ele do meu erro. Dado que ele ia redigir o roteiro com a outra Querejeta, eu deveria ter parado

para pensar melhor. Teria podido ser sarcástico, mas me abstive, no fim das contas estavam sendo amáveis então ao se interessar por meu romance e muito sedutores para me persuadir a aceitar. De modo que me limitei a responder o óbvio: “Como não teria certeza, se é um romance e eu o escrevi, e além do mais não pertencço ao gênero de escritor intuitivo?” E, ingênuo, respirei com alívio crendo ter evitado a tempo um mal-entendido. Nem é preciso dizer que no filme que acabou sendo feito e estreou em 1996, quatro anos mais tarde, os pobres Rylands e Cromer-Blake apareciam transformados em dois inverossímeis e meio antipáticos e gritões ex-amantes universitários, supostamente apaixonados conforme nos comunicavam sem cessar nos diálogos mas nunca víamos nas imagens, e que nada tinham a ver com os do romance, à parte os nomes e a doença do segundo: de fato, “Robert Rylands” — já não tinha o nome típico da classe alta inglesa porque, segundo confessou num escrito a diretora Querejeta, ela tivera um cachorrinho chamado Toby, razão artística de peso — era para mim um sujeito insuportável e odioso, o que se chama um pentelho, desses de sair correndo só de vê-lo. Nunca houvera mal-entendido mas sim outra coisa, ou se no início houve pouco importou àquele duo familiar que o autor o desfizesse desde o primeiro instante, o autor é desprezível. Mas quando a senhora Stone me perguntou a esse respeito, no verão de 93, ainda não havia roteiro nem mesmo projeto e eu ainda mantinha minha ingenuidade e minha boa-fé tanto em relação a Querejeta como a Querejeta, embora sempre mais a Querejeta, a quem creio ter atendido bastante quando me solicitava e com quem depois me senti muito decepcionado portanto.

— Não, creio que ainda não escolheram as locações nem pensaram no elenco — respondi de minha atalaia com a *História geral dos piratas* casualmente na mão. Estava verificando o preço, £40, um pouco caro, eu me perguntava se gostava tanto assim de Manolo R. R. — Mas é verdade que vão fazer um filme, e sei que a ideia é rodá-lo em Oxford.

O senhor Stone levou uma só mão ao rosto e vi como se iluminavam seus olhos ao erguê-los mais, para o teto, com um brilho

evocador.

— E será muito fiel ao romance — prosseguiu a senhora Stone —, ou só tomarão os episódios mais, mais sentimentais?

— A senhora quer dizer mais sexuais? — respondi eu: falar das alturas confere ousadia e sensação de impunidade, daí que os déspotas, os banqueiros, os empresários, os juízes e os tiranos sempre as procuraram. Quer dizer então que os Stone tinham lido o romance, em algum exemplar alheio, talvez o do próprio Roger Dobson. — Não, espero que não, não creio, mas duvido que vão ser muito fiéis, e é claro que haverá partes do livro que pelo visto ficarão totalmente de fora. A senhora sabe, o cinema é muito rico em certos aspectos, em outros, muito limitado.

O senhor Stone interveio então, num tom que era um misto de ansiedade e desculpa:

— Gillian está perguntando isso, Mr. Márias — ambos acentuavam mal meu nome, o pronunciavam como a palavra “várias”, — porque no caso de precisarem de atores para interpretar os livreiros do romance, sabe, o casal Alabaster, bem, poderíamos fazê-lo com muito prazer, creio que correspondemos bem ao tipo, não acha? — interrompeu-se um momento, falava ao mesmo tempo com timidez e veemência, como se na verdade, pusesse muito de si no que estava dizendo. — Sabe? Tive bastante experiência teatral na juventude, e recentemente voltei a pisar no palco, interpretei um pequeno papel numa produção dramática independente, assim as chamam, no último Festival de Edimburgo, meu filho participava da montagem e me pediu para colaborar. Grande diversão. Também pertencemos à OSCA — “à O, S, C, A”, disse cada letra separada — e figuramos em alguns filmes rodados aqui, *A loucura do rei Jorge* — a-ham — foi a última. Roger Dobson e Rupert Cook também são membros. Representar é uma maravilha. Enfim, se consultarem o senhor sobre o elenco não se esqueça de nós, adorá-íamos Participar. Aliás já escrevemos ao produtor espanhol, algo assim como Elijah... bem, não sou capaz de pronunciar, algo com Q e com a palavra *reject* dentro, não é, querida? — verificou com sua mulher, que assentiu —, o que não é muito promissor, claro, esperamos que não nos rejeitem — o substantivo *reject* significa “pessoa ou coisa

rejeitada”, “dejeto”; Elijah é a forma inglesa do nome bíblico. — Quero dizer, oferecendo-nos para interpretar esses papéis tão adequados para nós. Mas não nos responderam, e olhe que usamos uma folha com o timbre da OSCA, se bem me lembro. É normal não responderem às cartas na Espanha?

De novo aquelas siglas. — A OSCA? — A Oxford Society of Crowd Artistes — explicou a senhora Stone. Literalmente Associação Oxfordiana de Artistas de Multidão, quem sabe de Artistas de Figuração, embora em inglês a palavra *artiste*, à francesa, tenha um matiz mais modesto e jocoso do que *artist*, que se reserva para cantores, cozinheiros, bailarinas, modistas, atores, chapeleiros. A senhora Stone me passou uma dessas folhas de papel timbrado, desci um degrau para pegá-la. “A Oxford Society of Crowd Artistes (OSCA)”, dizia, “é uma cooperativa de extras de cinema e televisão, sediada em Oxford e com mais de uma centena de membros cuja experiência cobre dramas de época e judiciais, a série do inspetor Morse e numerosos filmes importantes, tanto em exterior como em estúdio.” Fiquei com o papel, na Inglaterra há associações de todo tipo.

— Escreveram aos Querejeta? Como descobriram o endereço deles?

— Oh, isso foi fácil, encontramos no guia anual de companhias cinematográficas. O senhor Dobson nos disse o nome. Acredita que haja alguma possibilidade? Acredita que vão nos responder? Que nos levarão em conta para fazer os Alabaster?

Subi de novo o degrau e fitei o volume que já possuía em casa e ia comprar agora para Manolo R. R., muito instrutivo e muito divertido, principalmente porque ninguém precisa tratar com piratas mas só ler sobre eles. Havia ilusão e ansiedade nos olhos de Ralph Stone, um pouco de pena nos de Gillian Stone, que aguardava com as mãos cruzadas sobre o regaço.

— Não sei — porém, mais do que dúvida, exprimi pessimismo. — Temo que não sejam muito sensíveis aos desejos e ofertas das pessoas que não conhecem. — Ia dizer “sem influência”, mas por sorte me absteve.

Não colava. Os Stone não só assumiam ser o modelo dos Alabaster, mas queriam encarná-los, emprestar-lhes sua presença e seu físico se esses personagens saíssem do livro e adquirissem corporeidade e semblante num filme, uma estranha viagem de ida e volta na hipótese de que sua crença e sua apropriação ou identificação fossem acertadas, e não eram nem um pouco. E se tal encarnação se produzisse, então os Alabaster fictícios se transformariam por sua vez em modelo para os Stone reais, que os estudariam e imitariam, ainda que só para os Stone fazendo os Alabaster diante de uma câmera, ou sabe lá se a coisa teria ido mais longe. Pena que toda essa dimensão ou zona do romance, como tantas outras desde o princípio e de fato todas no fim das contas, não interessassem em absoluto nem a Elijah nem à filha, que ainda não sei a esta altura o que viram em *Todas as almas* para cortejar primeiro e depois se afastar do romance como o diabo da cruz, quando o acreditaram tão-somente deles.

Pareceu-me que a senhora Stone se entristecia como se entristecem as mães quando seus filhos são rejeitados ou fracassam em alguma coisa, costumam amá-los inutilmente mais por isso, a pena faz amar, não sei por que tantos ficam incomodados por inspirá-la. Talvez o casamento — quem sabe prematuro e férreo — tenha abortado uma vocação de ator que o marido Ralph tentava recuperar agora antes da velhice ou da sombra desta, e ela devia ser a maior entusiasta de qualquer projeto relacionado com essa compensação dificultosa e tardia ou quimérica, talvez sentisse que lhe cabia compensar, muitas mulheres sentem-se facilmente em dívida, poucos homens. Com certeza ela é que tinha escrito e remetido a carta aos Querejeta, com certeza a ideia tinha sido dela. Essa carta deve ter ido para o lixo no mesmo instante, com seu timbre de Artistas de Multidão e tudo; os cineastas não foram sensíveis nem mesmo aos desejos de quem havia sido sua fonte de inspiração confessa e, ainda que sem influência, a quem conheciam, ou pelo menos um deles quis conhecer. Estou me referindo a quem inventou a história, a atmosfera e os personagens.

Foi então que chegou Mercedes López-Ballesteros com sua pontualidade costumeira, “a neta de Freud”, já era hora do almoço. Eu nem tinha podido garimpar na livraria, meu único butim, a *História geral dos piratas*, era pobre em comparação com os velhos tempos, e nem sequer era para a minha biblioteca. Mercedes vinha de bom humor e muito decidida, trazia um guarda-chuva porque não confiava no tempo britânico ensolarado, fincou-o com alegria no porta-chapéus e todos ouvimos como esguichava o cacho ali depositado e como arrebetavam asquerosamente umas quantas uvas moles. Eu só havia comido uma, na hora que comprei. Por sorte os Stone levaram a coisa na esportiva, não torceram a cara nem me censuraram. Nenhum livro ficara manchado.

Íamos saindo com o Defoe de Rodríguez Rivero embrulhado em papel cru e áspero quando me pediram para dedicar um exemplar de *All Souls* a Rupert Cook, aquele outro *crowd artiste*, que o tinha emprestado para eles lerem, já fazia tempo. “Assim o compensaremos da demora, o devolveremos com um valor agregado”, disse generosamente a senhora Stone depois de tirá-lo da gaveta da mesa. Eles às vezes vendiam livros assinados ou dedicados pelos autores, são os mais caros e os maiores tesouros de um livreiro antiquário, mas uma dedicatória minha pouco pode valer, sou contemporâneo e nem sequer ainda estou morto. Também me entregou uma xerox com um gesto dubitativo.

— É uma entrevista que fizeram recentemente conosco, acaba de ser publicada. Talvez goste de lê-la, contamos anedotas. E falamos do senhor e do seu romance.

— Verdade? — Peguei a xerox com curiosidade, para lê-la depois. — Obrigado, vou ler mais tarde, com certeza vai me interessar.

Era ilustrada com uma foto dos dois, não dava para ver bem na cópia, ele sorridente com um in-fólio de coluna dupla aberto nas mãos, ela mais séria olhando para ele com o canto do olho ou talvez observando o valioso in-fólio, de brincos e um colar chamativo, talvez tivessem se preparado para a ocasião, embora ele não estivesse de gravata, sempre esportivo. Era de uma publicação especializada, seguramente da associação de livreiros de segunda

mão, pode ser que nem tão restrita quanto o Boletim dos Galdosistas azarentos, mas quase. Chamava-se Bookseller e era de 12 de agosto de 1993, de fato bem recente, era curioso que tivessem uma xerox já feita quando não podiam saber que eu estava em Oxford e ia visitá-los: ao entrar na livraria como um autor distinguido e sair pouco depois como um literal bagaço, ainda que por pessoa interposta que não parava de rir da sua grande façanha. A xerox, portanto, não me estava destinada em princípio.

Na entrevista os Stone relatavam a história de seu negócio e alternavam equitativamente entre si a voz solo. Tiveram lojas em Devon e em Shipton-under-Wychwood antes de se instalar em Oxford (esse nome, Wychwood Forest, um lugar entre o rio Windrush e o rio Evenlode, “um bosque que já não existe mais, só seus restos, foi cortado e arrasado no século passado, mas é muito difícil renunciar a um nome, os nomes dizem muito”). Um título que não lhes faltava nunca na livraria era *Os sete pilares da sabedoria* de T. E. Lawrence ou Lawrence da Arábia, em alguma edição valiosa, contavam. Ao falar das dores de coluna que o ofício acarretava, pelo permanente manuseio de livros, a senhora Stone sugeria que a PBFA (devia ser uma Federação, ninguém me explicou a sigla desta vez) contratasse os serviços de um “quiroprático”, tal qual, *chiropractor*, poderia ter feito um bom par com aquela “cobalterapeuta” que forjara a desventura eczêmica do professor Ian Michael. No entanto o mais chocante para mim era outra coisa, exatamente a menção que me dedicavam ao comentar os clientes famosos. “Até aparecemos num romance espanhol de Xavier Marias” (assim me chamava coerentemente Ralph Stone, sem o acento correto do sobrenome mas também, mais estranho, com meu original e quase esquecido prenome, eu renunciei a esse prenome mas lembro-me dele, é o meu), “um agradável jovem que esteve em *All Souls* faz uns anos e que vinha à livraria com regularidade. Adquiriu o costume de alguns dons, de não enxergar as mulheres, de modo que podia me fazer uma pergunta, e eu podia me remeter a Gillian, que podia dar a resposta. A pergunta suplementar retoma então a mim. Isso pode acontecer duas ou três

vezes seguidas. O livro se intitula *All Souls*, figuramos como o senhor e a senhora Alabaster."

Gillian and Ralph Stone

the experience we gained and to the customers we acquired all over the country through them. It was all a hectic programme and we didn't have a holiday for the first five years and the entire family was dressed from charity shops.

Very early on Gillian started doing catalogues. Our first catalogue was of horse books and we methodically mailed it out to every stud and every hunt secretary in the South West counties. We did not get one single order. Then she bought at Fulborough, including a Paris *Ulyssea* and quite a lot of topography. This did much better. We did catalogues of books on the Environment years before the subject caught on. And as a result of an American customer who specialised in Agriculture, David Low farmed in North Devon we started becoming friendly and was extremely helpful to us. We always did a Christmas catalogue too because trade went dead before Christmas in Devon. Years later when we moved to Shipston-under-Wychwood we still had a lot of the horse books and they all sold within six months.

Shipston was lovely with the shop on the village green. The Old Post Bookshop — the oldest Post Office in England — according to the Guinness Book of Records. But in 1981 we got the lease of our present shop in Oxford, and though we ran the two shops for a couple of years it was all getting a bit much so we decided to concentrate on Turt Street. It is in such a wonderful position — just round the corner from the Bodleian and so many of the colleges.

I very much enjoy working in the shop and dealing with the customers although there are some we can happily do without. Over the years we have collected quite a few sayings for Bookworm *Droppings*, that marvellous anthology of extraordinary remarks overheard in bookshops. The other day someone came in and asked Sheila Fairfield, our colleague in the shop, "Can you direct me to a secondhand bookshop?"

We always try to keep certain books in stock. For example *Seven Pillars of Wisdom* is always in demand. When Gillian first started bookselling the first trade edition sold for £5 or £6 and nowadays it goes for anything between £25 and, in a dust jacket, £100 — or £400

in Japan! The *Rubaiyat of Omar Khayyam* always sells, and secondhand Galworthy never does. Our all time best seller in the Turt is a slim pamphlet by Professor Mayr-Harting, one of the few new books we stock, called *What to do in the French Pyreneas in less than a Cent. Weather*. It sells at 99p.

One thing about running a general secondhand bookshop is that you're going to make 50% of your sales from 10% of your stock and you're never quite sure which 10% it is going to be. Bankers and accountants rarely grasp the importance of 'mix'. They tend to interpret the appreciation on certain items as an indication of huge profits. Then they say, 'By God, that's a return. Can't we get on this?' They don't realise the matrix behind all the special items. They also don't realise you can be a long time waiting for the right customer.

As regards running a shop in Oxford — there is a huge diversity of customers from dons to tourists, people from all the sciences, students, and even the tourists (Christmas is good in Oxford, summer students come in the conferences held in the colleges in vacation or even in term time, so we try to have something for everyone. We fix members of the university come back for Gaudy Nights and visitors of all sorts come to Oxford and 'do' the bookshops. We even appear in a Spanish novel by Xavier Marinas, a nice young man who was at All Souls a few years ago and came into the shop regularly. He picked up on a habit some dons have of not seeing women, so that one might ask me a question, and I might refer to Gillian who might supply the answer. The supplementary question then comes back to me. This may go on two or three times. The book is called *All Souls* and we feature as Mr and Mrs Alabaster.

.....

The shop is open Monday to Saturday, but Ralph and I always try to give ourselves Monday off. In practice this doesn't work, and although we may not actually come in, I still think we work about twenty Mondays a year. There is so much to be done and we always seem to have substituted hard work for capital. Looking back I think we might have made a mistake in not borrowing more money when we opened at Shipston-under-Wychwood. That might have been just the right time to raise the level of our

stock. As it is we tend to concentrate on the £50-£500 bracket for stock, though we do attend major auctions and deal in multi-figure books on commission. In the last few years we did have the pleasure of buying books for a tycoon who wanted to recreate a marvellous country house library. We bought some superb books mainly in the field of natural history. It was a very exciting time. Checking and buying so much of such quality over the period we were bound to gain greatly in knowledge and experience. So much concentrated hands-on experience certainly helped when I was writing the natural history article in the new *Solar Antiquarian Bookseller's Guide*.

We haven't done as many catalogues in recent years as in the Devon days, but we do occasional jobs. At the moment we have stock banked up waiting for me to get at the computer. I've got the books for another history of science and for last time was waiting for one of books on agriculture and I want to do one on the history of environmental thought. Nowadays the best books tend to go very quickly in the shop, so catalogues are secondary to shop trade. We also do a lot of buying in the shop. In general there's a lot of competition for buying in Oxford. Academic libraries do come up, but we haven't really got into the habit of door-watching. Anyway there's a lot of playing one bookseller against another in some ways I prefer to buy at fairs or from other booksellers and at auction. In theory we are both approaching retirement, but I expect we shall go on working till we drop. One thing I have said to Ralph, let's put by small books. They'll be easier to handle in our old age! Over the years Ralph, and to some extent I, must have shifted many many tons of books.

.....

Actually I hurt my back playing rigger and I've often thought it wouldn't be a bad idea for the PBFA to engage a resident chiropractor. But that would be private health and many members would be absolutely against that. There was a terrible outcry some years ago when someone suggested a group subscription to BIFA. I suppose you have to remember that the PBFA is an incredible amalgam of all points of view. Basically you've got 600 mavericks — and some are vociferous. I was Chair-

O parágrafo é meio confuso e em inglês não fica muito mais claro, principalmente para quem ignore a que faz referência, e eu a princípio ignorava. Que diabo estão dizendo?, perguntei-me ao lê-lo

enquanto Mercedes L.-B. continuava rindo e olhava satisfeita para a ponta vitícola de seu guarda-chuva. Como “o costume de não enxergar as mulheres”? É quase a única coisa que enxerguei e ainda enxergo sempre, tanto nas ruas como nos interiores, e além do mais bem sei quanto as admiro ou não à primeira vista. Não entendia uma palavra. Li e reli no restaurante, mostrei a Mercedes para ver se ela compreendia melhor e parava de se gabar, negou com a cabeça; até que caí em mim. Ao fazer a descrição dos Alabaster o narrador do romance dizia: “Mas apesar de ele também estar ali invariavelmente, não me lembro que respondesse uma só vez a minhas perguntas ou a minhas consultas. Sorria e dava bom-dia como um homem enérgico e espirituoso (toda a sua atitude era intrépida), mas delegava qualquer assunto ou resposta, por mais insignificantes que fossem, ao maior saber e autoridade de sua esposa. Voltava-se para ela e repetia com vivacidade — apropriando-se dela como se fosse o interessado em saber — a pergunta que lhe acabavam de fazer, exata (“Recebemos alguma coisa de Vernon Lee, querida?”), limitando-se a acrescentar no final a palavra *darling*.” E um pouco adiante o narrador insistia: “A alegria e mundanidade com que o senhor Alabaster cumprimentava qualquer cliente que entrasse indicava que, em sua passividade subalterna, a simples aparição de alguém na porta da loja devia ser o acontecimento do dia, e seu cumprimento efusivo a esse alguém, o momento mais glorioso e sociável de sua jornada. Pois o certo é que, depois, como eu disse, ele era incapaz de responder a uma simples pergunta ou de apontar com o dedo (“Temos uma seção de viagem, querida?”) a estante adequada ao que o comprador estivesse procurando.”

Tudo isso, era evidente, não havia agradado muito ao senhor Stone — não era muito lisonjeiro, admito, a tal “passividade subalterna” —, embora tenha me feito saber disso da maneira mais delicada e discreta, entregando-me através da sua mulher — claro — a xerox em que se defendia, ou antes, defendia Alabaster, de quem já era seguro tinha se apossado ou que havia adotado. O extraordinário da situação era que naquela entrevista os Stone discutiam indiretamente com um romance, ou então rebatiam a um

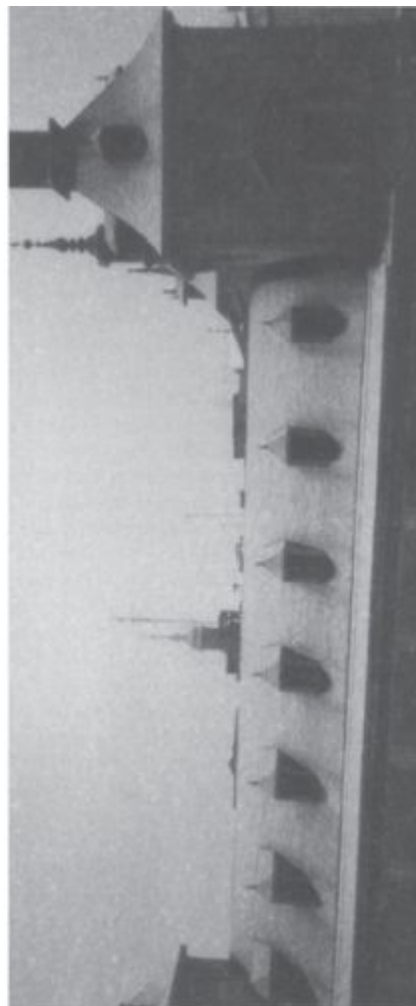
narrador fictício o que este havia observado sobre uns livreiros também fictícios, por mais que tivessem tomado de empréstimo alguns detalhes ou características do casal Stone da realidade. E para desmentir que ele, Stone, nunca respondera às perguntas e se as transmitisse a sua esposa integralmente mal as recebia — mas eu dissera isso do senhor Alabaster —, não haviam encontrado melhor explicação do que atribuir a mim — não ao narrador sem nome, mas a Xavier Marias com nome — a aquisição de um extravagante e vicioso hábito dos dons de Oxford de que eu nunca tive notícia, consistente em não enxergar as mulheres, não registrá-las, apagá-las, passar os olhos por cima delas como se fossem invisíveis ou não existissem; o que me teria levado — e a meu narrador portanto — a me dirigir invariavelmente a Stone, e é de supor que a Alabaster, duas ‘ou três vezes seguidas em cada ocasião e em numerosas ocasiões, apesar de eu saber de sobra que a senhora Stone, e é de supor que a senhora Alabaster — que além do mais eu não enxergava, para mim transparentes —, eram quem podiam me “fornecer” as respostas. Isso talvez explicasse que em minha visita com uva o marido Ralph, sobretudo no começo, tenha procurado se adiantar à mulher Gillian da hora de responder ou informar, para que eu verificasse com meus próprios olhos e ouvidos que ele era capaz de fornecer qualquer dado, solicitado ou não, sem ter de consultá-la antes. A ideia me parecia tão atraente que lamentei não fosse certa: eu tinha entrado regularmente na livraria, segundo tudo isso, sem nunca enxergar a senhora Stone por causa de meu aborrecido costume transmitido pelos dons tão misóginos e cruéis, colegas meus; portanto teria perguntado ao senhor Stone — a quem, senão — se tinham recebido algo de Vernon Lee, por exemplo; e então o senhor Stone teria se voltado para ninguém, como um louco, e teria perguntado desta vez a esse ninguém: “Recebemos alguma coisa de Vernon Lee, querida?”; diante dessa excêntrica atitude — de acordo com meu ponto de vista que só enxergava ar — eu não teria pestanejado, como outro louco, nem teria inquirido sobre sua interlocutora aérea; teria me limitado a esperar os segundos de rigor e, após não ouvir resposta alguma, já que não enxergava ninguém que pudesse fornecê-la,

teria ouvido muito fleumático e com grande naturalidade, e além do mais regularmente, a resposta final do senhor Stone após sua consulta a quem para mim, no máximo e com sorte, teria sido um fantasma que só aparecia para ele: “Não, não recebemos nada de Vernon Lee ultimamente, Mr. Márias.”

Ademais, e ao contrário de sua crença expressa sem hesitação na entrevista, não somente eu não estivera subordinado a *All Souls* durante meus anos de Oxford, mas na época nunca havia pisado em tão estrito e exclusivo *college*, nem pisei, de fato, até o passado verão de 96, convidado pela amável musicóloga Meg Bent por causa de sua leitura do meu romance. Imagino que o título se antecipara ou se impusera a seu conhecimento, refiro-me ao conhecimento do senhor e da senhora Stone. Mas pelo menos haviam dito que eu era um jovem agradável, e isso é para se agradecer muito, ainda que retrospectivamente. Ao passar em frente à livraria mais tarde naquele dia e ao enxergá-los através das vitrines em seus habituais postos na escada e na mesa, cumprimentei-os com a mão sem me deter e desejei que nem o senhor nem a senhora Stone jamais corressem o risco de ter de consultar o fantasma ou o ar no silêncio de sua livraria da realidade; isto é, desejei que, quando for a vez de um morrer, os dois morram juntos.

É para se agradecer muito, ainda que retrospectivamente. Disse isso sem muita intenção ao dizê-lo, só agora reparo. Ainda posso ser agradável (sei que posso sê-lo mas nem sempre quero, e nunca quero sê-lo com a muita gente do meu país que é desagradável, venenosa e malévola sempre: caluniadores demais por tempo demais neste território de ódios que a morte atravessa com ferruginosas línguas fazendo brotar as sombras mais sombrias sem uma trégua sequer); mas já não sou jovem e talvez também não fosse então, naqueles velhos tempos em que já tinha trinta e dois, trinta e três anos, distantes dos vinte e um da maioria com que a sorte me brindou e passados os vinte e sete tão decisivos que Joseph Conrad definiu como “a linha de sombra” (mas talvez só na sua época fossem decisivos); também deixados para trás os trinta e já alcançada quando fui para Oxford a idade simbólica além da qual, por exemplo, morrer jovem é quase impossível do ponto de vista clássico, do ponto de vista moderno se é mais complacente, morreu jovem aos sessenta e cinco e se diz: “Quanto ele ainda tinha para fazer”, como se o fazer fosse o que justificasse as existências ou o que faz falta no morto, e não sua presença e seus gestos e seu relato desinteressado, ou mais ainda sua escuta e atenção aos nossos. Os tempos se tornam velhos muito facilmente e nós os descartamos, e os tempos que os precedem se tornam então antediluvianos, e no entanto todos foram se solapando de maneira enganosa, cremos às vezes que não há fronteiras nem paradas súbitas nem cortes brutais, que os finais e os princípios nunca estão traçados com a linha divisória que entretanto outras vezes cremos enxergar retrospectivamente, e essa crença também é enganosa porque não há nem uma coisa nem outra ou tão-só como enorme exceção, não o corte certo e limpo — sempre saltam lascas — nem a justaposição ou magma dos dias confusos e indistinguíveis — sempre há esquecimentos e períodos apagados, e eu os conheço, que ajudam a ver os ilusórios limites. Tudo é mais misterioso, é antes uma prolongação artificial, atenuadora e inerte

do que já cessou e uma resistência protocolar a ceder passagem ou a assinalar o início do que chega, como essas luzes que permanecem acesas mais um pouco quando já amanheceu nas grandes cidades, nos povoados, nas estações ferroviárias, nas paradas vazias, e ainda se mantêm vacilantes e altivas ante a luz natural que avança e as torna supérfluas. Nessa hora a que só os muito madrugadores, os muito noctâmbulos ou os muito insones assistem produz-se durante breves momentos a manifestação visível — isto é, a metáfora — de como se conduz e em que consiste o respeitoso tempo, nele sempre há civilidade, cortesia e até fingimento, vê-se o que ele é nessa hora, vê-se mais que no desgastado crepúsculo. Essas luzes elétricas fingem que ainda é noite e que seu concurso ainda é necessário, fazem como se não percebessem o término do seu reinado, e por sua vez a luz diurna finge não as ver e as tolera, sabedora de que esses lumes empalidecentes já não são uma ameaça, e até parece conter-se um pouco em sua expansão, como se lhes concedesse um tempo para se acostumarem à sua inutilidade chegada e à ideia de seu acabamento (“Apaga a luz, e depois apaga a luz”, duas vezes Otelo teve de se dizer para assimilá-lo, embora já estivesse decidido a fazê-lo), e assim não as obrigasse a fugir mal ela assomasse branca no horizonte, mas tão-só a se retirarem sem derrota e em ordem, como os exércitos antigos consentiam em parar o combate e fazer uma trégua para que o inimigo recolhesse e contasse seus mortos e pudesse assim acostumar-se à estranha ideia de seu acabamento.



>

Eu às vezes as vejo de casa, aqui são luzes de lampiões pendentes do edifício nobre que tenho em frente, com seu telhado de ardósia pelo qual este inverno a neve deslizou mais rapidamente do que pelas telhas vizinhas, onde logo se solidificava, já a ardósia a obrigava a insistir e esforçar-se, a neve deslizava e caía feita água na praça — mais branca que a pele, a neve —, até que conseguiu assentar-se. Eu às vezes as vejo e os vejo dos meus balcões nas manhãs de insônia ou de despertar traiçoeiro ou de arriscada e vencida farra, lampiões oitocentistas cravados na parede com suas lâmpadas já inúteis, passam junto deles homens e mulheres com apressados saltos que deixaram faz um momento suas camas e talvez tenham viajado em trens desde a periferia até meu centro, e nessas luzes acesas ainda veem a reminiscência dos lençóis ou

quem sabe do corpo que abandonaram de má vontade, o recordatório do que para muitos outros continua sendo a noite embora já tenha amanhecido e a luz se expanda, enquanto eles caminham ou esperam um ônibus levantando um pé depois o outro sem sair do lugar como se fossem garças cansadas — em seus olhos, ainda pintada a noite escura —, pensando um pouco no que deixaram para trás em casa e no que os aguarda na interminável jornada, e então a casa já não será a mesma casa, quando a jornada acabar e voltarem a ela e talvez o corpo querido de que se desprenderam os terá traído. A mulher olha para os lampiões e se lembra do homem cujo cheiro ainda traz e que ficou na cama, egoísta e adormecido. É uma mulher bem-arrumada que está a ponto de deixar de ser jovem, continua sendo com um pouco de esforço e esmero nas ocasiões importantes, de noite com certeza o foi, com seu decote que as trevas guardaram e já ficou esquecido esta manhã, um espectro, o vestido amarrotado em cima da cadeira, agora se veste sobriamente e está bem agasalhada, não vai voltar a ver o jovem que lhe arrancou esse vestido sem nenhum cuidado, mais por ser jovem do que por desejar tirá-lo, irá embora quando acordar sem deixar um bilhete e é possível até que roube alguma coisa, conta com isso, não tem importância, ficará o cheiro ácido dele entre os lençóis, o ônibus não vem. O homem olha para os lampiões e pensa na mulher que se levanta mais tarde e continuou sonhando ou fingindo sonhar impaciente enquanto ele se preparava para sair no mundo e preparava o café no meio do amanhecer escuro, ela não estará pensando nele. É um homem asseado de meia-idade com grandes entradas, não está a seu alcance retê-la ou só através da economia ou de sua mão cheia, e o dinheiro é comutável, substituível, muitos o têm, não é só ele que tem, e lhe custa ganhá-lo com sua pasta na mão cedo e tarde, nada possui que ninguém mais tenha e ela pode encontrar outro sustento futuro durante o dia, os dias, dias demais para ir batendo com algum pretexto em outras portas, e o mistério deste hoje dela que ainda não começou vai esperá-lo à sua volta, somado e alheio, demasiados ontens desconhecidos somados e nenhuma manhã, o ônibus não vem e ambos, mulher e homem que não se veem nem

se conhecem, olham para as incongruentes luzes ainda acesas sob o sol que avança e as torna patéticas e insignificantes, e no entanto são o testemunho respeitoso e benigno de que existiu o que já cessou: até que a sonolenta mão de algum funcionário repara no desperdício e apaga a luz, e depois a apaga.

Não fruem desse testemunho todas as coisas nem as pessoas que cessam, embora a maioria sim, na realidade são muito poucas as que não recebem nenhuma advertência nem têm a menor oportunidade de pressenti-lo ou pensá-lo: não estão entre elas as pessoas que tomam carros, barcos ou aviões, pois embora não pensem nisso sabem que estão se arriscando, nem os soldados, nem os médicos, nem os construtores, nem os políticos, nem os que vivem sós, quase todo o mundo conta mais ou menos com sua cessação possível quando ela está a ponto de se produzir, são raros os casos em que o tempo não age civilizadamente e executa limpamente seu corte sem lascas nem aviso prévio. Mas esses casos existem, e enumerei alguns no começo de outro romance, *Amanhã na batalha pensa em mim*, ao falar das mortes ridículas. Ao mencionar uma delas pensava em alguém que realmente existiu; outra de que soube em decorrência de *Todas as almas* e de John Gawsorth eu me abstive de mencionar, porque num romance fictício teria parecido demasiado improvável e rebuscada como exemplo, ainda mais que a do escritor austríaco de origem húngara Ödön van Horváth, a quem, aí sim, aludi (“um raio que parte uma árvore numa grande avenida e essa árvore que ao cair esmaga ou decepa a cabeça de um transeunte, talvez um estrangeiro”) e que foi esmagado por uma árvore arrancada pela raiz por uma tormenta nos Champs-Élysées de Paris em frente ao teatro Marigny, enquanto esperava seu amigo, o cineasta alemão Robert Siodmak, com quem planejava escapar para os Estados Unidos depois de ambos terem fugido da Alemanha nazista. Sua luz se apagou de repente no lugar menos pensado — sem depois e sem testemunha — no dia 1º de janeiro de 1938: Horváth tinha apenas trinta e seis anos; era um estrangeiro, não estava na sua terra, não teve aviso e sua namorada deve ter chorado dobrado e supersticiosamente, uma atriz alemã cujo pai tinha morrido nas mesmas circunstâncias excepcionais — abatido por outra árvore que outro raio escolheu — e que pertenceu à família de Mercedes López-Ballesteros, não à toa

a própria “neta de Freud”. Não foi porém minha amiga esbagaçadora que me contou o episódio da morte de Horváth, que eu conhecia muito tempo antes de a conhecer, mas em compensação me falou da desditosa namorada que viu se repetir uma história improvável numa só vida, a dela. Dele só tenho um livro, uma obra de teatro, *Don Juan volta da guerra*. Robert Siodmak, em quem a árvore podia ter caído tivesse sido ele pontual (ou talvez os dois já estariam sentados no teatro e tampouco teria caído sobre Horváth), retornou de fato à América, de onde saíra com o crack de 29, e lá dirigiu vários filmes até que teve de sair de novo nos anos 50, hostilizado pelo Comitê de Atividades Antiamericanas do antiartístico senador Joseph McCarthy. Entre esses filmes está o intitulado *The Killers* [Assassinos], inspirado no célebre conto de Hemingway do qual também saíram outras fitas posteriores de Siegel e Tarantino e que trata, precisa e contrariamente, de um homem não apenas avisado do seu assassinato iminente ou futuro, mas que aguarda a hora sem querer fugir mais nem a remediar, recordando na cama infecta de um hotel de beira de estrada. Sou especialmente grato a Siodmak por *Pirata sangrento*, *The Crimson Pirate*, que não tinha nada a ver com a *História geral dos piratas* de Defoe e que vi com grande regozijo várias vezes durante a minha infância, de modo que por egoísmo retrospectivo me alegro com que aquela árvore parisiense marcada pela tormenta no dia de Ano Novo de 1938 não tenha cortado sua cabeça.

Mais misteriosa e com ainda menos testemunhas e aviso que a de Ödön van Horváth foi a morte do escritor inglês Wilfrid Ewart quinze anos e um dia antes, na noite de Ano Velho de 1922, “na sufocante escuridão da Cidade do México”, quando tinha apenas trinta. Mas antes de falar de Ewart talvez já vá sendo hora e seja conveniente falar de quem me levou até ele com sua citação anterior e outras mais, e o melhor é que eu reproduza aqui o que sabia de John Gawsworth quando escrevi *Todas as almas*, embora sejam umas quantas páginas. Agora que sei mais e que ele vive em mim um pouco, e que seu fantasma habita minha casa, e que conheço sua letra ou sua voz que fala, não seria capaz de contá-lo

da mesma maneira, e a maneira de então é a que contava então, e só essa. Quem já leu essas páginas naquele romance poderá pulá-las — creio — sem se sentir lesado (sempre gostamos de pular páginas e quase nunca é possível), e quem não as conhece poderá lê-las agora sem ter de desembolsar um centavo a mais para tanto, muito embora a reprodução por certo não vá ser integral e possa incluir anotações ou comentários intercalados, de forma que não sei se no fim das contas farão bem em pulá-las os que já se dispuseram alegre e frivolamente a tal. Claro que também poderiam pular todas as páginas, estas, sem graves consequências. Disse o narrador sem nome daquele romance:

“Desde a primeira visita de Alan Marriott, um ano antes, ou mais, eu incluía entre os raros autores cujos livros eu procurava aquele John Gawsworth, desconhecido para mim até então, cujo nome ele mencionara e anotara antes de se despedir e para quem Machen havia redigido um prólogo. Suas coisas, como dissera o próprio Alan Marriott, eram muito difíceis de encontrar.” Devo assinalar aqui que esta parte do romance é a que mais coincide com a minha realidade e também a única, e que nela eu emprestei experiências e voz ao cavalheiro espanhol narrador, isto é, quase tudo o que ele diz e relata eu posso subscrever. Machen é o célebre autor de contos e novelas de horror Arthur Machen, galês como Ian Michael, e que tanto gostava de Borges. No que se refere a Alan Marriott, nunca existiu tal como está descrito, mas quem me falou de Gawsworth pela primeira vez foi Roger Dobson, ou Roger Alan Dobson, segundo me disse que era seu nome completo depois de ler o livro. Também reparou — um homem atento às coincidências, eu não tinha percebido — em que as iniciais de Alan Marriott eram as mesmas de seu idolatrado Arthur Machen. E o narrador prosseguia: “De sua obra escassa, nada está editado atualmente na Inglaterra, mas pouco a pouco, com paciência e sorte e com a apuração progressiva do meu olho caçador, fui achando um ou outro opúsculo dele em meus sebos de Oxford e Londres, até que, ao cabo de uns meses, dei com um exemplar de seu livro *Backwaters*, de 1932, assinado, além do mais, pelo próprio escritor: John Gawsworth, *written aged 19 ½*”, dizia à tinta logo que se abria; ou: John

Gawsworth, escrito com a idade de 19 anos e meio. Também havia uma emenda de seu punho e letra na primeira página de texto (acrescentara, depois do nome Frankenstein, a palavra *monster*, a fim de deixar bem claro que estava se referindo à criatura e não ao criador). Foi justamente a sensação de vertigem temporal ou de tempo negado produzida por se terem nas mãos objetos que não silenciam inteiramente seu passado que avivou minha curiosidade, e a partir daquele momento iniciei um trabalho” de investigação que foi antes infrutífero durante muitos meses, tão fugaz e desconhecida era então e é hoje a figura de Terence Ian Fytton Armstrong, nome verdadeiro de quem costumava assinar Gawsworth.” Dentro em breve não será mais tão esquiva, já que o *Dictionary of National Biography* acaba de encomendar o verbete correspondente ao poeta e rei de Redonda a seu recalcitrante sucessor e testamenteiro literário Jon Wynne-Tyson, ou King Juan II, ambos os títulos vão sempre unidos nessa legenda.

“No entanto”, continuava o texto, “e apesar de seus escritos serem apenas decorosos ou raros e fazerem com que fosse bastante explicável seu absoluto esquecimento e sua falta de reedição, à medida que ia averiguando dados dispersos (não havia nenhum livro nem, ao que parece, nenhum artigo sobre Gawsworth, e ele só era mencionado, quando era, nos mais volumosos e exaustivos dicionários e enciclopédias de literatura), meu interesse ia crescendo, não tanto pela obra irregular quanto pelo personagem irregular. Descobri primeiro as datas de seu nascimento e morte, 1912 e 1970, e depois, em uma página de muda bibliografia, que vários de seus textos tinham sido publicados (às vezes com outros pseudônimos, um mais absurdo do que o outro) em lugares tão extravagantes e improváveis para um autor londrino como Túnis, Cairo, Sétif (Argélia), Calcutá e Vasto (Itália).

Sua obra poética, reunida entre 1943 e 1945 em seis volumes — a maioria de impressão indiana —, oferece a particularidade de que o quarto tomo, ao que parece, nunca foi publicado, apesar de ter até título (*Farewell to Youth* ou Adeus à juventude). Ele simplesmente não existe. Sua obra em prosa — breves ensaios literários e principalmente contos de horror — encontra-se dispersa em

estranhas e obscuras antologias dos anos 30 ou veio à luz — é maneira de dizer — em edições privadas ou limitadas.

“E não obstante Gawsworth fora toda uma personalidade e uma promessa literária naqueles mesmos anos 30. Impulsor infatigável de movimentos poéticos neoisabelinos de reação a Eliot, Auden e demais renovadores, teve, quando ainda era pouco mais do que um adolescente, relações e amizade com muitos dos escritores mais relevantes da década; ocupou-se da obra do célebre vanguardista e pintor Wyndham Lewis e daquela do celeberrimo T. E. Lawrence, ou Lawrence da Arábia; recebeu distinções literárias e, em sua época, foi o membro eleito mais jovem da Royal Society of Literature; conheceu o velho Yeats e o moribundo Hardy; foi protegido e depois protetor de Machen, do famoso psicólogo sexual Havelock Ellis, dos três irmãos Powys, do então (e agora novamente, um pouco) conhecido romancista e contista M. P. Shiel. Consegui averiguar pouco mais do que isso, até que, finalmente, em um dicionário especializado em literatura de horror e fantástica, achei alguma coisa mais. Em 1943, com a morte de seu mestre Shiel, Gawsworth foi nomeado não apenas seu testamenteiro literário como também herdeiro do reino de Redonda, minúscula ilha antilhana da qual o próprio Shiel (nativo da vizinha Montserrat, muito maior) fora coroado rei aos quinze anos de idade, em 1880, numa festiva cerimônia naval, por desejo expresso do monarca anterior, seu pai, um pregador metodista local, que além disso era armador e comprara a ilha havia anos: embora não se saiba exatamente de quem, uma vez que os únicos habitantes eram, na época, os alcatrazes que a povoavam e uma dezena de homens que se dedicavam a recolher os excrementos das aves para fazer guano.” Temo que na atualidade só restem os alcatrazes; e soube depois que o velho Shiel ou Shiell, o pregador e armador, não foi monarca como eu disse então: limitou-se a fazer coroar seu primeiro varão nascido. “Gawsworth nunca pôde tomar posse do seu reino, pois o governo britânico — com cujo Escritório Colonial tanto os dois Shiel como ele pleitearam incansavelmente —, atraído pelo fosfato de alumínio produzido pela ilha, decidira anexar seu território para evitar que os Estados Unidos fizessem o mesmo. Apesar disso,

Gawsworth assinou alguns de seus escritos como Juan I, King of Redonda (rei no exílio, é de supor), e outorgou títulos ducais ou nomeou almirantes vários escritores admirados ou amigos, entre eles o mestre Machen (a quem antes o confirmou), Dylan Thomas, Henry Miller e Lawrence Durrell. A nota desse dicionário, após não explicar o que acabo de contar e descobri um pouco depois, terminava assim: “Apesar de seu amplo círculo de amizades, Gawsworth transformou-se em uma espécie de anacronismo. Passou seus últimos anos na Itália, voltando a Londres para viver da caridade, dormindo nos bancos dos parques e morrendo em um hospital, esquecido e sem um *penny*.” Também soube mais tarde que entre os pares se encontravam alguns autores de romance policial como Dorothy L. Sayers, Julian Symons e “Ellery Queen”, alguns editores como Gollancz, Knopf e Secker, e talvez alguns artistas como Dirk Bogarde e a exuberante e platinada Diana Dors.

“Que o homem laureado que pôde ser rei e que com indubitável entusiasmo e orgulho juvenil em um dia de 1932 assinou o exemplar de Backwater's que está em meu poder tivesse terminado desse modo não pôde deixar de me impressionar — ainda mais do que as histórias do violinista Mollineux e do teólogo papal Mew —, embora tantos outros escritores e homens melhores do que ele tenham tido sorte parecida.” Esse violino e esse teólogo haviam acabado mendigos contra qualquer previsão, em Oxford se veem muitíssimos, a cidade está cheia deles, dão o que pensar e fazem temer, por nós mesmos também. “Não podia deixar de me perguntar o que lhe teria acontecido no ínterim, entre sua iniciação literária precoce e frenética e aquele final anacrônico e esfarrapado; o que lhe teria acontecido — talvez — durante aquelas estadas ou viagens por meio mundo, sempre publicando, sempre escrevendo, onde quer que se encontrasse. Por que Túnis, Cairo, Argélia, Calcutá, Itália? Só por causa da guerra? Só por alguma atividade diplomática obscura e nunca registrada? E por que não voltara a publicar depois de 1954 — dezesseis anos antes de sua morte patética — quem o fizera em lugares e datas em que devia ser heroico ou suicida conseguir uma editora? O que fora feito das — pelo menos — duas mulheres com quem se casara? Por que, aos cinquenta e oito anos,

aquele desenlace de velho inútil, aquela morte de mendigo oxoniano?

“O casal Alabaster, com sua sapiência incomensurável mas precavida, quase não me pudera ajudar a encontrar textos seus nem sabia mais sobre ele, mas sabia da existência de um indivíduo em Nashville (Tennessee) que, a milhares de quilômetros de distância, possuía quase toda a informação do mundo sobre Gawsworth. Esse indivíduo, ao qual demorei para escrever por um estranho temor injustificável, remeteu-me (quando finalmente o fiz) a um breve texto de Lawrence Durrell sobre quem fora seu iniciador literário e grande amigo de juventude, e também me deu alguns dados complementares: as esposas de Gawsworth foram três, duas das quais, pelo menos, já tinham morrido; seu problema fora o álcool; seu vício — li com apreensão e um reflexo de horror — a busca e o colecionismo malsão de livros. Malsão, assim o qualificava, sem titubear, o indivíduo de Nashville.” Esse homem se chama Steve Eng e na primavera de 1988 publicou um artigo intitulado “A profile of John Gawsworth” ou “Um perfil de John Gawsworth”, numa revista obscura de tiragem mínima. Embora não tenha terminado *Todas as almas* antes de dezembro do mesmo ano, só muito depois pude conhecer essa peça. E o narrador continua dizendo:

“O texto de Durrell apresenta Gawsworth ou Armstrong como um perito e dotadíssimo caçador de joias inencontráveis, com magnífica visão bibliófila e melhor memória bibliográfica, que em seus anos de principiante costumava estrear o dia comprando por três *pennies* alguma edição rara e cara que sua pupila sabia discernir e reconhecer em meio à bagunça dos caixotes de saldos expostos em plena Charing Cross Road, para vendê-la imediatamente por várias libras, a poucos metros de onde a encontrara, a Rota, do Covent Garden, ou a algum outro livreiro requintado da Cecil Court. Além de seus volumes primorosos (muitos ele guardava, como tesouros), possuía manuscritos e cartas autógrafas de autores admirados ou famosos e todo tipo de objetos que haviam pertencido a personagens ilustres, adquiridos com não se sabia que dinheiro nos leilões que frequentava: um boné de Dickens, uma pena de

Thackeray, um anel de Lady Hamilton, depois as cinzas do próprio Shiel. Gastava grande parte de suas energias tentando obter da Royal Society of Literature e de outras instituições, a cujos membros mais proveitosos martirizava com suas insistências e embaraçosas comparações literárias e monetárias, pensões e ajudas para velhos escritores com solvência escassa ou simplesmente arruinados depois do fim do sucesso: os mestres Machen e Shiel foram dois de seus beneficiários.

Mas Durrell também conta que a última vez que o viu, uns seis anos antes (o texto é de 1962, quando Gawsworth ainda vivia e era um homem de cinquenta anos, logo o viu aos quarenta e quatro; mas curiosamente Durrell, da mesma idade, fala dele como se fala dos que já se foram ou estão indo embora), fora na Shaftesbury Avenue, empurrando um carrinho de bebê. Um carrinho vitoriano enorme, observa Durrell. Ao vê-lo, pensou que aquele boêmio excêntrico, o Escritor de Verdade que, quando ele era recém-chegado de Bournemouth, o deslumbrara com seus conhecimentos e lhe mostrara a Londres literária e noturna, fora centrado e finalmente responsabilizado pela vida (que a vida se pusera em dia também com ele, Durrell disse literalmente), e que ele tinha filhos, talvez três pares de gêmeos, a julgar pelo veículo descomunal. Mas, ao se aproximar para ver o pequeno Gawsworth, ou pequeno Armstrong, ou príncipe de Redonda que esperava encontrar sob a capota, descobriu com alívio que o único conteúdo do carrinho era um monte de cascos vazios de cerveja que Gawsworth ia devolver, cobrar e substituir por outros tantos intactos. O Duque de Cervantes Pequena (esse era seu título) acompanhou seu rei exilado que nunca conhecera seu reino, viu-o encher o carro de garrafas novas e, depois de beber uma com ele em memória de Browne, ou Marlowe, ou algum outro clássico que aquele dia fazia aniversário, viu-o desaparecer empurrando seu carrinho alcoólico, com passo tranquilo, para a escuridão, talvez do mesmo modo como agora, às vezes, empurro o meu pelo Retiro ao cair da tarde, só que dentro levo meu filho — este filho novo — que ainda não conheço bem e que há de sobreviver a nós.” Nem é preciso recordar que este último comentário do narrador eu não posso subscrever. O texto de Durrell

se intitula “*Some Notes on My Friend John Gawsworth*” ou “Algumas notas sobre meu amigo John Gawsworth”, e foi publicado em 1969 fazendo parte do livro de “textos mediterrâneos” de Durrell *Spirit of Place* ou Espírito de lugar; havia sido escrito como contribuição para um volume em homenagem a Gawsworth em seu quinquagésimo aniversário, mas esse volume de celebração tão concreta e sujeita a uma data ainda não havia visto a luz em 1969, isto é, quando o homenageado já tinha feito cinquenta e sete anos, um antes da sua morte. Mais um projeto frustrado, o amigo sem homenagem. Aos quarenta e quatro, quando se produziu o encontro descrito na Shaftesbury Avenue, Gawsworth já estava havia um ano casado com sua terceira e última mulher, Doreen Emily Ada Downie, conhecida como “Anna”, a viúva quatro anos mais velha e que foi avó da inglesa loura de nome Maria que me entregou faz pouco as cópias das certidões de casamento e óbito de Terence Ian Fytton Armstrong, nesses assuntos pseudônimos não valem. O que se segue em *Todas as almas* é um comentário sobre as duas fotos que incluí aqui antes e que no romance apareciam entre estas páginas que agora reproduzo:



“Posteriormente vi uma foto de Gawsworth que, mais ou menos — naquilo que é possível apreciar —, coincide com a descrição física que o próprio Durreli faz dele em seu texto: “... de estatura mediana e um pouco pálido e magro; tinha o nariz partido, o que conferia a seu rosto — um toque de astúcia vilanaz. Seus olhos eram castanhos e brilhantes, e seu senso de humor não era prejudicado por suas privações literárias.’ Nessa única foto que vi ele está com o uniforme da RAF e tem nos lábios um cigarro ainda não aceso. O

colarinho da camisa é um pouco folgado e o nó da gravata parece estreito demais, embora aquela fosse uma época de nós estreitos nas gravatas. Está condecorado. Tem a testa sulcada, nítida e horizontalmente, e, mais do que olheiras, pequenas pregas debaixo dos olhos, que olham com uma mistura de picardia ou divertimento e devaneio ou nostalgia. O olhar é límpido. A orelha chama a atenção. Poderia estar escutando. Decerto está no Cairo, sem dúvida no Oriente Médio, ou pode ser que não, mas no Norte da África, na Barbaria francesa, e é 1941, ou 42, ou 43. Talvez não muito antes de ser transferido do esquadrão Spitfire para a Desert Air Force do VIII Exército. O cigarro não iria durar. Deve ter uns trinta anos, embora aparente mais, um pouco mais. Como sei que morreu, vejo na foto o rosto de um homem morto. Lembra-me um pouco Cromer-Blake, embora o cabelo deste fosse prematuramente branco, e o bigode que deixava crescer durante algumas semanas para tirá-lo e ficar sem ele durante outras tantas também era grisalho, ou pelo menos tinha fios prateados, ao passo que os de Gawsworth (o bigode e o cabelo) são escuros. A ironia do olhar é muito parecida, mas o de Gawsworth é mais afável, não há nele nenhum vestígio de sarcasmo ou de cólera, nem seu anúncio, nem sua possibilidade. O uniforme não está bem passado.” Agora sou eu que falo e não o narrador, posso dizer que ele me lembra um pouco Juan Benet e outro pouco Eduardo Mendoza, para não sairmos de escritores, embora o primeiro pudesse ser colérico e sarcástico além de muito afável e o segundo, em compensação, pareça tão-só afável e algo irônico. Quem ele não me lembra em absoluto é Eric Southworth, nem Philip Lloyd-Bostock, os supostos modelos reais, vivo e morto, de Cromer-Blake.

“Também vi uma foto de sua máscara mortuária. Acabava de renunciar à idade ou ao transcurso quando a fizeram, mas justo antes tinha sido um homem de cinquenta e oito anos. A máscara foi feita por Hugh Oloff de Wet em 23 de setembro de 1970, no mesmo dia ou no dia seguinte ao de sua morte em Londres, no distrito de Kensington, onde nascera. Seu antigo amigo do Cairo, *Sir* John Waller, doou-a à Poetry Society, mas essas atenções devem ter sido já póstumas ou chegaram tarde demais. Aquele que foi John

Gawsworth, Terence Ian Fytton Armstrong, Orpheus Scrannel, Juan I, King of Redonda, e também às vezes apenas Fytton Armstrong, ou J. G. ou ainda simplesmente G., tem agora os olhos fechados e sem olhar de nenhum tipo. As pregas já são olheiras nítidas, as rugas da testa são confusas (o crânio abaulado) e parece ter mais sobancelhas, talvez apenas por efeito das pálpebras fechadas. Vê-se o cabelo branco — mas pode ser porque tudo é de gesso — e sua orla retrocedeu um pouco desde os anos 40 ou o limite de sua juventude, desde a guerra contra o Afrika Korps. O bigode parece mais profuso porém mais flácido, é um bigode que pica e ao mesmo tempo é murcho, de militar aposentado já cansado de estirá-lo. O nariz cresceu e se alargou, as bochechas estão muito amolecidas, o rosto inteiro está inchado, como que com falsa gordura e abatimento. Tem papada. Não há dúvida de que está morto.” Agora desconfio de que o barbearam no hospital ou já cadáver, porque vi uma foto de seus últimos tempos na que sobressai uma feia, comprida e desfiada barba própria do que ele era então, um mendigo. Também sei que o nome correto do autor da máscara, de quem só conhecia aquele quando escrevi essas páginas, era Hugh Oloff de Wet; sei também que esse homem esteve em Madri no ano em que nasci em Madri e que muito antes havia estado a ponto de morrer fuzilado em Valencia e depois em Berlim uma segunda vez. Também que na Espanha tinha perdido um olho (era o que dizia) e matado, como em outros lugares, antes e depois da Espanha. E o cavalheiro narrador continuava assim:

“Mas devia vaguear pelas ruas de Londres com esse rosto derradeiro, com um sobretudo ou Um paletó daqueles que os mendigos sempre sabem arranjar. Empunharia garrafas e apontaria diante de seus iguais seus livros expostos nos caixotes de saldos da Charing Cross Road, que não poderia comprar, para incredulidade deles. Contaria de Túnis e da Argélia, da Itália e do Egito, e da Índia. Proclamaría ser rei de Redonda, para hilaridade deles. Com esse rosto dormiria nos bancos dos parques e entraria num hospital como dizia aquele dicionário especializado em literatura de terror e fantástica, e com esse rosto talvez fosse incapaz de estender a mão que utilizara caneta e pilotara aviões. Talvez fosse, como costumam

ser os mendigos britânicos, orgulhoso e áspero, brutal e intratável, ameaçador e altivo, e não soubesse pedir para si mesmo. Sem dúvida era bêbado, e no final de sua vida não esteve anos na Itália, mas apenas algumas semanas nos Abruzos, em Vasto, para uma última farra, da qual não sei nada. Uma última farra, assim dizia em sua carta o indivíduo de Nashville, com o qual não voltei a ter contato. Não houve nenhum Gawsworth que salvasse Gawsworth, nenhum escritor promissor e entusiasta que tentasse fazê-lo voltar à razão e o obrigasse a escrever de novo (talvez porque sua obra não fosse admirável e ninguém quisesse que ela continuasse), que fosse pedir e conseguisse para ele uma pensão da Royal Society of Literature, da qual um dia foi membro eleito, o membro mais jovem. Também não houve nenhuma mulher, das numerosas que tivera, que freasse sua divagação ou o acompanhasse nela. Acredito. Onde estão ou repousam essas mulheres, insulares ou coloniais? Onde estarão hoje seus livros, os que sabia distinguir ao primeiro golpe de vista em meio aos labirintos de estantes caóticos e poeirentos, como eu sabia fazer com os do casal Alabaster e tantos outros livreiros de Oxford e Londres? (Também eu, com meus dedos enluvados e ágeis que mal roçavam as lombadas que percorriam com mais velocidade que meus próprios olhos — como um pianista fazendo um glissando —, sabia dar sempre com o que procurava, a ponto de tantas vezes ter a sensação de que eram os livros que me procuravam, e me achavam.) Provavelmente voltaram ao mundo ao qual regressam todos, ou a maioria, ao mundo paciente e calado dos sebos, do qual só saem temporariamente. Talvez algum dos que possuo, além de *Backwaters*, também tenha passado pelas mãos de Gawsworth, tenha sido comprado e vendido imediatamente para pagar um desjejum ou uma garrafa, ou permanecido, talvez — como um eleito —, durante anos em sua biblioteca, ou o tenha acompanhado à Argélia e ao Egito, a Túnis e à Itália e até a Índia; e assistido a combates. Talvez qualquer dos mendigos patibulares com quem eu cruzava várias vezes todos os dias em Oxford, que eu identificava, a quem temia e nos quais meu desvario passageiro e leve fazia com que me visse como num reflexo antecipador (ou nem tanto), tivesse tido livros. Talvez tivesse escrito livros, ou tivesse

lecionado em Oxford, ou tivesse tido uma amante-mãe primeiro pegajosa e depois evasiva e sem escrúpulos (quando foi mais mãe): ou tivesse vindo de um país do Sul — com um realejo que se perdera ao chegar, quem sabe ao desembarcar no porto de Liverpool, e traçara seu destino — ao qual ainda não esquecera que nem sempre se pode voltar.” (Não sabe nele a morte andar devagar.)

Assim terminava esse capítulo de *Todas as almas*, que finalmente acabei reproduzindo integralmente com exceção do primeiro parágrafo, e com anotações e comentários novos como temia. De três linhas contidas nessas páginas surgiu um breve conto intitulado “Um epigrama de lealdade” no mesmo ano de 1989, poucos meses depois da publicação do romance, com Gawsworth no fim de seus dias como personagem principal. Mas a primeira vez que falei dele por escrito foi num texto que não era ficção, um artigo que publiquei no jornal El País em 23 de maio de 1985, já faz doze anos, quando eu ainda vivia em Oxford e o que acontecia comigo se parecia bastante com o que o narrador chamou de “meu desvario passageiro e leve”, com respeito aos mendigos dessa cidade e a esse escritor que acabou transformado num mendigo de Londres. O texto se intitulava “O homem que teria podido ser rei” em nítida alusão ao célebre relato de Rudyard Kipling “*The Man Who Would Be King*” ou “O homem que ia ser rei”, também conhecido em minha língua como “*El hombre que pudo reinar*” [“O homem que pôde reinar”], desde que assim se traduzisse o filme de John Huston baseado nessa fantástica história que foi a preferida de Faulkner e Proust, com os atores britânicos Sean Connery e Michael Caine. Tanto meu conto como meu artigo estão recolhidos em volumes de contos e artigos, *Mientras ellas duermen* e *Pasiones pasadas*, respectivamente. Nas últimas frases que transcrevi faz-se referência a duas circunstâncias ou fatos atinentes somente ao narrador; a outros dois que são compartilhados pelo narrador e pelo autor (o ensino em Oxford e a posse -de livros), ou talvez sejam três; e a um que, impropriamente, pertence tão-só ao autor, já que em nenhum momento do romance se diz nem se insinua que o cavalheiro espanhol que conta a história e divaga teria escrito livros, embora de

fato esteja escrevendo um ao divagar e contá-la. Não foi uma falha nem um descuido nem uma involuntária intrusão ou esquecimento, foi algo deliberado, já que, como disse antes, estas são as páginas mais autobiográficas do romance e me pareceu honesto confessá-lo tacitamente por meio desse aparente deslize que, como era de querer e esperar, passou inadvertido por quantos o leram. (Também o fiz pela tentação do risco, sempre nos tenta fazer um borrão aqui e ali, por amor à infração, e nos trair, para ver se passa por texto limpo.)

Ainda tenho de reproduzir o primeiro parágrafo do capítulo seguinte, que eu talvez pudesse ter subscrito mais que qualquer outro parágrafo e que dá uma clara e cabal ideia de em que consistia aquele desvario passageiro e leve que foi um empréstimo do autor que respira e fala, Javier Marías — ou era então Xavier Marías —, ao narrador sem nome que prende a respiração e tão-só escreve, mas que por isso tem a voz mais persuasiva. Esse parágrafo diz assim:

“Não me fiz nem me faço todas essas perguntas por piedade de Gawsworth, afinal só um nome falso que não conheci e cujos textos — que são a única coisa dele que ainda posso ver, além de suas fotos quando vivo e quando morto — não me dizem muito, a não ser por curiosidade tingida de superstição, convencido como cheguei a estar, algumas tardes de primavera ou Trinity, de que acabaria tendo sorte idêntica à dele.”

Mas uma vez Gawsorth apresentado aos que não o conheceram e trazido de volta à memória dos que já o cumprimentaram em *Todas as almas*, torno àquele jovem Wilfrid Ewart de quem me dispunha a falar antes e de sua luz apagada de repente, sem testemunha nem aviso prévio na Cidade do México.

É como se John Gawsorth, ao se interessar com frequência por escritores fracassados que tentou salvar do esquecimento com muito pouco ou muito efêmero êxito, houvesse estado assimilando-se a eles em vida, ou prevendo, ou talvez definindo. Nos anos 30 organizou e preparou várias antologias de escritos de mistério e terror, eu pelo menos sei de sete ou oito, cujos respectivos títulos foram *Strange Assembly*, *Full Score*, *New Tales of Horror by Eminent Authors*, *Thrills* (somente *Thrills*), *Crimes and Mysteries*, *Crimes*, *Creeps and Thrills*, *Masterpiece of Thrills* e talvez *Path and Pavement*, a primeira de 1932 e a última de 1937, isto é, publicadas entre os vinte e vinte e cinco anos do hiperativo e precocíssimo Gawsorth. Nelas se encontram quase sempre contos dos velhos e eminentes mestres Shiel e Machen — King Felipe I e Arquiduque de Redonda, respectivamente — e alguns do próprio discípulo e príncipe herdeiro sob seus diferentes nomes. Há um de seu cupincha Lawrence Durrell e numerosos de outros futuros membros da “aristocracia intelectual” do reino. Mas também há muitos de escritores que não puderam receber nenhum ducado nem cargo nem título do rei Felipe ou do rei Juan depois porque malograram de todo e de verdade, como os jovens suicidas Richard Middleton e Hubert Crackanthorpe. O primeiro foi um homem de grande talento e difícil trato que acabou se matando com clorofórmio aos vinte e nove anos no número 10 da Rue de Joncker em Bruxelas, em 1911, sem ter ainda publicado um só livro (a coisa começou em 1912). Dele escreveu o arquiduque Machen: “Era impaciente, não queria

esperar. Não conseguia relaxar... Não me lembro de tê-lo ouvido rir; não aberta e generosamente, com gosto... No geral, seu humor era tingido de amargura.” E, no dizer de um contemporâneo seu que teve bastante contato com ele, Middleton pôs fim a seus dias por mero “ódio à vida”, que costumava chamar de “o real intolerável”. Junto da garrafa de clorofórmio deixou um cartão cruzado por esta frase: “Um espírito roto e contrito que Tu não desprezarás.” O segundo, de talento menor, realista e caráter mais afável, apesar disso se jogou no Sena em 1896, à idade de vinte e seis anos, Por razões mais circunstanciais que de princípio, após a fuga da sua mulher com outro. Seu cadáver só foi encontrado meses mais tarde, e ao que parece estava tão desfigurado que somente seu irmão foi capaz de identificá-lo pelas abotoaduras. Os dois eram afrancesados, Middleton era um seguidor estrito de Baudelaire, Crackanthorpe de Maupassant. Da morte parisiense deste último um jornal inglês chegou a afirmar que foi “o castigo de Deus por adorar ídolos franceses”.

Também aparecem nessas antologias dos anos 30 bastantes contos de Wilfrid Ewart, com esse nome ou com o não menos dele de Herbert Gore, e eu incluí um deles, “The Flats” ou “Os baixios”, na antologia de escritos raros de horror intitulada *Cuentos únicos* [Contos únicos] que por minha vez organizei e publiquei no mesmo ano de *Todas as almas*, 1989, e para a qual resgatei alguns textos das que Gawsworth havia organizado dentro da série Thrills, hoje totalmente esquecidas. Na minha incluí também um conto macabro do próprio Gawsworth (o primeiro dele a ser traduzido em outra língua, creio; temo que por ora também o último); o único desse gênero devido a Durrell; o único devido a *sir* Winston Churchill; um excelente do atrabiliário Middleton e também um meu — não pude resistir à tentação —, sob o pseudônimo de James Denham, que na nota bibliográfica correspondente fiz nascer em Londres em 1911 e morrer em 1943, caído em combate no Norte da África aos trinta e dois anos: mais um fracassado, embora este fosse apócrifo. (Seja dito de passagem, pouco podia eu imaginar então que em 1996, quando por fim foi realizado o filme de Querejeta Sr. e Querejeta Jr. não baseado em *Todas as almas*, um de seus atores secundários

seria precisamente aquele de quem tomei o sobrenome para meu ocasional nome de pluma, o inglês Maurice Denham, hoje um venerável octogenário cujas aparições são sem dúvida o melhor da fita. Não é estranho que às vezes eu tenha a sensação de atrair as coisas e os acontecimentos, e até as pessoas, mas a essas coincidências ou a essa perpétua atividade do acaso procuro não dar grande importância nem tomá-las como anomalias excepcionais próprias de um “eleito”: nas mãos de algum colega norte-americano teriam servido para muita fascinação confessa com a própria vida e para vários livros ou pelo menos cadernos.)

Quase todos os autores dos *Cuentos únicos* eram e continuam sendo tão desconhecidos, principalmente para o leitor espanhol, que me pareceu oportuno preceder cada um de seus textos de uma breve nota biográfica, daí que tive de inventar uma para o pobre James Ryan Denham. Mas em alguns casos o caráter vagaroso ou reservado dos contistas me impediu de conhecer qualquer dado, e assim lembro-me que de um, Nugent Barker, não fui capaz de encontrar nem a data de sua quase certa morte, já que havia nascido em 1888; mas quem sabe continua vivo, tudo é possível. Outro que apresentava mistério, além do mais instigante ou que convidava à investigação, era Wilfrid Ewart, do qual não pude escrever mais que o que segue em sua nota correspondente:

“Wilfrid Herbert Gore Ewart (1892-1922) morreu, como se pode ver por suas datas, aos trinta anos, e Arthur Conan Doyle, o criador de Sherlock Holmes, sentenciou com tristeza ao saber de sua morte: ‘Teria chegado ao mais alto.’ Por sua vez, T. E. Lawrence, mais conhecido como Lawrence da Arábia, disse dele em certa ocasião: ‘Não precisa de apresentação para o público leitor.’ E o inevitável John Galsworthy, que ao que parece foi amigo de todo o mundo, escreveu o seguinte no começo de sua nota introdutória ao livro póstumo de Ewart *When Armageddon Came* (1933): ‘Wilfrid Ewart morreu há dez anos e três meses; na noite de Ano Velho de 1922, para ser exato, na sufocante escuridão da Cidade do México. A história é por demais conhecida para precisar aqui de ampliação, e trágica demais para permitir insistir nela com um comentário de passagem. Mais um dos grandes romancistas da Inglaterra caiu

morto, e a Literatura ficou tanto mais pobre com sua perda. Junto da Árvore da Noite Triste... foi enterrado’.

“O estranho do caso”, prosseguia eu, “é que na atualidade não há maneira (ou eu não a encontrei) de saber nada desse jovem de trinta anos que teria chegado ao mais alto, que não necessitava de apresentação e cuja morte era por demais conhecida para precisar de ampliação. O nome de Ewart não aparece em nenhum dicionário, em nenhuma história da literatura inglesa, em nenhuma antologia moderna. A Editora MacMillan, entretanto, anuncia a reedição (talvez já tenha saído) de seu mais famoso romance, *Way of Revelation* (1921), sobre a Primeira Guerra Mundial, na qual o autor combateu, ‘e talvez então saibamos como e por que Ewart morreu na Cidade do México.

“Por enquanto só posso dizer que antes de morrer publicou também *A Journey in Ireland* (1921) e que postumamente apareceram, à parte o já citado título de 1933, *Scots Guard* (1934), *Love and Strive* (1936) e *Aspects of England* (1937). Com seu nome ou sob o pseudônimo de Herbert Gore, vieram à luz alguns contos na série *Thrills* e em outras antologias dos anos 30. O presente relato, *The Flats*, de prosa tão refinada que poderia nos Fazer pensar que Conan Doyle tinha razão, procede da antologia intitulada *Path and Pavement* (1937), de John Rowland.”

Não é de estranhar que, dada a índole romanesca e disparatada desta e de outras notas biográficas da antologia, a fornecida ao inexistente Denham não tenha levantado suspeitas nem chamado em excesso a atenção: ou não se acreditava em nenhuma delas e se duvidava da autenticidade de todos os contos, ou se aceitavam todas e todos sem reclamar. Houve quem se inclinasse pela primeira possibilidade e desconfiasse de que os dezenove relatos sem exceção eram meus sob diferentes nomes. Quem dera, porque pelo menos dezoito valiam a pena. (A verdade é que teria sido bastante arriscado e cândido de minha parte atribuir apócrifos ao famoso e muito estudado autor do Quarteto de Alexandria ou a um notório ex-primeiro-ministro de Sua Majestade.) Houve quem, mais prudente, pensasse que “só” eram meus três ou quatro, entre eles sem dúvida o de Gawsworth, que não poucos leitores ainda tinham

por personagem de ficção. E lembro-me de que alguns amigos, postos a par da brincadeira e desafiados a me desmascarar, falharam vergonhosamente e não acertaram nem na quinta oportunidade; o senhor meu pai, que me conhece faz tempo mas não tão bem quanto imagina, hesitou entre imputar-me o conto do suicida Middleton — o que foi meio preocupante, não sei se mais para mim ou para ele — ou o de Denham; *don* Juan Benet não hesitou, e me arrancou a máscara de primeira.

Voltando a Ewart e à sua misteriosa morte, o certo é que não fui capaz, de fato, de averiguar nada antes da publicação da antologia, e não me tenho por mau investigador de figuras e dados obscuros, embora seja preguiçoso e passivo. Depois não persisti, ou adiei a pesquisa. Mas ao cabo de uns meses recebi duas cartas quase seguidas do México, onde ao que parece há grande curiosidade e portanto documentação exaustiva sobre os escritores estrangeiros que passaram pelo país. De Wilfrid Ewart, que além do mais tinha ficado para sempre naquele solo violento, não havia porém notícia alguma registrada, o que, segundo meus correspondentes, constituiu um estímulo para iniciar uma investigação de campo e tentar remediar minha ignorância confessa da nota biográfica desencadeante.

A primeira carta era de um escritor, Sergio González Rodríguez, ensaísta, e vinha acompanhada de um extenso artigo seu, já publicado na revista Nexos de dezembro de 1989, sob o título de “O mistério de Wilfrid Ewart”. A segunda carta, de março de 90, vinha de um jovem chamado Rafael Muñoz Saldaña, que, com menos recursos jornalísticos e meios bibliográficos a seu alcance, me contava como se propusera “resolver a incógnita” que eu “havia deixado aberta”. Anunciava que o “trabalho de campo” realizado o levara “por vias inesperadas”, de modo que no fim das contas “frutificara em resultados concretos”. “Se bem que eu já tenha uma ideia geral”, dizia, “das condições em que Ewart morreu, ainda faltam muitas interrogações a que preciso dar resposta.” O jovem em questão — confessava vinte e três anos, logo terá uns trinta agora — recebeu com senso esportivo a notícia de que seu compatriota mais velho, Sergio G. R., tinha se adiantado

publicamente a ele em suas descobertas. Mande-i-lhe cópia do artigo deste, respondeu lamentando, com uma ponta de orgulho, que a informação que aquele texto dava a conhecer era “exatamente a mesma que eu havia obtido”. Mas acrescentava conformado: “O que fiz para explicar esse mistério talvez seja mais interessante que o próprio mistério, conheci muitas pessoas insólitas, entre elas uma mulher de idade avançada que está enjoada faz quinze anos e um sacerdote que restringe a entrada do templo em que oficia com medo de assaltos. Um dia lhe contarei minhas aventuras em detalhe.” E, visivelmente decepcionado apesar de tudo, acrescentava: “Se no início minhas intenções — não isentas de certa teatralidade — consistiam em fazer uma espetacular revelação das circunstâncias do passamento de Ewart, agora tenho um projeto mais sensato”, que, diga-se de passagem, era dos mais insensatos e de que o dissuadi logo em seguida para que não empregasse mal seu tempo com algo que nem sequer era teatral ou espetacular. Também me fazia alguns comentários sobre *Todas as almas*, que acabava de ler, e entre eles o seguinte: “Na página 89”, dizia-me, “o senhor começa a falar de um giro pelos sebos, nesse instante parei minha leitura e pensei: O que eu procuraria se estivesse lá? Livros de Arthur Machen, respondi-me, e ao virar a página me surpreendi muito com que o protagonista do romance também o fizesse... Desde há algum tempo eu também sou devoto de Arthur Machen, embora infelizmente conheça poucos livros dele...” Não foi nada extraordinário, portanto, que umas linhas adiante esse jovem me perguntasse pela “Machen Company”, suposta associação de entusiastas da obra do escritor galês e arquiduque de Redonda que aparecia mencionada várias vezes em *Todas as almas* e de que o narrador se fazia membro por insistência do personagem Alan Marriott. Muñoz Saldaña desejava “contatá-la” se existisse na realidade. Dado que essa “companhia” era inventada e eu não queria decepcionar ainda mais o jovem macheniano mexicano, evitei sua desilusão respondendo-lhe que “temo que por ora não esteja autorizado a lhe responder. Talvez mais tarde”, como se se tratasse de uma secreta e misteriosa seita com a qual nem todo o mundo podia estabelecer contato sem mais nem menos, com

oceanos a transpor e necessitando atingir certos méritos ou submeter-se a algumas provas. Finalmente, e depois de eu lhe revelar a brincadeira de Denham, ele me respondeu, muito generoso, que “sua charada me divertiu bastante... Esses jogos me apaixonam, principalmente quando são bem feitos como no caso de John Bendham”, falseando ainda mais, e tão de pronto — creio que involuntariamente —, meu terceiro nome falso, já que antes havia empregado outros dois para escritos bem menores ou de caráter duvidoso. Gostei da “charada”.

Embora tenhamos continuado a nos corresponder de quando em quando ao longo dos anos, ainda espero que Muñoz Saldaña me conte um dia da mulher que estava enjoada fazia quinze anos, que foi, de fato, o que mais me interessou em suas primeiras cartas. “Como assim enjoada?”, lembro-me de lhe ter perguntado. “O que acontece? Como ela pode saber se faz tanto tempo que está e até deve pensar que é seu estado natural? A sua frase, sim, é que era um tanto enigmática.”

O que vem em seguida já contei parcial e concentradamente num artigo, “*Recuerda que eres mortal*” [Lembra que és mortal], incluído em meu livro *Literatura y fantasma* [Literatura e fantasma], de 1993 (admira-me ver como sou honesto, avisando de todos os antecedentes), e tanto ali como aqui há bastante material devido e agradecido a meus dois correspondentes mexicanos, que em todo caso me indicaram o caminho para averiguar como haviam sido a curta vida e a súbita morte sem testemunha de Wilfrid Ewart. Sergio González Rodríguez, de fato, foi além da informação revelada em seu artigo “*El misterio de Wilfrid Ewart*” [O mistério de Wilfrid Ewart], no qual aventurou algumas hipóteses tão divertidas quanto forçadamente borgeanas e improváveis para esclarecer ainda mais esse mistério, e me intimava amavelmente a desenvolvê-las (“Só um escritor como Javier Marías poderia escrever sem mácula esse tipo de elucubrações...”: temo que vá decepcioná-lo, e não somente por minha tendência a fazer borrões). Devo a ele as profusas citações de jornais mexicanos que nos primeiros dias de 1923 deram notícia daquela morte estrangeira do Ano Velho não tão

gratuita e absurda, por sê-lo ao extremo, quanto sarcástica para o morto e mortificadora para seus próximos.

Ewart nasceu no dia 19 de maio de 1892, filho de Herbert Brisbane Ewart e de *lady* Mary Ewart, chamada “Molly”, residentes no número 8 de West Eaton Place, Belgravia, um dos mais distintos distritos de Londres. O pai, que não era pobre mas era menos ainda rico, provinha de uma notável família de militares, que também não faltavam na da mãe: o bisavô materno de Wilfrid foi o general *sir* William Napier, autor da monumental *History of the War in the Peninsula*, na qual evidentemente teve um papel de destaque e que em nosso solo conhecemos como Guerra da Independência; seus seis grossos tomos foram uma das várias encomendas que *don* Juan Benet me fez durante minha estada em Oxford, tendo em vista inspirar-se naquela Guerra Peninsular — quando choveu sal e espalharam-se caveiras — para as manobras bélicas dos volumes três e quatro de seu romance *Herrumbrosas lanzas* [Ferruginosas lanças] (eu os consegui, mas seu romance ficou inconcluso. E por acaso já houve alguma vez algo que não ficasse inconcluso?). O avô paterno de Wilfrid foi o general Charles Ewart, herói da guerra da Crimeia, suponho que duvidoso, como todos os heróis dessa guerra; um tio-avô dele, *sir* Henry Ewart, dirigiu a célebre carga de Kassassin; outro tio-avô, *sir* John Alexander Ewart, participou de Balaclava, Inkerman e Sebastopol; e o filho deste, *sir* John Spencer Ewart, esteve na tomada de Cartum com lorde Kitchener em 1898, e depois na Guerra dos Bôeres na África do Sul, também acompanhando o lendário Kitchener. Apesar de tantos vínculos guerreiros e de seu longínquo parentesco com Wilfrid Ewart Gladstone, célebre primeiro-ministro da rainha Vitória, o pai de Wilfrid trabalhava pacífica e modestamente — se bem que com o pomposo título de “interventor” — como secretário da princesa Dolgorouki, exilada viúva de um nobre russo que vivia refugiada numa descomunal mansão neoclássica branca construída em Lutyens e adequadamente russificada depois, no meio de um lugar coberto de bosques perto de Taplow, Windsor.

A mãe, por sua vez, pertencia a uma família repleta de títulos, tanto originais como assimilados mediante a reiteração de vários

casamentos. Segundo Hugh Cecil em seu livro *The Flower of Battle* ou A flor da batalha, sobre os romancistas britânicos da Primeira Guerra Mundial, em que dedica um capítulo a Ewart com abundante informação de que aqui me valho com agradecimento, *lady Mary* ou Molly era filha mais nova do terceiro conde de Arran; sua irmã Caroline casou-se com o oitavo lorde Ruthven; seu irmão mais velho, Arthur, tornou-se o quarto conde de Arran em 1884; uma filha dele contraiu matrimônio como herdeiro do marquês de Salisbury, outra com o visconde Hambleden e uma terceira com o conde de Airlie. Nada de muito sadio podia derivar de tudo isso, e a mãe de Ewart, ao que parece, oscilava entre a graça excêntrica e o desequilíbrio sem paliativos. Conta Cecil que certa vez ela recebeu umas visitas sentada no tapete, o que na época era insólito mas não excessivamente preocupante, não fosse pela explicação que deu à sua inusitada escolha de assento: “Perdoe por me sentar no chão”, disse; “agora sempre o faço, a distância é menor se eu cair.” Em seus piores surtos mandou o mordomo expulsar da casa um casal de respeitáveis recém-casados — nada menos que o visconde e a viscondessa Hambleden —, alegando que viviam “em aberto pecado”, e atacava com violência o marido, pelo que se julgou que Wilfrid e suas irmãs mais novas, Angela e Betty, bem podiam passar sem menoscabo e até com proveito longas temporadas distantes do lar paterno.

De Betty pouco se sabe, só que na idade adulta deu-se à bebida e às drogas e que, como mandam os cânones para as femininas ovelhas negras das famílias frágeis que acusam qualquer imprevisto como um revés ou um drama, contraiu inadequado matrimônio com um chofer. Já Angela sempre foi muito apegada ao irmão, com quem se parecia tanto de caráter como fisicamente. Na Primeira Guerra Mundial a que Wilfrid Ewart sobreviveu, ela perdeu o marido, Jack Farmer, dois meses depois do nascimento de uma filha de ambos, que Farmer não conheceu. Anos mais tarde Angela casou-se de novo com um tal de Waddington, e ao contrário do irmão teve vida longa, indo além dos noventa anos de idade. Ele a acompanhou até Longueval, perto do Bosque de Delville, uma vez acabada a guerra, em 1919, para tentar localizar a sepultura

apressada ou tardia do fuzileiro Farmer. No local da luta, ainda semeado de capacetes, botas cobertas de barro, pincéis de barbear e vários aprestos do ano 16, anoiteceu e choveu antes de encontrarem o túmulo, e Angela deixou a cruz de louro que lhe destinava ao pé de uma macieira, perto de onde Jack tinha caído.

Foi extraordinário e um crime que Wilfrid Ewart passasse quase quatro anos combatendo numa guerra de trincheiras, com as breves tréguas que seus ferimentos e seus nervos eriçados lhe proporcionaram. Tal como acontecia com sua mãe, com quem tinha muito em comum, seu olho esquerdo — uma herança direta — não enxergava, era cego; e o direito, míope, tinha grandes dificuldades de longe, mas de perto, em contrapartida, era infalível ou, como escreveu seu amigo e improvisado biógrafo de 1924, Stephen Graham, “de qualidade microscópica”. Aquele olho sem visão era fisicamente perfeito, só que não estava conectado ao cérebro, de modo que não registrava nenhuma imagem. Não era também um jovem muito saudável, logo deve se concluir que os requisitos para participar daquela contenda não eram estritos ou então que Ewart gozou de algum favoritismo, segundo o estapafúrdio conceito dos privilégios entre os de sua classe naquela época. Ao que parece foi seu parente Ruthven, então no comando do Primeiro Batalhão da Scots Guards, isto é, da Guarda Escocesa, que o convidou a juntar-se a seu regimento ao saber da sua intenção de alistar-se. “Ele que venha conosco”, disse ao pai de Ewart, que foi consultá-lo sem o suficiente temor. “E a vista dele?”, objetou o pai. “Não haverá problema. Diga-lhe que venha.” Passou pela revista e o médico fez o que se esperava: considerou-o apto para o serviço, e, ao fazê-lo, deu-lhe todos os bilhetes, menos um, para ir ao encontro de uma morte inútil e pouco heroica nos lodaçais do Continente.

E saiu justamente o bilhete que o cego Ewart não recebeu. Combateu no Segundo Batalhão da Scots Guards, um corpo de muita distinção, classismo e altivez, em Sailly-Saillisel, contra o Moulin du Piètre e em Neuve Chapelle, onde lhe alojaram uma bala na perna, em Gouzeaucourt e na ofensiva do Somme, na segunda batalha de Ypres, no bosque de Bourlon e no canal do Yser sombrio, na espantosa terceira batalha de Ypres, e junto de Cambrai

e em Arras, e em todos esses lugares de metralha, baioneta e lama viu com seu único olho como caíam a seu lado centenas de homens mais capacitados e inteiros, entre eles seus melhores amigos e seus parentes mais soldados. É inverossímil que aquele estropeado de vista tão curta não perecesse na guerra talvez mais cruel do século em nossos territórios, mas não apenas saiu com vida, como também com o grau de capitão, que o obrigou a dar ordens e a velar por muitos, inclusive Stephen Graham nos últimos meses, que chegou a ser seu ordenança apesar de oito anos mais velho e uma dúzia de livros publicados como escritor de viagens e especialista em Rússia.

Desde bem cedo, porém, Ewart tomou nojo da guerra como a maioria, e durante seus anos de combatente ou de convalescente insistiu sem corar ante Ruthven e ante *sir* John Spencer Ewart para que o tirassem das trincheiras e o destinassem às tarefas administrativas, invertido o sinal dos privilégios após o primeiro sangue, e desta vez não concedidos. Apesar de suas solicitações cumpriu seu dever no campo de batalha e, segundo testemunhou seu coronel, embora não fosse exatamente corajoso não conhecia o medo, de modo que podiam mandá-lo a qualquer lugar. (Talvez não conheça o medo quem se dá desde o princípio por morto.) No *front* escreveu numerosas cartas e, sem querer, foi preparando nelas as descrições bélicas e paisagísticas de seu primeiro e único romance publicado em vida, *Way of Revelation* ou O caminho da revelação, de 1921, que tantas exclamações arrancou de Lawrence da Arábia e de Conan Doyle e do qual se venderam cinquenta mil exemplares em pouco tempo.

Talvez a experiência mais desoladora tenha sido, por contraste, a de uma breve trégua no dia do Natal de 1915, um cessar fogo espontâneo e não negociado entre seu Segundo Batalhão da Scots Guards e o Nonagésimo Quinto Regimento de Infantaria da Reserva Bávara. Ao amanhecer — contam Cecil, Graham e o próprio Ewart —, os de um lado e outro começaram a se observar de seus buracos, a coberto, e até a se chamarem gritando. Às dez para as oito da manhã, um alemão assomou acima de sua proteção, depois se pôs de pé e agitou os braços. Outros dois o imitaram com seus gorros e seus longos capotes cinzentos, sem saber durante uns

instantes se seriam saudados por apertos de mão ou por descargas. Então, “como por infecção simultânea”, todos os ingleses e os outros alemães foram saindo apesar do desagrado dos Altos Comandos com essas tréguas inesperadas e não combinadas em seus escritórios. Não era bem-visto nem mesmo fazer prisioneiros, e, no dizer de seus superiores, “matar hunos” era a única e festiva missão dos soldados britânicos. Os inimigos começaram a rir, a fazer piadas e a apertar-se as mãos. Encontraram-se no riacho margeado de salgueiros que os separava, e somente os sentinelas e os oficiais, entre eles Ewart, permaneceram em suas trincheiras. As tropas se entendiam por sinais, davam-se palmadas nas costas, passavam-se cigarros, biscoitos, carne em conserva e fumo em troca de salsichas, chucrute, café concentrado e charutos. No meio da confraternização, um francoatirador bávaro abateu um sargento inglês chamado Oliver, pelo visto muito querido, que mal se levantou caiu em sua trincheira, onde seu cadáver permaneceu o dia inteiro, o rosto coberto por meio saco de dormir ou por uma manta. Mas isso não bastou para dissuadir seus camaradas nem seus adversários, não se prestou muita atenção na desgraça. “Dá na mesma, não tem importância, deve ter sido um acidente”, escreveu Ewart, como se a decisão de um homem de cumprir seu dever e alvejar o sargento não tivesse força suficiente para invalidar a decisão de muitos de faltar com o deles e não abrir fogo naquele dia. Até onde Ewart estava chegavam nitidamente os gritos e as gargalhadas dos uniformes caquis e cinzentos misturados. Alegavam-se por se cumprimentarem, por se conhecerem, por verem enfim, uns dos outros, os rostos que não se temem, temem-se apenas as figuras longínquas, ou as que avançam ferozes com seus rostos imaginados. O episódio não durou mais que dez minutos segundo algumas fontes, segundo outras mais de vinte, e após qualquer que tenha sido o tempo, diz Cecil, dois oficiais alemães de botas reluzentes a quem tinha sido negada permissão para tirar retratos dos “*tommies*”, os soldados rasos, avisaram aos ingleses que voltassem sem mais tardar para suas trincheiras antes que a artilharia abrisse fogo, ao cabo de cinco minutos. Dizem algumas fontes que guardas escoceses foram alcançados quando

voltavam para suas linhas e que apesar disso não saiu nem um disparo dessas filas durante as vinte e quatro horas seguintes. Outras fontes mais próximas no tempo contam que todas as armas voltaram a levantar o barro logo em seguida, e que “mais uma vez a guerra assumiu o controle”. Dá na mesma, não tem importância, como escreveu Ewart: nem que fosse por apenas dez minutos, a guerra perdeu o controle e foi desobedecida, e ele estava lá para ver. Seria pretensioso e falso dizer que foi vencida, mas não que foi evitada e até burlada por um momento, e que se manteve a burla até mesmo depois do lembrete inclemente — ou foi vingança — por parte dessa totalidade bélica cujo objetivo primeiro é excluir tudo o que ela não abarque ou não tinja, contra a pobre e confiante figura de um sargento chamado Oliver a quem coube deter a bala perdida que aquela despeitada guerra mandava à trégua intempestiva e intrusa entre um batalhão e um regimento inimigos num remoto lodaçal de Flandres na manhã de Natal do ano de 1915, sete anos e sete dias antes de chegar a vez de Ewart na Cidade do México. “Blaw for Blaw”, “Golpe Per golpe”, isso acontece em toda parte.

Era um homem magro e alto, de mais de um metro e oitenta e cinco, com um aspecto sereno e digno, de olhos cinzentos, pele clara e cabelos castanhos. Apesar de sua saúde frágil mostrava-se vigoroso e atlético, e não costumava faltar cor em suas faces. Andava ereto e caía-lhe bem o uniforme, usava-o instintivamente com a cerimônia adequada. De caráter era meio inibido, também de comportamento. Causava-lhe repulsa o excesso de familiaridade, e aversão a qualquer manifestação de desvergonha. Em sociedade podia até parecer altaneiro, ou quase estúpido. Entre amigos, com champanhe ou vinho ao alcance, perdia a tensão e seu lado jovial aparecia. Nunca dizia palavrões e, segundo Graham, “as blasfêmias e obscenidades não lhe interessavam”. Sua forma de dar a mão era ao mesmo tempo rígida e flácida, e quando esteve na América as pessoas de lá não podiam acreditar que sua altivez e suscetibilidade fossem naturais e antigas, olhavam para o rosto dele e atribuíam sua reserva a sequelas da metralha.

Como a maioria de seus jovens contemporâneos, ostentava um bigode bem cuidado e andava bem vestido até quando deu de frequentar a boemia e os antros mais delituosos do Soho, depois da guerra, fascinado pela criminalidade, pelo consumo de drogas, pelos ânimos turvos e também pelas massas, que no entanto tolerava mal. Dedicava horas a observá-las em sua variedade infinita, procurando manter certa distância, tanto nos *night-clubs* como no seletto Café Royal ou no mais popularesco café-salão do Regent Palace Hotel, onde se deleitava ouvindo a banda tocar e se envergonhava de seu deleite na vulgaridade do lugar. De manhã assistia com frequência às indiscriminadas sessões dos tribunais de justiça, fazendo-se passar por estudante de Direito, e tomava conscienciosas notas de todos os casos. Sua vida breve não lhe deu tempo de perder esse gosto, e durante sua estada em Nova

York, antes do México, passava parte das noites nos rápidos juizados de plantão. Permitiram-lhe visitar a prisão de Sing-Sing e fizeram-lhe uma demonstração da cadeira elétrica. Quis mandar um bilhete para um tal Jim Larkin ali encarcerado — que talvez em breve fosse sentar-se nela —, mas a disciplina carcerária não lhe permitiu. Tomava notas em toda parte, não deixou de fazê-lo em seus escassos dias mexicanos: tomou-as até de uma tourada em Juárez (“O touro se ajoelha para morrer”, “A multidão queima seus programas para mostrar desagrado”), talvez tenha visto tourear Rodolfo Gaón “El Califa” e o espanhol Marcial Lalanda. Sempre tinha gostado das corridas de cavalos e do boxe. Nunca faltava a Ascot. Tudo isso é contado por Hugh Cecil, que nunca o viu, ou por Stephen Graham, que o viu em excesso, até o último dia.

Havia escrito desde muito jovem, mas não ficção precisamente. Estreou aos dezesseis anos numa revista de avicultura, ciência em que já nessa idade era perito: como engordar galinhas de granja não tinha segredos para ele, nem as corridas de aves domésticas na Europa Central, algo assombroso como conhecimento específico. Aos dezoito anos, de fato, já era considerado uma das maiores autoridades do país em matéria de galinhas. Talvez ajude a compreender essa faceta original (mas pouco) saber que desde a infância ele atraía os pássaros com um estranho magnetismo, assim como sua paixão pelo campo e pela vida ao ar livre, paixão tão desmedida e constante que chegou a influir em sua formação literária com efeitos duvidosos ou até nocivos para a possível perduração de sua obra, mas quem pode saber alguma coisa dos fracassados que mal deixaram obra? O certo é que seu quase único mestre era Thomas Hardy, mais por sua dimensão descritivo-campestre do que por suas indubitáveis virtudes poéticas e narrativas, mas em compensação Ewart nunca lera Milton nem Shakespeare, o que, principalmente num escritor inglês, não pressagia nada de bom. Foi conhecer Hardy depois da guerra, no ano de 1920, e, embora ambos fossem tímidos e sua conversa não tenha sido brilhante nem mesmo fluida, é certo que simpatizaram, e uma das últimas coisas que Ewart fez antes de ir para a América foi ir até a campina de Dorset para despedir-se do velho mestre.

Segundo contou, em sua primeira visita ficou tão nervoso ao se ver diante de seu ídolo que não conseguiu fazer-lhe uma só pergunta sobre seus romances, quando deles gostaria de saber tudo. Estivesse eu em seu lugar, teria procurado esclarecer com Hardy algumas dúvidas minhas, já que foi um livro dele — de excelentes e cruéis contos, *O braço inerte* —, o primeiro que traduzi, com grandes dificuldades descritivo-campestres ecos vinte e dois anos, isto é, numa idade em que Ewart já estava no *front* para ser testemunha das matanças e daquela trégua mal consentida, retaliada e manchada de 1915.



É claro que não foram as publicações galináceas — que lhe fizeram ganhar bom dinheiro em sua juventude extrema — que entusiasmarão os leitores, a crítica nem nenhum ilustre colega, mas seu romance *Way of Revelation*, a cuja concepção e projeto não estava alheio Stephen Graham, segundo o próprio Stephen Graham, e que Ewart teve a humilde intenção de transformar na Guerra e paz inglesa de seu tempo, como quiseram tantos outros romancistas em tantos e tão diferentes países depois de Tolstói. Esse romance de quinhentas e tantas páginas, que colheu acesos elogios e notável venda — sobretudo considerando que era uma primeira obra de ficção —, se sustenta mal hoje em dia, com uma história já então estereotipada, “efeitista” e melodramática (e é de supor que bastante autobiográfica), sobre as andanças de um jovem e seu círculo de amizades entre a guerra e a paz, sem que se saiba muito bem qual das duas — o amor sempre na paz, os corruptores também — lhe acarreta mais dissabores. Os personagens são rasos, pouco verossímeis e ainda menos perspicazes, como acontece com frequência com os que vêm demasiado diretamente da realidade sem pernoitar na imaginação, e as melhores cenas nem sequer são as bélicas, lastreadas na irrelevância dos sujeitos nelas envolvidos, mas as descritivo-campestres, como era de prever, aquelas em que o elemento humano se encontra ausente. Assim opina Cecil, e razão não lhe falta. O relato que escolhi para os Cuentos únicos, e que forneceu pretexto a isso tudo na estupenda versão de Alejandro García Reyes, é um bom e enganoso exemplo de seu talento artístico: em “The Flats” ou “Os baixios”, vê-se um prosador poético de elevada qualidade técnica e bom olho para o inanimado, mas em *Way of Revelation* percebe-se também um autor com uma visão meio rasteira da vida e da morte e com escassa imaginação para contar, até mesmo o sucedido que não é preciso inventar (mas para relatar o sucedido é preciso tê-lo imaginado, além do mais). Não é tão estranho pois que, apesar do fervor do momento e de sua morte tão deplorada e trágica, o nome de Ewart tenha desaparecido de quase todos os calhamaços injustos em que não se consignam pessoas nem suas vidas e

mortes, mas sim títulos e datas de textos mais ou menos dignos de serem lembrados e de que quase ninguém se lembra. O livro, contudo, tinha doses suficientes de horror guerreiro e insano horror civil, de desenganada sentimentalidade de retaguarda e otimismo derradeiro ou compensatório pelas perdas para atrair o público de sua época, e assim foi.

Wilfrid Ewart não pôde resistir ao sucesso por muito tempo. Aos vinte e nove anos, após os combates e uma ou outra amargura amorosa, gozou-o sem reservas nem precauções e com enternecedora ingenuidade: levava a toda parte consigo um maço feito com os recortes das críticas e as mostrava a qualquer um sem nem ser convidado a fazê-lo, até que foi papel demais para seus bolsos e teve de se conformar com uma seleção. Transformado de repente num “leão literário”, segundo a expressão inglesa, surpreendia-se, mais com agrado do que com sentimento de revanche, com que toda pessoa a quem tivesse sido apresentado alguma vez se fizesse agora passar por amiga sua e com que os que o haviam olhado de cima se gabassem de terem predito que ele faria algo grandioso. Comparecia às festas e às reuniões, aos chás, aos cafés e aos bailes, ilustrava as damas e um ou outro cavalheiro cândido sobre seu processo de escrita, relacionava-se com editores muito mais leoninos que viam nele apenas um pedaço de carne crua, e com escritores veteranos que certamente o toleravam por curiosidade autobiográfica retrospectiva e por alimentarem seu ressentimento, sabedores de que, como disse o historiador Froude, se alguém faz algo notável em Londres, Londres se encarrega de que nunca mais volte a fazer algo notável. Respondia a todas as cartas, jantava fora todas as noites, escrevia todos os contos e artigos que os jornais e revistas lhe solicitavam. Opinava muito, de literatura e não; não perdia uma partida de futebol, uma corrida de cavalos nem uma luta de boxe importantes. Vivia encantado, e se quebrou.

Foi para Liverpool de trem, resfriado e no meio de um temporal, para assistir ao Grand National de 1922, o último de que soube o resultado e foi espectador. Como de costume, vaticinou o cavalo vencedor, e assim ter-lhe-ia cabido permanecer no encantamento

aumentado na manhã seguinte. Mas, quando Stephen Graham foi visitá-lo em seu estúdio naquela tarde, Ewart comunicou-lhe que não conseguia escrever, a mão não obedecia, não funcionava. Disse isso com lentidão e dificuldade, porque essa debilitação havia afetado também sua fala, e nem sequer saíam de sua boca com certeza todas as palavras ordenadas pelo cérebro, uma dicção traiçoeira e espectral. Estava assustado mas enfrentou a coisa com calma e discrição. Foi ao médico, passou uns dias numa clínica, depois foi enviado ao campo. Perdeu peso e cor, parecia um trapo, as roupas ficaram largas. Dedicou-se a observar pássaros terapeuticamente, sua antiga paixão.

Lá pelo mês de junho tinha se recuperado um pouco e pôde escrever a Graham, que havia partido para a América com a mulher, creio que o nome de solteira dela era Rose Savory. A letra eram garatujas, mais ou menos legíveis e portanto indício de uma melhora, assim como sua menção a projetos literários a médio prazo, quando estivesse curado, entre eles a história da Scots Guards, que tinha se comprometido de boa vontade a compor, na sempre modesta ideia de emular seu bisavô materno Napier e descrever as campanhas da Guerra de 14, como seu antepassado havia feito com as de um século atrás na Guerra Peninsular, a de nossa Independência contra Napoleão.

Graham respondeu animando-o a viajar para Santa Fé, Novo México, onde se encontrava com a mulher, para que relatasse ali as façanhas de seu querido regimento: oferecia-lhe casa, cavalo e absoluta liberdade, na confiança de que Ewart não se veria com forças para aceitar. No entanto, recebeu um dia um cabograma com o nome do navio, o Berengaria, e a data de setembro em que o suposto debilitado zarparia.

Durante a travessia, já perto de Nova York, um homem caiu ao mar e não pôde ser resgatado, um camareiro de terceira classe. O pior foi ver como em pouquíssimos segundos, apesar de seus estremecimentos e de seus rangidos, o navio se distanciou do lugar da perda envolto no bramido da sua sirene, que pareceu mais um lamento antecipado do que uma voz de alarme. Quando retrocedeu era tarde, nem sequer havia lugar. Isso foi o pior para os vivos, a

esteira incessante “como uma cicatriz branca” e voraz sobre o oceano, a manifestação demasiado visível do tempo que nunca espera e vai mais rápido que as vontades, sejam de trégua, sejam de salvação ou espera, fazendo assim que tudo fique inconcluso; e a incessante consciência de que a única forma de perturbar o tempo é morrer e sair dele.

Ewart passou uns dias em Nova York em companhia de Graham, que foi pegá-lo, e do poeta americano Vachel Lindsay, mais velho que ambos e sempre temeroso de que o mais jovem e menos viajado dos ingleses fosse assaltado, atropelado ou se metesse em alguma encrenca por culpa de seus modos exacerbadamente britânicos, sua hesitação ao falar transformada em deficiência pela doença, sua maneira de segurar o dinheiro na mão e contar trabalhosamente o que tinha de pagar em cada ocasião, sua excessiva capacidade de surpresa que não sabia dissimular, sua rigidez. Ewart, apesar de ter conhecido os padecimentos da trincheira, ainda sentia seu mundo intacto e em consequência ficava atônito com que não se produzisse a menor mudança em suas botas depositadas de noite na porta do quarto. “Como fazem os homens deste país para andar com os sapatos engraxados?”, perguntou a Graham, sinceramente intrigado. “Principalmente nas casas de campo, porque nas cidades pelo menos há engraxates.” “Eles mesmos engraxam”, respondeu Graham, e sabe-se que Ewart só pôde balbuciar: “Que espantoso!”

Pararam em Chicago e em Kansas City, a caminho de Santa Fé, e ao longo de todo o trajeto de trem Ewart carregou uma grande caixa metálica que havia partido com ele da Inglaterra e que continha todos os papéis e documentos de que necessitaria para a redação de sua história regimental. Viajava com calças de montar do exército e polainas caquis, cobria a cabeça com um gorro de aspecto vagamente militar e carregava uma mochila, mais ou menos como se tivesse empreendido efetivamente uma aventura ainda colonial (só lhe faltava meu capacete colonial, mas este só foi comprado em 1933 por meu pai em Túnis, numa escala do Ciudad de Cádiz). Em Santa Fe melhorou muito seu ânimo, e também sua mão, que estivera quase paralisada, e chegou a escrever umas duas mil

palavras diárias, o que — santo céu! — não era grande coisa para ele; hospedou-se na casa de uns vizinhos de Stephen e Rose, os Cassidy; comprou um cavalo e saía para cavalgar; levou a cabo várias excursões de caráter eminentemente folclórico, em que viu índios navajos e apaches (dentre os mais conhecidos); o clima o acalmava e lhe fazia bem, a angústia foi se dissipando, ou talvez se postergando; houve mais coordenação entre seu cérebro e sua língua. Até que os Graham anunciaram sua partida para o México, onde queriam passar o Natal como preâmbulo de uma estada de dois ou três meses durante os quais pensavam “seguir as pegadas de Hernán Cortés”, com vistas a um livro que o marido preparava, sobre a Espanha (onde haviam estado antes de embarcar para a América em Cádiz e onde haviam mantido contato com Jacobo FitzJames Stuart, sem dúvida antepassado do Jacobo FitzJames Stuart que eu conheço, um dos meus editores mais educados), as Índias Ocidentais e o México, e que intitulou *In Quest of El Dorado* ou *Em busca do Eldorado*, e dedicou “À memória literária de meu amigo Wilfrid Ewart”, em 1924.

Certamente é compreensível, mas não parece que os Graham, pelo menos o marido, tenham desejado a companhia de Ewart também no México. Segundo conta em seu apático volume biográfico *The Life and Last Words of Wilfrid Ewart* ou *A vida e as últimas palavras de Wilfrid Ewart*, também de 1924, Graham tentou convencê-lo a aproveitar esse tempo de ausência sua para terminar em Santa Fé a leal história dos Scots Guards, que lhe ocupava tanto o pensamento, impedindo-o de cometer um novo romance e fazer planos ulteriores em geral. Ewart mostrou-se de acordo em princípio, mas a inquietude de seu espírito e o inverno inusitadamente frio que se abateu sobre o Novo México o levaram a mudar de opinião em poucos dias e a acompanhar o casal ao México. Mais uma vez Graham dissuadiu seu ex-capitão (não devia querer vê-lo nem em cartão postal durante sua estada naquele país), garantido-lhe que o lugar era demasiado agitado e revoltoso para escrever e que lá não conseguiria avançar nem uma linha. Foi assim que Ewart resolveu ir então a New Orleans, e empreendeu viagem no dia 15 de dezembro, depois de despachar

antecipadamente sua bagagem. Três dias depois, os Graham partiram para a Cidade do México, na ilusa crença de que não voltariam a se encontrar com Ewart até o mês de março, quando o pegariam em New Orleans, de volta de sua peregrinação hernânica.

Não foi assim: em El Paso, Ewart mudou de opinião mais uma vez, obteve uma ampliação de dez dias para a validade de sua passagem e resolveu “dar uma esticada” pelo México (umas quatro mil milhas acrescentadas ao todo, nada mais) antes de prosseguir para a Louisiana. Graham conta que, quando ele e sua mulher souberam desse desvio, através de um jornalista de El Paso, não puderam evitar sentir-se intranquilos pela sorte do amigo viajando sozinho por um país de que desconhecia a língua, os costumes e as injúrias e que ainda arrastava sua revolução. O guarda-volumes e os cofres da estação de El Paso eram famosos, ao que parece, por guardar numerosos pertences de homens e mulheres que ali haviam feito uma parada para entrar no México em breve incursão ou escala, e que nunca haviam voltado para reclamá-los, fossem joias, dinheiro, malas ou roupa. Pelo menos é certo que existia naftalina naqueles tempos.

Em Chihuahua, Graham viu a assinatura de Ewart no registro de um hotel, informou-se de seus passos por ali (uma cidade muito violenta) e soube que saíra de lá são e salvo. É estranho esse gesto, mais próprio de um perseguidor solitário do que de alguém que anda levando consigo uma leve e distante preocupação com as andanças irresponsáveis de outro: ninguém vai olhando por acaso os registros dos hotéis em que pernoita, por via das dúvidas; só se faz isso quando se procura e se quer encontrar alguém cujo rastro se persegue. Era como se os Graham tivessem iniciado uma peregrinação wilfrídica desde que souberam que Wilfrid se encontrava no México. Atormentava-os dar-se conta, como escreveu o marido, de que se Ewart quisesse ater-se ao novo período de validade da passagem seria obrigado a deixar a Cidade do México antes de eles chegarem, e até se deram ao trabalho de calcular, com os horários da ferrovia na mão, que trem teria de pegar na capital para estar em Laredo a tempo de efetuar a conexão com a Southern-Pacific Railway que o levaria a seu destino inicial,

New Orleans. E, ao descobrirem que havia uma estação em que se cruzavam na mesma hora o trem em que eles viajavam para a cidade e o que, procedente dela, se dirigia a Laredo, esforçaram-se por avistar o amigo, com o qual poderiam estar cruzando, no meio das massas noturnas de passageiros sedentos, serviçais chineses, índios que ofereciam bijuteria alemã e buliçosos vendedores de morangos, melão e manga. Mas Ewart não estava lá, na realidade não havia saído da Cidade do México.

Ali continuou a ânsia desmedida e meio incompreensível de localizá-lo, e na manhã seguinte à sua chegada a única coisa que os Graham fizeram foi passar pelo Hotel Regis, frequentado por americanos e no qual supuseram que Ewart, sempre necessitado de quartos com banheiro, podia ter se hospedado. Não tinha posto os pés no lugar, de modo que foram até o consulado britânico em busca de notícias, mas não havia se apresentado lá, tampouco no Hotel Cosmos nem no Princesa. Imaginaram que, premido pelo tempo, teria partido sem demora para Laredo. Ficaram no Hotel Iturbide, menos para turistas e mais para mexicanos, embora eles fossem dos primeiros, e nesta condição ficaram durante os dias seguintes.

No dia 30 de dezembro, num de seus passeios, viram Wilfrid Ewart a certa distância: estava na esquina de San Juan de Letrán com 16 de Septiembre, inconfundível com suas vistosas calças de montaria e suas polainas caquis, esforçava-se com seus óculos de tartaruga em olhar para o céu na ponta dos pés. Stephen Graham sublinhou mais da conta, em seu livro, a alegria que “embargou seu peito” ao divisá-lo, assim disse. Tudo é possível. Foram almoçar num restaurante e o ex-ordenança curiosamente repreendeu o ex-capitão por sua “teimosia” e não pelo que teria sido mais adequado, seu caráter indeciso ou veleidoso. Ewart explicou que o México o cativara e que resolvera ficar por lá. A passagem caducaria e sua bagagem estava em New Orleans, mas “leveei a vida toda procurando um lugar como este”, disse a Graham, que não fez muito caso do que ele dizia e tentou dissuadi-lo, sustentando a ideia de que provavelmente acabaria perdendo a caixa com os documentos relativos a Scots Guards. Talvez fosse superprotetor,

aquele casal, mas parecia que tinham procurado Ewart desesperadamente só para desfazer-se dele quando o encontrassem e mandá-lo embora do México durante a estada hernanista deles. Wilfrid não se preocupava muito, faria que lhe enviassem a caixa de New Orleans junto com a sua roupa, só trazia consigo uma mochila e uma bengala e estava meio incomodado porque nem mesmo dispunha de mudas de roupa na Cidade do México. Mas tinha aberto uma conta num banco, tinha calculado que poderia passar o inverno com pouco dinheiro em Chapultepec ou em San Ángel, onde sem dúvida nenhuma terminaria a história de seu regimento. Depois iria a Veracruz e regressaria a Nova York, viajaria no verão à fronteira com o Canadá e escreveria uma série de artigos sobre as relações desse país com os Estados Unidos, tema apaixonante pelo qual ninguém sabe por que se interessava de repente, a tantas milhas de distância e com semelhante antecipação.

Segundo conta em seu livro *In Quest of El Dorado*, Graham acompanhou-o ao Hotel Isabel, na esquina de República del Salvador com Isabel la Católica, em que Ewart se hospedava por recomendação casual de “um espanhol” que lhe havia dado o endereço no trem. Era dirigido por um alemão que falava inglês e que, sempre segundo Graham, tratou de conquistar sua simpatia. Visitou o apartamento do amigo no quarto andar e admirou a vista montanhosa oferecida pela janela. No entanto não lhe pareceu adequado para escrever, e “cogito levá-lo ao Iturbide”. Já em *The Life and Last Words Wilfrid Ewart* diz que o hotel havia sido sugerido a “uma senhora mexicana”, cujo cartão ele encontrou com o nome do tal hotel escrito a lápis no verso. Também conta que primeiro foram ao Iturbide para que Ewart visse as “palmeiras” e a fonte que o casal contemplava de seu quarto, e que ele, encantado, “meio que se decidiu” a mudar-se à tarde para esse hotel, do qual em seguida se dirigiram ao Isabel para pedir e encerrar logo a conta. Mas o dono demorou tanto para prepará-la e se enganou tantas vezes que Wilfrid deixou a coisa para a manhã seguinte. Suponho que estas pequenas ou não tão pequenas contradições não signifiquem grande coisa nem tenham nada de muito particular, e que inclusive

possam dever-se ao mero aborrecimento que produz contar duas vezes a mesma coisa de maneira idêntica. Todos nós costumamos evitá-lo (para contrariedade das crianças), justamente com o fim de que o mesmo já não seja nunca o mesmo. Tais contradições, não obstante, sem dúvida abonariam as engenhosas especulações sem fundamento, de índole criminal, feitas no mencionado artigo de 1989 por Sergio González Rodríguez, que fantasiou com a possibilidade de que Graham tivesse assassinado Ewart por ciúme da mulher, ou por ciúmes literários, ou por inveja de seu instantâneo sucesso, ou por retrospectivo rancor militar. Em todo caso não se deve esquecer que os dois livros de Graham são de 1924 e que portanto estão descartadas as traições ou falhas da memória, mais ainda num homem que naquele ano fazia quarenta anos para viver a partir de então mais cinquenta.

Era estranho o súbito fascínio de Ewart pela Cidade do México, uma cidade incômoda e acidentada, querelante, arisca e sem um só teatro aceitável. Mas ficou entusiasmado com o clima e os parques, ou assim disse, em especial Chapultepec. Também as cabines ou barracas de rua de senhoritas manicures, às vezes escondidas atrás de pequenas cortinas, às vezes visíveis, que se encontravam por toda parte. Durante o almoço do dia 30 mostrou com satisfação aos Graham suas unhas embelezadas.

O detalhado relato que Graham fez do dia 31 de dezembro de 1922 na Cidade do México é boa prova de que, por mais que nos esforcemos, o imediatamente anterior ao fim ou à catástrofe não tem por que ser sempre significativo ou conter qualquer interesse. Quando alguém morre inesperadamente tentamos reconstruir o que disse pela última vez que o vimos, como se pudéssemos salvá-lo com isso, lembramos o dia derradeiro, uma vez que o sabemos derradeiro, com um afinco que nunca teríamos posto se tivesse sido apenas o penúltimo, não digamos um dia qualquer dos tantos esquecidos do tempo perdido; e assim tapeamos ou nos enganamos, isto é, lançamos sobre essa ocasião uma luz que não lhe pertence, não é dela mas do final, a morte ilumina com seu fulgor detido o que veio antes (“Apaga a luz, e depois apaga a luz”), que por si mesmo era em sombra ou em cinza e não importava nem tinha o propósito nem a esperança nem o ânimo de deixar uma marca de nenhuma classe e já estava se esfumando, depois de acontecer. Essa morte imprevista ou adiantada contamina para trás e derrama suas chamas retrospectivas que tudo alteram, não apenas o dia: percebemos que o indiferente anteontem se transforma de repente nos “últimos anos”, segundo a fórmula das crônicas e biografias, que muitas vezes dizem isso do morto, “em seus últimos anos...”, como se alguém tivesse podido antecipá-lo; e o anódino ontem se estiliza pelo fio das repetições, que o veneram, cinzelam e fixam para sempre porque de pronto adquiriram a abjeta condição de véspera que não tinha em seu hoje. Procuramos conferir solenidade ao que veio a ser o último, porém no mais das vezes é uma solenidade impostada, fictícia, inoculada, emprestada, como se nos atormentasse pensar que pudéssemos perder em nossa ignorância alguma palavra ou olhar ou gesto da despedida, ou aceitar que a morte do outro nos pegou de surpresa e nos

impediu de apreender seu lance final de vida e ser suas atentas testemunhas, antes da metamorfose. Pesa a consciência por não termos suspeitado desse adeus ou por não sabermos que era um adeus, se tínhamos certeza de ver esse outro mais uma vez pelo menos, quando já estava doente e temíamos que não durasse. E até nos esforçamos por recordar sinais ou signos ou ironias cruéis ou vaticínios não reconhecidos do que aconteceu mais tarde, e isso nos tranquiliza, como quando voltamos a ver um filme ou a ler um livro e reparamos então nas premonições ou avisos de seu desenlace, agora que o conhecemos e não há quem o mude.

Custa-me reproduzir e até saber com certeza qual foi a última vez que vi Aliocha Coll, o amigo que se suicidou tempos depois dessa vez e pouco antes da vez seguinte que não chegou a tempo: como eu podia saber de seu fim próximo — talvez nem ele mesmo; mas não, ele sabia, e decidiu a data —, de modo que deixei passar uns dias sem ligar para ele em sua cidade, Paris, na otimista ideia de fazê-lo mais adiante, quando eu tivesse acabado minhas ocupações idiotas (mas esses dois adjetivos, “otimista” e “idiotas” pertencem sobretudo à sua morte e à sua luz detida que ridicularizou minha ideia natural e rebaixou minhas ocupações somente supérfluas, e agora já apagou de todo estas últimas, não sei o que fiz naqueles dias, embora minha agenda diga que viajei de Poitiers a Paris, entretanto minha memória não registra Poitiers). E, como me custa reconstruir essa vez, tentei fazê-lo numa semificção ou conto intitulado “Todo mal vuelve” [Todo mal volta], segundo uma das suas últimas frases dirigidas a mim por escrito, num telegrama. Mas esse relato não basta, porque creio que ainda nunca havia confundido a ficção com a realidade — sim, creio mesmo —, e o caso é que tenho apenas uma lembrança difusa de suas últimas palavras e expressões, de seu último espírito e seu último aspecto, e parece-me que tudo isso se deu num almoço na Brasserie Balzar da rue des Écoles, mas não tenho certeza e agora não tenho vontade de procurar minhas agendas — das quais ele terá desaparecido a partir desse último dia, qualquer que fosse —, em todo caso esse encontro que talvez tenha sido o derradeiro se mescla com outros do indiferente e anódino tempo anterior e perdido. Tinha quarenta e

dois anos quando se matou em 1990 com sua mão infalível de médico, depois de ler um último conto — Sylvie de Nerval —, ouvir uma última música — não sei qual — e tomar seu último copo de vinho. Na realidade, eu não o teria visto essa vez seguinte ainda que tivesse telefonado para ele assim que cheguei em Paris no dia 20 de novembro, porque fiquei sabendo dia 23, mas ele tinha se suicidado dia 15. Deixou três cartas, nenhuma para mim, já Me havia escrito muitas.

E às vezes é insuportável para mim ter ignorado a gravidade do estado de minha mãe, Lolita seu nome, porque a ocultaram de mim e eu não vivia então em Madri, nem costumava vê-la com frequência na época, tão absorto eu estava nos passageiros problemas de meus vinte e seis anos — ou talvez fossem infelicidades, ou somente tristezas — para perceber essa ocultação e tentar averiguar o que, além do mais, achamos que não pode acontecer e portanto é o que mais descartamos. Uma crença ainda juvenil, ou supersticiosa, ou presunçosa. De modo que, quando me dei conta tardiamente do que acontecia com ela, voltei rapidamente das viagens ociosas de minha turbulência daqueles meses, e ela só durou umas horas após a minha chegada, às vezes penso que só viveu essas horas e não mais tempo porque comigo já estavam a seu lado e em casa seus quatro filhos — e o quinto ou primeiro ainda mais próximo, objeto iminente de seus cuidados, o menino —, de modo que podia deixar-se ir por fim, sabendo-nos os quatro a salvo momentaneamente, em sua companhia e em casa. Sim, é possível. Há pouco mais de um ano encontrei a que deve ter sido sua penúltima carta para mim, seu quarto filho nascido e o terceiro entre os vivos, dia 3 de novembro de 77, menos de dois meses antes de sua morte, e nela se oferecia discretamente para me ajudar, porque numa breve estada minha anterior ela me vira triste sem saber o motivo (“Mas essa capacidade de respeito, que me leva a esquecer toda confidência, porque nunca as difundo e porque procuro apaziguar, serviu a outras pessoas mais de uma vez... e a vocês eu não posso ajudar?”) e dizia o seguinte: “Dormi melhor enquanto estive aqui, como sempre que sei que vocês já estão dormindo aí; mas agora não posso dormir, a cabeça girando sem

parar, sei que há algo que não sei e isso dá rédeas soltas à minha imaginação quando se trata de vocês... Há tantos problemas em torno de vocês!” De modo que talvez, quando soube já próximo e em casa o único que faltava, e lhe disse adeus, pôde dormir para sempre. Por isso me pergunto às vezes se quem sabe não resistiu a esse sono até a minha chegada, além da conta e além do cansaço, teria sido impróprio dela não me esperar enquanto de mim não se despedisse. Não muito antes ela tinha dito a meu pai: “Sou filha de médico e sei o que tenho”, porque também lhe haviam ocultado a gravidade de seu estado; e em seguida descreveu com exatidão o caráter de sua doença e o que ia lhe causar. Nessas horas derradeiras em que nos encontramos, algo de anódino deixou de ser anódino por situar-se no derradeiro, por isso é o que mais recordo. Eu estivera pouco antes em Paris e vira ali uma exaustiva exposição de Rubens e comprara vários cartões-postais. Ela estava na cama e eu me sentei na beira desta, ela tinha deixado de pintar o cabelo — mas para mim é sempre preto — e agora se revelava de um grisalho muito limpo, sobre seu rosto parecido com o meu, que quase não chegou a ter rugas, sua pele era cheia e lisa. Parecia sonolenta, aturdida, e eu lhe mostrei os postais dos quadros de Rubens para distraí-la, ela se deleitava muito nos museus. Olhou-os com um pouco de esforço para fixar a atenção e a vista, eu lhe fazia um ou outro comentário. Deteve-se no retrato de uma mulher, Helena Fourment, menos colorido e mais nítido que as grandes composições. “Olhe que mão”, falou, apontando para a mão direita da jovem, depois sorriu com o extravagante chapéu: “Se alguma vez eu tivesse usado isso teria ficado mais alta”, disse humoristicamente. Cada vez que vejo agora um Rubens lembro-me daquele momento, da mão de Helena Fourment, de seu nome, dela. Nem é preciso dizer que eu não deixei que ela me ajudasse, quase dois meses antes, era raro eu contar a meus pais meus assuntos pessoais, que costumavam lhes causar desgostos, como a maioria dos filhos eu calava, pelo menos os da minha geração. Bem, mais tarde devo ter dito alguma coisa, o suficiente para que sua imaginação não disparasse para coisas piores do que as que estavam acontecendo comigo e tranquilizá-la um pouco em sua

intranquilidade, porque em sua última carta, que perdi em alguma mudança, lembro que respondia com cuidado à minha confiança e dizia: “Não entendo, mas entendo que não entenda.” No carro que me levou a seu enterro no dia seguinte vi meu rosto emoldurado no retrovisor, e sonolento e aturdido eu ia pensando: “Sou o mais parecido que lhe resta, sou o mais parecido que lhe resta.” Era dia 24 de dezembro, não tenho muitas lembranças mais de sua última hora, cheguei dia 23, um pouco tarde.



E também não soube que era a última vez a última vez que vi Juan Benet, meu mestre literário e amigo por mais de vinte e dois anos. E embora, aí sim, soubéssemos que estava mal e que sua companhia já não ia durar também estava certo de que ainda o veria umas duas ou três vezes, uma ou duas pelo menos, de modo que a última visita que fiz à sua casa com Mercedes López-Ballesteros

não foi vivida nem por mim nem por ela como a despedida, nem estávamos sombrios, acreditávamos que ainda não era hora de dizer adeus, com o pensamento. Eu viajara pouco antes, não a Paris mas a Londres, e voltei contando anedotas divertidas e semiapócrifas de Guillermo Cabrera Infante e de sua mulher, Miriam Gómez, estupendos contadores de histórias, inclusive com imitação de seu falar cubano, e *don* Juan costumava apreciar muitos os casos deles, com a grande simpatia que lhes tinha. Algumas histórias eram tão disparatadas que o fiz rir com grande força, tanta que chegou a protestar num momento dado e me disse, com escassa convicção e em meio às gargalhadas: “Ai, não me faça rir tanto assim, que dói aqui”, e apontou não me lembro direito se o peito ou um lado. Mas eu não tive dó e continuei disparatando, e contando, e exagerando, não sei mais se era a incrível história de Borges em Sitges (“um lugar muito selvagem”) com a fatia de *pa amb tomàquet* entalada na goela, ou a do canguru ereto e “homossexualista” na Austrália, ou a do ator Richard Gere com a máquina amatória entalada, ou a do doutor Dally que tinha meio corpo imóvel mas de cor variável (longitudinalmente) e vendia os livros que não devia, os Cabrera são inesgotáveis. De modo que graças a eles fiz *don* Juan rir sem parar aquela noite, e como me alegro agora de tê-lo feito e de não ter parado quando disse que o riso lhe doía, porque foi a última noite, e de modo que minha penúltima visão de *don* Juan é um Juan risonho. Não tornei a vê-lo, só falei com ele por telefone para lhe dizer que tinha relido *Volverás a Región* [Voltarás a Región] para escrever um artigo, seu primeiro romance cuja publicação fazia vinte e cinco anos, e que agora é que era bom de verdade. “É? Você acha?”, perguntou com ingenuidade não fingida. Na realidade voltei, sim, a vê-lo, mas poucos minutos depois de morrer na primeira hora do dia 5 de janeiro de 93, já lá se vão cinco anos. Vicente Molina Foix estava comigo e fui buscar em casa umas abotoaduras para que enterrassem *don* Juan com elas, porque nem sua mulher nem seus filhos conseguiam encontrar as dele aquela noite (de modo que as abotoaduras não teriam servido para reconhecê-lo). A noite que Mercedes e eu o visitamos foi a de 12 para 13 de dezembro, era sábado. Ele saiu à porta para se

despedir de nós, já tarde, e a última visão é portanto a de sua figura comprida no alto dos degraus de entrada de seu chalé em El Viso, ainda com o sorriso das risadas passadas como um rastro suave e adormecedor antes do sono, a comprida figura em penumbra recortada contra a luz de dentro dizendo-nos adeus com a mão e não com o pensamento. Quando fechou a porta e dobramos a esquina, Mercedes pôs-se a chorar e escondeu o rosto em meu ombro, molhou meu sobretudo. Ela havia trabalhado diariamente para ele durante três anos, e ela sim tinha se despedido, creio eu, com seu pensamento.

Passaram-se muitas horas da morte de Ewart sem que ocorresse a ninguém pensar que ele não estava vivo, e mais horas ainda até seus familiares e amigos saberem que já fazia um tempo que dera seu adeus ao mundo do outro lado do oceano, talvez sem ele mesmo saber nem se dizer, nem sequer com o pensamento. Não sei por que se dão como data e ano de seu falecimento 31 de dezembro de 1922, respectivamente, se não houve testemunhas — nem quem o matou foi testemunha, ou não teve certeza de ter matado — e pode muito bem ter morrido na primeira hora do dia 1 de janeiro, quem sabe, e em 1923 portanto. Ou no primeiro minuto. Dá medo pensar nessas horas já tão distantes e tão esquecidas, mas tão excessivas e lentas enquanto transcorrem, nas quais nossos chegados nos creem vivos quando já morremos, e dormem tranquilamente com seus sonhos primitivos, ou veem televisão, ou riem, ou maldizem, ou trepam, em vez de parar tudo e correr a nosso tardio encontro para dar telefonemas e tomar providências, e alguém não acreditar, se afligir e se desesperar. Não dá medo pelo morto nem por sua suposta solidão ou abandono, mas pelos vivos, que deverão reconstruir mais tarde essas horas já imprestáveis ou anuladas tal como se sucederam — ainda mais excessivas e lentas na recordação —, nas quais ignoravam que seu mundo tinha mudado e que por isso foram atravessadas de forma anódina e indiferente, ou quem sabe com alegria agora imprópria, ou talvez falando mal do morto. “Apaga a luz, e depois apaga a luz”: talvez por isso, para que se faça cem por cento certo, seja necessário dizê-lo duas vezes, a vez do fato e a vez do conto. E então, como comentei no começo, recordar e contar podem constituir não apenas uma homenagem, mas também uma afronta.

O cadáver de Wilfrid Ewart só foi descoberto quase ao meio-dia do Ano Novo, de modo que transcorreram cerca de doze horas sem

que ninguém tivesse conhecimento de que já era isso, um cadáver, e não mais um entre nós, se é que dizer “nós” tem algum sentido. Segundo o jornal mexicano *Excélsior* de quarta-feira, 3 de janeiro de 1923, que tanto González Rodríguez como Muñoz Saldaña consultaram e me citaram respeitando a incorreta pontuação e os erros de impressão,

“Quem primeiro teve conhecimento do fato foi a senhora Angelina Trejo de Estrevelt, que presta seus serviços na qualidade de arrumadeira no Hotel Isabel. A senhora Estrevelt, como de costume se dirigiu ontem pela manhã, já perto do meio-dia aos quartos superiores com o fim de fazer a arrumação deles. Ao chegar ao quarto 53 olhou pela fechadura e estranhou ver que a luz artificial estava acesa.” (“Apaga a luz, e depois apaga a luz”, sempre isso.)

“Bateu várias vezes na porta e não obteve nenhuma resposta. Temendo ter acontecido alguma coisa com o hóspede, entrou no quarto, encontrando as roupas da cama em perfeita ordem. Pouco depois e dirigindo a vista para o balcão com vista para a rua, que se encontrava aberto, viu o cadáver do senhor Etwart, no meio de uma poça de sangue já coagulado.”

Caberia perguntar aqui por que a arrumadeira olhou pelo buraco da fechadura como medida prévia a qualquer outra, e a notícia correspondente à seção inglesa do mesmo jornal não dirime a incógnita, apesar de chamar Ewart de Ewart e não de Etwart, e especificar que

“... a chambermaid coming to clean his room found the door locked” (grifo meu) “and peering through the keyhole saw that the light was still burning. After calling several times she became alarmed, and entering the room noticed that the bed had not been slept in. Proceeding toward the balcony of the

window she discovered the body lying in a puddle of clotted blood...”

(Não traduzo porque a versão é quase idêntica à anterior em castelhano.) Que a porta do quarto estivesse trancada não parece em absoluto surpreendente, nem motivo suficiente para espiar pelo buraco da fechadura primeiro e só depois bater várias vezes na porta, em vez de ter feito isso antes de tudo. Talvez o desperdício de eletricidade é que tenha alarmado dona Angelina Trejo de Estrevelt, seu desejo de apagar a luz supérflua e fazer a noite cessar totalmente a fez decidir utilizar a sua chave.

“Imediatamente”, prossegue a notícia em espanhol, “avisou do fúnebre achado o funcionário encarregado do elevador, para que este por sua vez avisasse o administrador do hotel, o senhor Manuel Olvera. Este subiu precipitadamente ao quarto andar e tendo chegado ao quarto 53 encontrou efetivamente o corpo inanimado do senhor Etwart.”

(Teria sido um milagre se assim não tivesse ocorrido; ou talvez se desse a entender que as arrumadeiras podem ser muito fantasistas ou fatalistas e que, com elas, nunca se sabe.)

“Imediatamente se avisou a polícia, apresentando-se o pessoal do quarto distrito momentos depois, procedendo à perícia do cadáver. Este estava em decúbito dorsal e com marcas de uma morte não recente. Examinado o corpo, viu-se que tinha um ferimento por arma de fogo no olho esquerdo sem orifício de saída. Ordenou-se que o cadáver fosse levado para o Hospital Juárez para a autópsia de lei.”

“O comissário de polícia, senhor Mellado, revistou as roupas do morto encontrando documentos e papéis, dinheiro em espécie, um cheque a descontar e um talão de cheques em branco. Além disso encontrou um recibo do banco Montreal onde o senhor Etwart havia depositado no dia da sua chegada uma boa soma em dinheiro. De tudo isso constituiu um

inventário ordenando o senhor Mellado que as autoridades judiciais tomassem conhecimento do caso.”

Antes de continuar convém voltar atrás, ao começo da notícia, que apareceu com os seguintes títulos e subtítulos: “Morre um súdito inglês de um tiro”, “O bárbaro costume de dar tiros para o ar, causou um infortúnio”, “Curiosidade fatal”, “Foi morto quando escutava no balcão do hotel o regozijo popular”. E no início da crônica dizia-se o seguinte:

“Do interior do quarto número 53 do Hotel Isabel foi recolhido ontem pelo pessoal do quarto distrito de polícia o cadáver do senhor Wilfred Herbert Gore Etwart, de nacionalidade inglesa, e o qual apresentava um ferimento causado por projétil de arma de fogo, com orifício de entrada no olho esquerdo ficando a bala alojada no crânio.

“O senhor Gore Etwart tinha chegado na noite anterior nesta capital procedente dos Estados Unidos e em viagem de negócios. Pelas investigações da polícia presume-se que o senhor Etwart morreu em consequência de uma bala perdida das muitas disparadas na noite de fim de ano por um de tantos trogloditas que não concebem entusiasmo sem disparar armas de fogo.”

(Fazia séculos que eu não lia nem ouvia a palavra “troglodita”, que se tornou antediluviana; mas talvez no ano de 1923 fosse novidade e tenha parecido definitiva e perfeita ao cronista para este pouco objetivo parágrafo de censura a seus compatriotas.)

“O cadáver do súdito inglês foi encontrado no balcão do quarto número 53, situado no quarto andar do Hotel Isabel na avenida República del Salvador e pôde ser identificado graças ao passaporte que levava num dos bolsos da jaqueta.”

E, depois do relato já citado, a notícia concluía com alguma repetição e uma nova repreensão, mas vale a pena reproduzi-la por

inteiro:

“O cônsul da Grã-Bretanha no México, ao tomar conhecimento do sucedido, se apresentou no distrito pedindo o cadáver do senhor Etwart, o qual lhe seria por certo entregue.”

(Esse “por certo” é comovente, como se desmentisse com veemência uma insinuação ofensiva com respeito à honradez dos mexicanos, ou da sua polícia, que jamais teriam escamoteado um corpo de vítima de uma bala perdida.)

“Pelas declarações dos empregados do hotel, deduz-se que o senhor Etwart, à meia-noite do último dia do ano, ao ouvir os assobios e os foguetes que anunciavam o advento do Ano Novo, saiu ao balcão por mera curiosidade, sendo então que um tiro disparado para o ar por uns tantos indivíduos inconscientes foi lhe causar a lesão que deve tê-lo privado da vida quase instantaneamente.”

(Dado que nenhum empregado do hotel deu pela tragédia até o meio-dia seguinte, não se vê direito por que “se deduz” o que quer que seja das declarações deles que não fossem mais que hipóteses; e não deixa de ser surpreendente a explicação excessiva ou supérflua de que Ewart ou Etwart assomou ao balcão por “mera curiosidade”, como se pudesse tê-lo feito por algum outro motivo.)

A seção em inglês do *Excélsior* não trazia dados diferentes no que se refere ao aparecimento do cadáver, em compensação relacionava esta morte com um acidente ocorrido com outro hóspede do malfadado Hotel Isabel, cerca de uma hora antes e nas proximidades:

“A strange coincidence in the death of Mr. Ewart is the accident which befell Carlos Duems, representative of the

Duems News Agency, who is a resident of the same hotel of the tragic death of the Englishman.”

Ou, dado que o inglês desta nota é bastante macarrônico e inverossímil, contava-se que por volta das onze da noite do dia 31 de dezembro, o redator-chefe de cabogramas do jornal, Salvador Pozos, havia encontrado o senhor Duems gravemente ferido na esquina das ruas Nuevo México e Revillagigedo, onde havia sido atropelado por “um dos muitos Fords enlouquecidos e abarrotados de foliões do réveillon”, que para maior folia o teria arrastado cinco metros pela rua. O senhor Pozos, que conhecia pessoalmente a vítima, representante da agência de notícias de seu nome, recolheu-a e levou-a a seu quarto no Hotel Isabel, situado no mesmo andar do quarto que Ewart ocupava. Sem dúvida esse quarto andar supunha um infortúnio para os clientes, embora o senhor Duems, afinal de contas, tenha se saído bem, se conseguiu salvar a vida naqueles dias e naquela zona: no dia 3 de janeiro, em que os jornais coletavam e censuravam essas notícias de má fama, outro cidadão inglês, chamado George W. Steabben, perecia — supõe-se que mais uma vez acidentalmente — entre os dois fogos de uma feroz rixa que, segundo Stephen Graham, produziu-se entre bandos de mexicanos montados em seus respectivos carros, dos quais se tirotearam sem o menor escrúpulo e em plena tarde, apesar de a maioria de seus integrantes serem oficiais e deputados, ou talvez por isso mesmo, todos eles “acima da lei”. Sergio G. R. procurou os detalhes na hemeroteca, e com minha gratidão me permito reproduzi-los:

“No dia 3 de janeiro, o general Leovigildo Ávila e o tenente-coronel Constantino Lazcano saíram para resolver uma pendência nas portas do Salón Phalerno das mas de 16 de Septiembre; rodeados por seus amigos, insultaram-se e sacaram suas armas. O saldo da briga foi o seguinte: o gendarme Zavala, ferido na mão; o general Ávila, ferido no braço; o coronel Lazcano, ferido na clavícula e na bochecha esquerda; o deputado Trillo, ferido na mão; o toureiro Pepete,

que passava por ali, ferido no braço direito; o agente Sotero Reza, ferido na perna. George W. Steabben, que se dirigia a seu escritório situado em frente do antro, recebeu um certo balaço na testa às 17'21 horas.”

Não parece que os pistoleiros estivessem motorizados, de modo que cabe desconfiar outra vez de Graham, segundo cuja versão o súdito de Sua Majestade sinistrado passeava pela rua com sua Família quando o despacharam, um honrado comerciante. Não deixa de chamar a atenção — injustiça novelesca — que o único a perder a vida na notável refrega fosse o mais alheio de todos a ela, e com um buraco na testa Cisto é, sem possibilidade de salvá-la), enquanto os outros saíam do passo com ferimentos nos membros, inclusive o pobre toureiro Pepete, que talvez não tenha podido pisar na arena por algum tempo, e inclusive os dignitários, o desafiante Constantino e o injurioso Leovigildo, embora aquele viesse a ficar com a cicatriz na bochecha. Balaços certos, de fato, os que levaram embora em três dias George Steabben e Wilfrid Ewart. E o que matou este último é tão inverossímil que, se ocorresse num romance e não na vida, ninguém daria crédito ao incrível detalhe de a morte entrar-lhe justo pelo olho com o qual não enxergava e que nunca nenhuma imagem atravessara, que nunca esteve conectado ao cérebro e portanto foi independente sem receber suas ordens durante trinta anos, para transformar-se, em compensação, ao cabo de todo esse tempo, no conduto mortal pelo qual penetrou a bala que se alojou no crânio e os conectou finalmente, tão-só em sua cessação. Como se encarregaram de sublinhar os próprios jornais mexicanos de 4 de janeiro, uma vez que souberam a história do morto através de Graham, que prestou declaração e identificou o cadáver, já que era “uma cruel ironia do fatal destino” que o homem que sobrevivera a “mais de cem batalhas”, fora “respeitado pelas balas inimigas” e “desafiara a morte em inúmeras ocasiões”, fosse cair abatido e desarmado no México pelo disparo a esmo de um insensato quando por mera curiosidade saiu ao balcão do seu quarto numa noite de festejos (“A fatalidade o trouxe ao México”,

rezava um dos subtítulos com certa satisfação punitiva). Sim, é rara a fatalidade ou o acaso ou o que assim chamamos cada vez menos, que só costuma suceder na vida, nos romances ruins e nos bons contos, na primeira em grau extremo. Mas, para não tornar tão raros essa fatalidade ou esse acaso ou destino, pelo menos a bala podia ter acertado a testa de Ewart, como a de Steabben, ou o coração, ou a jugular, ou a boca, ou o outro olho com o qual alguma coisa ele enxergava e cuja luz ainda não estava apagada nem sequer pela primeira vez. E no entanto foi incrustar-se no olho cego bem abaixo da sobrancelha, destruindo a lente dos óculos sem danificar a armação, não sei se ainda estava com eles quando o encontraram. No fundo são indiferentes essas casualidades e coincidências, poder-se-ia pensar que para sua desgraça o projétil não pôde ser visto pelo olho para o qual se dirigiu na noite e que, se houvesse se dirigido para o outro, ele talvez pudesse ter se esquivado — mas nunca se veem as balas, só se as ouve assobiar nos velhos livros, como contou Jünger; — mas também se poderia pensar que houve um elemento de piedade na direção tomada pela bala perdida entre as infinitas possíveis, se assim o olho se poupou ver o que ia lhe acontecer. Mas pouco importa ao envolvido, nada é tão estranho assim, não há forças ocultas que guiem coisa alguma ou que conduzam alguém ao lugar da sua morte, todas as possibilidades estão contidas no transcurso do tempo, isto é, no passado e no futuro. Pouco sentido têm o lamento ou o espanto, nem o de Graham em seus livros nem o de Gawsworth ou Conan Doyle na Inglaterra natal, nem o dos cronistas do México com suas aspirações de solenidade que não sabiam resolver ao concluir suas frases: “Triste foi o final desse oficial britânico, que, depois de ter arriscado a vida muitas vezes nos combates mais terríveis que a história recorda, veio a morrer de tal forma.” Que lástima querer elevar-se e não saber como, acontece com a maior parte de nós.

Mas houve ainda maiores perplexidades para os que seguiram a história que o mundo logo esqueceu e não deveria importar a mais ninguém. Outro jornal, *El Universal*, dava no dia 3 de janeiro uma versão bem diferente do achado do corpo que, para seu redator levava o nome de “Herbert Gore”, como se tivesse adivinhado o

pseudônimo utilizado por Ewart em seus relatos fantásticos e tivesse dado preferência a ele ao descrever sua morte que parecia fictícia. O parágrafo inquietantemente contraditório era este: “Como a polícia não encontrou nenhuma pistola, deu por certa a hipótese do senhor Mellado, de que o senhor Gore havia recebido o ferimento que causou sua morte quando se achava no balcão de seu quarto, sentado numa cadeira, porque nesse móvel se encontrou uma grande mancha de sangue, que demonstra que ele ali estava quando recebeu o ferimento mortal.” De fato é uma contradição insolúvel, não apenas porque o jornal *Excélsior* não tenha mencionado nem a cadeira nem a mancha. Se Ewart saiu ao balcão por mera curiosidade ao ouvir os disparos (“Mr. Graham crê”, dizia o *Excélsior* do dia seguinte, “que, ao ouvir os disparos que se faziam, seu amigo saiu ao balcão para ver do que se tratava e que sua curiosidade era explicável já que se tratava de um soldado que por muitos meses estivera ouvindo continuamente o *trick track* das metralhadoras e o retumbar dos canhões”), não tem sentido que se desse ao trabalho de arrastar uma cadeira até lá antes, nem que o fizesse depois, como quem se dispõe a assistir por um bom momento a um espetáculo, ainda mais que pouco teria visto à distância com seu único olho deficiente. Se, pelo contrário, a cadeira não estava no balcão, mas continha sangue, então Ewart não deve ter morrido tão “instantaneamente”: teria dado uns passos até desabar suavemente e deixar aquela mancha no tapete; mas então não poderiam ter encontrado o cadáver estendido no balcão, como afirmou sua descobridora e ratificou o administrador, a menos que depois de ter sujado a cadeira Ewart tivesse voltado ao balcão arrastando-se para pedir socorro dali, coisa um tanto inútil se na rua havia um tremendo “*trick track*” de foguetes e pistolas. Também não parece provável que, mesmo não tendo sido instantânea, a morte lhe tivesse dado tempo de locomover-se tanto. O senhor Mellado, diga-se de passagem, devia ser um desastre como investigador, se o fato de não achar no quarto nenhuma arma lhe pareceu prova concludente de que a bala tenha vindo de fora, como se os assassinos tivessem o costume de deixar os instrumentos de fogo junto das vítimas para facilitar o trabalho da polícia. E as

explicações de Stephen Graham para justificar a curiosidade de Ewart são totalmente desnecessárias: não é preciso ter ouvido o tal *trick track* durante meses numa guerra para dar uma olhada na rua, com ou sem tiros nela.

Houve algo excessivo também nas declarações do próprio Graham que a imprensa reproduziu no dia 4 de janeiro com inusitado detalhe: não só eram fornecidos os dados principais e secundários da vida e da personalidade de Ewart, de sua origem e de seus escritos, mas também as circunstâncias casuais que o haviam levado ao México e a que já me referi, inclusive com menção a seu grande incômodo com a falta de suas roupas. O *Excélsior* assinalava: “A senhora Graham explica que ele permaneceu na cidade esperando sua bagagem, já que era conhecido nos círculos sociais de Londres como pessoa exemplarmente bem vestida, e o fato de não receber suas calças curtas (*trunks*) o deixava muito aborrecido. “Foi um mero acidente ter viajado para o México.’ A primeira frase é tão absurda — fazer a elegância depender de umas calças curtas; e se fossem cuecas, seria ainda mais demente, pois não se teria arruinado se comprasse uns calções locais — cabe suspeitar aqui de um erro de tradução, já que *trunks* em inglês também significa “baús”. Em todo caso, os repórteres mexicanos tiveram o indubitável mérito de arrancar umas palavras da misteriosa e calada senhora Graham, que não costuma aparecer mencionada nem descrita, nem falando nem ativa, nem quase como presença passiva, nos livros de viagens do marido, embora o tivesse acompanhado do primeiro ao último dia da expedição (Rose Savory, ao que parece, era seu nome de solteira). Segundo o *Excélsior*, ela ainda acrescentou outra frase sobre Ewart, talvez supérflua se não respondesse a uma pergunta concreta: “Tinha uma personalidade muito agradável, como opinavam todos os que o conheceram, e não tinha inimigos, precisou a senhora Graham.” Sem dúvida com temeridade, pois é difícil assegurar a segunda coisa de um triunfador fulminante, talvez em 1923 tenha deixado de tê-los.

No entanto, ainda mais estranha que as declarações in situ do casal foi a encenação da morte que Graham ofereceu no fim de seu

já citado livro *The Life and Last Words of Wilfrid Ewart*, depois de recordar e contar escrupulosamente o que haviam feito e dito os dois varões do trio naquele 31 de dezembro, que para um deles se tornou o último dia de todos os anos. Tinham se separado por volta das onze e meia da noite, estranho que não permanecessem juntos para celebrar a chegada de 1923 e brindar o futuro, faltavam apenas trinta minutos. “Então ele foi para seu hotel e nós para o nosso”, diz Graham em seu livro, “e o pandemônio foi aumentando até a meia-noite, quando deflagrou e desatou-se um inferno.” E acrescenta com tamanha segurança como se tivesse estado presente ou espiado o quarto de Ewart, pois aqui afirma, não supõe nem conjectura: “Wilfrid foi direto para o hotel, despiu-se, lavou-se, pôs o pijama, introduziu uma lâmina em seu aparelho de barbear, e evidentemente pensava barbear-se antes de deitar, quando se viu atraído por algum novo acontecimento embaixo, na rua. Foi à janela, e nesse mesmo instante uma bala fria entrou-lhe justo no olho e ele caiu para trás dentro do quarto, homem morto.” Mais um golpe de má sorte, ou de azar, fatalidade, destino, se quiserem: chama-se “bala fria” ou às vezes “bala morta” a que já começou a perder a velocidade e a direção em sua trajetória. Não serei eu a explicar como é possível saber que um projétil que nem sequer teve orifício de saída e ficou alojado no crânio chegou a “esfriar” em seu percurso, pois não entendo nada de balística, nem de pirobalística, nem da obliquidade, muito menos da ciência necroscópica. Mas foi isso que Graham escreveu (*a spent bullet*) e o que algum outro autor como Hugh Cecil coligiu e repetiu, setenta e um anos mais tarde.

Na verdade não importa muito esse detalhe, afinal de contas quase nada dessa morte é explicável, por exemplo, que os jornais mexicanos não tenham mencionado o pijama do cadáver, tendo sido minuciosos como foram.

E é uma licença narrativa maiúscula da parte de Graham — se é que foi isso, licença — decidir que Ewart se lavou, ou que foi então e não antes que introduziu uma lâmina em seu aparelho de barbear, além do mais com o absurdo propósito de ir para a cama recém-barbeado, medida pouco prática por excelência, pois a barba voltará a crescer durante a noite e ele acordará necessitando

provavelmente um retoque, pouco sentido tem barbear-se no fim do dia se não temos nenhum compromisso noturna e ninguém vai apreciar nossas faces tão limpas. Não menos estranho é que, segundo Graham, Ewart tenha caído “para trás dentro do quarto” (*back into the room a dead man*), pois de acordo com essa frase já não teria havido balcão nem cadeira para receber o corpo cadente. Ela poderia ser entendida como mera vontade de dramatizar o já dramático, mas tampouco é possível que Graham soubesse que a bala tinha atravessado o olho do amigo “nesse mesmo instante” em que saía ao balcão, como ele disse, e não, por exemplo, quando já estivesse admirando por um bom momento o pandemônio. Por outro lado Graham não dramatiza muito sua narrativa, claro que muito menos que os cronistas improvisados do México.

Talvez por isso não tenha conseguido insuflar a suficiente aura de predestinação em seu relato do dia derradeiro, ou talvez por incapacidade literária. Nele não explica, em todo caso, por que Ewart ainda não tinha mudado de hotel na noite do dia 31, como fora sua intenção já na véspera, 30 de dezembro, frustrada pela lentidão de um contador. Comenta, pelo contrário, que Ewart tinha mudado duas vezes de quarto em seu Hotel Isabel, e que portanto não chegou nunca a dormir no terceiro quarto que hospedou sua morte (a cama sem desfazer, esse detalhe não escapou à senhora Trejo de Estrevelt nem aos jornalistas que passaram por cima do pijama, se é que houve pijama posto). Seria tão fácil essa morte não ter se produzido, e Graham não se absteve de enumerar os fatores encadeados da desventura, embora sem carregar as tintas e secamente: “Foi quase como se uma força oculta o estivesse guiando a uma situação de morte. Estava na Cidade do México com uma passagem não utilizada e já vencida para New Orleans. Assim se aproximara mais do destino num primeiro tempo; um desconhecido o enviou a um hotel impensado, e assim se aproximou um pouco mais. E no hotel foi mudando uma vez e outra até dar com o fatídico terraço em que morreu. Se tivéssemos nos despedido do ano na praça da grande pirâmide, talvez tudo houvesse corrido bem. Quem pode saber?”

Sim, quem pode saber, e que importa quem possa, todos esses “ses”, todos esses *ifs*, todos esses condicionais com que salpicamos nossa vida inteira para explicá-la a nós mesmos, justificá-la, ratificá-la, e assim pensar que podia ter sido diferente de como transcorreu ou que não podia, de modo algum; para nos lamentar mais nos infortúnios e nos regozijar mais nas fortunas, são apenas consolos, reconhecimentos, arrependimentos ou mortificações retóricas e só servem para não perder inteiramente de vista no instante o que o tempo descartou, e só a isso se dedica. Seria tão fácil essa morte não se ter produzido, mas na realidade é tão fácil que não se produza nada do que tem lugar e acontece, absolutamente nada, a começar por nosso nascimento. E daí, se eu não tivesse nascido, já disse isso antes. Há muitas pessoas que nascem e é como se nunca tivessem alcançado nem atravessado o mundo; de tão poucos fica a lembrança ou o registro, e há tantos que se esfumam e se despedem logo como se a terra carecesse de tempo para assistir a seus afãs e a seus fracassos ou sucessos, ou tivesse urgência em se desfazer de seus alentos e de suas vontades ainda incipientes, o esforço vão e os passos diminutos sem marca ou apenas para a lembrança contundente de quem se deu ao trabalho de ensiná-los e cometeu o erro ou o atrevimento e realizou o esforço d.e gestar e imaginar um rosto e ter esperança, e assim são como um luxo caro e supérfluo que se expulsa logo da vida, como se fosse fumaça, e nem sequer se deixa pôr a prova porque nem a história nem o tempo os reclamam ou os solicitam. E daí, se nunca ninguém tivesse nascido? Tampouco ninguém nunca teria morrido e não haveria as histórias que incessantemente se contam cheias de horrores, acasos e injúrias, e de salvações temporais e condenações definitivas.

Seria também tão fácil que aquele George W. Steabben não tivesse morrido no meio do tiroteio e de um tiro na testa no mesmo lugar dois dias depois, ainda mais que sua sorte já o rondara uma vez e ele escapara dela, conforme conta Sergio G. R.: em razão de sua morte acidental no México por obra de Constantino ou de Leovigildo, alguém recordou que aquele negociante da indústria de carne e embutidos combatera na Guerra dos Bôeres e depois fora

inspetor de alimentos durante a de 1914, em que Ewart combateu. “Pouco antes dessa guerra, em Buenos Aires e em viagem de negócios”, diz meu correspondente mexicano em seu artigo, “o ‘confundiram’ com outra pessoa, atiraram nele e o espancaram, mas seu forte corpo resistiu ao ataque.” E acrescenta, falando de sua verdadeira morte ou definitiva condenação: “Sem dúvida Steabben tinha grande fortaleza: sua agonia se estendeu por vinte e quatro horas.” Seria tão fácil não ter acontecido nada.

Nada foi premonitório nem muito digno de nota no último dia de Wilfrid Ewart, embora Graham tenha cuidado de mencionar tudo. O morto iminente esteve com o casal amigo até o meio-dia, com uma camisa nova que tinha comprado para a data (é de esperar que também tenha aproveitado para comprar alguma muda de roupa e assim se sentisse mais à vontade e limpo em suas horas derradeiras). Obsequiou os Graham com a leitura de algumas frases anotadas em seu caderninho, estava particularmente orgulhoso do que havia escrito sobre os cachorros chihuahua, é o que diz Graham sem ressentimento em seu tom. Tomaram um bonde até San Ángel e durante o trajeto Ewart informou-os de que já mandara um cabograma a New Orleans para reclamar sua bagagem e de que no escritório fizera amizade com um funcionário inglês chamado Hollands, que vivia com a mulher em Chapultepec e prometera lhe arranjar uma moradia agradável por lá. Ia almoçar com os dois no dia seguinte, teria sido tão fácil ele ir a esse almoço de Ano Novo. Comeram no distinto pátio de uma pousada que ele já conhecia, e Graham observou que seu amigo perdera bastante o apetite: recusou o peru e os pratos mais sólidos e só comeu morangos com creme, uma ração interminável ou uma atrás da outra, creme com morangos e morangos com creme o tempo todo. Ewart comunicou-lhes várias coisas durante a conversa: decidira que não gostava da América, quer dizer, dos Estados Unidos. Mesmo assim voltaria, passaria lá dois ou três anos antes de se estabelecer novamente em Londres, e depois não voltaria nunca mais às antigas colônias. Descobrira que seu pensamento político era conservador, depois de ter tentações liberais e até radicais. Não sabia se continuava escrevendo romances, naqueles momentos o que mais o atraía era

ocupar-se de política externa, pensava entrevistar-se com o presidente Obregón e com o general Enríquez e publicar artigos modernos sobre a situação mexicana, depois um livro sobre as relações entre os Estados Unidos e o Canadá, tema, já disse, tão apaixonante então como candente agora. Ele não compreendia como os Estados Unidos ainda não haviam anexado o México (foi melhor não ter chegado a escrever seus artigos: teriam sido mal compreendidos), e seu único argumento em favor de um México independente foi que era diferente e que talvez valesse a pena conservá-lo em sua diferença (não parece que seu dia tenha sido brilhante, sem dúvida não podia imaginar que fosse ser o de seu adeus ao mundo, e não sei se Graham se comportou como amigo relatando-o em detalhe).

Queixou-se de novo da falta de suas roupas. “Não há nada que me caia bem na Cidade do México”, falou taxativo. Contou que tinha se apresentado no British Club e pedido permissão para receber lá sua correspondência. Mas tinham olhado para ele de través, e o secretário chegou a ser ofensivo: “Sim, *aham*, contanto que sua folha de serviços esteja em regra”, dissera-lhe. Ewart sentiu-se tentado a lhe comunicar que tivera a honra, aham, de comandar uma companhia de Guardas da Infantaria de Sua Majestade durante a guerra, mas se absteve. “Não voltarei a escurecer seu umbral, porém”, acrescentou com pompa, referindo-se àquele British Club tão desconfiado e grosseiro. Ewart devia ser desses homens que esperam ser reconhecidos à primeira vista pelo que são ou sentem ser, isto é, cavalheiros, ou que se leia em seu rosto sua biografia. Os membros do clube lamentaram mais tarde não lhe terem dado uma acolhida calorosa.

Depois falaram um pouco de literatura, ele e os Graham, mas o autor escolhido também não se prestava a disquisições muito dignas do dia que era, ou que veio a ser uma vez encerrado: ninguém menos que meu exuberante compatriota Blasco Ibáñez, que havia impressionado muito Ewart pela amplidão de seus afrescos. Contou-lhes o argumento de dois de seus romances — e Graham também não lhe parece recriminar semelhante abuso em seu livro, retrospectivamente —, nos quais meio mundo ou o mundo

inteiro apareciam como cenário. Mais ainda que os romances, gostara das adaptações cinematográficas, *Os quatro cavaleiros do Apocalipse* e *Sangue e areia*, esta última recém-vista em Santa Fé, com “o elegante Rudolf” no papel de matador, isto é, Valentino. Aproveitou a oportunidade para exprimir seu desejo de assistir a cem touradas, a fim de dominar as técnicas da arte de tourear, embora ao mesmo tempo não se visse espectador de outra, tão ruim fora seu batismo de carnificina.

Estava encantado com sua vida de escritor. Podia correr o mundo e viver do seu trabalho, queria viajar a mil lugares. Só fez mais uma viagem, como sabemos, uma viagem interior certamente. Ao entardecer, e quando já voltavam para o centro, ouviram os estampidos de pistolas e escopetas, a folia já começava.

À noite foram ao Teatro Lírico, onde viram uma revista de 22, o ano que estava terminando. Não entenderam muito, porque os quadros eram repletos de referências locais, mas apreciaram as danças e gostaram da cena em que um valentão tentava seduzir a viúva de um herói até que de repente a tampa do caixão se levantava e o morto saía do túmulo já cavado para protestar e impedir a felonía.

Na saída encontraram as ruas quase intransitáveis tamanha a multidão, percorridas por automóveis e caminhonetes atopeçados de largos *sombreros*, aturdidos com o trombetear das buzinas, as rajadas de foguetes e os alaridos quebrados e curvos. As pessoas levavam bandeirolas de papel com o verde, branco e vermelho, a maioria dos homens brandia festivamente escopetas ou pistolas, o ruído das armas fora aumentando, cruzados de cartucheiras disparavam para o alto das ruas e terraços. Os cafés estavam abarrotados, as orquestras tocavam contribuindo para o pandemônio, já era dominante a influência do pulque e demais bebidas de cacto. Os três ingleses sentiam-se cansados, mas ainda queriam jantar e procuraram uma mesa num lugar com música, o restaurante do Hotel Cosmos. Demoraram-se ali — mais morangos com creme —, “e sem dúvida teríamos nos despedido juntos do Ano Velho e saudado o Novo”, diz Graham, “mas um Destino severo dispôs o contrário”. Não explica, porém, a que se dedicou esse

Destino que não pareceu carrancudo nem pareceu se esforçar, nem por que os três voltaram a estar na rua às onze e meia. Teve a ideia de deixar a mulher no hotel — devia ser a mais cansada, depois de passar o dia fora ouvindo Ewart dissertar sobre Blasco Ibáñez e os chihuahuas — para depois voltarem ao Zócalo e apreciarem o êxtase artilheiro da meia-noite. Mas estavam todos exaustos e resolveram retirar-se para seus respectivos hotéis. Sobre a última conversa, a do Hotel Cosmos, Graham somente assinala um diálogo disparatado sobre os ovos, algo na verdade pouco elevado para serem as frases finais de alguém, ainda mais de um escritor que teria chegado ao ponto mais alto. Propiciou-o um garçom com sua inócua e simples pergunta: “Como desejam os ovos?”, o que bastou para que Ewart plantasse na mesa seus velhos conhecimentos avícolas, perorasse longamente sobre as diferentes classes de gemas, claras, tamanhos, cascas, suas virtudes e vícios, e se gabasse de ser capaz de adivinhar, com uma margem de erro de vinte e quatro horas, a idade de qualquer ovo, britânico ou estrangeiro, europeu ou americano, e até africano ou asiático. “Uma coisa de que me orgulho”, disse insensatamente, “é que eu poderia calcular para você, com precisão de um dia, a idade de um ovo.” Pode-se afirmar que estas foram suas penúltimas palavras. Se tivesse vivido mais um dia, poderia ter dito se um ovo era de 1922 ou de 1923.

É duvidoso que ao longo de todo o jantar não tenha falado de nenhuma outra coisa, e além do mais não parece que alguma vez tenham faltado a Ewart temas de conversa — um falastrão irresponsável, pelo menos em seu último dia, e sempre podia recorrer a seu caderninho e ler em voz alta —, mas estranhamente Graham não registra outros diálogos. (Talvez estivesse aturdido.) Diz apenas que uma vez na rua “trocamos um aperto de mãos; desejamos mutuamente feliz Ano Novo; nos dissemos adeus. “Feliz Ano Novo, e que recupere logo essa caixa metálica”, foram as últimas palavras que eu lhe dirigi, referindo-me àquela caixa com documentos relativos ao regimento por cuja segurança eu sabia que ele estava sofrendo.” Ewart respondeu: “Feliz Ano Novo”, e se separaram. Mais uma vez a mulher de Stephen Graham dá a

impressão de não estar presente, nem sequer na despedida que foi despedida. Em seu hotel, o Iturbide, conta Graham que reinava um pouco de caos, com os empregados “naquele ameaçador estado de bebedeira que sobrevém depois de beber muito pulque”. À meia-noite estourou o clamor e “centenas de milhares de escopetas e pistolas devem ter sido descarregadas e descarregadas repetidas vezes”. O fragor era como o da guerra quando é guerra generalizada. Graham assomou à janela e fitou o céu escuro, “que no entanto nada contava das miríades de balas que voavam para ele”. Talvez Rose Savory Graham tivesse ido para a cama com mal-estar e pressentimentos e olhasse para as costas do marido em silêncio enquanto ele olhava para fora, as balas invisíveis.

Uma delas voou mais baixo ou se fez fria ou gasta depressa demais e foi se incrustar no cego olho esquerdo de outro homem também assomado ao balcão, de pijama ou ainda vestido com sua camisa mexicana recém-estreada, de pé ou sentado numa cadeira, com os óculos ainda postos e a intenção de barbear-se antes de ir para a cama que não chegou a desfazer, nem tão-somente a puxar o lençol; e o homem tinha mudado duas vezes de quarto até parar no do quarto andar, mas não tinha mudado de hotel, como fora seu propósito desde a tarde anterior para ficar mais perto de seus amigos que às vezes pareciam fugir dele e outras o procuravam como quem persegue um rastro, ou um amor, ou um inimigo. Nada tem sentido, nada bate, o que menos sentido tem é que Ewart e os Graham se retirassem para descansar numa cidade e numa hora em que ninguém poderia descansar nem dormir até o raiar do dia ou mais tarde. Talvez sua morte tenha sido uma tardia intrusão da totalidade bélica que foi evitada diante de sua vista certa manhã de Natal , num remoto lodaçal de Flandres. Talvez tenha sido a contrapartida daquela trégua de dez ou vinte minutos festivos e solidários no meio da continuada destruição de meses, e desta vez coube a ele ser destruído no meio dos grandes festejos do tempo de paz, como sete anos antes havia tocado a um sargento chamado Oliver ser abatido como lembrete de guerra no breve tempo de trégua -. ou terá sido vingança —, não depois nem antes, sua pobre e confiante figura tão querida por seus camaradas. “Dá na mesma,

não tem importância, deve ter sido um acidente”, escreveu Ewart a respeito, e nem por isso a trégua se interrompeu, como não se interrompeu a farra da Cidade do México por ele ter ficado estirado no balcão ou no chão do quarto a noite inteira com seu olho furado, o rosto nem sequer coberto com meio saco de dormir ou com uma manta, enquanto Stephen Graham se virava para sua mulher e, depois de fechar a janela para amortecer o estrondo da generalizada guerra, se aproximava da sua cama, talvez com os braços estendidos dela pedindo proteção ou exigindo amores.

Talvez tivesse razão Laurence Sterne em seu *Tristram Shandy*, que traduzi para minha língua há vinte anos, quando faz um personagem recordar que, segundo o rei Guilherme, neste mundo tudo já nos era predestinado e que esse rei muitas vezes dizia a seus soldados que “cada bala levava sua própria nota fúnebre”. (Depois Diderot copiou a frase.) Talvez essa bala fria levasse a nota fúnebre de Wilfrid Ewart, no entanto é tão difícil aceitar essa ideia, é tão difícil conseguir que aconteça o que está decidido ou previsto, e nem sequer a vontade de um deus pareceria bastante forte para consegui-lo, se a nossa fosse feita à sua semelhança. Talvez ao contrário nada nunca seja sem nuances .e a ânsia de totalidade nunca se cumpra, porque talvez seja um falso anseio. Nada é íntegro nem de uma peça, tudo é quebradiço e envenenado, correm veias de apaziguamento pelo corpo da guerra e o ódio se infiltra nos amores e nas paixões, a trégua do lodaçal de chumbo e a bala nos entusiasmos, nada suporta ser único, nem prevalecer, nem ser dominante, tudo necessita fissuras e gretas, ou sua negação simultânea à sua existência. Assim nunca se sabe nada de ciência certa, e tudo se conta figuradamente.

Enterraram-no dois dias depois, isto é, no dia 3 de janeiro. Graham e o funcionário dos correios, Hollands, identificaram o cadáver no desolado Hospital Juárez que também era presídio, a expressão de seu rosto morto *puzzled and annoyed*, de acordo com o primeiro, “de perplexidade e aborrecimento”, numa tradução inexata. Fizeram a autópsia e descobriram-no em perfeito estado de saúde retrospectivo. Vinte e quatro pessoas assistiram ao seu enterro no Cemitério Britânico, não longe do cipreste conhecido

como Árvore da Noite Triste, que foi a noite de 12 de julho de 1520 para Hernán Cortés, junto da estrada de Tlacopán: o presidente e alguns membros do British Club, o vice-cônsul R. J. Fowler, o reverendo deão H. Dobson Peacock que oficiou a liturgia, os presidentes da Ex-Service Men's Association e da British Society, Hollands, Graham e sua mulher. Ela levou rosas brancas e deixou-as cair sobre o comprido caixão quando este já começava a baixar, é quase a única vez que seu marido a menciona em todo o livro. No lugar crescem os lírios, ou antes, cresciam, pois esse cemitério “já não existe”, segundo me conta Rafael M. S. numa carta recente. “Foi arrasado faz quase vinte anos para abrir uma via rápida denominada Circuito Interior. Ergueram uma capela bem pequena para lembrar os que ali estiveram sepultados. A chamada Capela Britânica fica na San Cosme esquina com Melchor Ocampo e conserva uma inscrição em inglês. Quando os corpos foram exumados trasladaram-no, para o Novo Cemitério Britânico, situado na Calzada México Tacuba e construído no ano de 1926. Alguns ficaram sepultados em covas individuais e bem identificados (ainda era possível localizar seus familiares). Os demais foram sepultados numa vala comum que rodeia uma capela decorada com vitrais. É bem provável que, se os restos não foram levados para a Inglaterra, os ossos de Ewart lá estejam (não pude verificá-lo pois os nomes se apagaram). Os dois cemitérios ficam relativamente perto da Árvore da Noite Triste, mas não se pode dizer que um deles esteja ao lado dela. Da Árvore resta muito pouco e à sua volta só há casas.”

Muñoz Saldaña também me forneceu alguns dados curiosos, como a lista de pertences que Ewart “levava consigo”, e que eram os seguintes: “um relógio de ouro e corrente do mesmo metal, oitenta pesos, um talão de cheques do Banco de Montreal com um depósito em conta de seiscentos e tantos pesos, e alguns outros objetos”. Não há menção a nenhuma roupa nem a nenhum volume de bagagem, o que faz pensar que a lista se refere ao que ele levava no corpo quando seu cadáver foi descoberto, e não ao que tinha espalhado no quarto. É indubitável que não dava para levar tanta coisa num pijama.

Ewart não foi o único a morrer naquela noite de Ano Velho na Cidade do México: outras dezenove pessoas perderam a vida violentamente ao longo da grande farra.

Nem Muñoz Saldaña, nem González Rodríguez foram capazes de localizar a fotografia do cadáver de Ewart que, segundo algumas fontes, foi publicada por um jornal mexicano (Hugh Cecil insiste nisso em *The Flower of Battle*, para citar uma obra recente). Talvez tenha havido um erro, das fontes ou dos jornais. Muñoz Saldaña comenta que a imprensa mexicana da primeira quinzena de 1923 apareceu efetivamente com a foto de um cidadão inglês morto por causa de um ferimento a bala na cabeça. “Vê-se o homem deitado com a cabeça vendada, mas não é Ewart, já que a legenda da imagem traz outro nome.” Eu me pergunto se o nome não seria George W. Steabben, ou então um terceiro. Talvez a legenda da foto é que estivesse errada, já que foto ao que parece de fato houve: foi ao vê-la espetada na cortiça que um membro do British Club se deu conta de que o suposto “homem de negócios” a que a imprensa chamou de “Mr. Gore” no primeiro momento não era outro senão o então famoso e promissor romancista Wilfrid Herbert Gore Ewart. Num caso tão incoerente não é sem coerência que essa foto seja fantasma.

O pai de Ewart inteirou-se da morte em Londres da pior maneira, isto é, pelos telefonemas sem tato dos jornalistas. A família mandou celebrar uma missa de réquiem por ele em St. Mary Bourne's Street, e posteriormente erigiu-lhe um altar com um monumento comemorativo, obra de Goodhart-Rendel. O que aparentemente ela não fez foi trasladar seus restos do Cemitério Britânico da Calzada de la Verónica, de modo que é possível que agora jazam numa vala comum com os nomes apagados na Calzada México Tacuba.

A esteira deixada pelo romancista foi breve, embora se tenha voltado a ver um pouco de sua espuma nos anos 30, graças aos esforços de John Gawsorth sob uma de suas assinaturas, “G”, a mais parcimoniosa; mas disso falarei mais tarde. Ou talvez fale mais tarde.

Numa carta de 89, Sergio G. R. assinalou-me que Stephen Graham, em sua autobiografia e pelo visto seu último livro, intitulado

Part of the Wonderful Scene ou *Parte do maravilhoso cenário*, publicado em 1964, quando já contava oitenta anos, volta a dedicar um capítulo à morte de Ewart, com poucas variações relativamente ao relatado a quente, quatro decênios antes. No entanto acrescenta “umas linhas desconcertantes”, é essa a expressão do meu primeiro correspondente mexicano: “conta como, depois do enterro de seu amigo Wilfrid, vai para seu quarto no Hotel Iturbide e sente que o espírito dele o rodeia. No meio do seu desassossego, Graham se dirige ao espírito e lhe pede perdão “por tudo o que aconteceu”, abre a janela e deixa que o espírito voe de volta para sua terra”.

González Rodríguez contou também, mas em seu artigo do mesmo ano, como a tragédia de Ewart serviu de reclame turístico durante certo tempo, a ponto de outros hotéis da cidade dele se apropriarem. E cita Ronald G. Walker, autor de *Paraíso infernal, México y la novela inglesa moderna* [Paraíso infernal, México e o romance moderno inglês], que relata o seguinte episódio: “O poeta canadense Witter Bynner e seu amigo William Johnson acompanharam Lawrence” (David Herbert, o célebre responsável por *O amante de Lady Chatterley*) “e sua esposa à Cidade do México em março de 1923 para descobrir que Lawrence havia lhes reservado hospedagem no Hotel Monte Carlo. Os dois se escandalizaram ao se darem conta de que por uma estranha coincidência seu quarto havia sido anteriormente ocupado por um amigo dos quatro, um inglês chamado Wilfrid Ewart; a comoção se deu porque naquele mesmo balcão, o qual era assinalado pelo camareiro do hotel com o orgulho de uma testemunha ocular, Ewart havia sido assassinado por uma bala perdida durante uma festa terrível que se realizava embaixo.

As notícias da morte fortuita de Ewart meses antes haviam, de fato, imposto a Lawrence — antes que pusesse um pé no México — a convicção de que “é um país maléfico esse do sul”. “O camareiro”, acrescenta o artigo, “dedicava-se ao esporte mexicano de assustar e enganar os estrangeiros: o Hotel Monte Carlo... se encontra passando o Hotel Isabel, a um lado do Convento de Santo Agostinho, na Calle de Uruguay, e em seu embuste misturava o caso de Ewart com o de George W. Steabben.” Sem dúvida não era

arriscado nem inverossímil atribuírem-se tragédias causadas por armas de fogo naqueles tempos na capital: conta também o artigo que num jornal do mesmo dia de Ano Novo a empresa Balines Americanos inseria um anúncio com o seguinte e gracioso lema: “A balaços, felicitamos todos com balaços.” Ainda bem que a família e os amigos de Ewart não tiveram a oportunidade de lê-lo.



Stephen Graham viveu até os noventa ou noventa e um anos: morreu em 1975, cinquenta e dois ou cinquenta e três anos depois de seu infortunado amigo e ex-capitão no *front*, conforme se date a

morte limítrofe de Ewart. Dado que era oito anos mais velho que ele, dispôs ao todo de sessenta ou sessenta e um anos mais que ele para estar no mundo. Aproveitou-os bem, não perdeu tempo, e ao longo de sua tão prolongada vida escreveu e publicou mais de cinquenta livros entre 1911 e 1964, dos quais doze foram romances e a maioria relatos de viagens ou estudos sobre assuntos russos, entre eles ambiciosas biografias de Pedro, o Grande, Ivan, o Terrível, Alexandre II, Boris Godunov e Stálin. Nem uns nem outros, contudo, permitiram que o ancião em que veio a se tornar fosse hoje menos mortal e esquecido do que o jovem de trinta anos cuja vida e obra ficaram truncadas por uma assassina noite de São Silvestre na Cidade do México. A primeira mulher de Graham, Rose Savory, a silenciosa ou talvez invisível, tornou-se ambas as coisas definitivamente e de verdade em 1956, e seu marido voltou a se casar.

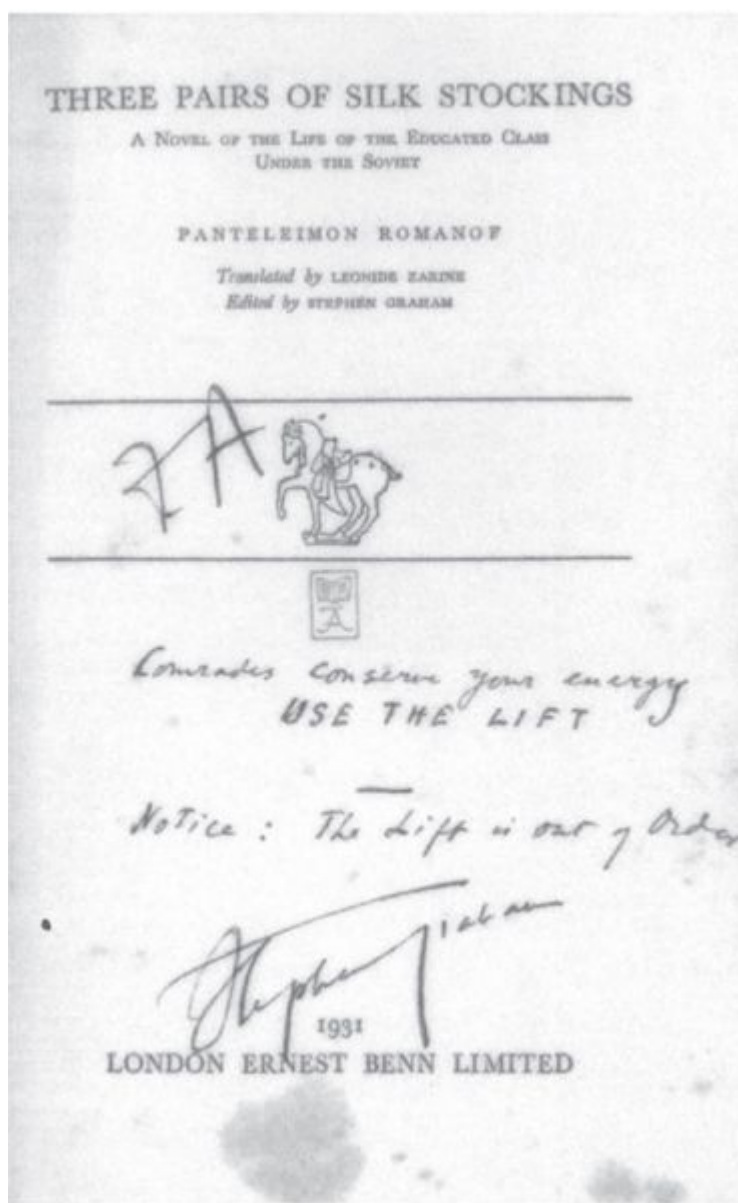
O Hotel Isabel ainda existe, e no mesmo lugar, isto é, na esquina da República del Salvador com a Isabel la Católica. Ao que parece a distribuição e a decoração dos quartos não variou no transcurso desses anos. Terei de ir visitá-lo quando afinal for um dia ao México, embora minha curiosidade não chegue ao ponto de me hospedar ali, ainda menos no quarto 53 do quarto andar. Tanto Sergio González Rodríguez como Rafael Muñoz Saldaña, que se deram tanto trabalho e se divertiram tanto, e a quem devo tantas pistas e orientações, comunicaram-me uma coisa das mais inquietantes, que talvez já não surpreenda: no fatídico Hotel Isabel só há balcões no primeiro e no segundo andares, não há nenhum no quarto. Talvez tenham existido algum dia e tenham sido condenados mais tarde; ou talvez nunca os tenha havido.

A sensação de que os livros me procuram não deixou de me acompanhar, e tudo o que aconteceu na vida desde minhas fictícias páginas de *Todas as almas* acabou tendo materialização também nessa forma, em forma de livro, ou de documento, ou de foto, ou de carta, ou de título. É tanto o que saltou do romance para a minha vida que já não sei de quantos fólhos necessitarei para contá-lo, não vai bastar este volume, nem talvez o segundo previsto, porque transcorreram oito anos desde que publiquei esse romance e tudo continua invadindo meus dias ou deslizando neles, tal como em minhas noites, agora mais que nunca, quando se verifica que sou agora o que foram Shiel e Gawsworth, ou assim parece, e é incrível que eu não tenha temido isso, mas aceito, depois de sentir e escrever então o que já citei: “Não me fiz nem me faço todas essas perguntas por piedade de Gawsworth, mas por curiosidade tingida de superstição, convencido como cheguei a estar de que acabaria tendo sorte idêntica à dele.”

É difícil resistir a perpetuar uma lenda, ainda mais quando se contribuiu para difundi-la. E seria mesquinho negar-se a encarná-la.

Assim, vários livros me procuraram, relacionados indireta ou diretamente com Wilfrid Ewart, o primeiro não demorou, eu já o tinha em 1989 e tive de comentar a seu respeito com meus correspondentes mexicanos, pois numa carta de novembro desse ano Sergio G. R. o elogia e me inveja por ele. Trata-se de uma tradução do russo para o inglês intitulada nesta língua *Three Pairs of Silk Stockings* ou *Três pares de meias de seda*. Foi publicado pela Editora Ernest Benn Limited, de Londres, em 1931, trazendo como subtítulo *Romance da vida da classe culta sob os soviets*; como autor aparece Pantaleimon Romanof, que existiu de verdade (1884-1938), apesar de seu nome com pinta de brutal pseudônimo; figuram como tradutor Leonide Zarine e como responsável pela

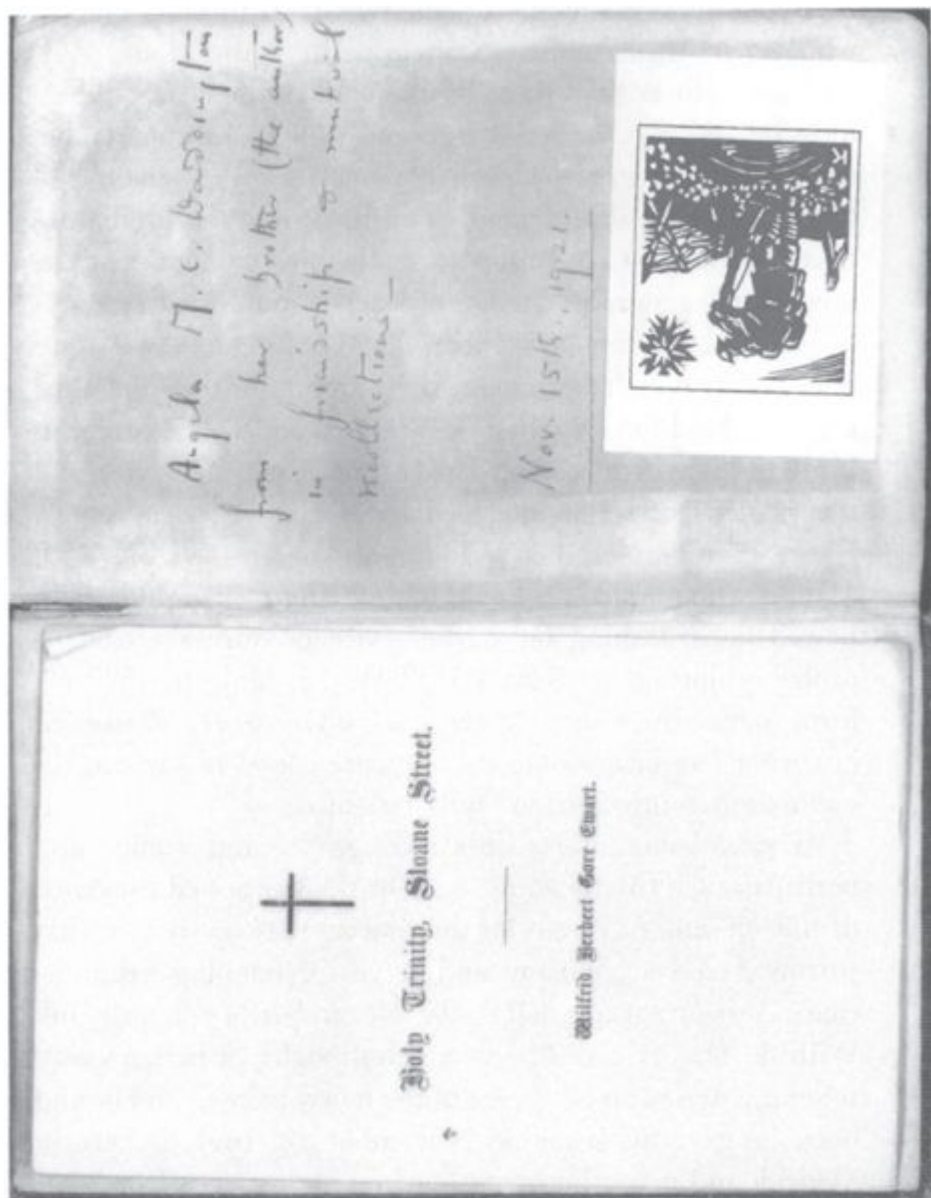
edição Stephen Graham, a quem se deve o magro prólogo. O extraordinário do exemplar é que na capa está assinado pelo próprio Graham, que além do mais escreveu à mão: “Camaradas, preservem suas energias. UTILIZEM O ELEVADOR”; e mais abaixo: “Aviso: o elevador está fora de serviço.” Mas antes, numa guarda do livro, também aparece inverossimilmente a assinatura de John Gawsworth, depois do seguinte: “Exemplar de Arnold Ovenden de minha segunda edição anônima.” E sob seu nome outra nota: “Agora está convenientemente suja e borrada pelos dois ímpios responsáveis pela edição”, o que indica não apenas que Graham e Gawsworth — a testemunha e o póstumo paladino de Ewart, respectivamente — se conheceram e estiveram em contato, coisa pouco estranha dada a frenética atividade pessoal e literária que o segundo sempre desenvolveu, até que deu de beber a sério e se afastou de quase tudo, mas também que colaboraram na caprichosa publicação desse romance russo também conhecido como *O camarada Kisliakof*, quando Graham tinha quarenta e sete anos e Gawsworth, em sua precocidade proverbial, apenas dezenove. “o que me parece o cúmulo do acaso literário”, exclama era sua carta González Rodríguez, “é o fato de você possuir um livro assinado por Gawsworth e Graham. De imediato procurei na autobiografia de Graham alguma referência a Gawsworth, mas no índice onomástico não há nenhuma, e olhe que Graham deixa testemunho das mais variadas figuras.” De fato é curiosa a ausência, já que também sei agora que segundo algumas fontes não de todo fidedignas Graham fez parte da “nobreza intelectual” de Redonda. Fui me acostumando a esses acasos, literários e não, que há tempo fazem parte da minha vida cotidiana e também dos meus hábitos, mas não é de estranhar que meu correspondente achasse assombrosa a coincidência no distante México, pois não foi à toa que concluiu seu artigo dizendo: “Conformemo-nos por ora com admitir que o culpado por toda essa trama de ambiguidades, equívocos e conjeturas, se é que houve algum, é o próprio Gawsworth, que inicia a lenda sobre a obra inconclusa e a morte trágica de Wilfrid Ewart com um parágrafo de 1933, que o próprio Marías inclui em seus *Cuentos únicos*. Convém relê-lo.”



Muito mais tarde, em 1996, adquiri outro livro que não silencia sobre seu passado, uma primeira edição de *Way of Revelation*, o romance pelo qual se chorou em seu tempo e pelo qual hoje não se recorda mais Ewart, publicado em novembro de 1921, apenas treze meses antes do criminoso e lento percurso da bala fria, apenas cinco antes de seu autor se quebrar — e de sua mão e sua língua terem começado a lhe desobedecer — depois de ter ido no meio de um temporal a Liverpool para ver o Grand National ser vencido,

contra outros trinta e um cavalos, pelo chamado Music Hall, filho de Clifton Hall, montado pelo jóquei Bilbie Rees, cujo triunfo, no qual Ewart havia apostado, pagou 100 contra 9, um bom dividendo, segundo me informa disso tudo o erudito do turfe Fernando Savater. O que individualiza de fato este exemplar é a dedicatória manuscrita de quem não pôde multiplicá-las, já que publicou tão pouco e morreu tão cedo. Diz assim: “Angela M. C. Waddington, de seu irmão (o autor), com amizade e recordações comuns — 15 de novembro de 1921.” Não está assinada, mas a letra é de Ewart antes de sua quebra ou, melhor ainda, no momento de sua ilusão máxima (é uma letra nervosa, chama a atenção o e da palavra *recollections*, que parece grega, tal como o *d* de sempre, como um delta). Assim, este exemplar pertenceu à irmã que, num dia de 1919, ele acompanhou ao bosque de Delville em busca do túmulo de seu primeiro marido, o fuzileiro Jack Farmer, sem o encontrar (quando caiu a noite e começou a chover). Assim, em 1921, conforme se depreende, ela’ já tinha se casado de novo, com Waddington, quem quer que fosse. Sobre Angela e Wilfrid Stephen Graham escreveu: “Angela e Wilfrid eram mais unidos que a maioria dos irmãos. Quase se poderia dizer que ela era um Wilfrid feminino, ele uma Angela masculina.” Se isso era verdade, talvez Angela tenha sido a pessoa que mais se desesperou e mais chorou com a prematura morte da Cidade do México. E talvez tenha sido esse o primeiro exemplar que o romancista deu em sua estreia, que neste novembro faz setenta e seis anos. Esse livro conserva mais duas marcas de seu já longo passado: o programa do funeral ou responso celebrado por Ewart na Santíssima Trindade de Sloane Street em Londres (dentro só há hinos e salmos, não consta nem mesmo uma data), e o *ex libris* de algum proprietário intermediário entre Angela Ewart (depois Farmer, depois Waddington) e eu mesmo: um tal de B. D. Maurer, que marcava seus livros com a figura de um soldado cabisbaixo apoiado em seu fuzil — talvez numa trégua —, provavelmente da Primeira Guerra Mundial, a julgar pelo uniforme, sob o lema em letras vermelhas: *Always We Remember* ou “Sempre recordamos”, que é o que estou fazendo

durante tantas páginas, e se é que alguém pode recordar as recordações alheias.



Tem algo de incongruente, tem algo de irônico e talvez muito de injusto a perduração deste volume ou de qualquer dos objetos que sobrevivem a nós, e que são quase todos os que nos rodeiam, nos acompanham e estão a nosso serviço, simulando sua insignificância. É perturbador que no dia de hoje, 8 de novembro de 97, esteja aqui em Madri a tinta que distraída ou solenemente Wilfrid

Ewart deixou correr numa guarda do exemplar que entregou à irmã no dia 15 de novembro de 21, quando era um exemplar recém-encadernado e impresso; e é um pouco afrontoso e um pouco grotesco podermos ler o que essa tinta diz e não ouvir a voz de quem foi seu dono, essa voz não se ouve em lugar nenhum há quase setenta e cinco anos, desde que certamente desejou ao porteiro da noite do Hotel Isabel “Boa noite” ou “Feliz Ano Novo”, antes de subir para o quarto 53 na Cidade do México. Também não tem muito sentido eu ter podido comprar este livro no ano passado por duzentas libras — como um despojo —, quando o -normal seria que Angela Ewart Farmer Waddington não tivesse querido desfazer-se dele nunca na vida: “Dedicado pelo autor à sua irmã favorita”, assim anunciava o catálogo em que o vi, de obras da Grande Guerra; e acrescentava esta informação: “Angela, recém-casada em segundas núpcias mas ainda chorando seu primeiro marido, ajudou o irmão corrigindo as provas e cuidando dele enquanto trabalhava em *Way of Revelation*.” Quando Hugh Cecil a visitou ao fazer suas pesquisas para sua citada obra *The Flower of Battle* sobre os romancistas da Primeira Guerra, diz que ela já tinha mais de noventa anos e que ficou emocionado ao ouvir “sua ardente voz de formosa dicção anterior a 1914”, é o que diz, ainda ardente ao falar do passado e perdido tempo. Porém mais estranho ainda é que entre ela e mim houvesse outro proprietário — que talvez agora tenha morrido —, esse B. D. Maurer, cujo *ex libris* não é desta época, logo o volume deve ter sido dele ainda em vida de Angela, quem seria ele, talvez também um veterano de Neuve Chapelle, de Ypres, do Somme, de Cambrai, de Arras, talvez ela mesma tenha lhe dado e tenha sido por ocasião da morte do soldado Maurer que o exemplar foi posto à venda para que eu o comprasse. Os objetos viajam depois da nossa morte, continuam vivendo sem ter saudade de nós para pertencer a outros que os entesouram ou os desdenham e vendem, para ocupar suas estantes ou brilhar em sua lapela, como um alfinete de gravata que adquiri há pouco num leilão e que foi do ator Robert Donat, protagonista de Os 39 degraus, A condessa Alexandra e Adeus, Mr. Chies, pelo qual ganhou um Oscar, como também sua comprida cigarreira de prata com suas

iniciais gravadas, e essas usurpações ou falsas heranças criam vínculos fantasmais que eu não imaginava: não posso ver Donat da mesma forma indiferente quando ele aparece em seus velhos filmes que às vezes passam na televisão — de fato fico vendo como se tivesse contraído obrigações para com ele: há dois meses *As aventuras de Tartu* e outro dia *A cidadela*, no qual o vi movimentar-se e falar com sua voz, vivo, apesar de morto em 58 com cinquenta e três anos, apenas sete mais do que tenho; — fito-o como se tivesse comigo algum parentesco e, quando na tela acende um cigarro, pergunto-me se faria um gesto idêntico ao tirá-lo do objeto calado que agora está em casa na minha mão, o mesmo, guardado cuidadosamente esse tempo todo em sua caixa verde-pálido original da Asprey que fica na Bond Street de Londres — ou não tão calado assim”R. D” diz, eu deveria dá-la a Roger Dobson —, e se não seria fatal para a sua asma, de que padeceu a vida toda e talvez tenha tido a ver com sua morte; ou se depois da filmagem poria de noite para jantar o alfinete com a efígie em esmalte de Shakespeare que eu às vezes ponho agora na lapela porque raramente uso gravata. Talvez seja melhor assim, ou menos ruim, que eu tenha essas relíquias do ator Robert Donat, pois já está estabelecido que nossas intenções, vestígios, exalações não desaparecem ao mesmo tempo que nós; pelo menos sei quem ele foi, e não me faltam os vídeos de seus bons filmes. É inevitável saber que essas aquisições, como todos os meus outros objetos velhos ou novos, passarão para alguém no futuro e seguirão seu curso ou vivendo sem sentir falta de mim, e algumas coisas serão jogadas fora porque não servem para ninguém nem tentam ninguém, e se transformam num estorvo. Esta mesa antiga na qual escrevo irá parar em outra casa, talvez também a caneta com que risco e corrijo vá para outra mão que não será canhota ou de sombra; o abajur dos anos 20 e minha cabra de fósforos de prata de 1917, que já pertenceu a outro antes, chamado Muir; meus soldadinhos de chumbo e meus corta-papéis, um deles já foi de um soldado anônimo da Grande Guerra que o fabricou com sua baioneta e gravou nela “15 Yser 16”, os anos e o rio sangrento em que teve de combater e esperar, por lá também Passou Ewart, quem sabe terá sido B. D. Maurer; os livros da minha biblioteca

voltarão ao mercado e levarão meu nome na primeira página, e a cidade e o ano em que por mim foram comprados para que então qualquer idiota com dinheiro ou um desalmado funcionário da Biblioteca Nacional, se eu tiver azar, possa comprá-los; talvez alguém vá querer conservar essas minhas garatujas sobre as folhas brancas, rastros tão remotos virão a ser como a dedicatória de Ewart, o esquecido, e as anotações gozadoras de seus recordadores, Gawsworth e Graham, ainda mais esquecidos os que tentaram resgatar do esquecimento o jovem escritor morto e deixar registro, os lembretes são frágeis e vão se quebrando, o fio da continuidade é fino e não se retesa nunca sem fazer esforço, e tem de estar tenso para que resista e avance.

Que sentido tem a passagem calada pelo mundo de quem não tem tempo nem de se acostumar ao ar, e Ewart ainda escreveu, lutou e viveu trinta anos, que teria sido dele mais adiante? Duvido que tivesse chegado ao mais alto. Que teria sido do filho do meu amigo Aliocha Coll, que morreu recém-nascido alguns anos antes de ele se matar, a quem ele e sua mulher Lysiane teriam chegado a dar um nome, segundo me disse? Que seria da primeira filha de Juan Benet, que morreu com seis meses e cuja foto amarelada vi em sua casa tantas vezes? Agora são seus pais que morreram e já não haverá quem a recorde, quem recorde Eva. Que teria sido de meu irmão morto com três anos e meio, Julianín seu nome, ou assim o chamaram meus pais durante seus breves dias, é normal que não tenha dito “seus pais” nem “nossos pais”, porque não o conheci e sua realidade não é a minha, por não ter dele mais que relatos e nenhuma recordação, e por ele nunca ter sabido nada de mim? Às vezes penso nele e nele penso sempre como numa criança, porque não pôde ser outra coisa, ficou fixado na idade mais elevada que lhe foi concedida e em seu retrato, no entanto era mais velho que eu, teria agora cinquenta e dois anos recém-completados, quase a idade concedida a Donat. É estranho pensar que houve alguém, tão próximo como um irmão, que eu não conheci, pois se tivesse vivido teria estado conosco sempre durante a minha infância e teria sido o mais velho de todos, eu não seria o terceiro mas o quarto, e não haveria mediações em minha percepção dele, como

não há na de meus outros irmãos, Miguel, Fernando e Álvaro, que são apenas isso, Miguel, Fernando e Álvaro, deles não se tem muita opinião nem consciência, são ou então eram como o ar. Não posso saber como teria sido Julianín nem como eu teria me dado com esse irmão desconhecido e anterior a meu nascimento, se teria me protegido ou manipulado do alto dos seus seis anos de diferença mais fortes e experientes, e nem mesmo posso imaginá-lo quando a única imagem que resta é a de um menino pequeno, que era e ao mesmo tempo nunca foi mais velho que eu e que não dá para ver capaz de proteger nem manipular ninguém. Seu retrato sempre esteve em casa do meu pai, e me dou conta de que não disse “meus pais” porque minha mãe Lolita morreu já faz vinte anos e, assim, meu pai Julián a ocupou por muito mais tempo e, principalmente, continua ocupando. Olhava para esse retrato com certa reverência, pelo menos nós, crianças, sentindo-nos diante dele um pouco como usurpadores ou intrusos, e minha mãe às vezes ficava com a vista fixa no quadro, não com pena mas como se revivesse e quisesse lhe dizer alguma coisa (deve ter falado com ele muitas vezes em sonhos, que é onde os vivos adquirem tanta presença quanto os mortos): um impulso natural, e suponho que nesse impulso e nessa recordação se refugiaria às vezes quando se entristecesse, estava em paz com aquele menino que não podia ser malcriado com ela nem lhe dar nenhum desgosto. (Ou talvez se sentisse em injustificada dívida, por não ter podido salvá-lo.) Com o pescoço ereto ficava olhando para o retrato e cantarolava, minha mãe cantarolava bastante, distraidamente, sobretudo quando se preparava para sair. Agora as mulheres que conheço dançarolam enquanto se preparam na frente do espelho, se ponho música para elas no outro cômodo. Hoje todas as mulheres dançam à menor oportunidade, enquanto podem, já percebi.



Vê-se meu irmão no quadro como uma criança pensativa, de olhos serenos e muito abertos, olhando como se entendesse do mundo mais do que lhe cabia. Não dá para ler muito bem os números do canto direito inferior, é possível que o óleo tenha sido pintado a partir de uma foto, quando Julianín já não vivia. Poderia perguntar a meu pai que com certeza sabe, mas tenho escrúpulo em lhe telefonar e obrigá-lo a recordar, e deixá-lo triste com isso, deve estar tranquilo com alguma visita, ou escrevendo um artigo em sua máquina, ou relendo Simenon, ou Dumas, ou Conan Doyle, que sempre relê, ou lendo Colin Dexter, o romancista policial de Oxford precisamente, o último a se divertir com seu inspetor Morse. Não devemos deixar as pessoas idosas mais tristes, já costumam estar um pouco, naturalmente. Mas também estou convencido de que meu pai não deixou passar um dia sem pensar em sua mulher perdida, desde 1977, nem em seu filho perdido, desde 49. Talvez eu o tenha ouvido contar mais que minha mãe sobre esse filho, e escreveu alguma coisa com sobriedade em suas memórias há uns

anos. Pode ser que tenha sido assim, que o menino entendesse do mundo mais do que lhe cabia e talvez tenha morrido por isso, era uma criança singular, ao que parece, embora nunca se saiba até que ponto se idealiza quem já não existe e não fez mal a ninguém. E, embora meus pais fossem cuidadosos, meus irmãos e eu sempre tivemos a sensação de que Julianín tinha sido superior a nós, aos quatro, e aceitávamos isso sem problemas, só gente muito ruim sente ciúme dos mortos. Convencional em todo caso não era, a julgar por seu primeiro comentário ao ver nosso irmão Miguel recém-nascido, de quem ele era dois anos e tanto mais velho. Chegou junto do moisés, olhou para ele e disse com sua gravidade de criança: “Não sabe falar, não tem memória e não tem dentes”, disse nessa ordem. Pelo visto tratou-o com afeto durante o ano e meio em que estiveram juntos no mundo e na casa que mais tarde também foi minha; devia ser paciente e pacífico, porque quando o pequeno pegava seus brinquedos e os quebrava, o mais velho ria e dizia a meu pai: “Deixe ele quebrar. É meio bruto, mas é bonzinho. Gosto dele.”

Assim contaram.

Lembro-me de que havia uns brinquedos com ar arcaico que tinham pertencido a esse menino ausente e que por isso não nos deixavam usá-los nem quase tocá-los (e aqui me dou conta de que ele não está nem pode estar incluído neste “nós” que empreguei, pois nunca chegou a nos acompanhar, nem mesmo Miguel tem dele lembrança própria). Eram poucos, o único que vejo com clareza é um cosmorama muito bonito, podia-se escolher entre várias fitas ou rolos de papel pintado e ver o movimento monótono das figuras através das frestas, enquanto a caixa preta redonda girava em cima de sua alta haste impulsionada pela mão, a pré-história do cinema. Lembro-me, claro, de um cavaleiro e seu cavalo, primeiro trotando, depois galopando, de novo trotando até que se parava ou voltava a movimentar a caixa, que parecia um pouco uma caixa de chapéu aberta. Aqueles poucos brinquedos, embora antiquados e meio chatos, tinham prestígio entre nós e haviam sido guardados, pelo que falei antes, suponho, porque está estabelecido que nossos vestígios, emanações e efeitos não devem desaparecer junto

conosco, mas ficaram para sempre arrumados como relíquias quase intocáveis, sem dúvida não porque teria incomodado àquele bom menino que seus irmãos desconhecidos mais novos brincassem com seus brinquedos perdidos, mas para que não os quebrássemos e durassem, durassem, durassem, quando alguém falta nos damos conta da transmissão perpétua e calada entre as pessoas e as coisas, e assim estas adquirem vida vicária e se fazem testemunhas, metáforas, emblemas, erigem-se amiúde no fio da continuidade; e parece então que encerram as vidas imaginárias, e as não consumadas, e as fracassadas, ou talvez os objetos sejam a única coisa que concilia e nivela presente e passado, e até o futuro, se duram e não são destruídos. Precisamente porque continuam vivendo sem sentir nossa falta eles não mudam, e nisso nos são leais.

Julianín havia nascido no dia 11 de novembro de 1945 e morreu em 25 de junho de 49, no verão recém-começado. Meus pais deixaram de ir aonde haviam veraneado com ele até então, minha mãe estava grávida de meu irmão Fernando, e isso deve tê-la ajudado um pouco, por obrigá-la a uma espera. Não se sabe o que aconteceu, talvez não tenha tido muita importância saber, às vezes os efeitos são tão aniquiladores que somente a morbidez pode se empenhar em averiguar as causas, ou pelo menos era assim que se podiam ver as coisas antes, em tempos menos inquisidores que os nossos. O menino estava bem, só um pouco de angina foi o aviso, o pediatra, seu avô e seu tio médicos vieram vê-lo sem se preocupar, minha mãe sim, sua mãe, “somente Lolita, oprimida por um pressentimento, angustiada”, diz em suas memórias meu pai. O menino estava bem e em duas horas estava morto. “Falaram-nos de meningococos com uma localização suprarrenal, muito pouco comum, e que pelo menos na época não tinha remédio. Não sei.” Assim diz seu pai, meu pai, no primeiro volume dessas memórias, *Uma vida presente* [Uma vida presente], de quase dez anos atrás. Três anos e sete meses e meio, foi essa a duração daquele menino no mundo, sabe-se que andou por aqui, pouca gente viva o viu. Meu irmão mais velho, Miguel, seu irmão mais novo que chegou a conhecê-lo, procurava-o por toda parte com seu estabonado ano e

meio: “Tintim, tintim. Tintim?”, chamava-o engatinhando; “e parecia que nos pedia explicações”, é o que o pai escreve. Mas Miguel não lembra.

Que sentido tem essa passagem veloz e esse projeto, alguém como eu mesmo, nascido do mesmo pai e da mesma mãe, na mesma casa da *calle* de Covarrubias em que nós cinco nascemos, alguém recordável, a quem se deu nome, de quem se anotaram as primeiras palavras, ainda visível seu rosto num quadro e em fotos, talvez isso seja algo afrontoso embora não pareça algo grotesco; e minha mãe com seus cabelos negros e sua pele muito branca, sua pobre mãe, o esforço vão e os passos diminutos sem marca ou apenas para a lembrança afiada de quem ensinou a dá-los e cometeu o erro ou o atrevimento e realizou o esforço de imaginar um rosto pequeno e louro que mal começou a se mexer já permaneceu cativo num retrato; e o menino como um luxo caro e supérfluo que se expulsa logo da terra, como se fosse vapor e nem sequer se deixa pôr a prova porque nem a história nem o tempo o reclamam nem o solicitam a não ser para deixar a dor e seu rastro de brinquedos imprestáveis e arcaicos. (Tenho de procurar esse cosmorama no sótão de meu pai.) Minha mãe deve ter pensado ao morrer que por fim ia cuidar dele de novo após vinte e oito anos vivendo e morrendo separados, e talvez tenha sentido impaciência se soube que estava perto, crer deve ser um alívio, não pela esperança divina ou mística, mas pela perspectiva dos reencontros. Em todo caso, jazem no mesmo túmulo seus corpos com suas diferentes idades, e embora eu não creia que eles o saibam eu sei, e meu pai sabe, e sabe que para ele e sua maior idade futura ainda sobra lugar, e isso basta. Se esse menino tivesse vivido mais é possível que eu não tivesse nascido ou não tivesse sido o mesmo, ambas as coisas são idênticas. E daí, se não tivesse nascido, dava na mesma, se meu irmão se esfumou e se despediu tão depressa, como se a frágil roda do mundo tivesse carecido de forças para incorporá-lo totalmente a seu giro e o tempo de tempo para assistir a seus afãs, afetos e injúrias, ou tivesse tido pressa de se livrar de sua vontade incipiente e fazê-lo assim transitar por seu revés ou seu negro dorso transformado num fantasma. Há tempo para tantos

outros, para assistir à minha vida porém não à dele, é só um exemplo. Vejo uma foto minha de idade semelhante à mais elevada que irmão que nunca vi alcançou — ou sou ainda menor, não devo ter mais que dois anos — e não nos parecemos muito, Álvaro se parecia mais com ele, talvez o corte do rosto e um ar de família, mas eu não apareço pensativo nem com os olhos serenos ou muito abertos, nem dou a impressão de entender nada do mundo, menos ainda do que me cabia, sempre fico sabendo tarde. Estou agachado e rindo, com os olhos puxados, quase piscando de contentamento. Talvez Julianín me considerasse meio avoado, se me tivesse conhecido, isto é, se eu tivesse nascido com ele no mundo, ou com ele em seu trajeto. Talvez dissesse de mim à mãe dele: “Deixe. É maluquinho, mas é bonzinho.”





“Já passou, pronto, já passou”, as mães costumam dizer aos filhos para acalmá-los depois de um pesadelo, um susto ou um engasgo, dando uma importância desmedida ao presente, quase como se declarassem: “O que já não é, foi.” Talvez seja compreensível nesses casos, tem-se a intuição ou a recordação de que para as crianças o presente é tão forte que cada instante lhes parece eterno e excludente de tudo o que não se encontra nele, também do passado e do futuro portanto, por isso suportam tão mal as reviravoltas e reveses por pequenos que sejam, porque os creem definitivos ao não verem mais do que o agora em que vivem instalados; por isso quando têm fome, sede ou vontade de urinar não esperam, ou se enfurecem quando não há outro jeito senão chegar até um café ou em casa para solucionar a enorme contrariedade, assim elas vivem qualquer dilação nem que de apenas dois minutos, não sabem o que é um minuto nem uma hora nem um dia, não entendem o que é o tempo, não entendem que consiste precisamente em passar e se perder, em sua passagem e sua perda a ponto de poder não se lembrar. Vi esta mesma impaciência ou falta de compreensão do transcurso em algumas mulheres, raras vezes nos homens, que parecem contar mais com o futuro, e até saber — alguns — que ele só existe para ser passado.

Quando em criança eu ia ao cinema e o filme me dava tristeza ou medo, lembro que o método da minha mãe para acabar com uma ou outro também era recorrer ao passado se o que era contado sucedia num contexto histórico e apelar para a ficção se era inventado. Quando era bem pequenino, me entristecia muito o filme *Lili*, que apesar disso vi várias vezes, com Leslie Caron e Mel Ferrer e sua canção melancólica, e tinha medo de um intitulado *Safári*, creio, em que hordas de mau-maus assassinavam uma menina, filha do sorumbático Victor Mature — sua expressão de nojo era invariável,

no meio de um beijo como num enterro; — também não achava nenhuma graça numa tal de *Fuga de Zahrain* ou coisa do gênero, com Yul Brynner e uns terroristas árabes que matavam nos mercados e nas ruas e nos faziam pensar que em lugar nenhum se estava a salvo (como de fato se dá com os terroristas); e outro intitulado *Linha secreta*, que uma babá tresloucada nos levou para assistir tapeados, dizendo que tratava do metrô, começava com uns gângsteres jogando pela janela de um arranha-céu um sujeito que lhes implorava, e eu não conseguia mais tirar da cabeça essa cena durante o filme inteiro, do qual só me lembro disso, nem durante vários dias, falo de meus quatro ou cinco anos. E nesses casos, do mau-mau ou de *Zahrain*, e diante da minha preocupação com o que tinha visto e da dificuldade de me convencer de que tudo era inventado, ou pelo desejo de não mentir a seus filhos, minha mãe costumava desanuviar o horizonte dizendo:

“Sim, essas coisas aconteciam, mas agora não, só antes.” (Não nos mentir pelo menos no histórico talvez fosse o espírito da Instituição Livre de Ensino. Com que pouca convicção interior devia dizê-lo, porém, quando na nossa guerra que não estava longe tinha visto de tudo, feito por ambas as partes, e tinham detido e matado a sangue frio em Madri um irmão dela de dezessete anos, que ela tinha procurado pelas delegacias sem saber, temendo que fosse cadáver e encontrando-o, mas nem sequer o cadáver, somente sua foto de morto, meu tio Emilio, para o qual também não houve muito tempo, a metade do tempo que houve para Wilfrid Ewart.)

Antes de eu nascer, era o que isso significava invariavelmente para mim, como se tivesse a necessidade de crer que havia chegado ao mundo quando este já estava apaziguado. “Ah, bom”, pensava com alívio prático, e no entanto não deixava de pensar no que tinha ocorrido “antes”, que eu vira com a força das representações, podia voltar o que tinha passado e além do mais parecia que o passado estivesse sempre latente, ainda me parece, o passado cada vez mais longo. Em outras ocasiões, como em *Lili* e nos filmes que me faziam sofrer por mais fantasiosos que fossem e mesmo acabando bem, minha mãe procurava deixar claro que aqueles atores que sofriam e morriam na tela não tinham sofrido

nem morrido de verdade; que depois tinham se levantado da cama ou do chão e todos juntos rido do que haviam fingido — vivos e mortos, bons e ruins, inimigos e amigos, uma invejável reconciliação geral — e teriam ido jantar muito contentes. O que era uma contribuição para não nos entristecermos demais, mas também não evitava sentir pena dos personagens e de sua história, a culpa é da dimensão representativa, nela você assiste, não fica apenas sabendo, e não se esquece facilmente. Aí comecei, suponho, a diferenciar bem o real do fictício, e também a aprender que embora convivam e não se excluam, ao mesmo tempo não se misturam, cada coisa sucede em seu território e ambas são vigorosas. “Não seja bobinho”, dizia minha mãe quando me via triste ou aflito com o que tinha presenciado na sala escura, “não está vendo que isso não aconteceu de verdade?”; ou então: “Não está vendo que isso não pode mais acontecer?”. E devia dizê-lo cruzando os dedos ou se encomendando.

Não é apenas que tudo possa voltar a acontecer, é que não sei se na realidade nada aconteceu nem se perdeu, às vezes tenho essa sensação de que todos os objetos latejam debaixo da terra como se resistissem a desaparecer totalmente, o enorme acúmulo do conhecido e do desconhecido, o contado e o silenciado, o registrado e o que nunca se soube, ou não teve testemunhas, ou foi ocultado, uma massa ingente de palavras e acontecimentos, paixões, e crimes, e injustiças, de temores, e risos, e aspirações, e ardores, e sobretudo pensamentos, que são o que mais se transmite de uns intrusos e usurpadores a outros, e entre as gerações usurpadoras e intrusas, o que mais sobrevive, apenas muda e nunca acaba, como uma ebulição permanente sob o fino solo em que estão enterrados ou dispersos os infinitos homens e mulheres que por aqui andaram, a maioria deles dedicada a maior parte do tempo aos pensamentos passivos ou ociosos e aos mais comuns, mas também entre estes se encontram os pensamentos mais arrojados, que dão algum impulso à preguiçosa e frágil roda do mundo, os desejos e as maquinações, as expectativas e os rancores, as crenças e as quimeras, a piedade, os segredos, as humilhações e as querelas, as vinganças tramadas e os amores rejeitados que chegam tarde ao

encontro marcado e os não desgastados, cada um deles acompanhado de seus pensamentos individuais, sentidos como únicos por cada novo pensante recém-chegado. Mas não é só isso. O prestígio que se confere ao presente se apoia nessa ideia que as mães logo inculcam como consolo ou engano em seus rebentos: “O que já não é, foi”; e no entanto caberia pensar se não acontece antes o contrário e se o que foi continua sendo indefinidamente por isso, por ter sido, ainda que só para ficar incorporado à soma incessante e frenética dos fatos e das palavras cuja conta ninguém tampouco se incomoda em fazer, e se não é somente mais brasa ou fogo para essa ebulição sempre crescente dos pensamentos pensados e assim disseminados como as infecções, para nutrir “o mal intolerável” do suicida Middleton. Que alguma coisa tenha cessado não parece força nem razão bastante para que se apague totalmente seus efeitos ainda menos e muito menos sua inércia, como a do cosmorama de Julianín, meu irmão, cuja caixa preta podia ser movida e girada na haste uma e outra vez antes de parar, e até depois de parada pôr-se -de novo em marcha para voltar a contemplar das frestas o cavalo e o cavaleiro galopando, trotando, galopando, trotando. Tudo dura demais ou não há forma de acabar com nada, cada coisa concluída é adubo para a seguinte ou para outra inesperada e distante, e talvez por isso nos cansemos tanto, ao sentir que a precária solução das mães não é de modo algum verdade. “Já acabou, pronto, já acabou.” Quem sabe nada passa, nada está e nada passa, e nada há que não seja como o lento relevo de luzes que às vezes vejo das minhas janelas enquanto não adormeço ou já estou acordado e olho para a praça ou para a rua com suas mulheres e homens madrugadores que ainda levam pintada nos olhos a noite escura e em seus corpos a impregnação dos lençóis suados ou limpos compartilhados ou monopolizados. Ou talvez esse homem vá para eles agora, mais por convenção do que por verdadeiro sono, esse homem com o nó da gravata frouxo e a incipiente barba azulada ainda, desde ontem não se deitou. Espera o ônibus tão cedo ou tão tarde porque talvez não lhe tenha sobrado dinheiro para o táxi, olha para os lampiões que ainda pertencem à noite de que vem ou não saiu, e tem em mente as muitas horas em

que teve de abandonar a jogatina cerimoniosa e séria dos toureiros, mas nunca se sabe como a sorte se conduzirá, nem mesmo quando faz sinal ou está resistindo, principalmente quando é preciso conseguir dinheiro para reter a mulher que o estará esperando em casa adormecida e ignorante de seus esforços, mais ainda de seus temores dos quais ela é causa. O homem olha para os lampiões enquanto vai amanhecendo e as rajadas de vento golpeiam sua nuca levantando-lhe o cabelo, parece um músico, não confia em que o relevo de luzes, quando se encerrar, reduzirá essa noite que não se acaba à esfera dos pesadelos, tem quarenta e oito horas para encontrar o que deve e com certeza não encontrará, o ruim não são os toureiros, que costumam fazer-se de desprendidos, mas seus acompanhantes, adutores e prepostos, com os quais contraiu a dívida, quem explora o artista é o menos escrupuloso dos exploradores porque se acha justificado, ou talvez ressarcido. O homem olha para os lampiões e pensa que talvez uma facada na própria barriga seja a forma mais fácil de abandonar a luta para segurar quem quer ir embora e ainda não vai, talvez por pena ou porque não encontrou seu novo arrimo, é questão de tempo, a pena logo se esgota e é substituída Pela cólera que cobra juros, os arrimos estão aí por toda Parte, é só questão de tempo e de que ela os veja e tente, ou de que seja divisada por eles a que agita um pano vermelho faz tempo chamando-os, e ergue o braço para se agarrar. É questão de tempo e a facada fixa esse tempo; e então silêncio, e apaga a luz, e depois apaga. A mulher Olha para os lampiões e tenta proteger-se do vento com um lenço, já não se vê muito essa imagem um tanto antiquada, talvez por isso lhe falte prática e não consiga prendê-lo, e então desiste, a melena voa como um estandarte. Ela sim saiu da noite e da cama e pensa, com preocupação no jovem que ainda dorme nela, está ali por demasiadas manhãs desde que ficou sem dizer que ficava, entrando e saindo enquanto ela trabalha, voltando e indo quando lhe dá vontade, sem explicações, como quem está em pensão e não convive nem pergunta nem conta, e, só de noite quando entra na cama às escuras tarde demais, desperta-a como um animal exigente — ou como uma criança que não aguenta a espera —,

arranca-lhe a camisola e sua-lhe os lençóis tirando tempo de seu descanso e roubando-lhe o sono para tomá-lo ele. A mulher passa as noites quase em vigília pensando no que aconteceu em meio às trevas e perguntando-se se terá sido a última vez que aquilo acontece, sai pelas manhãs com o cansaço de seus pensamentos, temerosa de que ao voltar depois de tantas horas no mundo externo ele continue ali e ele tenha ido embora, teme igualmente ambas as coisas e nem sequer experimentou lhe dizer que fique ou vá embora, porque também tem medo de que a ouça e não a ouça, se lhe dissesse tanto uma coisa como a outra, a outra e a uma, se se atrevesse. E como não sabe o que fazer também não faz nada, só espera o ônibus com frio e olhando para as luzes que resistem à do sol que desponta como se não fosse com elas, esse período em que seus territórios convivem e não se excluem mas tampouco se misturam como não se misturam o real e o fictício, e neste nunca se pode dizer “Já acabou, pronto já acabou”, nem mesmo como consolo ou como engano porque nele nada aconteceu de verdade, bobinho, e assim no território que não é de verdade tudo continua acontecendo e acontecendo sempre, e ali a luz não se apaga agora, nem se apaga depois, e talvez nunca se apague.

Quando um editor quer vexar ou humilhar um escritor, e além disso é pusilânime e não se atreve a fazê-lo às claras, é tão fácil que quase causa vergonha alheia ele se decidir ou se dedicar a isso. Sabe-se que a Editora Harper & Brothers de Nova York quis se livrar de Herman Melville, o autor de *Moby Dick*, sem o confessar após as decepcionantes vendas iniciais do romance, um dos cumes do gênero, e as críticas obtusas ou tacanhas da maior parte da imprensa de seu país (na Inglaterra foi mais bem recebido). De maneira que, quando Melville lhes entregou sua nova obra, *Pierre, or the Ambiguities*, os irmãos Harper utilizaram a fórmula covarde de não rejeitar seu texto, mas pôr em cima da mesa um contrato impossível, cuja mais humilhante inovação com respeito aos anteriores (Melville já havia publicado com eles *Omoo*, *Mardi*, *Redburn* e *White-Jacket*) consistiu em lhe oferecer menos da metade de sua porcentagem habitual, a saber, vinte centavos por dólar em vez dos costumeiros cinquenta, depois de amortizados os custos de edição, o que só ocorreria após a venda de mil cento e noventa exemplares. Melville levou uns dias para pensar e, inexplicavelmente para os Harper (sem dúvida uma maçada), aceitou a oferta mesquinha sem que se saiba muito bem o motivo. Adiou no entanto a entrega definitiva do romance, reabriu-o e inseriu três capítulos meio postiços em que esboçou uma amarga sátira do mundo literário em que se via obrigado a sobreviver e ajustou ficticiamente as contas com seus editores e detratores, sobretudo um deles chamado Duyckinck. O romance se ressentiu disso apesar desses capítulos conterem passagens brilhantes, a tal ponto que em anos recentes se fizeram edições de *Pierre* com os acréscimos da vingança ou da humilhação suprimidos. Os Harper, ao deparar com um volume bem mais extenso do que o esperado, aumentaram seu preço para \$ 1.25, do dólar inicialmente previsto, e subiram a

porcentagem de Melville para vinte e cinco centavos por livro, o que significa que na realidade o mantiveram na mesma miséria acertada. Como era de esperar e temer, *Pierre* recebeu críticas ainda mais obtusas e ruins que *Moby Dick* (Duyckinck ficou furioso, mas fazendo-se de desentendido com respeito ao seu retrato: uma vileza, deveria ter-se omitido), que, diga-se de passagem, os irmãos H não apenas não haviam apoiado nem defendido depois dos primeiros ataques, mas tinham lhe desferido desnecessárias e solapadas críticas em sua revista *Harper's New Monthly Magazine*, comportando-se também nisso como péssimos editores e inscrevendo-se nos anais do desvio de conduta, já que seu dever era proteger seu autor e seu livro. E, assim, com o infeliz *Pierre* começou o declive de Melville como romancista, que nunca publicou no gênero nada comparável com seus sucessos anteriores, embora sim alguns dos melhores relatos da história da literatura, como *Bartleby* e *Billy Budd*, este apenas postumamente e numa versão sem arredondar que terminou pouco antes de sua morte, ocorrida quarenta injuriados anos depois da publicação de *Moby Dick*.

Salvando todas as infinitas distâncias de mérito, sofri em um aspecto maior desprezo que o grande Herman Melville, pois, quando entreguei *Todas as almas* ao editor que o publicou na época e que ainda o retém contra a minha vontade fazendo valer um vantajoso contrato que obtive por minha candidez, consideração e amizade de então, sua oferta foi ainda mais ofensiva que a dos irmãos H ao senhor M por *Pierre* (ai, Senhor, essas iniciais!), dado que meu romance anterior, *El hombre sentimental* [O homem sentimental], recebera em geral boas críticas na Espanha e na França, e atingira venda mais que suficiente para cobrir o adiantamento percebido na época e proporcionar não pouco lucro para esse editor cujo nome prefiro que não figure nestas páginas. Apesar do estado positivo de minhas contas, apesar de já terem transcorrido quase três anos desde *El hombre sentimental* e de *Todas las almas* ser umas oitenta páginas mais extenso, e portanto para ser vendido a mais alto preço, o editor em questão me ofereceu como adiantamento vinte e cinco por cento menos que

pelo livro de tempos atrás. No momento atribuí isso a seu proverbial pão-durismo e à sua concepção feudal do negócio, que certamente influíram; mas agora, à luz de mais escandalosos e mesquinhos acontecimentos posteriores e da perspectiva adquirida, não posso pensar que meu caso tenha sido muito diferente do de Herman Melville nem que me tenham tratado melhor que a ele (o que teria sido uma injustiça suplementar ao criador da baleia), sobretudo se à ofensiva oferta se acrescentar que o editor encarregou um de seus empregados mais capazes de me escrever uma longa carta opondo ao romance toda classe de objeções — induzidas e inspiradas pelo patrão, que já tinha me adiantado algumas vagas e indecifráveis por telefone, carecia de eloquência —, tão retorcidas como bobas a meu parecer. Se ele próprio não o fez deve ter sido por seu caráter anguloso e por sua tendência a emboscar-se e resguardar-se, e porque, muito mais próximo do quitandeiro que do intelectual, apesar de tentar aparentar o contrário, não costumava sentir-se à vontade na hora de raciocinar e argumentar (para essas funções era mal dotado, em suma) e preferia a velhacaria e a dissimulação. Com uma ingenuidade já imprópria da minha idade de então, dei ouvido às objeções como se fossem verazes e meditadas, e até fiz caso de uma delas; as outras descartei, por serem rebuscadas e errôneas, embora não fosse nem seja eu a pessoa indicada para rebater ou negar os seguros defeitos de meus livros. E, acreditando que estivesse tratando com um amigo e também com uma figura paterna — santo céu! —, escrevi ao editor que, “por ser você quem é”, estava disposto a aceitar o mesmo adiantamento do romance de três anos antes e oitenta páginas menos, mas não inferior. Feudal como era, deve ter levado a coisa como uma insubordinação e uma afronta, sem dúvida eu lhe pareci um revoltoso ingrato. Não me dei conta de que provavelmente o que ele queria era se livrar de mim como autor, ou antes minar minha confiança, de modo que, tal como Melville, acabei aceitando condições leoninas e inaceitáveis (deve ter sido uma maçada para ele, e isso que minha porcentagem não era os cinquenta nem os vinte que feriram como uma arpoada o pai de *Moby Dick*, mas os habituais e ridículos dez por cento de nossos dias); e ainda as aceitei mais vezes com obras posteriores e com

uma boa-fé tão preocupante que só se pode concluir que eu era e não sei se ainda continuo sendo um eminente pixote ou um bobalhão. Devo inferir ao cabo do tempo, portanto, que *Todas as almas* agradava pouco e parecia frouxo a seu editor, que publicou o romance a contragosto e só por publicar, conquanto agora não há meio de soltá-lo nem de libertá-lo da opressão de que padecem sob seu joelho medieval meus títulos submetidos a esse avinagrado selo editorial (não vejo a hora de perdê-lo de vista).

Entretanto, o romance não teve má sorte por imerecida que fosse, se bem que também não faltou quem o qualificasse de porcaria e até do pior livro de todos os tempos, o que não carece de mérito. Em todo caso, foi traduzido para nove idiomas e terá vendido até hoje uns cento e quarenta mil exemplares em diferentes edições e línguas, e de cada um desses exemplares esse editor recebeu sua mui suculenta ou vantajosa parte — sem dúvida a contragosto e só por receber —, com alguma exceção recente (as cifras são as dadas por ele, está claro: e a que outras se tem acesso?). Mas com os mestres antigos como Herman Melville se pode aprender até em suas horas baixas e ressentidas, e não vale à pena correr o risco de prejudicar ainda mais um texto fazendo figurar nele largamente quem nem sequer merece que seu nome completo seja lembrado aqui. Por mais que seus feitos, omissões e manhas afetem a mim e a meus livros, não tem sentido dedicar mais espaço a esse empresário do que aos irmãos Harper, afinal de contas editores de verdade e capazes de equanimidade literária. A simples alusão a este outro H ensombrece estas páginas e as torna meio sórdidas, e a mim sombrio, rancoroso e propenso aos desmandos verbais, e, afinal de contas, entre ele e os H do século XIX há no mínimo a mesma distância que entre o pobre senhor M de então e este outro M que aqui está falando.

Dentro da sordidez sempre há, contudo, algum elemento cômico e aproveitável, e se empreguei o adjetivo “avinagrado” foi tão-só por amor à exatidão e por aterme estritamente à verdade. Soube há não muito tempo, por alguns visitantes ocasionais da editora (mas talvez estivessem brincando), que em todas as suas dependências sempre se notava um cheiro forte, persistente e dos mais desagradáveis. Ao

indagar dos empregados sobre sua origem, estes pelo visto não tiveram o menor embaraço para comunicar aos visitantes estupefatos (um deles talvez estrangeiro, para maior boca aberta) que o patrão e a patroa, sua espirituosa esposa, haviam colocado debaixo dos móveis e das estantes, meio escondidos e seguindo ao pé da letra a fórmula das recomendações de algum xamã, louco impuro ou feiticeiro, umas tigelas ou pratinhos com sal e vinagre para afugentar e neutralizar mediante semelhante mistura meus supostos vudus contra sua empresa — ao que parece qualquer sucesso ou prêmio meu são ali vividos como maldição, desgraça, ranger de dentes: se eles soubessem —, ou talvez os de minha pobre avó havanesa morta, mulher bondosa e risonha como nunca conheci outra. O que não consegui averiguar, se tudo isso é sério, é se o aspecto do que continham os recipientes era o de um umedecido grude de cor branco-suja ou o de um líquido urinolesco com o sal dissolvido e invisível, ou quem sabe — se fosse sal grosso — flutuante em grãos. Fosse como fosse e em todo caso, um fedor e um asco. Gente muito racional, argumentadora e sadia, de modo algum primitiva, nem totêmica nem convulsionária. Ignoro se as beberagens já foram retiradas para alívio do pessoal, das visitas e dos colaboradores, em vista de sua eficácia nula durante estes últimos tempos muito mais avinagrados do que salgados, a tal ponto que se começa a conhecer a empresa com um jogo de palavras talvez demasiado infausto. E, verdade seja dita, creio que também não é isso.

Outros editores mais gratos, corretos e equilibrados receberam o romance no estrangeiro, embora com ele sempre tenha havido alguma mudança menor ou pequeno obstáculo, admitida e superado por sorte, respectivamente. Assim, Gilles Barbedette, da Rivages, um magnífico e entusiasta editor que sabia tudo de Nabokov, de quem sinto enorme falta seis anos depois de sua morte pelo lento e assassino vírus na injusta idade de trinta e seis anos, julgou que o título traduzido tal qual em francês, *Toutes les âmes*, não ficava bem nessa língua, na qual é verdade que não existem duas palavras como as espanholas “*ánima*” e “*alma*”, que permitem deixar para a primeira quase todas as piores conotações menos laicas. Depois de muito pensar (procurar um novo título para o que já tem um supõe violentar-se um pouco), decidi que se chamaria *Le roman d'Oxford*, que ele aprovou e que havia sido minha maneira de me referir ao romance enquanto o escrevia, em minhas cartas ou conversas com Eric Southworth e Daniella Pittarello, as únicas duas pessoas que estiveram a par das minhas maquinações desde o início (na casa de Daniella P. em Veneza, diante dos fundos da Scuola di San Rocco e do canal ou Rio delle Muneghette, escrevi de fato boa parte de seu texto). Assim o chamava, “la novela de Oxford” [o romance de Oxford], quando descia do segundo andar e comunicava a Daniella, dia após dia, com voz grave e meio sorriso nos lábios: “Non so come *continuare*”, e ela costumava me responder: “Dai, dai.” E assim o continuei chamando ainda por um tempo depois de terminado, a tal ponto que, quando finalmente entreguei o manuscrito a Vinagreira & Saleiro para sua consideração e posterior desdém, na página de rosto figurava como título provisório de O tão-somente, e só passou a se chamar como se chama quando o poeta Álvaro Pombo, certa noite, e sem o ter lido, me disse com autoritarismo: “Um romance que se passa em Oxford tem de se

intitular por força *Todas as almas*, trate do que tratar”, e eu lhe dei ouvidos. Então nos víamos com frequência, agora quase nunca.

Na Alemanha, entretanto, esse título também não pareceu convencer a Editora Piper de Munique, que o contratou, e lhe acrescentaram um ignóbil subtítulo cuja degradação eu não soube avaliar na época por desconhecer o alemão: *Alle Seelen oder die Irren von Oxford*, que ao que parece significa *Todas as almas* ou *os loucos de Oxford* (quero crer que o equivalente é ainda mais abominável e infame, isto é, “destrambelhados” ou “pirados”; fui inexato quando disse antes que admiti todas as mudanças). Por sorte, na nova edição da casa Klett-Cotta de Stuttgart, o livro recuperou seu nome mais sóbrio e menos destrambelhado.

Quanto à Inglaterra, aí os problemas foram de outra índole, pois ocorreu que depois da decisão formal de comprar o romance, tomada pelo temerário e resoluto Christopher MacLehose da Editora Harvill — então parte integrante do gigantesco grupo Collins, agora independente como em suas origens e de novo com sua antiga denominação The Harvill Press —, o contrato correspondente demorava demais da conta para chegar, inquietantemente. Por fim me atrevi a inquirir a respeito com nervosismo, pois não é difícil imaginar a expectativa que me causava ver pela primeira vez um livro meu na língua da qual eu havia traduzido uns tantos textos bem difíceis desde o primeiro descritivo-campestre (mas não avícola, por sorte), e obtive a estranha resposta de que Harvill se achava à espera da “habilitação legal” de parte dos advogados da grande companhia, que estudavam detidamente o texto antes de dar sinal verde para sua contratação definitiva, “por se tratar de um *roman à clef*” e a editora não poder expor-se a. ser submetida a algum processo no futuro. Nas palavras do próprio MacLehose, que eu ainda não conhecia, era preciso ter certeza de que não havia no meu livro nenhum delito “intencional nem involuntário”. De modo que novamente vi como a realidade batalhava para incorporar o romance em sua esfera, e me senti obrigado a comunicar a Harvill, numa carta de 23 de fevereiro de 1990, que de modo algum *Todas las almas* era um *roman à clef* nem uma narração autobiográfica, mas sim um romance simplesmente e uma obra de ficção; que não

havia nele nenhum retrato cabal de nenhum membro da Subfaculdade de Espanhol da Universidade de Oxford nem de nenhuma pessoa real, viva ou morta, com exceção de John Gawsworth, que precisamente havia sido tomado mais uma vez pelo mais fictício e menos preocupante do livro; que “alguns personagens têm, no máximo, uma mistura de traços procedentes de mais de uma pessoa real e — principalmente — de minhas próprias invenção ou imaginação”; que “as situações e os fatos descritos no romance não são reais e, por outro lado, poucas coisas se asseveram nele. Para dar um exemplo, a cena em que o personagem chamado Alec Dewar interroga um bailarino russo é apenas produto da imaginação do narrador e como tal está apresentada. Muito do que aparece no livro são apenas suposições ou conjecturas desse narrador, com quem — por certo — não seria possível identificar o autor, já que eu sou, por exemplo, solteiro e sem filhos”; acrescentava que “é claro, tudo isso não impede necessariamente “que os leitores creiam reconhecer ou identificar alguns personagens do livro com pessoas reais, mas não vejo como isso possa ser evitado. Como os senhores sabem, tendemos a pensar que há muito mais autobiografia nos romances do que costuma haver”; e ainda me permitia avançar um argumento (fraco) contra a possibilidade de um processo: “Por último, minha opinião é a de que parece improvável que um membro da Subfaculdade de Espanhol tente processar a mim ou à Collis Harvill por causa deste romance. Seria ridículo, para não dizer escandaloso, ver hispanistas (isto é, pessoas que dedicaram sua vida ao estudo e à promoção da literatura espanhola) atacando um livro espanhol ou impedindo sua publicação em inglês.” E sugeria a eles que consultassem Ian Michael, que em carta privada havia sustentado justamente que não cabia falar de *roman à clef*, e em sua qualidade de chefe do departamento podia perfeitamente distingui-lo e sabê-lo. (Abstive-me de mencionar a brincadeira dele, na mesma carta, de chamar os colegas pelos nomes dos personagens.) Christopher MacLehose respondeu-me agradecendo minhas explicações e precisões, que sem dúvida ajudavam a aplainar o caminho embora não alterassem

“a situação legal”, pelo que preferia esperar a resposta de Ian Michael à consulta que efetivamente já lhe tinham feito.

É fácil supor que entrei imediatamente em contato telefônico com ele para persuadi-lo se preciso fosse, e devo dizer com gratidão que, tendo naquele momento oportunidade de me cobrar alguma contrapartida ou prebenda por seu solicitado relatório habilitador — uma assinatura para as corridas de San Isidro, um papel destacado num romance futuro, uma visita guiada pelos mais delituosos bairros de Madri, um implacável ataque na imprensa a algum professor rival —, não o fez. Deu-me mais uma vez a impressão de que tudo o que se relacionava àquele livro representava para ele um grato desvio de sua rotina e portanto uma grande diversão. Mas, se não me pediu nada em troca — e isso fala de sua boa-fé —, aproveitou sim a situação — e isso fala da sua malícia, mas quase qualquer um a teria tido em seu lugar — para me assustar e me alarmar por um momento. As leis antidifamação ou antilibelo britânicas, como todas as leis desse país, se regiam excessivamente pelos precedentes e, assim, eram demasiado amplas e vagas para que alguém se considerasse definitivamente a salvo. Nesse sentido bastava que os próximos de alguém — por exemplo, os alunos ou colegas de um professor — acreditassem reconhecer esse alguém no personagem de um romance “com resultado de ódio, desprezo, descrédito ou ridículo”, para que o ser real pudesse mover ação contra o escritor e a editora, e esta fosse inicialmente acatada. “Mas como se pode evitar isso, se depende da leitura dos leitores e não da escrita do escritor? Qualquer lunático pode crer no que quiser, não? Qualquer paranoico se reconhecer, não?” Eu pensava naquela mulher que se oferecera para ser minha assistente num telegrama poético, me dera ordens por telefone e se vira retratada num mordomo ou num elevador. “Não se pode evitar”, respondeu Ian Michael satisfeitíssimo com a peculiaridade das leis do seu país, “não há nada a fazer.” “E então?”, repliquei já vendo meu texto para sempre proscrito da Inglaterra. E insisti: “Como se pode saber se a arbitrária identificação causou ódio ou ridículo? Não vejo como.” “Não dá para saber com certeza absoluta, já que depende principalmente da percepção do prejudicado”, respondeu Ian, e acrescentou satisfeito:

“Não há nada a fazer.” A palavra “prejudicado” não me agradou nem um pouco. “E então?”, tornei a perguntar com menos esperança do que curiosidade. “Então é necessário estudar as possibilidades reais de que esses colegas, que os leitores de Oxford puderam crer reconhecer, com resultado de ódio, descrédito, ridículo ou desprezo, empreendam uma demanda contra você, o prejudicador.” Fez uma pausa para dotar de maior dramatismo o ditame de seu estudo, e me incomodou que me chamasse de “prejudicador”, ainda por cima sem provas. “Consultei Eric sobre a questão”, disse, “e ambos estamos de acordo quanto ao principal: não cremos que nenhum colega embarcaria numa coisa assim, com uma exceção”, e aqui mencionou o nome de um deles, “que talvez pudesse acreditar ver-se retratado no personagem chamado Leigh-Peele. Não é que os outros não pudessem ver-se em outros retratos, todos nós somos vaidosos, e a mim mesmo parece reconhecer-me um pouco nesse Aidan Kavanagh irlandês, embora eu nunca tenha mostrado as axilas em público como ele”, e aqui não pôde evitar de soltar um riso breve ao recordar sem dúvida a cena do romance em que esse Aidan Kavanagh dançava loucamente numa discoteca vestindo um colete verde-nilo em cima de uma estranha camisa sem mangas e ao levantar os braços deixava ver duas matas densas de pelo axilar para espanto e escândalo do narrador. “Nenhum dos outros é bastante rico para litigar”, prosseguiu, “mas ele acaba de herdar ainda não sabemos quanto dinheiro de uns parentes distantes e solteiros (talvez gente de igreja, logo descobriremos), e poderia sentir-se tentado a fazê-lo. De modo que o melhor é você suprimir o personagem da versão inglesa, afinal de contas é muito anedótico e você só lhe dedica um parágrafo, ou pelo menos troque seu nome para não induzir a uma possível e falsa associação. E não seria demais você escrever um prefácio protetor como o que fez Masterman tempos atrás.” Eu não sabia quem era Masterman nem quis saber então. “Vou mandá-lo a você. No que me diz respeito, vou escrever a Harvill com meu veredito e creio que com isso eles se considerarão legalmente habilitados para a publicação. Não precisa ficar preocupado.”

Algum tempo depois, em maio, Ian teve a amabilidade de me enviar uma cópia de sua carta ao senhor Guido Waldman da Harvill. Assinalava que nem a edição espanhola nem a francesa do livro o descreviam como um *roman à clef*, e que se a edição inglesa tampouco o apresentava e o promovia como tal, não via motivo de preocupação. Indicava a conveniência de eliminar Leigh-Peele e não se abstinha de recordar que nada poderia impedir os leitores de Oxford de estabelecer identificações errôneas, “mas isso é um problema tanto para Iris Murdoch, A. N. Wilson, Colin Dexter, Evelyn Waugh no passado, ou qualquer romancista que utilize Oxford como cenário, quanto para Javier Marías”. Anexava — e anexava para mim — o célebre prefácio de Masterman, tão comprido que, na verdade, sempre me deu preguiça de lê-lo e nunca o li. Concluía com uma frase adornada que a Harvill podia citar na contracapa ou na orelha, se considerasse oportuno, e atribuir a David Serafín, isto é, ao pseudônimo já nada secreto com que Ian Michael assinava seus romances policiais do inspetor Bernal.

De modo que Todas las almas saiu finalmente na Inglaterra em 1992 com o título natural de *All Souls* e com o episódico personagem do doutor Leigh-Peele transformado em “Dr. Leigh Justice”, em vaga recordação daquele ator secundário inglês da minha infância inteira, James Robertson Justice: ressentimento demais para com a censura para que um autor espanhol esteja hoje disposto a suprimir passagens de um livro, e pelo mesmo motivo neguei-me a atender a uma discreta sugestão relativa a umas mínimas caçoadas pontifícias, além do mais me custa especialmente renunciar às gozações. Quanto ao prefácio protetor, limitei-me a antepor uma “Nota sobre o texto” parecida com a que todos os filmes trazem em seus créditos finais, embora eu tema que, bem lida, constituísse uma irônica contradição em si e dissesse portanto algo diferente do que se entendia e se entende à primeira vista. Assim dizia: “Dado que tanto o autor como o narrador deste romance passaram dois anos no mesmo cargo da Universidade de Oxford, talvez não seja demais o primeiro tomar a palavra um momento antes de cedê-la até o fim ao segundo, para dizer que qualquer semelhança entre qualquer dos personagens de *Todas as*

almas (inclusive o narrador, exclusive “John Gawsworth”) e qualquer pessoa viva ou morta (inclusive o autor, exclusive Terence Ian Fytton Armstrong) é pura coincidência, e o mesmo pode ser afirmado com respeito à história, às anedotas e aos fatos. O Autor.” A redação em inglês foi ligeiramente diferente, mas creio que nem a tradutora nem os editores repararam na contradição, que assim foi para o prelo tranquilamente. No meio da confusão crescente entre o real e o inventado, a tradutora Margaret Jull Costa, a quem tanto devo, sim, reparou nas citações de Lawrence Durrell que reproduzi em *Todas as almas* e também aqui antes, sobre seu deslumbrante amigo de juventude, John Gawsworth, e lhe pareceram tão inverossímeis ou demasiado *ben trovate* que as tomou por apócrifas ou por mim cunhadas; por sorte teve um resquício de dúvida e me consultou, e assim pude citar verbatim do livro de Durrell *Spirit of Place*, em vez de traduzir laboriosamente do espanhol para o inglês as frases que eu havia traduzido previamente dessa língua na minha.

Foi então, a partir da publicação na Inglaterra, que as averiguações que não procurei bem como os fatos e coincidências aumentaram seu ritmo que não cessou mais e talvez não cesse nunca, e foi aí que tive às vezes a sensação de que é preciso ter cuidado com o que se inventa e se escreve nos livros, porque às vezes se consuma. E se esse ritmo não cessar nunca, como prevejo, é bem possível que uma parte da minha vida — mas apenas uma parte — se veja para sempre condicionada e regida por uma ficção, ou pelo que esse romance me foi trazendo e ainda há de me trazer.

Antes disso, porém, já havia acontecido algo muito intrigante, se bem que mais para o homem que me escreveu de Londres do que para mim mesmo. Alguns dias depois de 11 de novembro de 1991, de que estava datada, recebi uma carta de um certo Anthony Edkins, que morava em Deronda Road. Nela, dizia-me que tínhamos nos visto uma vez em Madri na casa de Álvaro Pombo, mas que, por ter sido muito de passagem, eu talvez não me lembrasse dele (e de fato não me lembrava bem, apesar de minha memória nada má). Agora ele tinha lido — em espanhol, é claro — *Todas as almas*, e ficara atônito ao chegar ao capítulo sobre John

Gawsworth que reproduzi por inteiro aqui. “Gawsworth, que nunca conheci pessoalmente”, escrevia, “foi o primeiro editor que aceitou um poema meu (justamente, por acaso, quando eu estava a ponto de empreender minha primeira viagem à Espanha, em 1951). Era o diretor da *Poetry Review* naquela época; escreveu-me à mão uma carta de cinco páginas. (Acabo de localizar e reler essa carta, datada de 13-3-51, de Shepperton, em Middlesex, e vejo que ao que parece tivemos uma conversa telefônica.)” Embora não deixasse de ser uma grande coincidência, talvez excessiva, até aqui não havia na realidade nada de extraordinário, dado que Gawsworth, em sua atividade incansável até virar errabundo e passivo, deve ter conhecido uma infinidade de pessoas relacionadas com a literatura, tanto consagradas como estreantes. Mas o parágrafo seguinte da carta de Edkins tornava compreensível sua perplexidade e até seu medo (ou era o meu ao lê-lo), esse temor tolerável e breve que nos assalta quando vemos as coisas casarem com demasiada exatidão e inesperadamente, o temor de que o mundo esteja mais em ordem do que gostamos de crer, ou melhor ordenado por nós mesmos. “Em seguida, você menciona e reproduz”, prosseguia Edkins, “a máscara mortuária de Gawsworth feita por Oloff de Wet, uma pessoa que conheci naquele mesmo verão no Café Gijón de Madri. No que foi para mim uma época ruim, manteve-me à base de sanduíches de presunto e Pernod durante uma semana ou mais, em troca do que eu tinha de ouvir suas fantásticas mas fascinantes histórias.” E acabava entre exclamações: “De modo que na semana passada eu estava lendo um romance de alguém que eu conhecia — ainda que muito ligeiramente —, que me confrontava com duas pessoas que, nunca mais cruzando com elas na minha vida, foram para mim de grande importância há quarenta anos!”

Não tive dúvidas acerca da autenticidade da carta nem da veracidade de Edkins, embora alguém que quisesse fazer uma brincadeira comigo não pudesse ter feito melhor. À incrível coincidência somavam-se alguns detalhes irônicos que talvez tivessem levado um indivíduo menos ingênuo a desconfiar: não apenas meu correspondente tivera contato tanto com Gawsworth como com De Wet, mas os tinha conhecido separadamente e nunca

havia estabelecido vínculo algum entre eles, unidos contudo na morte do primeiro; seu contato com um e outro se produzira no mesmo ano de 1951, em que também tinha se iniciado sua duradoura relação com a Espanha e em que se dava a circunstância de ter eu nascido em Madri, não longe do Café Gijón, o lugar em que De Wet o tinha protegido e alimentado por uma semana ou mais. por fim, Edkins vivia numa rua inverossímil chamada De ronda, e, embora eu saiba e soubesse que Daniel Deronda é o título de um célebre romance inglês do século XIX, a verdade é que o nome, naquele contexto, parecia um anagrama zombeteiro e pouco trabalhado de Redonda, a ilha antilhana de que Gawsworth foi rei.

Respondi logo; pedi-lhe uma fotocópia da carta do rei sem reino, se tivesse a amabilidade de enviá-la; comentei que a única coisa que eu soubera até então de Oloff de Wet era o nome, que aparecia como “Hugh Oloff de Wet” no panfleto comemorativo da morte de Gawsworth que me havia proporcionado a foto da sua máscara de gesso. “E, se tiver tempo e não lhe importar recordar em voz alta”, eu acrescentava, “gostaria de saber mais sobre De Wet, que classe de homem era, a que se dedicava, que tipo de “fantásticas mas fascinantes histórias” costumava contar, que idade tinha e o que havia perdido em Madri na época.” Desde a publicação do romance, dizia lhe, tinham me chegado mais uns tantos dados dispersos sobre Gawsworth, mas era a primeira vez que eu recebia notícias de alguém que estivera em contato mais ou menos direto com ele. Quando penso nessa observação não posso deixar de rir um pouco por dentro, tantas coisas mudaram a esse respeito nos pouco mais de seis anos transcorridos desde a minha leitura daquela carta, e tendo como tenho agora em casa o que já me acostumei a chamar de “o quarto de Gawsworth”.

A generosa resposta de Edkins foi de 8 de dezembro. Mandava-me a xerox solicitada. “Quanto a Oloff de Wet, pois...”, dizia, “poderia passar horas falando dele, embora o tenha visto somente por uma semana; mais tarde encontrei duas pessoas que o haviam conhecido: uma, um famoso dono de sebo daqui de Londres, Bernard Stone (talvez o senhor o conheça), a outra, como o próprio Oloff, um desses primeiros aviadores mercenários, um americano

chamado Jim Tuck, que morreu faz uns dois anos... Em 1951, De Wet devia ter uns trinta e oito anos; era sua primeira visita à Espanha desde a Guerra Civil, na qual havia combatido a favor da República (depois de ter sido repellido pelo bando de Franco, provavelmente porque antes voara para Hailé Selassié contra Mussolini na guerra da Abissínia), com a qual porém teve conflitos mais adiante, e só escapou de ser executado em Valencia graças à intervenção de Cisneros em pessoa.” (Edkins referia-se a Ignacio Hidalgo de Cisneros, sob cujo comando estava a aviação republicana.) “Depois trabalhou para o Deuxième Bureau e os alemães o detiveram em Praga, de modo que passou a guerra inteira numa cela para condenados à morte... Publicou dois livros (e também livros para crianças, creio). O primeiro, sobre suas correrias aéreas na Guerra Civil espanhola, intitulado *Cardboard Crucifix*” (isto é, *Crucifixo de papelão*, título mais horroroso é impossível), “publicado pela Blackwood em 1938 e na América pela Doubleday como *The Patrol is Ended*” (isto é, *A patrulha terminou*); “nunca consegui um exemplar dessa obra, tampouco lê-la; Bernard Stone prometeu me emprestar, mas nunca cumpriu a promessa. Foi através de Stone que fiquei sabendo que Oloff tinha morrido, no começo dos anos 70, achava ele. O segundo livro é *The Valley of the Shadow*” (isto é, *O vale da sombra*), “Blackwood, 1949, com uma reedição em capa mole de 1956, que é a que tenho, sobre sua experiência alemã; depreende-se, da propaganda, que havia aparecido no programa de televisão da BBC Esta é sua vida, de modo que totalmente desconhecido não podia ser na época! Houve um tempo em que eu pensava escrever um romance cômico com Oloff como protagonista, mas a leitura do seu livro sobre a cela da morte me desanimou...” Em seguida propunha que nos encontrássemos da próxima vez que ele viesse a Madri, o que certamente seria na Páscoa, e então me contaria mais. Também sugeria que eu pedisse a Pombo o original de outro romance inacabado seu que incorporava episódios daquele outro projeto abandonado e inspirado em De Wet. Podia reconhecê-lo sob o nome e a máscara do personagem chamado Hugo van Renssaler...

Mas com certeza Pombo o havia extraviado, como fizera em outras ocasiões.

Meu espírito pode ser detetivesco às vezes, e portanto dedutivo, mas por certo nunca é jornalístico nem erudito. Percebo que nem sequer busco ou rastreio muito o que me provoca curiosidade ou me interessa, mas antes me limito a registrá-lo ou assimilá-lo, e fico quieto e espero, como se acreditasse que só o que vier de qualquer modo, sem depender do meu esforço, valerá a pena ou será merecido. Às vezes penso se não será uma maneira de me proteger, ou de defender minha cotidianidade e minhas escassas e salvadoras rotinas: se já me vêm tantas coisas, boas, esquisitas e ruins, sem que eu as procure, talvez um comportamento ativo inundasse minha vida de coisas boas, esquisitas e ruins, ao que não estou disposto, nem mesmo se todas fossem fantásticas. (Ou quem sabe então não me chegaria nada.) Se eu fosse supersticioso — só finjo ser por diversão de vez em quando —, acreditaria estar de posse de uma estranha força tangencial à minha vontade e magnética que atrai os acontecimentos e as coincidências e faz consumarem-se muitos desejos não expressos nem mesmo mentalmente, e nesse caso a coisa do sal e do vinagre não seria tão insensata assim, considerando que aí essa descabeçada força teria se voltado contra os vinagrosos. A única coisa que fica evidente é a ineficácia da primitiva solução salina. Talvez devessem experimentar outros remédios e me ocorrem uns tantos. Mas não sou eu quem vai dar ideias.

O fato é que não liguei para Pombo pedindo que procurasse aquele manuscrito sem dúvida perdido entre a barafunda de seus papéis (tão ingrato pedido tê-lo-ia aborrecido), nem corri para Londres ao encontro de Bernard Stone (eu já tinha meus Stones, e até meus Alabasters), nem fui entrevistar-me com Edkins em Deronda sem esperar a Páscoa, e, quando este por fim veio a Madri e nos encontramos um instante em minha casa, nem sequer me ocorreu tomar notas ou gravar a conversa com os dados que pôde me proporcionar sobre De Wet e Gawsorth (também não tinha gravador, não sei que bobagem digo, isso me justifica um pouco), mais do primeiro, que foi seu mentor durante uma semana pelo

menos. De modo que já não me lembro de grande coisa, e não vou lhe escrever agora para lhe dar trabalho de novo e forçá-lo a redigir umas tantas folhas em meu benefício (não é tão importante esse livro, nem mesmo para mim). Mas talvez não me lembre de grande coisa por não ter sido grande coisa o que por fim me contou de viva voz, e também é lógico: por mais que a seus vinte e poucos anos o ex-piloto mercenário o tenha impressionado, haviam transcorrido quarenta desde aquele breve encontro ou pupilagem madrilena.

Edkins era um homem de mais de sessenta anos, meio tímido, muito discreto e afável, com uma fala precavida, um senso de humor mitigado e um vago ar de passada boemia, deixada para trás pela idade. Seus olhos eram confiantes, seu nariz e seu queixo afilados, assemelhando-o engraçadamente a seu anfitrião e amigo Pombo, faziam pensar mais no Fagin de Dickens do que no próprio Daniel Deronda, por mais judeu que este fosse. Deu-me de presente dois folhetos com poemas seus e umas versões de Cernuda, e do que me disse sobre De Wet só me lembro disto: era um homem seguro de si e jovial, e chamava a atenção na Madri de 1951, pois ostentava um brinco numa orelha e não sei se um rabo-de-cavalo louro à moda dos piratas, num olho uma venda preta ou um monóculo fosco, o rosto adornado por um bigode apenas ou talvez bigode com barba, ficam imprecisos os traços das pessoas em nossa memória visual sempre oscilante. Apesar de andar bem vestido e de gravata, era raro que a polícia franquista não o detivesse todas as noites, com aquele aspecto, devia resguardá-lo o fato de ser estrangeiro ou talvez possuísse algum tipo de salvo-conduto, contatos escusos e diplomáticos é claro que não lhe faltavam. A razão de ter voltado e de encontrar-se na Espanha, onde havia matado e estado a ponto de ser passado pelas armas era disparatada se fosse verdadeira e não uma fantasia ou patranha para entreter o rapaz enquanto este comia seus sanduíches de presunto regados a Pernod: propunha-se convencer Franco a criar e organizar nos Cárpatos uma guerrilha que fustigasse os soviéticos (na verdade, um pouco à distância). Seus motivos confessos, todavia, não eram exatamente políticos e muito menos ideológicos, mas confiava em que, uma vez derrubados os regimes comunistas,

tudo o que a partir de 1917 havia sido confiscado na Rússia e nos países satélites seria restituído a seus legítimos proprietários, entre os quais se encontrava sua mulher de então, uma russa — ou talvez tenha sido sua única mulher —, cuja família ao que parece tinha perdido com a Revolução de Outubro o melhor e mais caro hotel de Moscou, chamado Metropol, se a memória não me falha demais. Quando ele fosse diretor e dono consorte do Metropol, dizia, poderia levar por fim sem obstáculos a vida aventureira e espumante a que estava destinado e da qual por sinal não se privava. Longa juventude e ainda mais longa existência tinha de se prometer, se para chegar àquilo, e como primeiro passo, tinha de persuadir um tapado como Franco a financiar uns guerrilheiros improvisados que brincassem pelos Cárpatos (e além do mais sem saber idiomas, pois seriam na maioria espanhóis),. E, é claro, com o brinco na orelha só teria conseguido que o ditador de bochechas abúlicas e mandíbula retraída o olhasse de cima a baixo e anotasse com apreensão pequeno-burguesa e normativo asco no canto de um cartão em branco: “Afeminado”.

Vejo a cena, se é que se produziu, ou a vejo ainda que não tenha se produzido, mas quem sabe, talvez De Wet tenha revolido céu e terra com seus amigos das embaixadas e dos submundos e conseguido uma brevíssima audiência, dez ou doze minutos para expor seus planos ao inimigo maior da União Soviética, e se enganhou para que o dito cujo não ficasse sabendo ou se lembrasse da rejeição de seus leais àquele piloto voluntário no começo da guerra, nem dos serviços prestados então pelo *refoulé* à República, nem seus anos de condenado à morte nas prisões da Gestapo, nem seus precoces voos contra Mussolini na Abissínia. Vejo Franco disfarçado de almirante, sentado com os pés bem plantados no chão, do calcanhar à ponta, como se não fossem articulados e não tivessem movimento — os compridos sapatos brancos, as meias brancas deixando ver demasiadamente suas canelas macilentas —, com uma leve satisfação provinciana por ter diante de si um estrangeiro, ou ainda mais, um britânico que vinha solicitar sua ajuda. Vejo Hugh Oloff de Wet com seu espanhol imperfeito e sua jovialidade contagiosa quebrando-se contra seu

interlocutor pesado incapacitado para o humor, para a benevolência e para o entusiasmo, silencioso e vegetativo, muito mais observando o aspecto estrambótico do mercenário do que ouvindo-o, distraído com sua verborreia veemente como por um murmúrio que não lhe concernia. E provavelmente, quando De Wet terminasse de explicar sua visionária estratégia — sem mencionar o Hotel Metropol cobiçado nem sua já obtida esposa, isso é certo —, o ditador teria ficado olhando para ele com a vista opaca e continuaria calado um instante como se desconhecesse as regras do diálogo e diante dele o outro fosse continuar falando eternamente, ou como se dele nunca se pudesse esperar — tanto quanto de um totem ou de uma armadura — que dissesse ou respondesse nada de concreto nem de abstrato. Levaria um dedo à têmpora descoberta, mais um sinal de vazio ou ausência do que de avaliação ou dúvida; fungaria com dificuldade pelo nariz como um gancho que parecia estar sempre pingando; olharia de soslaio para os resplandecentes botões dourados do punho e — talvez — por fimalaria com os dentes compridos cerrados e quase sem mexer os lábios:

“Diga-me, como faz para manter no olho sem cair esse vidro tão redondo?”

Era o tipo de coisa que chamava a atenção do ditador naquele tempo que já começava a ser mais ameno, embora ainda o marcasse a morte, e chovesse sal, e se espalhassem caveiras, massacrado o tempo. Sua capacidade de comentário era quase nula, e sabe-se que anos mais tarde, depois de assistir a umas furiosas danças do dançarino folclórico Antonio para ele e seus convidados, e ao ser o artista levado a seu palco para cumprimentá-lo (ávido o intérprete dos ditatoriais parabéns ou elogios), o máximo que o usurpador conseguiu lhe dizer foi o seguinte: “Só vendo para crer. O senhor parece de borracha.”

De Wet sabe muito bem que deve responder à pergunta, embora o tempo da audiência estivesse a ponto de terminar e as quatro frases sobre seu monóculo fosco pudessem desviá-los irremediavelmente do assunto e consumir o magro fim, os dois ou três minutos ainda concedidos.

“Oh, é uma questão de prática, Excelência. Treino e disciplina, como tudo. A gente acaba fortalecendo tanto os músculos orbitais que no fim nem se lembra de que usa uma lente.”

“Compreendo: um esforço”, replica friamente o falso almirante, e De Wet nota que ele esperava algo mais, provavelmente que junto com a explicação ele tirasse e voltasse a pôr o monóculo um par de vezes sem hesitar nem falhar, que lhe regalasse uma demonstração in loco de seus músculos orbitais desenvolvidos; mas De Wet não cogita destapar o olho nem mesmo pelo Metropol, é uma coisa muito íntima, e tampouco prevê que o ditador vá pedi-lo, embora entenda claramente agora que seria esse o seu desejo, um homem acostumado a ser interpretado, a não ter de pedir nem requerer as coisas, vai ver que é dos que só sabem o que lhes agrada quando lhe sugeriram ou lhe formularam a ideia possível de suas crueldades ou vontades, bem-vindos todos. Franco Bahamonde fica calado outra vez por demasiados segundos, e De Wet aproveita para tentar recuperar seus guerrilheiros:

“Então, o que acha do meu projeto, general? Acha plausível? Vai estudá-lo? Fustigaríamos sem parar, seríamos um pesadelo para as autoridades soviéticas, que vivem excessivamente tranquilas. Massacraram o tempo, massacraram esses países.”

Mas o marinheiro de parque de diversões que nunca navegou a não ser em iates de recreio só está interessado no que tem diante de si, só nisso, talvez nem tenha ouvido em que consiste a proposta pueril e insensata do mercenário, mal o contínuo o introduziu considerou-o um europeu presunçoso e um inglês mequetrefe.

“Diga-me”, diz por fim após um novo silêncio e com o máximo de inexpressividade em seus olhos miúdos e como que mal lavados, “esse brinco machuca? Porque o senhor o usa espetado no lóbulo, não é? Não é de pressão, é de alfinete, não é verdade? Chamam de pressão os que não perfuram, segundo ouvi no rádio. Ouço muito rádio, para ficar sabendo das coisas.”

De Wet pega instintivamente o lóbulo com o polegar e o indicador, mais que um brinco é um aro, e de fato não é de pressão. Acaricia o lóbulo e acaricia o aro, e de novo compreende como que por infusão ou por mesmerismo que o ditador não quer apenas uma resposta,

mas ver o adorno de perto, como se admira um fenômeno de ordem menor, sem dúvida o escandaliza e o contraria que um homem use brinco, mas também sente uma mínima curiosidade indolente pelo que desaprova, quer verificar com seus próprios olhos a que ponto chega a sem-vergonhice desse sujeito afetado que se intrometeu em seu escritório com recomendações inexplicáveis, rolarão cabeças no governo e nas embaixadas, rolará a de Pemán ou a de Camilo, rolará a de Starkie, também a de algum procurador e de um mestre-sala. Ou a de seu genro.

“Sim, Senhoria, uso-o atravessando o lóbulo, é um antigo distintivo militar de família”, De Wet procura justificar-se; “a minha é de origem sul-africana, e lá na África do Sul não é malvisto. É tradição familiar, como lhe disse, conservo-o por lealdade. Meu avô o pôs para ganhar batalhas.”

“Mas vocês não são negros”, disse o ditador olhando fixamente para o rabo-de-cavalo louro de De Wet. “Não são negros de pele.”

“Não, não somos negros, Excelência, dá para ver.” “Conheci uns negros”, comenta pensativo Franco. “Não duvido, meu general. Sua Senhoria deve ter viajado muito”, responde De Wet cada vez mais desorientado acerca da direção em que está se movendo. Sabe que de um momento para o outro a porta se abrirá e o contínuo o conduzirá à rua, seus partidários ao limbo e o Metropol sequestrado.

“Viajar, o que se diz viajar, não tanto”, reconhece o impostor do almirantado. E acrescenta lacônico: “Tenho experiência. Negro dá para ver de longe.” Depois fica de novo calado, mas parece estar procurando palavras ou seu ordenamento, não dá por já encerrada sua vez. Ou talvez esteja revolvendo uma lembrança muito recente, porque volta em seguida e insiste: “Então, o senhor diz que esta miçanga não machuca?”

“Não, meu general, não machuca, uso desde bem moço, também é uma questão de se acostumar, nossas orelhas não são diferentes das das mulheres, não é?”

“É verdade que são parecidas. Mas isso conforme se olhe”, disse o farsante marinheiro enigmaticamente, mas talvez não haja enigma e sim simplicidade; e ao mesmo tempo que o diz, de forma tão instintiva como De Wet pouco antes, leva o polegar e o indicador a uma de

suas orelhas elefantinas, De Wet então se dá conta de como são grandes — parecem plantas de pés incrustadas nas têmporas — e tenta imaginar um aro realçando uma delas, mas rechaça a visão no mesmo instante, por ser irrespeitosa e repugnante. O ditador mantém o pescoço erguido como se esperasse alguma coisa, tem quase sessenta anos, logo vai ficar cheio de rugas. Continua com os pés de verdade tão brancos totalmente horizontais e aposentados no tapete, como se em vez de sapatos calçasse tábuas. Dá a impressão de que não estava disposto a se levantar nem sequer a se endireitar no assento por nada do mundo, de modo que De Wet opta por se aproximar, pôr-se de perfil e inclinar um pouco o busto para mostrar-lhe melhor os mecanismos de seu brinco, aquilo não é tão íntimo como o olho, não lhe importa contentá-lo sobre esse ponto.

“Se Vossa Excelência quiser ver mais em detalhe”, diz. “Chegue mais para cá. Para cá”, ordena o Chefe de Estado espichando o pescoço que deve ser de tartaruga, com a voz sempre desinteressada. De Wet se coloca ainda mais de perfil e se aproxima, mas entre ambos está a grande mesa de trabalho quase vazia, a Governança não gasta dinheiro em papéis. “Venha por este lado”, dita-lhe o ditador indicando que bordeje a mesa, “não estou vendo direito esse distintivo guerreiro de que o senhor falou.” De Wet obedece e fica assim à direita da cadeira do general, e, como este não pensa em se mexer e ele é alto, com um movimento ágil fica de cócoras para deixar sua engalanada orelha na altura propícia, isto é, a dos olhinhos velados que esquadrinham o apêndice agora a pouquíssima distância, parecia estar cochichando-lhe no ouvido ou que fosse lambê-lo, e De Wet nota na cara a respiração de Franco Bahamonde como um sibilante ronco estável. “Só vendo. O senhor punctiona a carne, estraçalha-a toda”, diz isso como se emitisse uma sentença. “Sei que os negros também punctionam. Mas não todos. Os mouros não, não se punctionam.”

Foi então que a porta se abriu dando passagem ao contínuo: o tempo havia terminado. Parou seco ao ver a inesperada cena, na qual o navegante fictício parecia estar sussurrando um segredo àquele inglês metido, ou confessando-se, coisa insólita no

imaginário almirante, que nunca se confiava a ninguém. O contínuo pigarreou com desenvoltura (certos ofícios a proporcionam) e anunciou a Sua Excelência que o estavam aguardando para ir à tourada. De Wet levantou-se sobressaltado e retrocedeu em três passadas até se colocar de novo diante da mesa. Então o ditador taurófilo lhe fez com a mão um gesto inequívoco de despedida, um gesto leve e próximo do afável, e lhe disse:

“Adeus. Que o senhor tenha sorte em seu empenho.” De Wet entendeu. Não valia a pena fazer a menor tentativa. O gesto fora equivocadamente afável, as palavras, cortantes embora contivessem um bom desejo, num só instante aquele homem era capaz de se esquentar e fazer surgir a sombra mais sombria, “Blaw for Blaw”, para ele, golpe por golpe. Ou não, para cada golpe devolvia golpes demais, é próprio dos inseguros. O ex-piloto pôs-se em posição de sentido e agradeceu a honra concedida, o tempo dedicado e a atenção prestada. O ditador não respondeu, dirigiu-se ao contínuo e lhe disse:

“Garralde, acompanhe o senhor de Bet e depois volte aqui.”

De Wet girou nos calcanhares e se encaminhou para a porta aberta, mas antes de atravessá-la aquela voz desnutrida o deteve:

“O senhor não me disse que batalhas foram essas que seu avô ganhou na África.”

O mercenário virou-se para ele e tornou a ficar em posição de sentido:

“Com sua licença, senhor: Vechtgeneraal Christiaan Rudolf de Wet. Esteve em Majuba, Ladysmith, Waterval, Paardeberg, Poplar Grobe, Sanna's Post, Bloemfontein, Magersfontein, Roodewal, Koedoesberg, Mafeking, Reddersburg, Tweefontein, Mushroom e Rio Vet, entre outras, não ganhou todas, distinguiu-se especialmente na guerra de guerrilhas, devo ter herdado este traço dele.”

Com esta última observação fez o derradeiro intento que já havia descartado. Foi inútil, como estava previsto. O comodoro quimérico não respondeu a nada disso. Só murmurou friamente, ou o tom era desdenhoso, ou talvez maroto, ou talvez desconfiado:

“Não conheço esses nomes.” “A guerra dos bôeres, senhor”, esclareceu De Wet em inglês traduzido. “Durou três anos.” Ia acrescentar, “como a sua, como a nossa, senhor”, mas se absteve.

“Ah. A guerra dos bôeres”, fez Franco lentamente ao mesmo tempo que começava a anotar em seu cartão também lentamente, ali onde um instante antes havia escrito “afeminado”. E o que agora anotou foi o seguinte: “Aventureiro amaneirado. Degeneração de uma família.” E acrescentou com a voz em seguida: “Seu avô então foi um expedicionário.”

“Não, senhor, com sua permissão, senhor. Eu sou britânico, mas meu avô era bôer. Chegou a ser comandante-em-chefe do exército bôer contra os ingleses. Depois as coisas azedaram e ele fez a família emigrar.”

Franco Bahamonde deve ter achado anômalo e desprezível que o neto do comandante-em-chefe tivesse a nacionalidade inimiga e baixou a vista para continuar anotando, e agora anotou com mais vivacidade o seguinte: “Com este rabo-de-cavalo nojento, teu único lugar possível é no curral dos novilhos.” Depois ergueu a vista tapando com a mão o que havia escrito, embora não houvesse a menor possibilidade de De Wet conseguir enxergar suas anotações da porta, onde esperava girando o chapéu nas mãos, tinha se vestido muito elegantemente. O ditador repetiu o gesto da despedida como quem dá a devida permissão, porém mais distraído, e De Wet ainda o ouviu murmurar: “A guerra dos bôeres, sei! Esta eu acompanhei em criança pela imprensa. Os nomes teriam soado familiares. Essa você não me faz engolir, rabichudo.”

De Wet foi levado à rua pelo contínuo Garralde, de cara avermelhada, cabelos rústicos e compactos, enquanto percorria corredores e descia escadas observado com o canto dos olhos, pensava que pelo menos tinha aprendido uma nova palavra espanhola naquela audiência saldada com tão rotundo fracasso. “Puncionar”, não conhecia; agora tinha ficado na ponta da língua (“Funcionar, puncionar”, repetia-se) e além do mais a entendera, pelo contexto. E talvez tenha sido graças àquele contínuo tão enxerido que De Wet conseguiu que a polícia não o detivesse todas as noites por causa do seu aspecto aventureiro e amaneirado para a

Madri de 51, nem no Café Gijón com seu discípulo Edkins, nem no El Mofino Rojo, nem em Pasapoga, nem no El Biombo Chino, nem em Conga, nem no El Avión, nem no J'Hay, nem no Tarzán (antes Satán), nem no Chicote, nem tampouco no House of Ming, nem mesmo no Las Palmeras, se é que todos já ou ainda existiam, ou em melhores lugares e na melhor companhia de toureiros e atrizes: devia sair todas as noites até as tantas, com a noturnidade madrilená não há ditadura que acabe. Talvez o contínuo Garralde, talvez ele sim afeminado apesar de servir o anafrodita Franco (que não teria desconfiado disso nunca na vida nem terá descoberto na morte), não tenha conseguido deixar de contar a seu namorado da polícia a incrível cena do ditador confiando-se àquele homem louro e alto acorçado, de rabicho, brinco e venda, e falando-lhe tão no ouvido que teria podido chupar-lhe o lóbulo. Muito importante aquele estrangeiro, para tanto segredo cochichado, era melhor estar em bons termos com ele e não importuná-lo, muito pelo contrário, melhor facilitar-lhe as andanças durante sua estada em Madri, curta ou demorada. Ou talvez Garralde não fosse invertido nem tivesse namorado nenhum, e sim uma mulher insuportável, mas podia estar subornado por algum ministro predileto que vinha em visita com frequência, um Girón, um Solís, um Camilo Alonso Vega (*don Camulo*, chamavam-no; se é que na época eram esses, já não lembro agora nem penso me levantar para conferir), e dar com a língua nos dentes em regular agradecimento; ou talvez pelo único genro do megalômano arpoador (quase ninguém mais se lembra, mas arranjavam-lhe uns cachalotes moribundos para fazê-lo crer que os caçava como um Ahab de cabotagem, mais uma vez pobre Melville), de quem se dizia que procurava ficar sabendo de tudo e tudo espionar para melhor adular o sogro, e também se cochichava que ele não tinha o menor pudor de frequentar os ambientes mais gandaieiros e mais suspeitos (cheios de aventureiros e também de amaneirados, inclusive Riscal, o Copacabana), apesar do rigoroso anafrodita que o mantinha sob vigilância. De modo que acabou sendo o brinco, e não uma influência qualquer, o salvo-conduto aqui do mercenário, Hugh Oloff de Wet seu nome, ou quem sabe apenas um de seus nomes.

Mas se não me precipitei sobre o telefone a fim de ligar para o abagunçado Pombo, nem saí disparado para Barajas a fim de pegar o primeiro voo para Londres, nem tomei a precaução de comprar um aparelho que gravasse as palavras de Edkins quando o tivesse diante de mim, também não fiquei totalmente parado, e pus em estado de alerta alguns livreiros ingleses de segunda mão ou antiquários (Bertram Rota e Bernard Kaye, os Stone da Titles em Oxford, Ben Bass hoje desaparecido) para que se lembrassem de mim se um dia cruzasse seu caminho um exemplar de qualquer dos dois raros e até recônditos livros que De Wet escrevera.

E em justa correspondência com as muitas encomendas livrescas que ao longo dos anos *don* Juan Benet me fizera (todas intrincadas na verdade, como se estivesse sempre querendo me pôr a prova), permiti-me por minha vez pedir-lhe que rastreasse possíveis menções ao piloto pirata em sua magnífica biblioteca sobre a Guerra Civil, de fato uma das suas especialidades. Ao cabo de uma semana, sem dúvida mordido pela curiosidade e pelo desafio bibliográfico (tive de colocar a coisa em termos mais pungentes e eficazes: “Vamos ver, *don* Juan, a vida toda você se gabou de seus conhecimentos bélicos. Vamos ver que demonstração nos faz deles”), Benet me mandou de sua casa de Zarzalejo, no campo, onde guardava o material sobre a guerra de que se sentia tão orgulhoso, o seguinte relatório escrito à mão, com a burlesca epígrafe de “Nota para o licenciado Marías”:

“Sobre Oloff de Wet encontrei algumas referências na bibliografia da Guerra Civil. Jesús Salas Larrazábal o menciona em duas obras suas, em La guerra de España desde el aire, Ariel, Barcelona, 1972, e em Intervención extranjera en la

guerra de España, *Editora Nacional, Madri, 1974*. Na primeira menciona-se *De Wet* a respeito da criação, pela nova Subsecretaria do Ar, de pelo menos quinze grupos de caça e bombardeio que começam a operar com material importado em setembro de 1936. Segundo *Salas, De Wet* pilotava um *Nieuport 52* nessa época. Também existe alguma referência isolada a *De Wet* em *Alcofar Nassaes, La aviación legionaria en la guerra española, Euros, Barcelona, 1975*. Em compensação não encontrei nenhuma menção a ele em *Bill Alexander, British Volunteers for Liberty, que pretende oferecer uma lista bastante exaustiva dos voluntários britânicos, quase todos engajados no British Battalion no qual o autor serviu. Tampouco em documentos e memórias de membros das Brigadas e companheiros de viagem britânicos.*

“Estas referências se devem sobretudo à publicação por *Oloff de Wet de Cardboard Crucifix, Blackwood, Londres, 1938, que não consegui encontrar e creio que não foi traduzido nem publicado em castelhano, um excelente caso de recherche, vejamos mais uma vez de que você é capaz, vejamos suas habilidades. Pelo que deduzo, trata-se de um relato autobiográfico de sua experiência na Espanha como piloto de guerra e testemunha bem situada do nascimento da arma aérea republicana. Um fragmento bastante extenso (catorze páginas) de Cardboard Crucifix está incluído em The Civil War in Spain de Robert Payne (não confundir com Stanley G. Payne, historiador do fascismo espanhol), Secker & Warburg, Londres, 1962. Esse fragmento não é grande coisa: uma imagem jornalística da Madri no revolucionário outono de 36, impressões acerca de seu voo no Nieuport e rápidos perfis de figuras destacadas das Brigadas Internacionais.*

“Zarzalejo, janeiro de 1992.”

Janeiro de 1992, justo um ano antes da sua morte. Nenhum de nós podia imaginá-la então, nem ele, ninguém nunca sabe a ordem

dessas coisas.

Creio recordar que a vez seguinte que nos vimos fui tão impertinente e ingrato que fiz pouco caso de suas pesquisas e achados (mas era sempre esse o estilo com Benet, tendíamos, nossa roda de amigos, a dar por favas contadas nossa competência e a não reconhecer méritos uns aos outros a não ser em raras ocasiões, o que as tornava ainda mais notáveis e inesquecíveis: a mesma escola da minha família, uma escola humorística e áspera — necessita-se de uma pouca de graça — que, segundo vi, a maioria dos outros escritores não tolera, obrigados com demasiada frequência à adulação recíproca e fastidiosa, e também ao conchavo: Mestre Tal, Mestre Qual, Mestre Fatal, alguns se chamam para se ajudar com seus complexos, em público e na letra impressa, de inferioridade os complexos) e lancei-lhe em face a pouca carne e o pouco tempero que me havia servido, com muitos dados inúteis por já os conhecer. Mas na realidade eu evitava felicitá-lo abertamente com a vista posta em minha iminente vez e desempenho, pois em seu relatório havia aproveitado para lançar-me por sua vez um desafio, que me reiterou em pessoa e diante de testemunhas, como fizera eu com o meu: “Vamos ver, grande mastim dos Baskerville, Arsène Lupin das Letras, vamos ver, jovem Marías: você não se gaba de que não há livro que lhe resista, por mais impossível de encontrar que seja? Agora quero ver com esse Oloff de Wet que parece nome de perfume; vamos ver se você é capaz de nos trazer aqui um exemplar desse *Cardboard Crucifix* acerca do qual nos diz estar tão bem informado.” De modo que *don Juan* tinha voltado contra mim a missão e a pesquisa. “Eu já fiz o que tinha de fazer. Agora é a sua vez”, disse, “e espero que não tenha a sem-vergonhice de se apresentar no próximo jantar sem esse livro debaixo do braço.” Vivíamos sempre assim, desafiando-nos como molecotes com coisas inofensivas e banais (uma ou outra nem tanto assim), uma diversão e um estímulo, e sobretudo uma continuidade e um adiamento, alguma coisa ficava sempre pendente e tínhamos de tornar a nos encontrar. Claro que eu não era o único, longe disso, estava na mesma situação com todo o mundo, com Azúa, com Molina Foix, com Hortelano ou Daniela e seu famoso

epistème, ou com Mercedes, os engenheiros, Feche, com quantos amigos merecessem seu afeto encarnado em sua ironia.

Um desses duelos desinteressados e idiotas propiciou um breve e memorável texto seu numa carta daqueles meus anos de Oxford, e só o fato de dá-lo a conhecer aqui faz este livro valer a pena (se bem que não vou citar verbatim, para evitar ferir suscetibilidades). Ele tinha me desafiado a adivinhar quem era sua nova *bête noire* daqueles dias (novembro de 84), e eu tinha respondido adivinhando de primeira (“suas iniciais são as mesmas de Jaime Salinas”, eu lhe disse) e despejando-lhe uma bateria de hieróglifos menores em forma de pessoas a que eu também me referi só pelas iniciais; também lhe anunciei que tinha comprado um presentinho excelente para ele, que lhe seria muito útil, para lhe dar na minha primeira viagem a Madri, “um engenhoso instrumento”, assim o chamei segundo se deduz de sua resposta. Benet havia deixado crescer o bigode não fazia muito tempo, e, embora nos tenhamos acostumado tanto com ele que agora não é fácil recordá-lo totalmente barbeado, naqueles dias seus amigos ainda estávamos considerando a ousada novidade pilosa e hesitando entre sua aprovação ou rejeição, condenação e subsequente envio à barbearia. O caso é que eu tinha entremetido comprado para ele um pente minúsculo e ridículo visto numa loja especializada de Londres, desenhado especificamente para o cuidado e a higiene de tais adereços, segundo se dizia em tempos mais indiretos.

“Tratava-se efetivamente de J. S.”, reconhecia ele no segundo parágrafo de sua carta, “um perfeito imbecil, desses que misturam piedade e arrogância no estilo de Xirinachs. Não acertei uma só inicial das suas, mas para me antecipar e desmentir meu ‘reconhecido embotamento’ resolvi adivinhar que o ‘engenhoso instrumento’ que vai me dar é nada mais nada menos que um pequeno pente. Naturalmente você está numa situação ótima para desmenti-lo e até adquirir um novo presentinho para demonstrar que não se trata de um pequeno pente, mas em compensação eu continuarei a vida toda persuadido de que originalmente se tratava de um pequeno pente (não lhe dou mais indicações porque isso já basta para seu rubor), e que se você agir desonestamente neste

grave assunto e trocar o pequeno pente por outra coisa, eu também ocultarei as razões que me levaram a desmascarar o pente. Porque, além do mais, se você estudar o assunto com um pouco de atenção, logo concluirá que não pode se tratar senão de um pequeno pente.”

Tive então de reconhecer seus dotes de adivinho ou sua perspicácia, e isso que me aborreceu enormemente que ele destrinchasse o mistério de meu pequeno pente especializado, que lhe entreguei sem o trocar mas já muito bravo, com má vontade e até com despeito. Eu o vi utilizá-lo com frequência nos anos seguintes, de vez em quando o puxava numa reunião na minha presença e penteava o bigode com delicadeza por um momento, fazendo-se de distraído, sem dúvida para me lançar no rosto aquele seu brilhante triunfo dedutivo. (Conforme o humor eu bancava o furioso ou o agradava dando-me por aludido e dizendo-lhe: “Está bem, *don Juan*, eu me lembro, acertou na mosca, mas pode parar, não tem mais nenhum pelo emaranhado.”) Era bem dele essa gozação recorrente e retrospectiva.

Mas voltando a 92. Meu amor-próprio na berlinda, alertei no ato mais livreiros, G. Heywood Hill, Bell, Book & Radmall, Veronica Watts com certeza, e mais algum especializado em assuntos militares, embora não conhecesse muito esse domínio; alertei também Eric Southworth e Ian Michael em Oxford, se lhes sucedesse o incrível acaso de toparem com o maldito *Crucifix* em algum sebo; e suponho que também Roger Dobson, um verdadeiro e incansável mastim, mas que alternava fases de magnífica sorte com outras de absoluta perda de faro e conseguinte inanição livresca, de modo que tudo dependia de que minha encomenda o pegasse entre as de um sinal e outro. A todos estipulei um preço a pagar bem mais elevado do que podia custar em princípio o esquecidíssimo livro de 38 sobre a Guerra Espanhola, por um autor que quase ninguém conhecia e a quase ninguém interessaria, e cujo nome, tal como ocorreu em seu tempo com Gawsorth (porém mais explicavelmente), não aparecia em nenhuma enciclopédia, dicionário ou bibliografia de literatura, embora houvesse menções a ele em alguns estudos sobre a Guerra Civil, segundo a consulta de Benet, se bem que não em tantos como seria de esperar, dado seu

singular e pioneiro desempenho nos ares desta península — um luto atrás do outro e de outros mais —, ou no vento que as semanas levaram.

E foi o hoje sumido Ben Bass, da Greyne House em Avon, que em pouco tempo realizou o milagre e me enviou uma nota com sua letra florida perguntando se me interessavam exemplares do *Crucifixo* e do *Vale*, o outro volume de Oloff de Wet sobre seu encarceramento pela Gestapo, que já estavam à minha disposição por trinta e cinco e treze libras, respectivamente, mais despesas de envio. Meio caro o *Crucifixo*, não perdi um minuto com o deplorável correio; telefonei imediatamente para ele perguntando-me por que diabos me consultava e não os havia mandado logo, e, antes do seguinte jantar com *don* Juan Benet e outros amigos, já estavam em meu poder ambos os títulos, com os quais me apresentei muito orgulhoso debaixo do braço no restaurante e pronto para ir à forra, tantos anos depois, da humilhação sofrida por meu minúsculo, ridículo, desmascarado pente. Lembro-me da cara de Benet de fingida decepção quando eu larguei os livros em cima da mesa com um movimento do polegar e do indicador, como se fossem cartas de baralho (“Que baixeiras você terá cometido para conseguir essas raridades tão rápido, jovem Marías”, assim disse com fastio e desconfiança), substituída em seguida por uma expressão de curiosidade ávida e pelo destro folhear das peças obtidas. Bastantes meses depois o grande caçador Ben Bass (a quem teria de rastrear agora) foi capaz de me encontrar um segundo exemplar da subintitulada *The Story of a Pilot in Spain*, que pude dar de presente a *don* Juan para enriquecimento de sua coleção e em atrasados agradecimento e recompensa por sua generosa busca e sua nota para o licenciado. (Ainda estou à espera de que alguém encontre um terceiro, para dar de presente a Edkins.) Chegou a lê-lo, não muito antes da sua morte — mas ainda não sabíamos —, e, como o extrato citado por Robert Payne, não lhe pareceu grande coisa. Nunca poderei saber se essa foi sua opinião verdadeira ou se tentou reduzir o mérito literário do personagem por mim descoberto e rebaixar com isso minha irritante proeza cinegética. O possível interesse literário de Hugh Oloff de Wet, por outro lado, não tinha de

modo algum por que andar de par com o interesse biográfico e romanesco. Mas dos textos falarei mais adiante, se for o caso.

Nenhum dos dois exemplares conseguidos — nem o de Benet nem o meu — conservava a sobrecapa, de maneira que não havia neles dados sobre o autor nem descrição editorial da obra. Já *The Valley of the Shadow*, sim, conservava sua sobrecapa em bom estado, era onze anos posterior a *Cardboard Crucifix* — a Guerra Civil bem acabada e o tempo bem massacrado, a Segunda Mundial já concluída — e dois anterior à segunda e estranha estada em Madri do escritor piloto em 51, quando entre todos os lugares possíveis do mundo frequentava o Café Gijón dos literatos espanhóis desocupados — ou é que então não faltava a ninguém o tempo que pouco existia, nem sequer a Benet, que com seus vinte e quatro anos por ali andaria de vez em quando —, e tentava, entre todos os governantes possíveis do mundo, que o depredador mas pão-duríssimo Franco financiasse seu projeto guerrilheiro nos Cárpatos. E na orelha anterior dessa sobrecapa vinham uma fotografia e não poucos dados, embora já fornecidos em sua maioria pelo protegido Edkins desde o início. Não todos, porém.

De Wet tem na foto um indubitável aspecto militar britânico, não obstante sua origem bôer — se é que essa origem era verdadeira e talvez não fosse —, com seu bigode denso, curvo e muito bem aparado, talvez com um pequeno pente inseparável e especializado que lhe serviria inclusive para manter altas as pontas. A comprida mosca no queixo destoa um pouco, conferindo-lhe um ar mosqueteiro ou cardinalício — ou de Buffalo Bill ou de Custer — impróprio de um soldado sério de seu tempo, sugere um lado extravagante e vaidoso que só levado ao extremo ou à impunidade do país estrangeiro poderia abrir caminho para um indecente rabicho, que aqui não se adivinha. Tampouco aparece venda nem monóculo fosco, e quanto ao brinco famoso, a não ser que lhe adornasse a orelha direita que mal se vê e está à sombra, não parece que para o retrato feito pelo estúdio Weitzmann de Londres se atrevesse a pendurá-lo. Está vestido como civil — o que ele seria então — e muito bem vestido, elegantes a gravata e o excelente tecido do paletó, tanto que até com a vista dá para sentir-lhe o tato.

Parece um pouco mais velho do que os trinta e seis anos que talvez tivesse, porém mais pelo tipo de físico robusto e o respeitável penteado repartido do que por se advertirem estragos de sua temerária vida. Vendo-o assim aprumado ninguém diria que estivera preso tanto tempo nem que passara por tanto tormento. Os olhos claros possuem um olhar penetrante próprio de olhos escuros, e nenhum dos dois parece vesgo; suas feições são muito corretas, um homem bem-posto que não é difícil imaginar fardado tampouco em séculos passados, sobretudo no século XVII como corsário ou nobre ou ambas as coisas em combinação nada infrequente, ou no XIX mais distante, do outro lado do oceano no selvagem Oeste. Na foto, a assinatura, que se distingue mal por causa do fundo escuro.



Photo by

Wedgehead Studio, London

H. OLOFF DE WET

"... comes from English military stock ... he served nine months as a pilot and Intelligence officer in the army of the Negus. Forced to leave Abyssinia on account of a duel, he offered his services to General Franco. Not being accepted, he joined the Reds, and for three months served as a fighter pilot. During this time he began his work for the Deuxième Bureau ..."

Continued on back flap

9/6

This extract, described by Mr de Wet as "founded on fact," though "in various respects slightly inaccurate," is taken from the *Volksischer Beobachter's* report of his trial in the People's Court at Berlin, when he was found guilty and condemned to death.

In *The Valley of the Shadow* Mr de Wet gives his own version of his experiences as a secret agent of France in Prague, and of his capture and imprisonment by the Gestapo. It is almost incredible that he should have survived successively the attentions of his gaolers and inquisitors, his own attempts to escape and suicide, and finally, for four years, a death sentence delivered in the earlier part of the war.

The book is more than an unforgettable record of the horrors of prison life in Nazi Germany. It shows the triumph of the human spirit over brutality, torture and—almost worse—the suspense and deadening routine of captivity. Mr de Wet lost neither his courage nor his sanity in an ordeal which lasted for six years. He has lived to write a terrible but inspiring book.

O texto dessa orelha abre com aspas e reticências com que também acaba, para em seguida, já na outra orelha posterior, explicar a procedência das citações: “Este extrato, descrito por Mr. De Wet como “baseado nos fatos’, embora “em vários aspectos ligeiramente inexato’, foi tirado da notícia do *Völkischer Beobachter* relativa a seu processo ante o Tribunal do Povo em Berlim, quando foi declarado culpado e condenado à morte.” E continua, já em tom de maior propaganda: “Em *The Valley of the Shadow*, Mr. De Wet oferece sua versão de suas experiências como agente secreto a serviço da França em Praga, e de sua captura e prisão pela Gestapo. É quase incrível que sobrevivesse sucessivamente às atenções de seus carcereiros e interrogadores, às suas tentativas de fuga e suicídio, e finalmente, durante quatro anos, a uma pena de morte ditada na primeira fase da guerra.” O último parágrafo faz ainda mais propaganda do livro e não vale a pena deter-se nele nem o traduzir. Mas vale a pena fazê-lo com esta notícia do *Völkischer Beobachter* de Berlim, datada de 8 de fevereiro de 1941, e que aparece parcialmente reproduzida em alemão nas páginas VI e VII, depois do índice, do anterosto, de uma sinistra ilustração em amarelo e preto que representa um homem esquelético e com grilhões, sentado no chão de uma cela com os olhos fechados — desenho devido ao próprio De Wet —, e de uma frase entre aspas que ocupa toda uma página e com a qual se abre o volume como se fosse um lema ou uma citação poética ou bíblica que eu não reconheceria: “*And still death passed me by*”, diz, “E de novo a morte passou ao largo de mim”; embora forçando um pouco também se pudesse entender que a palavra *still* fosse aqui um adjetivo e não um advérbio, e o lema significaria então: “E a calada morte passou ao largo de mim.” Não creio, porque na primeira possibilidade este “de novo” tem no caso de Hugh Oloff de Wet muito sentido, se em Berlim havia sido condenado à morte pela segunda vez na vida, depois de Valencia, cinco anos antes: pelos republicanos com quem lutava na Espanha e pelos nazistas que combatia na Alemanha, ou, o que dá na mesma, em breve prazo por ambos os lados inimigos. Nenhuma dessas duas mortes teria sido calada. A ilustração

Essa notícia do *Völkischer Beobachter* em sua edição setentrional, amavelmente emprestada pelo Foreign Office de Sua Majestade, segundo a nota de rodapé, é traduzida por De Wet para o inglês no começo de *The Valley of the Shadow*, e reza mais ou menos assim:

O CASO DE WET.

“Berlim, janeiro de 1941. “Ao longo de suas sessões em diferentes dias, o Tribunal do Povo procedeu contra o natural da Grã-Bretanha De Wet, de vinte e oito anos, e o condenou à morte. De Wet era um espião contratado a serviço do Deuxième Bureau francês, sendo sua missão a localização e descoberta de instalações militares. Foi preso pela contraespionagem em território alemão.

“O julgamento de Percy William Olaf de Wet” (aqui está uma forma inédita do nome, talvez devida à sua condição de espião: mas careceria de sentido manter o sobrenome) “foi realizado a portas fechadas. Foi permitida a presença de um representante do Völkischer Beobachter durante o juízo. Por motivos óbvios de segurança militar, todos os participantes do processo prestaram juramento de silêncio. Nada dessa índole pode portanto ser objeto desta crônica. Mas inteiramente à margem das matérias secretas, a pessoa do acusado é digna de atenção de um ponto de vista humano geral e também político.

“As circunstâncias em que o condenado exerceu suas atividades contra a segurança do Reich são características de certos ambientes internacionais nos quais a linha divisória entre a política e a aventura se esfuma e o Serviço de Inteligência se mostra indistinguível da ladroagem. No entanto não pode ser uma casualidade que o Serviço de Inteligência inimigo prefira recrutar seus agentes entre elementos assim. Ao examinar este processo, o que mais se destaca é o seguinte: nessa batalha subterrânea contra o Reich parece recorrer-se tão-só àqueles cuja falta de princípios e instabilidade moral pareceriam torná-

los idôneos para seu trabalho.” (Chamam a atenção os comentários edificantes a cargo de um órgão nazista, porém mais ainda na crônica de um juízo por espionagem, como se a condenação moral por parte dos traídos pudesse ser matizada ou optativa em tais casos.)

“Os que tomaram parte no processo tiveram de avaliar mentalmente se esse De Wet, que se manteve de pé diante deles torcendo uma barba rala e quixotesca” (é de supor que ao prendê-lo tenham confiscado seu pente) *“era um louco aventureiro ou um astuto, impiedoso e calculista espião decidido a ocultar seus perigosos segredos. Ambas as hipóteses podem ser corretas. De Wet provém de uma estirpe de militares ingleses.”* (Esta afirmação faria do célebre avô bôer uma mentira.) *“Seu pai foi oficial da Marinha, comandante de uma das ilhas do Canal, agora em poder alemão. O filho também estava destinado a uma carreira militar e ingressou numa escola de cadetes, a cujo exame, porém, não se apresentou. Ele disse que foi porque sua intenção não era entrar num regimento de infantaria. É possível dar crédito a isso, porque pouco depois, tendo passado no exame para piloto, ingressou na Royal Air Force. Abandonou esse serviço em pouco tempo, e os motivos são obscuros. De Wet sustenta que os muitos exames médicos a que teve de se submeter em consequência de alguns acidentes de automóvel haviam sido desagradáveis e que por essa razão renunciou ao serviço.”* (Ante tamanho disparate, não cabe descartar que De Wet estivesse brincando e zombando de seus juízes e acusadores durante todo o processo; impossível saber se eles se deram conta, embora seja de desejar que sim pelo bem do Terceiro Reich hoje defunto; é claro que quem não se deu conta foi esse correspondente do *Völkischer Beobachter*, que reproduz tudo ao pé da letra com bastante esmero e não parece notar a provável *nonchalance* ou cinismo do espião aventureiro. Se foi esse o caso, pensei ao ler o galimatias.)

“Posteriormente De Wet fez ato de presença em todos os teatros bélicos. Primeiro serviu durante nove meses como piloto

e Agente de Inteligência do Exército do Negus. Obrigado a sair da Abissínia por causa de um duelo, ofereceu seus serviços ao General Franco. Não sendo aceitos, uniu-se aos Vermelhos, e serviu por três meses como piloto de caça. Nessa época iniciou seu trabalho para o Deuxième Bureau, o equivalente francês do Serviço de Inteligência britânico. Mas ainda não como agente contratado, apenas por amizade com os responsáveis do Deuxième Bureau. Não é possível que De Wet tenha sido desde há muito membro do Serviço de Inteligência britânico, encarregado de uma missão que lhe exigisse o papel de mercenário estrangeiro? De Wet nega-o e diz que certa vez ofereceu seus préstimos, os quais foram rejeitados. Estará dizendo a verdade? E se for verdade, por que foi rejeitado? Terão os britânicos considerado De Wet vaidoso e tolo, e por causa de seus surtos de embriaguez inapto para o emprego? Pode ser que sim, pode ser que não. Em todo caso, De Wet abandona seu papel de piloto vermelho espanhol para atuar como traficante de armas para um tal de Zakharov. Depois escreve dois livros relacionados com suas experiências, intitulados Cardboard Crucifix e The Patrol is Ended.” (A essa altura parece óbvio não apenas que era o jornalista que se achava sob os efeitos de um surto de embriaguez aventureira e não sabia explicar a encrenca, mas também que se sentia enfeitiçado pela figura louca ou astuta do réu, acerca do qual se fazem demasiadas perguntas pouco práticas ou diretamente absurdas, destacando-se como mais idiota a que reza: “Estará dizendo a verdade?” Claro que também não é má inferência pensar que a vaidade pudesse ser um impedimento grave ao desempenho dos labores de espionagem. Em alguns momentos dá a sensação de que seu fascínio por De Wet o irrita e o leva a voltar-se instrutivamente contra ele, mas sua fraqueza por ele aparece diáfana quando detalha e precisa que no começo o espião só espionava por amizade com os maiores espões da espionagem da França. Contudo, a frase mais admirável do parágrafo é aquela que avança com

equanimidade e cautela: “Pode ser que sim, pode ser que não.”)

“Durante um curto período De Wet levou uma vida tranquila, exercitando seus dotes de pintor.” (Volta aqui a aparecer o autor da máscara.) *“Quando estourou o conflito entre a Alemanha e a Checoslováquia, ele então em seu vigésimo quinto ano de vida deixou a paleta de lado e correu para Praga, onde ofereceu ao governo de Benes seus serviços como piloto. Aqui reatou uma amizade de Paris: a amizade com uma bailarina do sudeste da Europa, uma mulher que deixou para trás vários corações despedaçados e da qual pouco se pode descobrir. Não se sabe direito se era uma aventureira erótica ou ela própria de caráter político. De qualquer modo, quando De Wet foi detido ela não apenas era sua confidente mas sua colaboradora. No curso do interrogatório se suicidou, e De Wet, que até a morte da cúmplice havia confessado sua responsabilidade plena, começou a tratar de se defender.”* (Não resta dúvida de que não era indiferente ao cronista o ornamento literário; e, se bem que sua formação narrativa e prosística devia ser barata e no mais das vezes lhe ditava expressões gastas ou a secura da mentira, também é inegável o acerto enigmático que alcança em certas ocasiões, com seus originais eufemismos e sua instável sintaxe: “Não se sabe se era uma aventureira erótica ou ela própria de caráter político.” Isso não se iguala facilmente.)

“É bem sabido que durante sua estada em Praga De Wet chegou a manter estreitas relações com certo funcionário checo que, ao se estabelecer o Protetorado na Boêmia, fugiu para a Alsácia e ali se transformou em elemento de ligação do Deuxième Bureau. De Wet foi várias vezes visitar esse homem em Praga, passando-lhe de contrabando ouro e informação, e foram essas e outras atividades para o Deuxième Bureau que finalmente o levaram a aterrissar nas mãos das autoridades alemãs.

“Na conclusão do julgamento, De Wet agradeceu o Presidente do Conselho de Alta Traição pela correção do processo, e além disso pelo direito de completa liberdade de

defesa. Ouviu a sentença de morte com indiferença, e com uma cortês inclinação de cabeça abandonou a sala, cujo tribunal contava, na qualidade de juízes leigos, com três oficiais de alta patente militar e partidária.” (É de supor que a Gestapo não tenha querido correr riscos e mandou três peixes graúdos para assegurar e realçar a condenação.)

“Foi feito o possível para elucidar os atos e o caráter do acusado. Seu delito é manifesto. Já seu caráter ainda permanece envolto em mistério. Educado em duas culturas (De Wet estudou num colégio francês e dá ao francês preferência sobre a própria língua materna), esse filho de uma família interessante — é aparentado ao general De Wet dos bôeres — está destinado a ser agora um errabundo rumo ao nada.” (E aqui, justificando este adjetivo delator e frívolo, “interessante”, aparecia em compensação o avô ou apenas antepassado bôer, que talvez não fosse, afinal de contas, uma patranha. Também encontrei um retrato e um livro dele, mas é melhor acabar primeiro com o relato da condenação berlinense à morte, cujo final já está a léguas do que deveria ser uma crônica de tribunais, para entrar decididamente no território da meditação e do lamento.)

“É inteligente e dotado de talentos vários, é intrépido e capaz de sentimentos nobres, e no entanto termina a vida num caos de incerteza e na companhia de homens e mulheres duvidosos, todos os quais, embora dancem em seus lábios frases patrióticas, carecem de pátria e vivem do dinheiro estrangeiro. O ideal dessa sociedade é o lendário coronel Lawrence, mas nenhum deles alcança seu ideal. No meio do caminho, sofrem um acidente. A vida não os quer e os vomita até a bília,” (e assim são como um luxo caro e supérfluo que se expulsa logo da vida como se fosse fumaça, como se fosse vapor): “galhos caídos de uma árvore que uma vez floresceu frutífera; membros desperdiçados de uma raça cuja forma de vida se tornou infame.”

Até aqui era o redator do *Völkischer Beobachter*, que curiosamente mencionava Lawrence da Arábia como inatingível modelo do desastroso De Wet e outros de seu naipe, quando o próprio Lawrence pereceu num obscuro acidente ou suicídio de moto em 1935, na idade de quarenta e seis anos, minha idade de agora.

Acabada a tradução da crônica alemã, toma então a palavra De Wet antes de dar verdadeiro início ao seu relato, e o anuncia brevemente desta forma:

“Assim era segundo eles a história de ‘um errabundo rumo ao nada’. Embora baseada nos fatos, era em vários aspectos ligeiramente inexata, e algumas das suas páginas de ilustrações e deduções erravam, e muito, o alvo. E, por mais difusas que possam ter sido essas falhas, ainda ofendiam a verdade; ofendiam outra coisa, algo mais profundo e perdurável que ela, algo para o que eu não me propunha então encontrar um nome: ou talvez não pudesse.”

“O que segue é minha versão da história de mim mesmo e de outra, daquela que me fez companhia ‘às portas do Averno’ por um breve tempo...”

O tempo passado ou perdido faz que os livros antigos já não sejam apenas seus textos e suas capas, mas o que foram deixando neles seus leitores prévios, sinais, comentários, exclamações, maldições, fotos, dedicatórias, *ex libris*, ou uma carta, uma folha, uma assinatura, uma gota, uma queimadura, uma mancha, ou os meros nomes de seus proprietários. E da mesma maneira que os de Ewart, Graham, Gawsworth, falavam de sua pequena história, também um dos dois exemplares de *Cardboard Crucifix* conseguidos continha entre suas páginas alguma coisa, dois ou três recortes velhos. Era o de Benet sem dúvida, pois o que conservo são fotocópias e não o papel de jornal amarelado e desfeito. De modo que não apenas agi honradamente no grave assunto do pente interceptado, como também não caí na tentação compreensível de ficar com o que pertencia ao segundo exemplar que lhe destinava e não lhe dei o meu mais calado. Quase sempre me porto bem, e às vezes até me deixo enganar, dá para ver. Mas também não sou nenhum santo.

Alguém os havia guardado desde 1941 — ou o anúncio desde antes —, embora em nenhum se veja data nem cabeçalho. Mas pelo tamanho maior deles há que concluir que o caso De Wet foi em seu tempo e no país do protagonista tão conhecido e resenhado como chegou a ser o célebre romance de Wilfrid Ewart vinte anos antes. E igualmente esquecido em pouco tempo, com maior celeridade, se é possível, suponho: condenaram De Wet em plena Guerra Mundial, e então qualquer notícia devia ser efêmera, as de uma hora afogadas pelas da hora seguinte, e as de um ponto do globo pelas do outro extremo, como ocorre em nossos tempos vividos tão passageiramente como se cada segundo fosse bélico, não sei se este livro tem cabimento neles, talvez requeira paciência e pausa; ou talvez tenha sim e seja próprio apenas destes tempos, pois tudo nele também é passageiro conforme se relata, e se um

leitor se perguntasse que diabos estão lhe contando ou para onde este texto se encaminha, só caberia responder, temo eu, que se limita a percorrer sua trajetória e se encaminha portanto para seu final, o mesmo, por sinal, de tudo o que atravessa e sucede no mundo. Mas não creio que quem chegou até aqui ainda se faça essas perguntas.

O primeiro e principal recorte trazia não tanto uma notícia quanto uma nota biográfica assinada por um tal de Graham Stanford, que a julgar por seus comentários teria conhecido De Wet pessoalmente, embora não parecesse muito penalizado nem enfurecido com seu iminente futuro guilhotinado. Os dois títulos dizem assim:

O DIABO LOUCO DE WET

“A Gestapo achou que era “maluco”

E assim diz o resto da evocação ou retrato: “De Percy William Olaf de Wet disseram” (outra vez o novo nome, ou era o da temporada) “que era ‘um homem valente e curioso’ antes de condená-lo à morte no Tribunal do Povo alemão por espionar a favor do Serviço Secreto francês.

“Percy de Wet se divertiria com essa descrição. Posso imaginar seus lábios esboçando uma expressão sardônica ao ouvir tais palavras. Porque nenhum mercenário que um dia tenha saído da Inglaterra” (literalmente, “nenhum soldado de fortuna”) “viveu uma vida mais refulgente e fantástica do que esse ‘estourado’ alto e bonito.

'MAD DEVIL DE WET'

Gestapo Thought He Was 'Crazy'

By GRAHAM STANFORD

THEY called Percy William Olat de Wet "a brave and curious man" before they sentenced him to death in the German People's Court for spying for the French Secret Service.

Percy de Wet would enjoy that description. I can imagine his lips curling sardonically as he heard the words. For no soldier of fortune that ever left England lived a more lurid, fantastic life than this tall, handsome "devil-may-care."

He was known in the hotels and bars of every capital in Europe. He was known in the world's strange places and among the world's strange people. He sought adventure and he always found it.

Now his latest and greatest adventure has ended in disaster. But I doubt whether de Wet cares much, for he had the feeling of all soldiers of fortune. It is reported that he accepted the verdict calmly, and de Wet's strange friends will be glad of that.

I do not know much about the boyhood of de Wet. His mother, Mrs. P. W. de Wet, who lives in St. Albans, would not talk about it when I spoke to her last night.

This restless man sent him chasing across the European and Eastern stage in later years—Abyssinia, Spain, and Europe when it became the nothing-making pot for the present war.

★

WHERE all the trouble was, there was de Wet—a rather swaggering figure with a flowing moustache and a black shade over one eye. No one ever knew quite what he was doing, but he always lived well, was always going parties, and telling the most extraordinary stories of his adventures.

Just after the Munich Agreement in 1938 de Wet was in Prague. There were feverish days in Central Europe. Spies clustered around every bar, and no one knew whether to trust his neighbour.

Prague quickly learned of de Wet's presence. He took a suite of rooms, gave champagne parties which were attended by beautiful women and a string of men.

Some say that the Gestapo investigated the activities of de Wet, but came to the conclusion that he was just another "crazy Englishman."

He got to know a beautiful Russian woman. It is reported that he married her, and that she was arrested as his accomplice when the Gestapo got on his trail. It is also reported that she afterwards committed suicide.

★

HE was familiar to newspaper men. To some of

them he offered information—inside information.

He was proud to say that he was "on the inside." But you could not always take this man too seriously.

He had a fine time in Abyssinia. He went to Addis Ababa for the Emperor—he and that world-famous figure, Herbert Faulstich, Julian, "The Black Eagle of Harlem," who was a strapping African Negro who enjoyed putting seven sorts of fear into the hearts of the natives.

My colleague Noel Mocke met him at the Hotel Imperial—surely the most cosmopolitan hotel of all time. There de Wet and "The Black Eagle of Harlem" were apparently rivals for the favours of the Emperor. Both of them had gone there to stay. But apparently the Emperor had only one communicating plane and most of their time was spent in the ground.

★

YES—de Wet enjoyed the Abyssinian scene. It had all the things he loved—colour, adventure, uncertainty.

The Germans say that he had to leave Abyssinia because he fought a duel. I cannot substantiate that story, but I can well imagine that it is true for de Wet ran into scrapes wherever he went.

He was in Spain, too, along with the rest of that brave and laughing crowd of men who will follow a fight to the ends of the earth. He flew against Franco. He used to say that he lost an eye in an air fight.

Later he wrote a book about his adventures, called "Cardboard Cronch."

But no one quite knew de Wet. Perhaps no one will ever know until this war is over and the full story comes to be written. Some thought him a pleasure-seeking fool. He certainly played the part.

It is possible that this was merely a mask, that behind that swaggering demeanour was a keen, agile brain working for the cause that he thought right.

The Germans described de Wet as "intelligent, unafraid, and talented."

He was all of those things. He was, in fact, one of the old-time soldiers of fortune who, throughout history, have left Britain to seek adventure.

Book has been written. It is a masterpiece. It is a masterpiece. It is a masterpiece.

BLACKWOOD

The Imprint of a Good Book

CARDBOARD CRUCIFIX

The Story of a Pilot in Spain. By OLOFF de WET.
8/6 net.



A remarkable story of absorbing interest.

The author is an artist in human motives, emotions, and most vigorous action. Horrors tread delicately, almost casually, among feats of unstudied heroism.

THE BLIND ROAD By FOREPOINT SEVERN,
author of "The Blind Road"

A SAIL TO LAPLAND By DOUGLAS DIXON, author of
"Savill and Sea Power"

NO KNOWLEDGE OF SPY

LONDON, Feb. 7.—(AP)—British officials asserted tonight they had no knowledge of the activities of Percy Williams Olof De Wet, 33-year-old Englishman sentenced to death in Germany as a spy.

The Times recalled here his book "Cardboard Crucifix," which was published in 1939 and dealt with the Spanish civil war.

“Era conhecido nos hotéis e bares de todas as capitais da Europa. Era conhecido nos lugares estranhos do mundo e entre a gente estranha do mundo. Procurava aventura e sempre encontrava.

“Agora sua última e mais grandiosa aventura terminou em desastre. Mas duvido que De Wet se incomodasse muito com isso, porque tinha o fatalismo de todos os mercenários. Conta a

crônica que suportou o veredito com calma, e os estranhos amigos de De Wet ficarão contentes em sabê-lo.

“Não sei muito sobre a infância de De Wet. Sua mãe, Mrs. P. W. De Wet, que vive em St. Albans, não quis dizer nada a respeito quando falei com ela ontem à noite.

“Esse caráter irrequieto levou-o em anos posteriores a percorrer sem descanso o cenário europeu e oriental: Abissínia, Espanha e Europa quando se transformou no caldeirão matizado da atual guerra.

“Onde havia conflito, lá estava De Wet, uma figura jactanciosa com um bigode abundante e uma venda de vidro preto num olho. Ninguém nunca sabia direito o que estava fazendo. Mas sempre vivia bem, sempre estava dando festas e contando as mais extraordinárias histórias de suas aventuras.

“Imediatamente depois do Pacto de Munique de 1938 De Wet estava em Praga. Foram aqueles dias febris da Europa Central. Os espões se apinhavam em torno de cada bar, e ninguém sabia se podia ou não confiar em seu vizinho.”

(Esse parágrafo parece indicar que talvez os reprovados “surtos de embriaguez” de De Wet obedecessem tão-somente ao estrito cumprimento de certos requisitos indispensáveis à profissão de espão, pois o retratista Stanford podia ter dito “em torno de cada hotel”, ou “de cada café”, ou “de cada *night-club*”, ou até “de cada bordel”, mas disse claramente *around every bar*.)

“Praga não tardou em ficar sabendo da presença de De Wet. Reservou uma suíte com vários quartos, dava festas com champanhe a que iam belas mulheres e um estranho grupo de homens.

“Alguns contam que a Gestapo investigava as atividades de De Wet, mas que chegou à conclusão de que não passava de mais um “inglês maluco”.

“Conheceu uma bonita russa. Dizem que se casou com ela, e que ela foi detida como sua cúmplice quando a Gestapo começou a seguir sua pista. Também dizem que mais tarde ela se suicidou.” (Uma mulher russa com a que talvez tenha

contraído matrimônio aparecia aqui: talvez a proprietária legítima do Hotel Metropol de Moscou; mas, se tinha se “suicidado” durante os interrogatórios da Gestapo, então das duas uma: ou não tinha e não morrera e ainda estava viva em 1951, ou então De Wet se casou duas vezes e ambas com russas. Nenhuma das duas coisas parece provável, muito menos que aspirasse possuir e administrar o Metropol de Moscou em sua qualidade de probo viúvo herdeiro.)

“Era bem conhecido dos jornalistas”, prossegue Stanford. “A alguns de nós oferecia informação: ‘informação confidencial’.

“Gostava de se gabar de estar ‘por dentro’. Mas ninguém nunca podia levar esse homem muito a sério.

“Na Abissínia passou estupendamente bem. “Foi para Adis-Abeba voar para o Imperador: ele e aquela mundialmente famosa figura, Herbert Fauntleroy Julian, O Águia Negra do Harlem’), um parrudo negro africano que se divertia metendo sete classes de medo no coração dos nativos.” (Para dizer a verdade, os disparates recolhidos pelo redator alemão do *Völkischer Beobachter* constituem um punhado de sensatezes ao lado dessa nota biográfica inglesa, sobretudo a partir desse aparecimento espetacular e aéreo do Águia Negra de bairro, cujo nome verdadeiro não pode soar mais falso nem romanesco, tanto que seguramente era de fato o autêntico; há que levar em conta que em 1941 ainda não havia muitos filmes sobre a guerra que pudessem inspirar maluquices aos repórteres populares. Mas Herbert Fauntleroy Julian, quem vai pensar num nome desses?)

“Meu colega Noel Monks conheceu-o no Hotel Imperial, sem dúvida o hotel de guerra mais cosmopolita de todos os tempos. Na época, De Wet e “O Águia Negra do Harlem’ rivalizavam-se ao que parece pelos favores do imperador. Os dois tinham ido lá para voar. Mas, pelo visto, o imperador dispunha de apenas um avião com comunicação por rádio e ambos passavam a maior parte do tempo em terra.

“Sim, De Wet se divertia com o cenário abissíneo. Encerrava tudo de que gostava: colorido, aventura, incerteza.

“Dizem os alemães que teve de abandonar a Abissínia por ter se batido em duelo. Não posso avalizar essa história, mas posso perfeitamente imaginar que seja verdadeira, porque De Wet se metia em “encrencas” onde quer que fosse.

“Também estive na Espanha, junto com o resto desse valoroso e risonho grupo de homens que irão em busca de contenda até no último rincão do globo. Voou contra Franco. Costumava dizer que tinha perdido um olho num combate aéreo.

“Mais tarde escreveu um livro sobre suas aventuras, chamado *Cardboard Crucifix*.

“Mas... ninguém conhecia totalmente De Wet. Talvez ninguém o vá conhecer até que esta guerra tenha terminado e se escreva toda a sua história. Alguns o consideravam um tonto em busca de prazeres. É claro que interpretava o papel.

“É possível que isso fosse apenas uma máscara, que por trás daquela pose jactanciosa houvesse um cérebro agudo e ágil trabalhando pela causa que lhe parecia justa.

“Os alemães descreveram De Wet como “inteligente, sem medo e com talento”.

“Era essas três coisas. Era, de fato, um dos mercenários de outrora que, ao longo da história, saíram da Grã-Bretanha em busca de aventura.”

Até aqui, Graham Stanford em seu jornal desconhecido. Quanto aos outros dois recortes, o mais conciso é curioso, e também é curioso que alguém o guardasse:

“SEM CONHECIMENTO DE ESPÃO. “Londres, 7 de fevereiro. “Funcionários britânicos afirmaram esta noite não ter conhecimento das atividades de Percy Williams Olaf de Wet” (uma leve variação no novo nome, simples erro de impressão com quase toda a certeza), “inglês de vinte e oito anos de idade condenado à morte na Alemanha, por espionagem.

“O caso fez recordar aqui seu livro *Cardboard Crucifix*, publicado em 1939, que tratava da Guerra Civil espanhola.”

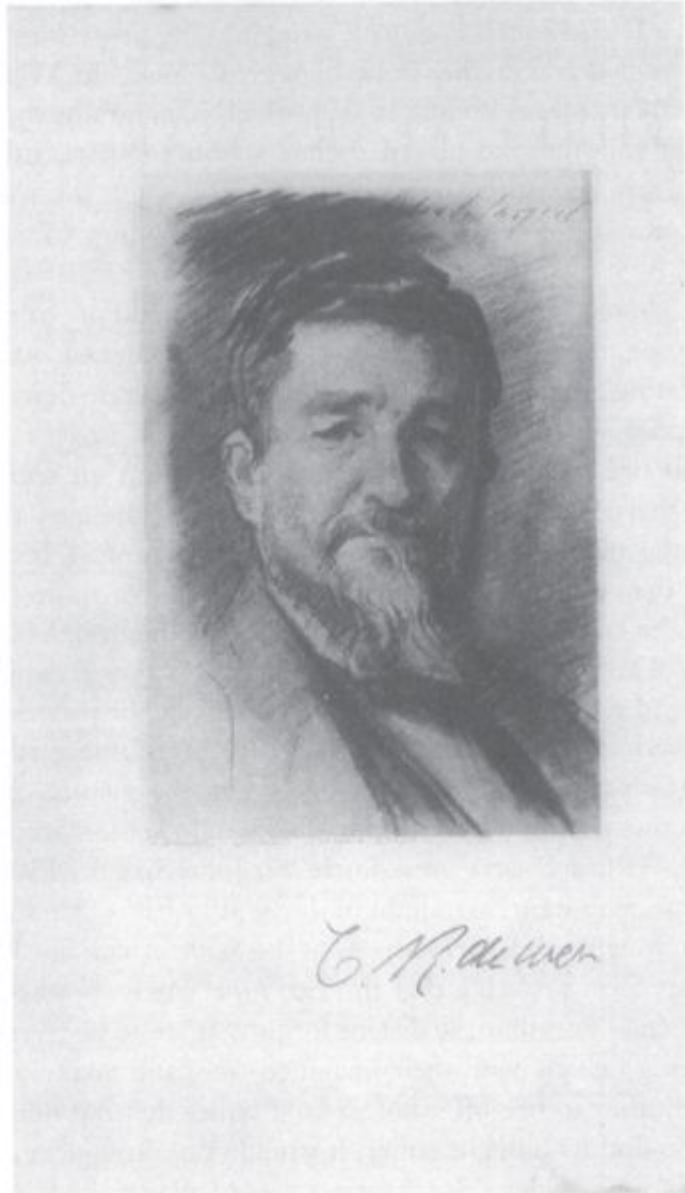
O terceiro recorte é um anúncio do *Crucifixo* posto pela editora, a Blackwood. A única coisa curiosa nele é o que não lhe pertence, isto é, a nota escrita à mão, na vertical, à esquerda. Não é totalmente inteligível, pelo menos para mim, mas pelo que entendo essa mão deve ter sido de alguém que conhecia De Wet pessoalmente, alguém próximo ou da família, já que se refere a ele como “Hugh”, seu primeiro nome de batismo ao que parece pouco usado, até Edkins o chamava de “Oloff” de viva voz e em suas cartas. Olhando bem e olhando mais, a primeira linha diz: “*Hugh has just written. I thought it might*” (isto é, “Hugh acaba de escrever. Pensei que poderia”; embora não me atreva a jurar que “*just*” seja o que está escrito). A frase não continua no que resta da segunda linha, mas provavelmente o recorte era mais comprido e a anotação começava e continuava mais “abaixo”, isto é, na parte posteriormente cortada e perdida. De modo que nessa segunda linha — mais escura, o traço da pena mais grosso — só consigo ler, parece-me, as quatro últimas palavras: “... *daughter are quite well*” (“... filha estejam perfeitamente bem”). Não consigo distinguir nada da terceira linha, a que corresponde à despedida e à assinatura. Alguém mandava o anúncio a alguém dizendo algo como “Para que vejas o que Hugh acaba de escrever. Pensei que poderia te interessar. Espero que tua mulher e tua filha estejam perfeitamente bem.” Impossível saber a quem pertenceu esse exemplar antes de passar brevemente pelas mãos de Ben Bass e pelas minhas e ser de Benet, e a partir de 5 de janeiro de 1993 sabe-se lá de quem.

Do primeiro recorte, da nota biográfica na verdade jovial e pouco lutuosa a cargo do jornalista Stanford, há algo que se destaca além do rosário de elementos romanescos, das suítes de hotel, do champanhe, das mulheres bonitas e dos espiões bebedores rondando os bares de Praga, ao caráter presunçoso, hedonista, enigmático e brigão do retratado (uma combinação de Belo Brummel, Barba-Negra Teach e de Pimpinela Escarlata, teria encontrado espaço na *História geral dos piratas*), passando por sua mulher e cúmplice russa e, claro, pela fulgurante figura do fabuloso, temível e fátuo Fauntleroy Julian, ou o Terror dos Ares de Adis-

Abeba. Trata-se do tempo verbal em que está redigido o retrato ou notícia, tempo pretérito, como se De Wet já tivesse morrido, já tivesse sido executado. Embora falte a data, deve ter sido próxima da do julgamento de Berlim, e no entanto Stanford, talvez involuntariamente e com toda a certeza sem grande aflição, com o tempo verbal escolhido equipara a condenação à morte com a execução da sentença. Talvez soubesse que conforme os acusadores e juízes, entre ambas as coisas não pode haver diferença. (Houve contrariamente ao prognóstico uma vez em 39, e por isso estou aqui amolando com essa história.) Mas a morte de novo passou ao largo de De Wet, como havia passado ao largo de Ewart quando mais tocava a essa morte fixar-se nele e deter-se, jogado nos *fronts* lamacentos com seu único e defeituoso olho.

Fosse verdade ou fingimento e adorno no caso do mercenário, ambos eram aparentemente caolhos, Ewart por herança materna segundo contaram, mas De Wet por ferimento espanhol de guerra de acordo com sua versão segundo Stanford. Mas como comentei há algumas páginas, também veio ao meu encontro um livro do suposto avô ou talvez tio-avô, o *Vechtgeneraal* Christiaan Rudolf de Wet, que como é natural versa sobre a guerra na que tanto interveio, e se intitula *Three Years War* ou A guerra dos três anos (três anos como a nossa, em que o vento levou as semanas e a morte não soube andar devagar, ou assim disse Miguel Hernández; e quase nunca passou ao largo), é de 1902 a edição inglesa. É aí que se vê seu retrato, que, se não mostra grande parecença com seu descendente degenerativo, permite porém reconhecer em ambos certo ar de família, ou digamos que ninguém estranharia o possível parentesco ao vê-los, há algo em comum na forma do nariz e dos olhos, mais velho o velho, com profusa barba em vez de amaneirada mosca, o olhar mais suave ou mais vencido, poderia ser um Barba-Ruiva acalmado (ele também encontraria lugar na *História geral dos piratas* que continuo lendo às vezes, quando me assaltam os piratas da cultura atuais mais próximos dos gatunos pés de chinelo e disfarçados de patronos); ainda não devia ter completado cinquenta anos, e quem sabe não teria travado suas guerrilhas em algum encontro contra aquele tio-avô de Wilfrid Ewart que depois de

Cartum foi para a guerra sul-africana como se ainda não tivesse tido sua dose, *Sir* John Spencer Ewart seu nome, é mais que provável que os dois tios-avós tenham visto as respectivas caras, ou antes as figuras distantes que, estas sim, são temidas, ou as que avançam ferozes com seus rostos imaginados, e se tenham mirado para disparar-se uma bala quente ou fria que em todo caso não levou seu bilhete com os nomes de um ou do outro; não seria estranho porque na folha de serviços desse Ewart mais velho figuram topônimos que De Wet, o afetado jovem, soltou de enfiada diante do pescador de cetáceos para impressioná-lo e fazer-se respeitar um pouco, sem se preocupar com amoldar sua pronúncia à dicção espanhola em que o ditador e ele haviam estado instalados até aquela torrente anglo-holandesa: Magersfontein, Koedoesberg, Paardeberg, Poplar Grove, Bloemfontein, Waterval Drift, Rio Vet. E também Driefontein, Blauwberg, Roodepoort, Wittebergen, Slaapkranz, Retief's Nek.



De todas essas batalhas ou escaramuças também falou Conan Doyle num de seus livros “sérios” que ele preferia tão tolamente aos de seu *Sherlock Holmes: The Great Boer War*, de 1900, uma história do conflito documentada e parcialmente baseada em sua própria experiência no terreno como médico voluntário durante cinco meses (quis primeiro alistar-se, mas em todos os corpos lhe disseram que era velho demais para o serviço; ainda não fizera quarenta e um anos), embora não tão séria nem tão extensa quanto a que escreveu mais tarde em seis volumes, sob o título de *The British Campaign in France and Flanders* ou *A campanha britânica*

da França e de Flandres, sobre a Primeira Guerra Mundial de Stephen Graham, o ordenança, e Wilfrid Ewart, seu capitão. Em A grande guerra dos bôeres Conan Doyle menciona uma só vez o major Ewart que acompanhava lorde Kitchener como em Cartum, mas em compensação dedica numerosas páginas às façanhas e ardis dos dois De Wet, pois havia um segundo general assim chamado, mas em posição de comando inferior, seu irmão Piet de Wet; e alguma bala deve ter levado seu bilhete com esse sobrenome, porque num daqueles sonoros sítios caiu e não tornou a se levantar um filho deste, Johannes de Wet, e foi feito cativo um filho do Vechtgeneraal, Jacopus de Wet. Conan Doyle, diga-se de passagem, voltou ao assunto pouco depois, em 1902, com seu mais breve livro, *The War in South Africa: its Cause and Conduct* ou A guerra da África do Sul: sua causa e sua condução, para barrar o caminho de muitos embustes que estavam sendo publicados em toda parte, a própria Inglaterra à frente, sobre a suposta brutalidade das tropas britânicas. Nada disso o impediu de admirar a astúcia estratégica e a audácia tática do grande De Wet, e, segundo se depreende de suas memórias, a maior crítica que teve de lhe fazer de um ponto de vista ético militar — “uma de suas ações menos desportivas, ou a única”, escreveu — foi a queima dos malotes de um trem postal britânico assaltado e saqueado na estação de Roodewal, que anuviou o ar com milhares de flocos flutuantes de papel chamuscado. Algo não muito grave para um chefe guerrilheiro, para dizer a verdade, que aliás o criador de Sherlock Holmes imortalizou numa concisa nota biográfica no começo do capítulo XXVII de *The Great Boer War*:

“Christiaan de Wet, o mais velho de dois irmãos deste sobrenome, estava na época na idade viril, com pouco mais de quarenta anos. Era um homem barbado, corpulento e de estatura mediana, pouco culto mas dotado de muita energia e senso comum. Sua experiência militar remontava a Majuba Hill, e compartilhava amplamente esse curioso ódio racial que é compreensível no caso do Transvaal, mas inexplicável num cidadão do Estado Livre de Orange, a que o Império Britânico não infligiu nenhuma ofensa.” E em seguida vem o interessante: “Certa fraqueza na vista obrigava-o à utilização de

lentes tingidas, e agora havia voltado a essas lentes, com seu par de olhos especialmente observadores atrás delas, para as dispersas forças britânicas e a já largamente exposta via férrea.” E um pouco mais adiante insiste naquele detalhe que não se pode deixar de associar com o monóculo ou a venda de vidro fosco de seu certamente mentiroso mas talvez não tão falso descendente mercenário: “As lentes tingidas”, diz (ou podem ser “sombreadas”), “voltaram-se em primeiro lugar para a isolada aldeia de Lindley.”

Sem dúvida o olho sem visão de Ewart foi herança, e talvez também tenha sido o de De Wet, apesar de suas fascinantes e fantásticas histórias, conforme as definiu Anthony Edkins: ambos soldados caolhos, na luta de trincheiras um e nos combates aéreos o outro, o menos recomendável para evitar que a morte atravessasse o espaço com seu olho único e o tempo com suas ferruginosas lanças. Meu pai também há anos não enxerga com um de seus olhos, que quando está sem óculos parecem ainda mais azuis, e por isso minha mãe lhe dizia cada vez que ele os tirava: “Assim você fica com cara de alemão.” Mas ele não usa venda nem monóculo nenhum, nem jamais na vida usou lentes tingidas nem sombreadas nem foscas, eu sim uso óculos escuros de vez em quando. Padeço de certa fraqueza na vista a que não dou importância talvez porque já não a sofra agora, embora no passado tenha sido causa lenta mas segura de cegueira e dor finais, não sei se de morte. Para não sair dos homens de Letras, essa fraqueza amargou a existência de James Joyce, que teve de se operar onze vezes sem nem sequer melhorar e que vemos por esse motivo em muitas fotos com uma vultosa e negra venda no olho esquerdo, tanto que há quem diga que ele a punha menos por necessidade do que para bancar o original e amaneirado. Eu sei o que é isso, ter um olho tapado: quando criança e durante uns meses de meus oito ou nove anos tive assim o esquerdo porque o direito foi diagnosticado como “preguiçoso”, e a fim de obrigá-lo a trabalhar, esforçar-se e por assim dizer recuperar terreno, cobriam-me aquele com que enxergava melhor e que tendia a se encarregar sozinho da tarefa inteira de olhar e ver. Lembro-me de que detestava aquela gaze ou venda sobre meu olho bom e acho que eu trapaceava e tirava o

penso durante os recreios para depois voltar a colocá-lo mal; por sorte o tormento não durou muito tempo e talvez se deva a isso, à minha impaciência e desobediência de então, o fato de hoje continuar sendo preguiçoso o olho ruim, creio, em todo caso menos ativo e perspicaz que o outro. A superioridade deste sempre atribuí ao fato de ser canhoto, e, do mesmo modo que minha mão esquerda era mais forte e hábil que a direita, não me parecia estranho que essa predominância se observasse por todo o corpo. Tive a sorte de não terem tentado corrigir meu canhotismo numa época em que era quase receitado fazê-lo, eu não teria suportado se tivessem me amarrado nas costas o braço esquerdo e eu me sentido maneta e canhoto: o colégio em que estudei, o Estudio, era liberal e laico, e clandestinamente misto, um dissimulado apêndice ou resto da Instituição Livre de Ensino dos tempos da República, antes de o vento levar as semanas; e, quanto a meus pais, também eram liberais e teriam tido muito trabalho, já que meu irmão desconhecido Julianín também era canhoto, como é meu irmão Álvaro, três dos cinco. Quando aprendi a escrever os primeiros nomes e entre eles o meu, punha as letras da direita para a esquerda como os árabes, e embora eu lesse “XAVIER” — assim me chamaram, com X, assim eu escrevia em criança e assim sempre escreveu minha mãe —, o que na verdade se lia ou liam todos menos eu era “REIVAX”, e quando ela não me concedia o certo entre risos eu não entendia por que e protestava, já que para mim eu havia escrito em sua ordem todas as letras sem esquecer uma só nem errar, e continuava lendo “XAVIER” onde ao que parece escrevia “REIVAX”, segundo a convenção dos outros. E em contrapartida lia “REIVAX” onde minha mãe dizia que eu acabava escrevendo “XAVIER”.

Às vezes penso que para alguém que começou escrevendo e lendo nesse sentido inverso — e essa tendência, sim, me corrigiram naturalmente —, o tempo deve ser diferente do que é para a maioria das pessoas que nunca tentou ir de trás para a frente, mas sempre foi da frente para trás, ou não começou pelo fim mas se acomodou a ele, isto é, à sua espera, temor e chegada; e às vezes penso que talvez por isso eu transite muitas vezes pelo que em vários livros

chamei “o revés do tempo, seu negro dorso”, tomando de Shakespeare a misteriosa expressão e para dar um nome ao tempo que não existiu, que nos aguarda e também que não nos espera e não acontece portanto, ou somente numa esfera que não é temporal propriamente e na qual quem sabe não se achará a escrita, ou talvez apenas a ficção. Pode ser que por isso perceba frequentemente o passado como futuro — ou seja, quando não era mais que isso, futuro — e o futuro como passado: o que há de vir como se já houvesse ocorrido e chegado, e mais ainda, como se já não tivesse muita importância ter-se iniciado inclusive seu esquecimento ou esfumaçamento, tão passado ou perdido se acaba fazendo todo o tempo. Talvez o seja apenas o que transcorreu e pode ser contado, ou assim parece, e que por isso seja a única coisa ambígua ou a única coisa que permite a ambiguidade, como escreveu já faz trinta anos *don* Juan Benet. E também fez então outra afirmação enigmática que eu não lera até há uns trinta meses no velho artigo que a contém e a respeito da qual já não posso lhe perguntar nada: “... parece-me que o tempo é a única dimensão em que os vivos e os mortos podem se falar e se comunicar, a única que eles têm em comum...”, foi o que disse. Não entendo, não entendo mesmo, mas sei que ele não escrevia gratuitamente, embora às vezes arbitrariamente como todos os bons escritores. Não entendo a não ser que pense nesse revés ou nesse negro dorso pelo qual discorre a voz caprichosa e imprevisível que no entanto todos nós conhecemos, a voz do tempo quando ainda não passou nem se perdeu e talvez por isso nem sequer seja tempo, essa voz que ouvimos permanentemente e que é sempre fictícia, creio, como talvez seja, tenha sido, será até seu fim a que está falando aqui.

Talvez nesse tempo que em tantas ocasiões invadiu o meu — quero dizer o que tenho disponível segundo a convenção dos outros — de fato se confundam ficção e realidade, ou as realidades não somente improváveis e inverossímeis mas incompatíveis. Talvez nesse tempo um romance possa imiscuir-se na vida, e não seria estranho que nele *Sir* John Spencer Ewart tivesse apontado com sua carabina para as lentes tingidas de Christiaan Rudolf de Wet em

Paardeberg ou em Rio Vet, ou talvez George Steabben é que o tenha tido na alça de mira em Magersfontein ou em Retief's Nek, séculos antes de morrer no México de um certo tiro na testa durante a célebre fuzilaria de Constantino e Leovigildo nas portas do Salão Phalerno; não seria estranho que o corta-papel com a inscrição dos anos e do rio sangrento, “15 Yser 16”, fosse entalhado por Stephen Graham ou Wilfrid Ewart em suas trincheiras de lodo e sem tréguas, ou que Hugh Oloff de Wet esculpisse a máscara mortuária do poeta monarca John Gawsworth mendigo, ou que aquela bala fria do Ano Novo ou da última noite do Ano Velho não esfriasse rápido o bastante para iniciar a curva e errar o alvo, ou que o porteiro Tom e o porteiro Will da Tayloriana sejam um só e mesmo viajando para a frente e para trás em seu território eterno, “Boa sorte, professor”, com sua mão festiva e serviçal erguida. É possível que nessa dimensão ou tempo meu amigo Eric Southworth morresse sete anos atrás nas mãos dos galdosistas (triste sina na verdade) e que meu amigo Aliocha Coll ainda esteja tomando seu último copo de vinho, e que fossem Conan Doyle, o patriótico médico, exemplo dos recrutas e Lawrence da Arábia o inalcançável ideal dos aventureiros, justo eles que mais elogiaram o fracassado talento do romancista veterano de guerra que não viu vir a bala nem o bilhete com seu olho cego no pandemônio da Cidade do México; pode ser que por ali tenha transitado sempre aquele balcão do quarto andar do Hotel Isabel que não existe, e a namorada alemã do austríaco Ödön von Horváth que viu repetir-se a mesma morte accidental impossível de seu pai e de seu amado no curso de uma só vida, a dela, os dois partidos por um raio e o mais moço no Ano Novo, e que fosse ali que Toby Rylands fizesse suas farras ou *binges* com um gracioso príncipe do Haiti ou de Honduras, de Antigua, Barbuda, Belize ou Montserrat, a vulcânica, ou quem sabe de Redonda, que não é habitada; pode ser que nessa dimensão ou tempo resida e dormite esse reino inteiro que às vezes aparece nos mapas e outras não figura, como cabe a um lugar que existe e ao mesmo tempo é imaginário, *the Realm of Redonda, the Kingdom of Redonda* com sua aristocracia intelectual de falsos nomes espanhóis e seus quatro reis, e que após a abdicação em meu favor

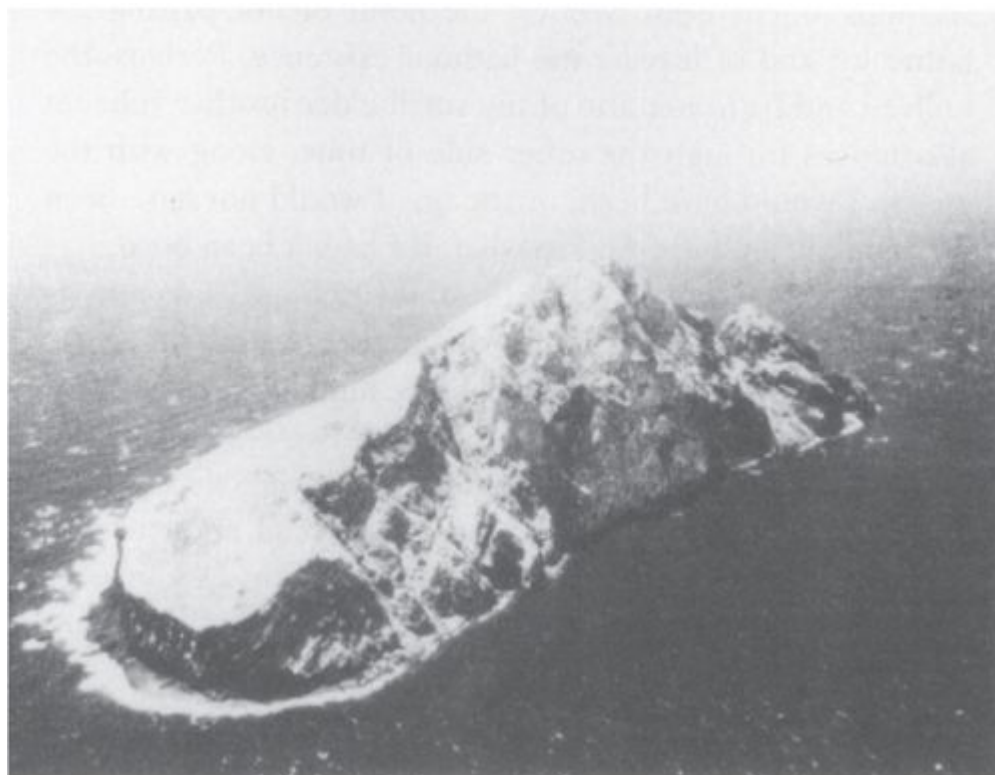
do terceiro eu seja o quarto desses reis desde 6 de julho de 97, King Xavier, ou ainda King X, enquanto escrevo isso e também com isso o testamenteiro literário e herdeiro legal de meus predecessores Shiel e Gawsworth, ou Felipe I e Juan I: é difícil resistir a perpetuar uma lenda, seria mesquinho negar-se a encarná-la; nessa nebulosa pairarão minha lembrança e meu esquecimento alternados com uma cicatriz numa coxa como uma cratera queimada e suave que vi e beijei diariamente durante três anos distantes, e seguramente o ocasional pensamento ou lembrança já quase fictícia de quem a tinha (“Ah, sim, viveu aqui comigo certa vez um jovem, era madrileno, me pergunto o que terá sido dele, já faz tanto tempo”), e nessa penumbra fumegará invisível o parentesco adquirido com o ator Robert Donat através de seus objetos meus, cigarreira em nossos bolsos e alfinete em nossas gravatas ou na minha lapela; e talvez De Wet continue pilotando seu Nieuport nesse domínio ou nesse vento, quem sabe se o mesmo avião que se afasta alto e vivo enquanto cai o inimigo no inferno (mas poderia ser um Polikarpov e não um Nieuport, e assim não ser ele que caça e mata); e pode ser que esse aventureiro se encontrasse na Espanha com o outro mais velho, o Deão Vermelho, o bandido Deão de Canterbury, por cujo acompanhamento inventado e involuntária causa a morte estive a ponto de não passar ao largo de meu pai e de me deixar sem existência. Talvez também transite pelo revés do tempo a vida não vivida e truncada do meu irmão mais velho Julianín tão pequeno, e o eu que eu teria sido ou não sido sem meu nascimento. E daí, se não tivesse nascido.

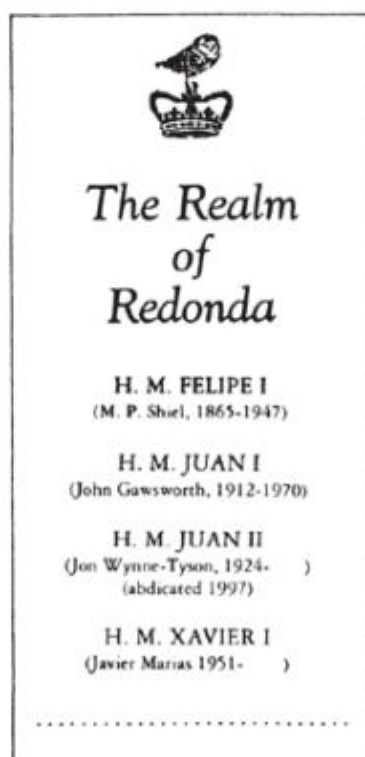
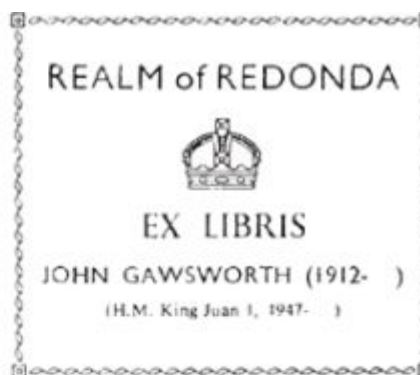
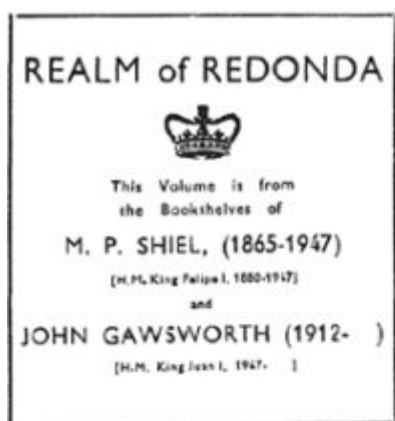


Não nasceu por exemplo um primogênito da minha família a quem uma maldição atingia e que assim era esperado para vê-la cumprida por inteiro? E, se bem que eu já tenha contado essa história em duas oportunidades — uma como ficção num conto com nomes falsos, “El viaje de Isaac” [A viagem de Isaac] seu título, outra como fato real num artigo com os nomes verdadeiros, chamou-se sobriamente “*Una maldición*” [Uma maldição] —, não deve haver muita gente que se lembre dela ou que a tenha lido, e ela tem aqui em compensação seu lugar mais apropriado, ou assim creio, como se por uma vez, e sem eu prever, nem em 1978 nem em 1995,

tivesse seguido o preceito da eminente contista Isak Dinesen, que traduzi em meus tempos de Oxford e segundo a qual “só se alguém for capaz de imaginar o que aconteceu, de repeti-lo na imaginação, verá as histórias, e só se tiver a paciência de levá-las longo tempo dentro de si, de contá-las e recortá-las várias vezes, será capaz de contá-las bem”.

Uma das minhas avós procedia desse mesmo Mar do Caribe em que fica Redonda quando aparece nos mapas ou é fotografada. Era cubana nascida em Havana, chamava-se Lola Manera e era mãe de minha mãe Lolita. Na realidade tanto ela como o pai dela, meu bisavô, ainda eram muito mais espanhóis de Cuba, para dizê-lo de forma compreensível e inofensiva. Meu bisavô se chamava Enrique Manera e creio que seu segundo sobrenome era Cao (“do índio Cao, lugar-tenente de Montezuma”, costumava proclamar com o indicador erguido a irmã mais nova de minha avó, a tia María com *folies de grandeur*); era militar e possuía terras em Havana.





Sendo jovem e solteiro, voltava para casa uma manhã a cavalo quando cruzou com um mendicante mulato que lhe pediu uma esmola. Ele a negou, seguiu em frente e esporeou sua montaria, mas o mendigo ainda pôde detê-la agarrando-a pela rédea e anunciou então ao ginete sua maldição, bastante barroca e de precisão mais que notável: “Tu e teu filho mais velho, o filho mais velho do teu filho mais velho, os três ireis morrer quando estiverdes

numa viagem longe de vossa pátria, e não fareis cinquenta anos nem tereis jamais sepultura.” Meu bisavô não deu atenção e afastou o mendigo com um tapa, contou a anedota em casa durante o almoço e depois a esqueceu (mas alguém se lembrou dela e por isso a história chegou a mim: talvez uma criada negra ou uma mãe apreensiva, são sempre as mulheres não jovens as depositárias, como também as transmissoras). Isso acontecia em 1873 e Enrique Manera tinha vinte e quatro ou vinte e cinco anos, em todo caso dois a menos do que quando publicou em Sevilha uma novela que encontrei não faz muito — os livros sempre viajando até mim, ou não me perdoando o conhecimento —, *El coracero de Froeswiller*, subintitulado *Recuerdos de la guerra franco-prusiana* [O couraceiro de Froeswiller, Recordações da guerra franco-prussiana], impresso na Calle del Rosario 4 pela gráfica e litografia de Ariza e Ruiz, segundo consta no anterrostro. Seu início na verdade é à antiga: “Era 15 de julho de 1870, e acabavam de soar as onze da noite em todos os relógios das igrejas de Paris. A capital do império francês apresentava, no momento em que começa nossa narrativa, um aspecto sumamente estranho e inusitado.” Ao que parece não foi a única a chegar ao prelo, aí está um precedente familiar romanesco meu, um precedente antilhano.

Muito mais tarde, em 1898, quando já estava meia vida casado com uma Custardoy da qual tivera sete rebentos (por isso o nome falso do conto foi “Isaac Custardoy”), meu bisavô Manera resolveu não ver tremular as listas e estrelas sobre sua ilha, de modo que vendeu apressadamente suas propriedades e embarcou para a Espanha com toda a família — seu país que talvez só conhecesse de nome —, inclusive minha risonha avó Lola com seus sete ou oito anos, a grandiloquente tia María com pouco menos e o primogênito com vários mais, também chamado Enrique. Os médicos tinham lhe desaconselhado medida tão radical, já que sofria de vertigem Ménière e a travessia encerrava graves riscos para a sua saúde.

Mas o militar Manera não estava disposto a assistir ao triunfo e domínio do comodoro Schley, e assim não deu atenção, como não tinha dado ao mendigo mulato vinte e cinco anos antes. No meio do Atlântico sofreu um ataque mortal dessa enfermidade, que o

fulminou no convés. Ia completar cinquenta anos, morreu longe de sua terra — e também da segunda que não conhecia — e seu cadáver foi atirado ao oceano com uma bala de canhão.

Vinte e três anos depois, em 1921, seu filho mais velho Enrique Manera Custardoy, irmão de minha avó e portanto meu tio-avô (também um tio-avô guerreiro, como Ewart e De Wet), participou da guerra do Marrocos com a patente de coronel e como ajudante do general Fernández Silvestre, que comandava as tropas espanholas em seu grande fiasco. Como é sabido mas quase ninguém mais lembra, elas fugiram em debandada no que ficou conhecido como “o Desastre de Annual”. No meio da dispersão e da derrota ante os cabilas de Abd-el-Krim, Fernández Silvestre, um filho dele e o coronel Manera ficaram isolados dos restos das forças, completamente desamparados mas com uma caminhonete à disposição. O general, com gesto antigo, negou-se a abandonar o campo de sua queda, e meu tio-avô, com gesto ainda mais antigo, negou-se a abandonar seu superior e caído amigo. Ambos convenceram o jovem Silvestre a tentar salvar a vida e fugir com o veículo; e ali ficaram eles, esperando o fogo longo e a morte longa. Não se soube mais. Seus cadáveres nunca foram achados, e a única coisa que se encontrou de Manera foram suas abotoaduras de campanha e suas correias de coronel, que cheguei a ver na casa da minha avó na Calle de Cea Bermúdez (de novo abotoaduras, mas estas não eram de punho). Teme-se que tenham sido empalados e esquartejados. Manera tinha quarenta e seis anos, minha idade de agora, e estava longe de suas terras, a colonial Havana que o viu nascer e a Madri que o viu partir para aquela guerra colonial na África a fim de se submeter a seu malefício herdado. Sepultura não teve nem terá jamais. Deixou somente viúva, isto é, mulher.

A elaborada maldição tinha se consumado com tanta exatidão e de forma tão cabal em suas duas primeiras ameaças que parecia impossível não se consumir também na terceira geração. De modo que, depois da morte prematura, remota e sem rastro de Manera Custardoy em Annual, alguém da família — talvez uma criada supersticiosa ou uma mãe apreensiva, quem sabe minha avó mesma, irmã do amaldiçoado — esperou com um misto de consolo

e temor que o defunto houvesse deixado sua consorte grávida antes de sua leal partida e funesta expedição em companhia de Fernández Silvestre. Esperou um mês ou dois, mas não aconteceu nada. Nunca houve um filho mais velho do filho mais velho, e pensar num rebento espúrio é demasiado cômodo e trivial. Se nada se tivesse consumado. Se tudo se tivesse consumado. Houve outro Enrique Manera que eu não conheci, mas não descendia diretamente do coronel morto no Marrocos, e sim de um irmão mais novo deste. Chegou a almirante — não falso como o baleeiro Franco, mas de verdade —, e costumava contar suas façanhas na Guerra Civil: afundara um submarino russo com suas próprias mãos e fora fuzilado pelos vermelhos, grave circunstância da qual saíra ileso graças à sua baixa estatura, segundo relatava. O pelotão ou os milicianos tinham apontado para um grupo de condenados, na maioria muito mais altos que ele, de modo que as balas tinham passado roçando por seus cabelos, por cima da sua cabeça. Caiu como os outros ao ouvir as descargas e durante horas fez-se de morto aproveitando o sangue de seus companheiros que o ensanguentava, até que anoiteceu e viu o campo deserto — não enterravam, não enterravam, negavam-lhe a sepultura — e então saiu de entre os cadáveres, voltou a se fazer vivo e conseguiu escapar. Se tudo isso for verdade, talvez a maldição tenha tentado consumir-se até o fim apesar de se ver privada de seu último objeto: se não no terceiro primogênito em linha direta que nunca existiu, pelo menos naquele de seu sangue que recebeu o mesmo nome que teria tocado em sorte a quem nenhum nome teve porque não chegou a ser, e no entanto estava anunciado e previsto por um mendicante mulato dá cidade de Havana desde 1873: em um neto, em todo caso, do imprudente e culpado Manera Cao. Mas é forçoso duvidar da veracidade dessa tentativa, se outro dos heroísmos constituiu em pôr a pique a socos um submarino dos bolcheviques. O caso é que não houve quem sofresse a prescrita terceira morte, antes de fazer cinquenta anos, longe da própria terra, sem jamais merecer sepultura.

Naquele conto de 1979 que intitulei “El viaje de Isaac” um amigo da família Custardoy se pergunta a tal respeito com estas ou

parecidas palavras: o filho mais velho do filho mais velho havia sido profetizado como também a forma de seu passamento; mas nunca havia nascido, não havia chegado a nascer nem a ser gerado, e no entanto o mendigo mulato e o infeliz Manera que cruzou seu caminho já tinham concebido sua existência e sabiam dele em 1873. Onde havia estado esse ser ou conceito desde então e onde ficou depois da morte do que seria seu pai de acordo com a profecia, após a morte guerreira e de gesto antigo no Marrocos que descartava seu nascimento pelos séculos dos séculos e para todo o sempre? Em algum lugar tinha de estar. O amigo tentava resolver o enigma e, afinal, “quando já ia morrer”, diz-se no conto, “escreveu numa folha seus pensamentos: “Adivinho que vou morrer, empreenderei a última viagem. Que vai ser de mim? Aonde irei? Irei a algum lugar? Aonde irei? Vislumbro a morte porque estive vivo, fui gerado e além disso nasci, porque ainda estou vivo; a morte assim é imperfeita e não abarca tudo, não pode impedir que exista no tempo outra coisa diferente dela, que dali a espere e dali a pense: não é somente sujeito como gostaria, mas também objeto do pensamento e da espera, e tem de transigir. Só lhe pertence totalmente quem não chegou a nascer; mais ainda, quem não foi gerado nem concebido e assim nunca entrou no tempo nem o atravessou durante um só segundo nem tem de sair dele para perturbá-lo. O que não é concebido é o que mais morre. Este viajou sem cessar pela vereda mais tortuosa, pela mais intrincada, mais invisível e mais calada: pela vereda da eventualidade. Este é o único que não fará nenhum ano, nenhum dia, nem terá pátria nem sepultura jamais. Este é Enrique Manera, o que falta. Eu, em compensação, não sou.”

Não, não nasceu aquele Manera que se vaticinou e se esperava para concluir uma maldição que ficou incompleta por sua inexistência, e talvez pendente (e por acaso houve alguma vez algo que não tenha ficado inconcluso?); e talvez esse ausente ainda transite pelo revés, pelo negro dorso, pelo abismo do tempo junto com tudo o que não aconteceu e com o que aconteceu sem deixar porém um sinal, um rastro, uma fumaça, um bafo, e com o sucedido que não pode se reproduzir, já não é possível e portanto está

descartado, e também com o que ainda se debate entre a recordação afiada e o esquecimento cego, como essa cicatriz de uma coxa que se esfuma, como se quisesse me perdoar seu conhecimento (“Escute, venha, olhe, em mim há isso e talvez você prefira não ver. Ainda está em tempo de não ver, e se você não vir não terá visto nunca.”). Por esse revés do tempo talvez transite tudo, o que está no conhecido tempo e o que ele não conhece nem é por ele registrado nem levado em conta.

Por esse negro dorso também podem desfilar os fatos cujos relato e lembrança acabam transformando em fictícios, talvez por ali já divague a travessia marítima de minha avó Lola há um século com seus sete ou oito anos risonhos de Havana a Madri para que aqui pudesse nascer minha mãe Lolita e depois eu dela, e talvez ronde por esse abismo a menina que minha mãe esperava e queria naquele quarto de seus partos e que não nasceu porque nasci eu no lugar dela, apesar de já esperar a menina um nome escolhido e pensado, Constanza, e certamente seu imaginado rosto. Talvez tenha sido necessário perder Cuba então para fazer aquela viagem de navio que levou meu bisavô ilhéu para o fundo do oceano enrolado numa bandeira e com uma bala de canhão no peito para afundá-lo melhor (“Que eu pese em tu'alma amanhã, seja eu chumbo em teu peito e acabem teus dias em sangrenta batalha: caia tua lança”). E quem sabe se não perdeu a ilha então para satisfazer à maldição privada e ocasional de um esmoleiro, e por cem mil motivos mais dessa índole que só dizem respeito aos indivíduos.

Tudo é tão casual e ridículo que não se entende como podemos dotar de alguma transcendência o fato de nosso nascimento ou nossa existência ou nossa morte, determinados por combinações erráticas tão caprichosas e imprevisíveis quanto a voz do tempo quando ainda não passou nem se perdeu, quando ainda não é ambíguo e nem mesmo é tempo, essa voz que todos conhecemos e ouvimos como um murmúrio conforme avançamos ou assim cremos, porque é a voz o que na realidade avança; ou como se pode conceder alguma importância a nosso passo frágil e insignificante que bem pode não ter se dado por uma mentira ou

falso testemunho, ou sim pela fantasia e pelo ódio excessivos dos delatores a serviço de Franco — dois futuros catedráticos, ambos o foram em recompensa, ou já o era um — que fabricaram acusações demasiado improváveis e romanescas contra quem ainda nem podia sonhar ser meu pai nem pai de ninguém; como podemos levar a sério até nosso alento, que devemos ao ataque de uma antiquada doença ou vertigem no convés de um navio que ia para o exílio, ou à maldição caprichosa e barroca que um mendigo mulato lançou a um cavaleiro desdenhoso do outro lado do oceano há cento e vinte e quatro anos, numa ilha de outro continente; ou que perdemos, esse alento, por uma bala que o entusiasmo de um réveillon no México, naquele continente, extraviou; ou pela árvore que o raio arranca de repente e cai na cabeça de um estrangeiro que esperava para entrar no teatro pouco antes de emigrar para esse continente e nele se salvar; ou, mais simples ainda, por ter posto ponto final numa página e já não querer escrever a seguinte; ou, ainda mais inócuo, por aparecer numa tarde de dezembro em casa o único filho que faltava, o quarto; ou, ainda mais danoso, pela chegada traiçoeira de uma doença fulminante que deixa sem dono um cosmorama e o para e larga num canto até o fim do tempo ou do mundo que o brinquedo remedava e representava com sua débil roda que já não gira. Apaga a luz, e depois apaga a luz. E apaga-a.

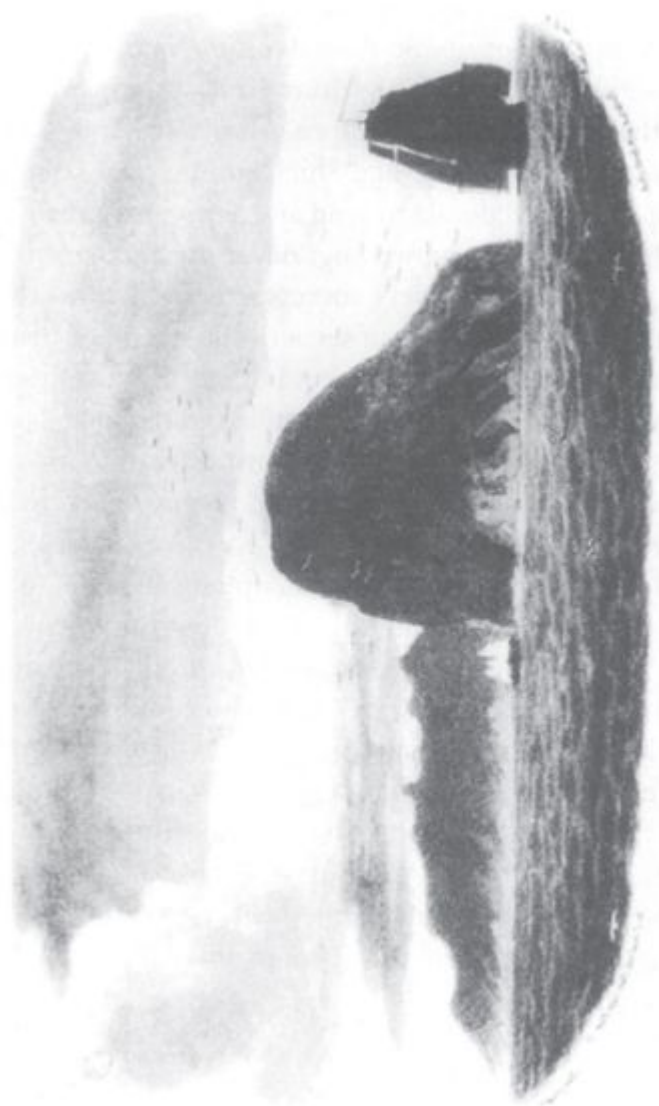
E no entanto só cabe ser ridículo e dar importância ao produto dessas combinações sem hierarquia, a cada um deles e ao nosso — ou será melhor dizer ao que somos —, aos já cancelados e aos presentes e também aos fictícios, se não quisermos que nosso passo seja totalmente idiota além de frágil e insignificante. E assim passamos a vida fingindo que somos únicos e escolhidos, quando somos comutáveis e o indiferente resultado de uma rifa de feira desanimada e sem graça. Faz-se necessário esse fingimento, o ruim é que nossos atos ou nossa desdita ou sorte acabam fazendo a maioria de nós esquecer que só se tratava disso e nisso estávamos, só no fingimento. Há quem chegue a se convencer de que nasceu destinado a algo do que consegue ou padece, como se o padecimento ou o êxito lhe fizessem compreender sua história e, mais ainda, o motivo ou a causa de seu nascimento, é a causa, é a

causa. O que digo aqui já disse antes num romance, mas não importa: tudo tem de ser dito várias vezes para que não se perca, até que já não se diga nada e já não haja mais o que dizer: são os atalhos e os tortos caminhos de nosso esforço que nos mudam e acabamos acreditando que é o destino, acabamos vendo toda a nossa vida à luz do último ou do mais recente, como se o passado tivesse sido apenas preparativos e o fôssemos compreendendo à medida que se afasta de nós, e o compreendêssemos inteiramente no fim. Assim a mãe acredita que teve de ser mãe e a solteirona solteira, o assassino assassino e a vítima vítima, como o governante acredita que seus passos o levaram desde o princípio a dispor de outras vontades, e se rastreia a infância do gênio quando se sabe que é gênio; o rei se convence de que lhe tocava ser rei se reina e de que lhe tocava erigir-se em mártir da sua linhagem se não consegue reinar, e o que vira ancião acaba se recordando como que de um lento projeto de ancianidade em todo seu tempo: vê sua vida passada como uma maquinação ou como um mero indício, e então a falseia, a adultera. E o que morre jovem sempre será visto como um jovem morto, até em seus retratos de vivo que se contaminam.

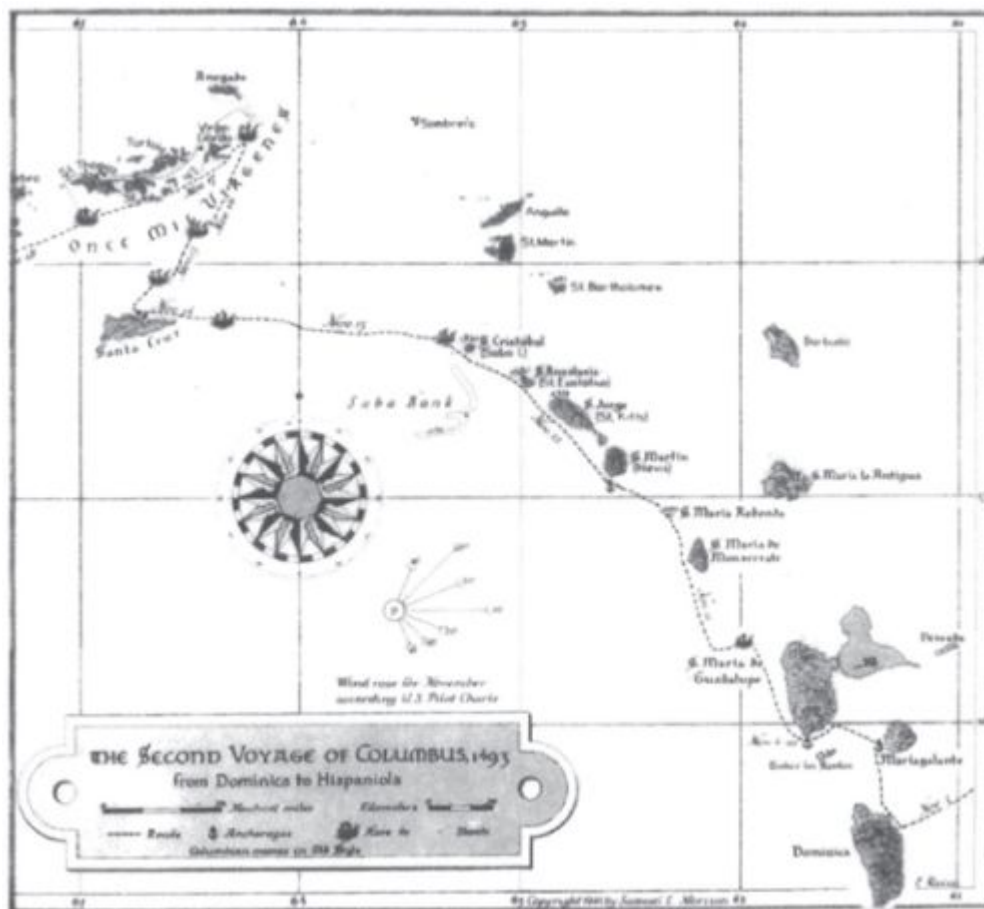
Não fui eu na realidade quem disse isso (salvo a última frase), mas um personagem do romance chamado o *Único* ou Solus, um rei de verdade embora fosse fictício, e não um rei literário de um reino fantástico que no entanto figura nos mapas às vezes, e quando aparece é um desabrido e escuro rochedo sem habitantes ou só habitado pelos alcatrazes, essa diminuta ilha não muito distante de Cuba cujo nome vem de uma igreja de Cádiz e que é tão-somente o território ou recipiente supérfluo do imaginário. Quem sabe não terá desaparecido no fundo do mar como meu bisavô Manera, depois das erupções tremendas do vulcão Soufrière no ano passado na ilha maior e vizinha de Montserrat, onde nasceu Shiel ou Filipe I, o primeiro monarca, quase reduzida como ele a cinzas numa uma e agora talvez dispersas (não há ninguém em Redonda para mandar notícias). É um reino que se herda por ironia e por letra, nunca por solenidade nem sangue, o do sucessor Juan II que me elegeu ao fazer setenta e três anos e o de Juan I, ou o poeta mendigo que se transformou numa espécie de anacronismo para viver na claridade e

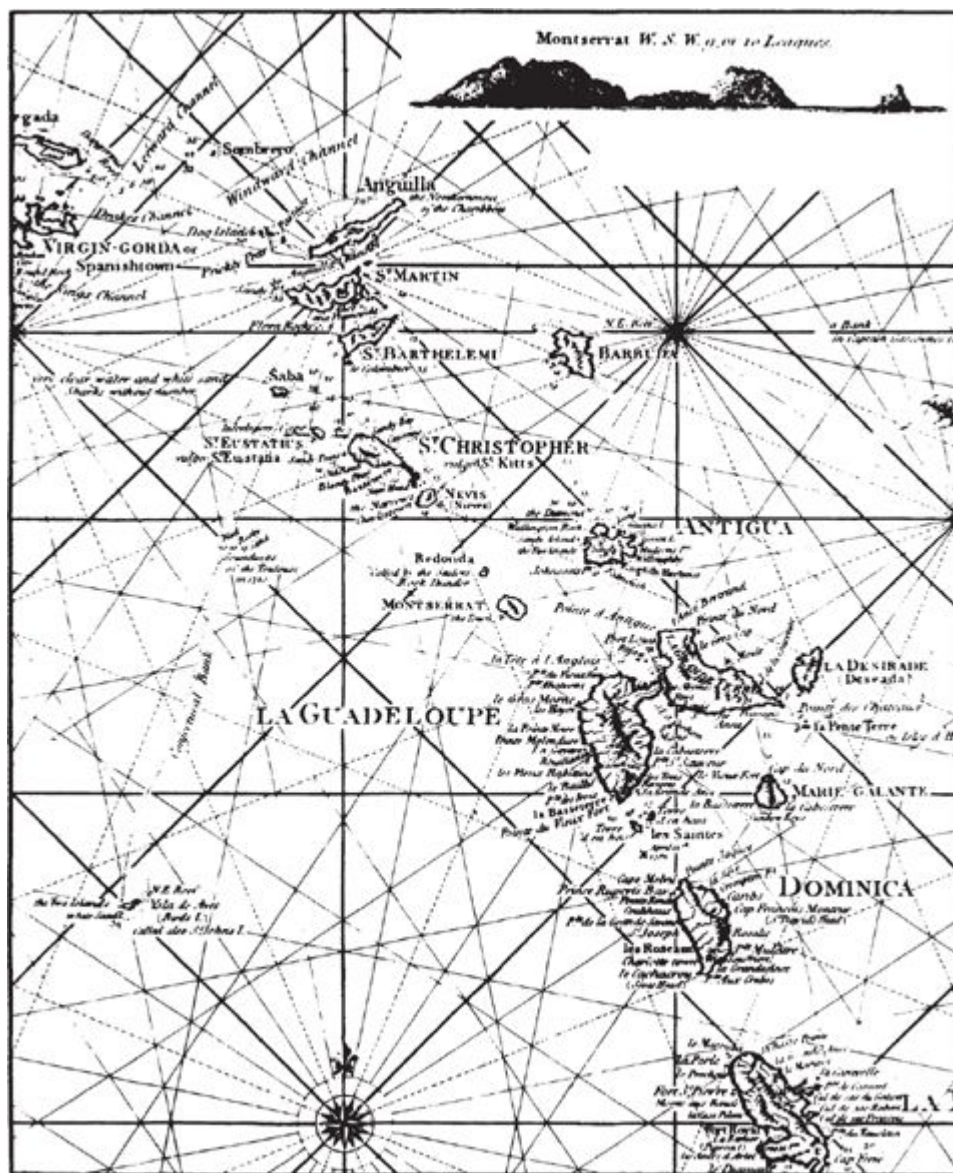
dormir nos bancos dos parques em seus últimos dias de morte longa, e que certamente lançou mais de uma maldição em sua ilha natal, a maior de nosso continente, desencadeando com elas sabe lá que combinações — ou foram e serão infernos —, para morrer depois num hospital esquecido e sem um pêni, com seu verdadeiro e recobrado nome de Terence Ian Fytton Armstrong, “*a poet*” segundo o funcionário Vinten ou o informante Lewis que certificaram sua morte. Essa voz amaldiçoadora ou poética não cala porém totalmente e murmura agora em minha casa, no que venho chamando faz tempo de “o quarto de Gawsworth”, como se fosse o quarto de um mordomo, ou antes de um fantasma.

Mas nada me poderá fazer crer que foi esse o meu destino nem que o será nenhum outro, nem que houve causa para meu nascimento.



Rocky Point, N. H. - 1880





A Chart of the Antilles, or Chambee, or Caribs Islands by L. S. De la Rochette, MDCCXXXIV (1784).

Note the view of Montserrat from the southeast in the upper right which clearly shows Redonda, "Called by the Sailors Rock Dunder" as indicated on the map below:

1997年12月15日

ADMINISTERED BY ANTECIA
167 167th St. SE
Hastings, MN 55033
Hastings 873-11
Hastings is a voluntary center

— CHRONOLOGY —

From the Four Corners of our Land, United by the Atlantic and Pacific as a way station, and known by the latter as (O'CONNOR'S).

- [illegible]

— LEGEND —

3. Reaching for a flower, I reach south, off
 of an enormous orchard. Head to the north.
 4. Lacking, I reach. But never have another
 5. Area after. My stream and foot further
 6. Old Jersey, I reach and in cities
 7. Gully. Only space: reachments into loose rocks
 8. Use it more carefully, and off someone below
 9. Reach of another's company, head
 10. California's reachings
 11. California cities, which
 12. California's reachings
 13. Stone-lined, heavy, more (the good condition)
 14. Content for someone's house, allowed
 15. Clinging
 16. Clinging
 17. Clinging
 18. Clinging
 19. Clinging
 20. Clinging
 21. Clinging
 22. Clinging
 23. Clinging
 24. Clinging
 25. Clinging
 26. Clinging
 27. Clinging
 28. Clinging
 29. Clinging
 30. Clinging
 31. Clinging
 32. Clinging
 33. Clinging
 34. Clinging
 35. Clinging
 36. Clinging
 37. Clinging
 38. Clinging
 39. Clinging
 40. Clinging
 41. Clinging
 42. Clinging
 43. Clinging
 44. Clinging
 45. Clinging
 46. Clinging
 47. Clinging
 48. Clinging
 49. Clinging
 50. Clinging
 51. Clinging
 52. Clinging
 53. Clinging
 54. Clinging
 55. Clinging
 56. Clinging
 57. Clinging
 58. Clinging
 59. Clinging
 60. Clinging
 61. Clinging
 62. Clinging
 63. Clinging
 64. Clinging
 65. Clinging
 66. Clinging
 67. Clinging
 68. Clinging
 69. Clinging
 70. Clinging
 71. Clinging
 72. Clinging
 73. Clinging
 74. Clinging
 75. Clinging
 76. Clinging
 77. Clinging
 78. Clinging
 79. Clinging
 80. Clinging
 81. Clinging
 82. Clinging
 83. Clinging
 84. Clinging
 85. Clinging
 86. Clinging
 87. Clinging
 88. Clinging
 89. Clinging
 90. Clinging
 91. Clinging
 92. Clinging
 93. Clinging
 94. Clinging
 95. Clinging
 96. Clinging
 97. Clinging
 98. Clinging
 99. Clinging
 100. Clinging

- NOTE -

Spinal cord pathology was assessed by National Hospital, State of Illinois, and a consultant to the National Health Institute of Neurological Disorders, University of Illinois at Chicago, Chicago, Illinois, reviewed the data for the study.



Algum tempo ainda há de passar até que fale mais claro essa voz ou letra e eu possa contar o que conta, alguma distância hei de tomar de acontecimentos recentes e por isso prefiro esperar um pouco e fazer uma pausa, tudo ainda é demasiado mutável. Não ficam só para contar os atalhos ou tortos caminhos pelos quais caiu sobre o meu nome esse fantasmático e literário título que já não sei se me translada ao que para mim foi ficção tão somente há nove ou mesmo catorze anos, ou se é ela que se incrusta na minha vida e a torna portanto algo mais irreal e quimérico, além de indecisa, absurda e um tanto calamitosa. Não falta apenas relatar o “acesso”, ‘por ser a história intrincada e talvez pitoresca, e também cômica, é claro. Nem apenas as disparatadas características e vicissitudes desse reino, que por mais imaginário que além de tudo seja não se livra do que todos conheceram ao longo da história: usurpadores, impostores, intrigas, lunáticos, traições, “súditos”, mecenas, rebeliões, cronistas, falsos favoritos, disputas “dinásticas” das quais com toda a certeza não participei, só me faltaria discutir agora acerca de “legitimidade” por correspondência, ou sobre “linhagens”, ainda mais sobre as que na realidade não são tais, por não importar nem um pouco aqui os parentescos; também houve algum fato de sangue, creio. E uma modesta lenda que me disseram agora para encarnar. Terei de nomear meus próprios pares, pois o jogo deve continuar. Talvez logo *Duke of Savolta* ou *Duke of Norte*, *Duke of Caronte* ou *Duke of Babel*, ou *Duke of Tigres* quem sabe. *Duke of Región* já não é possível.

Quando vez ou outra insinuei ou revelei algum dado avulso sobre o que ocorria ou quando consultava meus amigos ou amigas (os que não debochariam nem me desaprovavam), vi em todos uma expressão de incredulidade que nunca os abandonou totalmente, eles conhecem minha tendência à fabulação e à brincadeira, eles

melhor que ninguém, e não podiam estar seguros de que eu não estivesse inventando histórias. Duvido que essa expressão de incredulidade se esvaia definitivamente depois de lerem estas páginas e verem as imagens que intercalei, embora em cada um deles essa expressão tivesse seu caráter próprio e aparecesse mesclada com atitudes distintas: em Eric Southworth com jocosidade e engenhosas ideias e glosas; em Mercedes López-Ballesteros com leve preocupação pelos aspectos mais sombrios da ficção invasora e com o encantamento infantil de quem se diverte com um relato arbitrário; em Daniella Pittarello com uma frágil ironia para superar sua perplexidade teórica e assim dar vazão a seu juvenil espírito que crê nas coincidências; em Anna Sala, “Anna”, com expectativa e apreensão, como se temesse que essas aventuras pudessem mudar minha vida ou me prejudicar, e assim com o prazer turvado de estar assistindo ao processo de uma fábula; em Ruibérriz de Torres cujo nome eu levo como também Custardoy, Manera e Cao, com ironia que no entanto não suprime sua curiosidade, não a ponto de me dizer que eu me cale e não venha com sandices; em Manolo Rodríguez Rivero com uma espécie de distanciamento crítico que no fundo oculta uma compreensão perfeita da extravagância estimulada e humorística inglesa e da tentação que os escritores às vezes sentem de se diluir em suas próprias páginas; em Julia Altares, como dizer, a incredulidade se mescla com farra, com planos fantásticos e com o máximo ânimo; ou será com *binges*, mais adequadamente. Todos são bons companheiros de jogo, todos se preocupam um pouco e não sabem se me dão crédito, mas pelo menos me escutam e me pedem mais dados, que até agora dosei e reparti ao máximo. Minha agente Mercedes Casanovas, à qual, sem saber se me tomaria por louco, tive de contar com rubor a história há uns meses, para ver se estava disposta a administrar os direitos de Shiel e Gawsorth em meu nome, não consegue se acostumar à ideia, creio, de estar metida no que há menos de um ano era para ela apenas a vaga recordação de um romance, embora aja com profissionalismo risonho e já deva ter providenciado nosso primeiro contrato para uma edição do romance de Shiel *The Yellow Danger* ou O perigo

amarelo, de 1898 ou de um século atrás. Só meu irmão Miguel, depois de arquear as sobancelhas e tirar o cachimbo da boca um instante, abandonou a expressão de incredulidade logo em seguida e recebeu minhas notícias com naturalidade absoluta, não é à toa que me conhece desde que eu era criança e agora sim ele já tem lembrança. É curioso que me veja envolvido em tudo isso sem ter buscado nem procurado — ou só com minha escrita —, quando meu coração é republicano e as ilhas me inquietam. Mas também nas repúblicas acontecem as mesmas coisas que nos reinos, impostores, intrigas, lunáticos, rebeliões; e feitos de sangue. E lenda. Talvez seja eu o lunático.

Atrevo-me a pensar que o motivo dessas discussões sobre o imaginário não é aqui tanto o sonho ou a figuração de um reino de literatura ou de papel e tinta (nenhum usurpador nem aspirante foi escritor de verdade, principal e superentendida exigência), quanto a localização geográfica e existência material de um território que o acompanha, essa ilha de Sotavento; sobretudo porque, ao que parece, quando a rainha Vitória anexou Redonda em 1872 através do governo de Gladstone para se antecipar aos Estados Unidos que pretendiam fazer o mesmo com vistas a aproveitar o fosfato de alumina de seu pobre solo rochoso, a Agência Colonial britânica, ante as reclamações do pai de Shiel primeiro e do próprio Shiel mais tarde, nunca opôs objeção a seu título de rei e garantiu que podia utilizá-lo (*"King of Redonda"*) contanto que não tentasse se rebelar contra o poder colonial e que seu reinado carecesse de substância. Quanto ao mais, é discutível que a reclamação de Shiel pudesse depender das leis britânicas, e a própria Agência Colonial teve dúvidas sobre a validade de sua reivindicação e direitos sobre uma ilha desabitada.

Redonda foi descoberta por Colombo em sua segunda viagem, dia 10, 11, 12 ou 13 de novembro segundo as fontes. Assim fala seu filho natural Hernando Colón em sua *Vida del Almirante*: "Domingo, 10 de novembro, o Almirante levantou âncora e saiu com a armada; e foi ao longo da costa da ilha de Guadalupe para noroeste, rumo a Española. Chegou à ilha de Montserrat, à que deu então esse nome; e soube pelos índios que levava consigo que os caraíbas a

tinham despovoado, comendo a gente dela. Dali passou a Santa María la Redonda, assim chamada por ser tão redonda e lisa que parece que não se pode subir nela sem uma escada; era chamada *Ocamaniro* pelos índios”, nome que, diga-se de passagem, é quase um anagrama de Manera Cao, pelo menos coincidem todas as consoantes, que são a substância das palavras.

Também foi mencionada pelo célebre historiógrafo e humanista Pedro Mártir de Anglería, nomeado cronista das Índias, em suas *Décadas de orbe novo*, escritas em latim e à memória de Tito Lívio a partir de 1511, e do que diz antes, ao se estender sobre a vizinha Madaninó, se deduz que Colombo não desembarcou em Redonda, mas, como tudo o que avistava, a assinalou, batizou e incorporou à Coroa de Espanha: “O Prefeito” (assim Pedro Mártir chama o Almirante, com reminiscência clássica), “aguiilhado pelo desejo de ver os companheiros que no ano anterior havia deixado em La Española em sua primeira viagem para reconhecer a ilha, navegava deixando para trás todos os dias uma infinidade de ilhas à direita e à esquerda. Avistou-se ao norte uma ilha grande. Tanto os que haviam sido levados na primeira viagem à Espanha como os resgatados dos canibais afirmaram que seus habitantes chamavam essa ilha de “Madanino”; nela só vivem mulheres. Na primeira viagem havia chegado aos ouvidos dos nossos a fama dessa ilha; acreditou-se que, em determinadas épocas do ano, os canibais iam procurá-las de um modo não diferente do que a Antiguidade referiu que os trácios faziam com as amazonas de Lesbos, e que da mesma maneira elas enviavam aos pais seus filhos uma vez criados, enquanto guardavam consigo as moças. Dizem que essas mulheres têm grandes galerias subterrâneas em que se refugiam se alguém se aproxima delas em outro tempo que não o combinado; dali se protegem com flechas, que se afirma disparam com extrema pontaria, se seus perseguidores se atrevem a forçar a entrada com violência ou artimanhas. Isso dizem, isso se admite. Não pôde aportar nessa ilha porque dela soprava o bóreas, pois já seguiam o vulturno.” Essa ilha, que também aparece como “Matinina” e “Matininó”, supõe-se que seja a parte oriental da ilha de Guadalupe. E assim prossegue Pedro Mártir de Anglería: “No curso da sua

navegação, a quarenta milhas de ter avistado Madaninó, passam ao largo e não longe de outra, que os indígenas que levavam com eles diziam era povoadíssima e abundava em todas as coisas necessárias para viver; já que era provida de altas serras, chamaram-na Monserrate. Entre outras coisas que puderam coligir ao falar com os que levavam, assim por palavras como por sinais, inteiraram-se de que os canibais iam com frequência caçar para se alimentar de homens a mais de mil milhas de distância de suas costas. No dia seguinte, avistam outra, à qual, dado que era redonda, o Prefeito deu o nome de Santa María la Redonda... Dizem delas que todas essas ilhas são de admirável beleza e fertilidade.” As Décadas, e portanto essas citações, foram vertidas para o inglês e para o alemão já em 1555 e 1582 respectivamente.

E de primeiríssima mão é a referência do doutor Diego Álvarez Chanca, sevilhano, médico dos reis e da princesa dona Joana, a Louca, que a pedido próprio foi “na qualidade de físico na segunda armada que Colombo preparava para as Índias”. A prosa não era seu forte, mas diz o seguinte numa carta dirigida ao Cabildo de Sevilha: “Fomos junto com a costa dessa ilha e disseram as índias que levávamos que não era habitada, que os Caraíbas a tinham despovoado e por isso não paramos nela.” Trata-se de Montserrat, e em seguida vem Redonda: “Depois dessa tarde vimos outra, essa noite, perto dessa ilha falhamos uns baixos por cujo temor surgimos, que não ousamos andar até que fosse dia.” Parece depreender-se daí que se não chegaram a pôr os pés na ilha, certamente por ser Redonda tão inacessível, passaram porém toda uma noite a seu abrigo, por culpa de uns baixios.

Uma menção muito mais recente e em outra língua é a do historiador e professor de Oxford, primeiro — e de onde mais poderia ser —, depois de Harvard, Samuel Eliot Morison, que, além de escrever em 1942 uma importante biografia do Almirante com a qual ganhou um prêmio Pulitzer, dirigiu a Harvard Columbus Expedition, que no outono de 1939 e no inverno de 1940 percorreu com dois galeotes as rotas do navegante com o objetivo de descrever em detalhe o que Colombo encontrou, viu e fez em suas viagens, ponto por ponto e passo por passo. Nessa biografia disse:

“Seguindo um rumo geral a noroeste, a frota passou perto de uma pequena, escarpada e arredondada mas inacessível rocha de menos de uma milha de comprimento, que Colombo chamou de Santa María la Redonda. Redonda conserva até hoje seu nome e sua importância como sinal, mas nunca valeu a pena habitá-la.” Menos asséptica contudo é sua citação em outro livro tardio, de 1974: “Em seguida veio uma ilha redonda e minúscula, Santa María la Redonda; esta ilha nunca foi povoada, embora um americano maluco tenha declarado certa vez ser rei dela.” A palavra inglesa para “maluco” não podia ser outra no original senão *crazy*, a mesma que segundo a imprensa inglesa a Gestapo aplicou a Hugh Oloff de Wet em seus tempos. Se o professor Morison ainda vivesse e soubesse.

Acostumado aos roubos, saques, plágios e espionagem contínua do atual mundo universitário, que leva os professores a não dar pista de seus projetos e pesquisas até que já não o sejam e estejam sepultados e bem protegidos em arquivável letra de imprensa, meu amigo Eric Southworth me pergunta às vezes se não temo que alguém, ao dividir eu estas páginas em dois volumes, se “aproprie” dos “personagens reais” enquanto escrevo ou penso ou espero o segundo tomo, e por exemplo conte o que ainda não contei ou ainda ignoro de Ewart, De Wet, Gawsworth, do Deão bandido Vermelho ou dos Manera.

Talvez não fosse agradável, mas não o temo, e além do mais esses “personagens”, por serem reais, não são justamente de ninguém, e se eu os sinto um pouco meus é apenas porque reparei neles quando escrevia romances ou maquinava contos e os vivos mal os recordavam: talvez somente Hugh Cecil e Anthony Edkins, Steve Eng, Roger Dobson e Jon Wynne-Tyson, e o senhor meu pai e eu mesmo respectivamente, quero dizer, em tempos recentes. Ou pode ser que esses personagens é que cruzaram comigo. Eu também não queria saber tudo, nem deles nem de ninguém, menos ainda de mim mesmo. E se viesse a saber tudo também não sei se contaria, sempre estamos escolhendo e descartando, , saber ou não saber em geral pouco importa. Ou às vezes o saber verdadeiro é indiferente, e então se pode inventar.

Em todo caso já disse antes que careço de espírito investigador e de espírito jornalístico, e que nunca me precipitaria nas hemerotecas e bibliotecas nem nessa internet que não tenho porque continuo escrevendo à máquina e corrigindo à mão, nem correria a visitar testemunhas, herdeiros, sobreviventes, nem a gravar o despojo de suas recordações para averiguar o que quer que seja que, por assim dizer, não venha a mim ou não me encontre de maneira espontânea e por conta própria, sem que eu me esforce nem me mova daqui, do meu lugar, do qual posso encomendar raridades aos livreiros de Oxford, York e Londres ou desafiar *don Juan Benet* a demonstrar sua sapiência. É como se desprezasse qualquer conhecimento forçado ou arrancado, e ativo, ansioso, dependente das vontades, claro que da minha; ou qualquer que não mereça. Essa atitude seria sem dúvida incompetente e imperdoável num erudito, num repórter, num cientista, mas eu não sou nenhuma dessas três coisas nem penso vir a ser nenhuma delas para contar o que acontece comigo ou me interessa ou me afeta, ou o que fui sabendo sem que acontecesse comigo, e assim recordo.

Não seria totalmente improvável nem estranho que algum ladrão ou saqueador ou plagiário ou aproveitador, que também abundam com silêncio e máscaras na tempestade literária, saísse disparado para ler por inteiro *Cardboard Crucifix*, se o encontrasse (mas Ben Bass sumiu), e o que publicaram em suas curtas vidas Wilfrid Ewart e James Denham, e em sua longa vida Stephen Graham, e alguma biografia do bandido Deão de Canterbury, se é que isso existe, e todas as novelinhas desconhecidas de Enrique Manera, meu bisavô antilhano. Ou que fosse sondar os parentes vivos, ou os ressentidos amores, ou os papéis calados que aguardam sem impaciência. Em todo caso não é esse meu trabalho. O máximo que esse alguém poderia contar são os fatos, e os fatos em si não são nada, a língua não os pode reproduzir como tampouco as repetições podem reproduzir com seu fio o tempo passado ou perdido nem ressuscitar o morto que já passou e se perdeu nesse tempo. Quem sabe além do mais a esta altura o que se tornou real e o que se tornou fictício.

Quem pode dizer se é real ou fictícia a inverossímil notícia a que agora venho, sobre uma filha espanhola de Matthew Phipps Shiel,

nativo de Montserrat, a das altas serras, e primeiro rei de Redonda (mas talvez não seja mais incrível que seus direitos autorais serem meus agora): uma menina nascida no dia 26 de julho de 1900 em Londres de sua efêmera mulher Carolina ou Lina, inscrita no registro civil no dia 30 de agosto como Dolores Katherine Shiel, única descendente legítima conhecida de Felipe I, que seus pais — sempre acontece assim com as de seu nome — chamavam de Lola como minha avó ou Lolita como minha mãe. Shiel e Lina se casaram na igreja italiana de St. Peter no distrito de Holborn, em Londres, no dia 3 de novembro de 1898, vai fazer um século, em presença da sogra ou mãe, que também era outra Lola, e do amigo Arthur Machen, arquiduque de Redonda. Ele tinha trinta e três anos e ela apenas dezoito.

Não são necessariamente os textos que tornam as coisas mais reais, mas vale a pena ouvir um instante a voz de Shiel ao falar de si mesmo quando estava em Paris e ainda era jovem, não é difícil imaginá-lo fitando-se seus olhos brilhantes e um pouco magnéticos que incomodam, seus reluzentes cabelos negros e sua pele tão lisa, talvez mulato por parte de mãe: “No meio disso tudo”, assim diz, “meu destino me leva a entrar uma tarde no Palais de la Glace, na Rue de Madrid” (e em que outra rua podia ser), “onde vejo uma moça de dezesseis anos patinando, uma espanhola de Paris. Claro que eu tinha visto muitas moças lindas, em Cuba, na Andaluzia, na Martinica; mas nunca antes tinha visto uma beldade; e se parecia com uma moça que amei aos sete anos, com outra que amei aos treze, e com minha mãe. Bem, fazia muito tempo que eu tinha parado de ‘rezar’ como meus pais, por considerar impróprio; mas naquela tarde voltei correndo para meu aposento num coche e, prostrando-me, rezei. “Deus! Dai-a a mim!” E o bom Deus assim fez. Para começar eu não sabia seu nome, mas depois de muito forcejar e de rastrear umas vinte, eu a cacei, eu a obtive. Depois disso tornou-se natural para mim rezar pelas moças, e posso dizer que, cada vez que rezei por uma, de Deus a obtive. Ela, Lina, foi a “Laura de meu *Cold Steel*” (*Aço frio*, um de seus melhores romances), “pelo menos seu rosto e sua forma de ser; pelas ruas de Londres não havia criatura que não virasse a cabeça a fim de olhar para ela, e

observar a destreza de seu progenitor. Mas para ela Londres não parecia “bonita” (*Londres n'est pas jolie*), e foi assim que adquiri o costume de viver em Paris longas temporadas. Ela não era forte, porém: morreu ao fim de cinco anos, deixando-me uma filha; e uns quinze se passaram até que voltei a me casar, quando conheci numa conferência Lydia, que se parece com Lina e com minha mãe.”



“Deixando-me uma filha.”

Com que então a notícia que recebi já faz tempo mas a que só agora dou atenção deve ser verdadeira, apesar de tudo. No entanto talvez Shiel não tenha sido inteiramente sincero, porque a notícia

também conta que antes da morte de Lina ele a tinha repudiado em carta de 12 de junho de 1903, para voltar pouco depois a Londres abandonando-a em Paris com sua filha. Ao que parece Carolina morreu no fim desse ano com apenas vinte e três anos feitos, quem sabe quanto tiveram a ver com isso o repúdio e o abandono de quem havia rezado para consegui-la. Uma irmã mais velha, Salva, e talvez uma mais moça, Micaela, as tias, levaram para Madri a pequena Lola, uma menina de três anos então que talvez nunca tenha se lembrado do pai, se nunca mais voltou a vê-lo: uma menina madrilenha que seguramente estará morta agora ou terá nada menos que noventa e sete anos, acerca da qual e de sua história espanhola essa notícia distante — chegou de Dayton, Ohio — me pede que indague em nossa cidade, a minha natal e a sua de orfandade e exílio; que forceje e rastreie para averiguar sua vida e saber da sua descendência, se teve. Talvez devesse tentá-lo desta vez, apesar da minha falta de espírito jornalístico e já nem digamos de biógrafo, transformado este último espírito com demasiada frequência num dos mais vis e difamatórios de nossa época. Ou então, como sempre, terei de esperar que Lola Shiel ou seu fantasma ou seus descendentes venham até mim contar.

Essa menina ou anciã ou morta deve ter transitado também, desde seus três anos, pelo revés ou negro dorso do tempo, pelo que é ao mesmo tempo real e fictício, isto é, pelo que desaparece ou nem sequer aparece e no entanto é conhecido porque chegou a ser contado.

Não sei, tudo é possível. Pode ser que ainda viva essa menina hoje decrépita, ou que tenha morrido há muito, talvez durante a guerra, metralhada pelo Nieuport de Hugh Oloff de Wet ou bombardeada por um Junker da Legião Condor a serviço do falso almirante; fuzilada pelos milicianos como o irmão mais moço de minha mãe, meu tio Emilio, ou como poderia ter sido meu pai e foram tantos pelos franquistas triunfantes com seus delatores e esbirros, ainda impunes com seus nomes ocultos. Ou pode ser que não, que tenha tido tempo de sobra para ver crescer uma filha que será agora uma venerável matrona, uma de tantas que vemos no meio da tarde tomando nossas ruas. E já que a linhagem de Shiel

era sem dúvida de mulheres (quem sabe vinha de Madaninó e foi o primeiro varão depois de oito ou nove irmãs), pode ser que essa filha tenha tido por sua vez a sua, e então o sobrenome irlandês de Shiel que a menina Lola levava teria ido ficando cada vez mais para trás, e dessa possível neta de trinta e tantos possíveis anos seria tão-só o quarto, como Manera é o quarto sobrenome meu. É possível que eu tenha cruzado com essa neta em Madri durante meus passeios, porque pode ser qualquer uma, se existe, e quem quer que seja talvez até ignore que tenha tido um bisavô antilhano que foi monarca real do imaginário e de cujos romances me toca cuidar e me ocupar, como inverossímil sucessor dele.

É possível que essa mulher que vejo das minhas janelas neste amanhecer que me encontra acordado, essa mulher não muito jovem que espera o ônibus com seu cansaço prematuro e que hoje se vê sorrir levemente como se estivesse sonhando ou ainda não tivesse podido se esquecer do que deixou entre os lençóis, já transformado em alguém com quem se vai acostumando sem se dar conta, e o perigo está aí, quando começa a temer mais a partida do que a permanência desse objeto de nosso costume ou registro. Levanta um pé bem calçado com seu sapato de salto alto que realça o efeito de silhueta de suas meias pretas, depois levanta o outro como uma garça enquanto espera esse ônibus que não se avista nem ao longe, eu sei porque olho e domino do meu apartamento mais alto, não preciso ficar na ponta dos pés como ela tem de fazer envolta na luz do dia que avança cegando ou deixando caolhos os treze lampiões ainda acesos como testemunho ou recordatório da noite já passada e perdida: embora a noite ainda impregne todos nós e nem sempre seja fácil sacudi-la fora, como tampouco é fácil sacudir fora o tempo desaparecido, seja nosso, seja de outros, ou o que nem sequer apareceu jamais.

Ou é possível que essa neta de Lolita Shiel seja a mulher que aguarda na cama com fastio e sem impaciência o homem com grandes entradas em seu cabelo que parece músico quando o vento o fustiga, esse homem de barba azulada incipiente e nó da gravata frouxo que procura saldar suas dívidas e que ainda não levou a facada que acreditou certa para mais tarde ou mais cedo. Ele

também se empina com ansiedade chamando em voz baixa o ônibus que não chega e eu sei que nem mesmo se aproxima (“Vem, vem”), talvez esteja pensando que quanto mais tarde voltar para casa mais tempo ela terá tido para preparar e meditar sua história, ou para abandoná-lo em sua ausência deixando-lhe tão-só uma nota de repúdio num papel amarelo colado no espelho. A gravata aparece e baila quando ele se ergue, e leva preso nela um alfinete antigo com um esmalte, que milagrosamente não perdeu em suas jogatinas, sem dúvida porque resistiu a apostá-lo apesar da insistência dos toureiros, que primeiro são cobiçosos para depois serem desprendidos. Tem os olhos orientalizados e como pinceladas os lábios — “boca de bico, boca de bico”; — o queixo quase partido, as mãos largas e na esquerda um cigarro. Mas tudo continua sendo questão de tempo e a facada o fixa, fixa esse tempo.

Ainda falta contar tanta coisa recente e por vir, e eu preciso de tempo. Mas sei que quando quer que seja e ainda que eu não conheça o que está por vir, continuarei contando como até agora, sem motivo nem mesmo ordem e sem traçar esboço nem buscar coerência; sem que, no fundo, nenhum autor guie o contado embora seja eu que conte; sem que corresponda a nenhum plano nem se oriente por nenhuma bússola, nem tenha por que formar um sentido nem constituir um argumento ou trama nem obedecer a uma harmonia oculta, nem sequer compor uma história com seu princípio, sua espera e seu silêncio final. Não creio que isso vá ser uma história, embora talvez eu me equivoque, por não conhecer seu fim que quem sabe nunca chegará à escrita porque coincidirá com o meu, dentro de alguns anos, ou assim espero. Ou também pode ser que sobreviva a mim. Agora que vou parar e não vou contar mais durante algum tempo lembro-me do que eu disse faz muito, ao falar do narrador e do autor que têm aqui o mesmo nome: não sei mais se somos um ou se somos dois, pelo menos enquanto escrevo. Agora sei que desses dois possíveis um teria de ser fictício.

Afasto a vista um momento dos balcões para sacudir de mim a noite longa e também a dúvida e quem sabe ser de novo um só; e quando torno a olhar o ônibus passou e levou seus passageiros. Fito as luzes incongruentes ainda acesas sob o sol que avança

tornando-as insignificantes; e no entanto são elas o tempo respeitoso e benigno que quer deixar o registro do que já cessou: até que a sonolenta mão de algum funcionário repara no desperdício e apaga a luz, e depois apaga. Mas mesmo assim os passageiros continuam aí, mesmo assim a luz não se apagou.

Março de 1998

FIM

Nota do Autor

Dado que o autor e o narrador deste romance passaram dois anos no mesmo cargo na Universidade de Oxford, alguma declaração pode estar em ordem por parte do primeiro, antes que ele finalmente ceda a palavra ao segundo, para o efeito de que qualquer semelhança entre qualquer personagem do romance (incluindo o narrador, mas excluindo “John Gawswordh”) e qualquer outra pessoa viva ou morta (incluindo o autor, mas excluindo Terence Ian Fytton Armstrong) é pura coincidência, assim como qualquer semelhança entre qualquer evento na história e qualquer evento histórico passado ou presente.

J. M.

Impressão e acabamento
Cromosete Gráfica e Editora Ltda.
Rua Uhland, 307 – Vila Ema
CEP: 03283-000 – São Paulo – SP
Tel/Fax: 011 6104-1176
08:05 28/7/2014 – segunda-feira

Digitalização: Virgínia Vendramini

Revisão: J. Martins

Julho de 2014

Table of Contents

Contracapa

Orelha

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

Nota do Autor